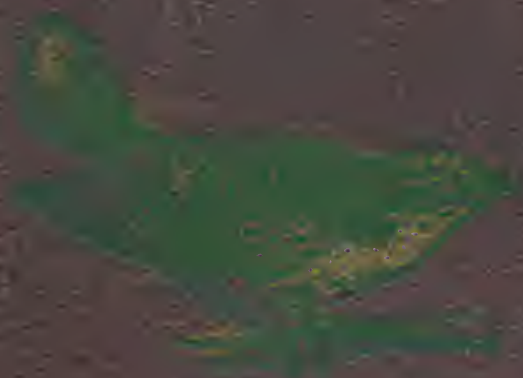


Eurico Santos

PASSAROS



DO
BRASIL

F. BRIGUIET & CIA EDITORES

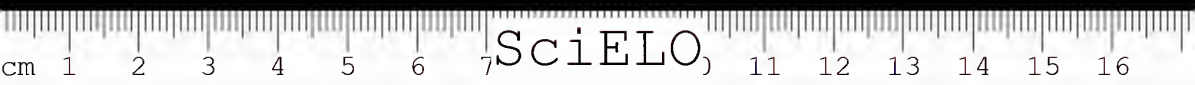




Kodachrome by Arthur A. Allen

An Eastern Bluebird Surveys His Garden Realm

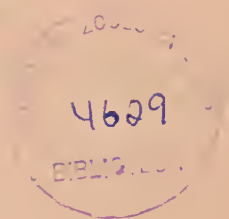
Dr. Arthur A. Allen, of Cornell University, made for the NATIONAL GEOGRAPHIC MAGAZINE the first natural-color snapshots of birds. This picture appeared among many others in a unique Kodachrome group, seen first of all by members of The Society.





SciELO

Pássaros do Brasil



OBRAS DO MESMO AUTOR:

"VIDA DOS CAMPOS" — Vol. I, Rio, 1931.

"VIDA DOS CAMPOS" — Vol. II, Rio, 1932.

"NOSSAS FRUTEIRAS" — "Ch. e Quintais" — S. Paulo, 1932.

"O FRUTICULTOR MODERNO" — "Ch. e Quintais" — S. Paulo, 1932.

"INIMIGOS E DOENÇAS DAS FRUTEIRAS" — "O Campo" — Rio, 1932.

"O QUE TODO O CRIADOR DEVE SABER" — Ed. Moderna, Rio, 1934.

"MANUAL DO AMADOR DE CÃES" — 2.^a ed., 512 pgs., il. — F. Briguiet & Cia., Rio, 1935.

"DICIONÁRIO DE AVICULTURA E ORNITOTECNIA" — 2 vols., 800 pgs., il., — "O Campo" — Rio, 1937-1938.

"DA EMA AO BEIJA-FLOR" — 358 pgs., il. — F. Briguiet & Cia., Rio, 1938.

EM PREPARO:

"ANFÍBIOS E RÉPTEIS DO BRASIL" (Vida e Costumes) — F. Briguiet & C.



EURICO SANTOS

Do Clube Zoológico, da Sociedad Ornitológica del Plata, da Soc. Nacional de
Agricultura, da Sociedade Bras. de Avicultura, da Soc.
Entomológica Brasileira, etc.

Pássaros do Brasil

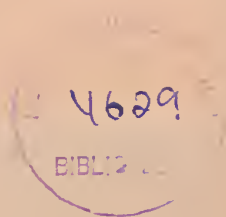
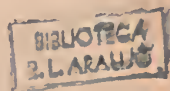
(Vida e costumes)

PREFÁCIO DO

DR. ARTHUR NEIVA

DESENHOS DE

MARIAN COLONNA



F. BRIGUIET & CIA. — Editores
Rua do Ouvidor, 109 — Rio de Janeiro
1940



2000

BIBLIOTECA

PREFÁCIO

Pero Vaz de Caminha no documento que deixou, transmitindo suas impressões ao deparar com um mundo novo, durante dez dias em que o observou, de 21 de abril a 1 de maio de 1500, segundo o calendário da época, demonstrou, entre outros fatos, que o Brasil fôra anunciado aos navegantes lusos, antes mesmo de ser avistado, por alviçareiras aves marinhas.

As escassas referências impedem de enquadrá-las no grupo zoológico a que pertencem. Até o nome vulgar que lhes apontou, já se perdeu; parece apenas constar daquela singular missiva, quando o escrivão da armada, a 21 de abril, comentava: "Pela manhã, topamos aves a que chamam *fura buchos* e neste dia, à hora de vésperas, houve vista de terra".

Das impressões que lançou no papel, procurando arrolar tudo quanto via, ainda contou o episódio, quando já em contacto com os caboclos: "Mostraram-lhes um papagaio pardo que aqui o capitão traz; tomaram-no logo na mão e acenaram logo para terra como os havia aí".

Em um dos períodos, ao descrever os indígenas, explicava: "Outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de vermelhas e outros de verdes".

Quando o intercâmbio se estabeleceu, Caminha não se olvidou de relatar o produto da berganha entre os lusos e a nova gente: "E trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, dêles *verdes e amarelos*, de que creio o capitão há de mandar amostra".

Por uma predestinação já o escrivão da armada notava a presença, entre as primeiras dádivas, das cores nacionais, conjugadas nos objetos que os índios forneciam, tendo também assinalado que na terra nova havia: "Papagaios vermelhos muito grandes e formosos e dois verdes pequeninos".

O mundo das aves feriu-lhe a atenção tanto quanto o das plantas, pois não se esqueceu, no impressionante relatório, ao descrever as primeiras investidas à floresta, de contar "Enquanto andavamos neste mato, a cortar lenha, atravessaram alguns pa-

papagaios por essas arvores, deles verdes e outros pardos grandes e pequenos”.

Examinava a avifauna com crescente curiosidade, temendo cair em exageros e informações falsas, porque numa ocasião afirma: “Outras aves então não vimos: somente algumas pombas seixas, e pareceram-me maiores, em boa quantidade, que as de Portugal. Alguns diziam que viram rôlas, mas eu não as vi”, tal o escrúpulo em acreditar somente naquilo que testemunhava. Antes de terminar o documento, alude às aves que tanto o impressionaram: “E trouxeram papagaios verdes e outras aves pretas, quasi como pégas, senão quanto tinham o bico branco e os rabos curtos”.

Sessenta anos depois, em 1560, em fins ainda de maio, José de Anchieta transmite, em carta de S. Vicente, notícias sobre as aves do Brasil. Não, entretanto, com a precisão do escrivão da armada. De tal forma o célebre jesuíta vivia empolgado pelo problema da catequese, que a observação era imprecisa, por vêzes falha e, não raro, errônea.

Dos papagaios que enchiam a nova terra, o santo varão afirma que eram mais comuns do que os corvos e todos serviam de comida, “uns, porém, prendem o ventre, outros imitam a voz humana”.

Quem sabe a duríssima existência dos abnegados jesuítas, lá de compreender que eram obrigados a lançar mão de tudo para se alimentarem; isto continua a ocorrer, que o digam os que atravessam sertões. Daí o aproveitamento dos papagaios até como alimento.

Tal assunto é também por coincidência tratado em epístola. Na que escreveu Anchieta, lança dois nomes indígenas: um, o de *guanumbi*, denominação dos beija-flores entre os índios, mas que o catequista, afastado de qualquer tropisino zoológico, denominava de “*pequenos pardais*”.

Acostumado a uma vida miraculosa, assegura, quando trata dos lindos passarinhos, que se alimentam “só do orvalho, dêses lá vários gêneros, dos quais um, afirmam todos, é gerado da borboleta”.

Este erro propagou-se através de cronistas, como Eurico Santos chamou atenção, no seu valioso livro *Da Ema ao Beija-flor*, ao recordar Simão de Vasconcelos, que diz ter presenciado o fenômeno. O prodígio, no entanto, é de fácil explicação: Existe um esfingídeo de nome *Sesia fadus* que foi descrito por Cramer em 1779. Lauro Travassos, que estuda este grupo e que muito conhece o lepidóptero em questão, referiu-me que a semelhança do vôo desse inseto crepuscular, e espécies afins, com o dos colibrís, quando pairam sobre as flores, é o que há de mais impressionante; como também o modo rápido de adejar em torno das corolas e o de entrar em contacto, velozmente, com a água.

Em Angra dos Reis pessoas da roça conhecem o esfingídeo pelo nome de *borboleta-beija-flor*. Foi êsse o fenómeno visto por Simão de Vasconcelos; essa a explicação para o beija-flor "*gerado da borboleta*" que Anchieta assinalou. Em compensação o jesuíta indicou a presença dos pinguins no Espírito Santo e este limite só foi ultrapassado, séculos depois, pela observação que Pirajá da Silva fez ao encontrar a ave desgarrada em Valença, na Baía.

O segundo nome indígena que cita é o de *Anhima*, que atesta "zurrar como um asno", evidente exagêro, muito menor, porém, do que aquela afirmação a respeito de um pequeno passaro: "Ha também outro de corpo pequeno, mas quando sae de as as faz tanto barulho que as arvores pareceem que caem por terra".

O conselheiro Lara e Ordonhez, o divulgador e comentador da epistola do eclebre jesuíta, perfeito conhecedor de história natural, de que foi entre nós um dos pioneiros, em nota, escrita em 1799, diz que o catequista se referia à meiga juriti.

Por volta de 1570, um homem de valor, amigo de Camões, escreveu um trabalho, somente publicado em 1576; chamava-se Pero de Magalhães Gandavo.

O capitulo VII da sua *História da Província de Santa Cruz* cuida só "*Das aves que há nesta província*". Muito mais apegado às belezas terrenas, diz uma verdade de fácil comprovação para os que viajam pelo interior do Brasil: "Entre todas as coisas de que na presente história se pode fazer menção, a que mais aprazível e formosa se oferece à vista humana, é a grande variedade das finas e alegres côres das muitas aves que nesta província se criam".

O século XVI, contudo, não se encerraria, sem que alguém demonstrasse ainda maior interêsse pela nossa avifauna, que encontrou, num homem excepcionalmente dotado como foi Gabriel Soares de Sousa, o melhor dos intérpretes para trazer ao conhecimento dos pôsteros fatos colhidos durante dezessete anos de estada na Baía, esboçando, com a invulgar inteligência de que era detentor, uma classificação, a seu modo, do que observara.

Scute-se a intenção na maneira de epigrafar os capitulos, quando estuda nossa *ornis*, logo no primeiro, que tem o número LXVIII e assim começa: "*Sumário das aves que se criam na terra da Baía de Todos os Santos do Estado do Brasil*". No segundo "*Em que se declara a propriedade do macueaguá, motum e da galinha do malo*". Adiante "*Em que se declara a natureza dos canindês, araras e tucanos*", para em seguida tratar de outro, assim epigrafo: "*Em que se diz das aves que se criam nos rios e lagos da água doce*" — e depois, procurando um natural arranjo, escrever — "*Das aves que se parecem com perizes, rolas e pombas*", que preeede a parte "*Em que se relata a diversidade que há de papagaios*", para logo após, voltando

suas vistas de naturalista nato para os mangues e a vida à beira-mar, fazer uma dissertação "*Em que se conta a natureza de algumas aves da água salgada*", passando a estudar um grupo conspicuo, *Em que se trata de algumas aves de rapina que se criam na Baía*, não esquecendo as que se agitam dentro da noite, às quais consagrou várias páginas "*Em que se contém a natureza de algumas aves noturnas*".

Não conseguindo juntar as restantes em agrupamento natural, delas se ocupa no lugar: *Em que se declara de alguns passaros de diversas cores e costumes*, acompanhado de considerações *Em que se trata de alguns passarinhos que cantam*, para terminar, como se fizesse um suplemento dos que foram olvidados, em o — *Que trata de outros pássaros diversos*.

A notável contribuição dêste homem, sem embargo das inevitáveis lacunas e erros, não mereceu ainda dos competentes toda a justiça de que é merecedora. Inventou uma classificação própria, baseada no modo de alimentar-se, comportar-se e viver das nossas aves, descrevendo-as e informando como algumas nidificavam.

O antigo vereador da Câmara Municipal da Baía surpreende como pudessem observar tanto e sobre quasi tudo, em meio de absorventes trabalhos, no estranho mundo em que vivia.

Eis do que me recordei, enquanto escrevia a introdução de que me encarregou Eurico Santos, que também nasceu ornitologista. O destino chumbou-o a desdobrar sua atividade nas ruas asfaltadas do Rio de Janeiro. Muito mais forte, porém, do que esta fatalidade, é o natural pendor, e, por isso, escreveu trabalhos excelentes.

Alguns de extrema originalidade como o *Dicionário de Avicultura e Ornitotecnia*, começado em 1934 em uma das nossas boas revistas "O Campo" e terminado em 1939, formando dois grandes volumes com cerca de 800 páginas, profusamente ilustradas, e que vem prestar assinalados serviços aos que estudam neste país, pois está elaborado com precisão e acerto.

No começo dêste ano, Eurico Santos dera-nos a interessante, útil e instrutiva obra "*Da Ema ao Beija-flor*", que é um consólo para os que amam êste país e sua natureza.

Nesta terra, onde as devastações se sucedem ao ritmo das forças desencadeadas da natureza, ao assolarem o nordeste com as sêcas periódicas, ou quando o homem, conquistando a terra, derruba e queima as matas, destruindo flora e fauna, Eurico Santos escreve livros, bons, belos e atraentes, porque não só nararam a verdade a respeito da nossa avifauna, como nos recordam e ensinam coisas encantadas que o povo criou ou ainda conserva dos índios e que vivem no *folclore*, a cada instante relembrado pelo autor.



As aves sempre despertaram, no povo da nossa terra, grande interesse. Naturalmente, e com frequência, a gula orientou a observação a respeito dos seres emplumados. Nossa gente herdou do índio o meio de lográ-los e o aparelhamento de armadilhas para capturá-los quasi sempre em busca de alimento. Seus hábitos foram estudados e inventado variado instrumental de pios, imitando rigorosamente o canto de muitas aves para melhor atraí-las e caçá-las.

Como destruição sistemática, o que vi de mais impressionante, é a matança que fazem os habitantes da Ilha Comprida, no litoral de S. Paulo, nome bem dado, porque, sendo estreita, estende-se por 70 km. da barra de Icapara à de Cananéia, quando, os pássaros, que ali se refugiam, descem das serras tangidos pelo frio, ficam embaraçados, ao iniciarem seus vôos matutinos, nas redes de malhas largas que os insulares suspendem do solo aos galhos das árvores. Assim são exterminados sabiás, juritis, rôlas, sendo mortos também tucanos e macucos, embora em menor número.

Tais aves são depenadas, salgadas e mandadas em barricas e caixotes como objetos de comércio para Iguape e Cananéia e lá vendidas às duzias, por insignificantes quantias.

Ficam tão longe, às vèzes, certos pontos do Brasil, que nunca vi qualquer protesto contra tão estúpida destruição. O homem público brasileiro supõe que, escrevendo um regulamento de caça e pesca, basta para resolver os problemas essenciais da questão. Frequentemente os burocratas, encarregados de regulamentar as leis, não conhecem a realidade nacional.

Aqueles praiheiros da Ilha Comprida vivem da pesca e dos mariscos e as raras oportunidades que se lhes oferecem para comer carne, surgem na época de as aves lá se refugiarem, quando são mortas e aproveitadas como alimento e vendidas no comércio próximo com o fito de alcançarem qualquer quantia que lhes mitigue a imensa pobreza.

No entanto, é comum por todo o Brasil ver que o jeca, na humildade da sua casa de sapê, partilhando da escassez dos seus alimentos, procura criar aves, principalmente canoras.

Os nossos matutos são muito mais interessados do que se imagina pela vida dos pássaros e ainda me recordo de bela crônica de João Luso, no *Jornal do Comércio*, em 1908, ao visitar na Exposição da Praia Vermelha um pavilhão, ali construído pela Prefeitura, contendo aves do Distrito Federal, descrevendo o encantamento do cronista diante do conhecimento que um velho acaboclado demonstrava ter, reconhecendo-as pelos nomes e discorrendo sobre seus hábitos e costumes.

Certa ocasião, viajando debaixo de temporal desfeito, entre a África e o Brasil, nas alturas da Ilha Tristão da Cunha, embora muito afastada do vapor, tive oportunidade de apreciar um dos

mais empolgantes espetáculos: albatrozes voando em plena tormenta, dando a impressão, em certos momentos, de que eram uma emanção da própria procela. Subiam a grande altura e desciam à flor das águas revoltas, iam e vinham atravessando, em todas as direções, os ventos enfurecidos, parecendo que estavam encarregados de conduzir as rajadas e desencadear a tempestade.

Tudo isso, no entanto, em busca de alimentação. Não sei como os gregos não incorporaram à sua mitologia alguns semi-deuses, que, por castigo, tivessem sido transformados em aves marinhas. De fato, o que para nós se afigura como manifestação de beleza, não passa, entretanto, de um contínuo sofrimento, provocado pelo incessante vôo, em busca de alimentação, que se consome pelo próprio esforço muscular da ave à sua procura. Escapou à mentalidade helênica criar, sob uma aparência cheia de graça e formosura, o suplício de transformar em aves marinhas, seres merecedores de punição.

Creio que foi Pinto da Fonseca que, depois de uma excursão à Ilha dos Alcatrazes, narrou ter encontrado algumas gaivotas que, à falta de alimentos, tinham engulido até folhas de árvores. O saudoso João Florêncio Gomes falava-me de coisa parecida, ocorrida com aves marinhas que pereceram em consequência da ingestão de gafanhotos que voavam sobre o oceano.

Com o desenvolvimento da civilização, as aves, entre nós, vão desaparecendo ou recuando cada vez mais. Algumas das nossas espécies estão prestes a extinguir-se.

Em 1918 Natterer ainda comprovou a presença de araras na Baía do Rio de Janeiro; delas, como recordação, existe o topônimo Araruama, não longe da incomparável Guanabara, como, em plena cidade, o bairro de Maracanã indica a presença de outras desaparecidas.

No fundo da baía, a denominação Inhaúna indica o antigo paradeiro das anhumas aqui no Rio; delas só tomei conhecimento nos confins de S. Paulo e no longínquo Mato Grosso.

Em 1908 pude observar na confluência do Tietê com o Paraná enormes bandos de araras canindês, emigrando de Mato Grosso, e ainda maiores os de papagaios, que, ao entardecer, vinham pousar e dormir nas cercanias de Itapura. Nas proximidades do Salto de Urubupungá, naquele Estado, não muito distante do Porto de Faia, presenciei numerosas araras vermelhas devastando, pela manhã, os araçazeiros. Todavia nunca as testemunhei atravessando o Paraná, como faziam as canindês em demanda das margens do Tietê. Naquele ano, em S. Paulo, já não existiam araras no município que tem este nome. No entanto, antigamente, chegavam até o litoral paulista e paranaense, como atesta o nome Ararapira, que ainda perdura como um palimp-

sesto, a recordar ali a presença, outrora, de tão vistosos representantes da nossa fauna.

Não é somente o nosso povo, que sempre se mostrou interessado pelas aves. Também os vates, seus intérpretes e cantores, em todas as épocas, delas se ocuparam e as compreenderam; alguns chegaram a adivinhar.

Lembrei-me de Castro Alves, que nunca vira albatrozes, mas cujo nome me veio à mente, na primeira ocasião que os vi na circunstância acima citada, recordando-me da exclamação do poeta: "Albatroz, Leviatã do espaço"! Ninguém melhor o definiu.

Nossa avifauna sempre atraiu mais o observador estrangeiro que o brasileiro e um dos livros clássicos sobre o assunto foi escrito por Goeldi, livro que, já de longa data, se acha esgotado. O naturalista suíço resumiu o que presenciara e o que sabia. Capristano de Abreu traduziu a obra, colocando-a assim no alcance de todos. De lá muito, entretanto, que se reclamava novo trabalho; o assunto bem que o merecia. Surgiu, felizmente, Eurico Santos, que publica, com o presente, o seu terceiro livro. Se já vivesse, quando D. João VI chegou, talvez tivesse sido o fundador do Museu Nacional, que se originou da Casa dos Pássaros, de tal forma Eurico Santos ama a ornitologia.

Proporcionou à gente brasileira trabalhos bem elaborados em bom estilo e linguagem amena. Nossos adolescentes não poderiam receber, vivendo no país de civilização latina de maior população, melhor dádiva, pois não tiveram o ensejo, como ocorre com as crianças do mundo inteiro, de conhecer um Jardim Zoológico perfeito e moderno.

Reconheço os heróicos esforços da família Drummond, há longos decênios, desde 1888, querendo proporcionar este regalo aos habitantes do Rio. Nunca compreendi o descaso e o desinteresse a que sempre relegaram o Jardim Zoológico. Em 1922, em publicação de minha lavra, lancei um protesto. Mais tarde, completando meu ciclo de viagens, comprovei como esta deficiência nacional é impressionante.

Nossas crianças, até as das grandes capitais, como Rio e São Paulo, não têm idéia de um jardim zoológico moderno e, quando querem ver os representantes da nossa fauna, só vão encontrá-los empalhados nos mostruários dos museus.

As obras de Eurico Santos põem o leitor em contacto com a natureza: ensinam, educam e aperfeiçoam o sentimento. Quando escreve sobre aves, vive para o seu mundo e com elas talvez se entenda, a exemplo de S. Francisco de Assis.

Está executando um programa de brasilidade. Conhece o nome vulgar de tocos os seres emplumados e as denominações que têm em vários pontos do país; batiza-os cientificamente com todo o rigor. Sua leitura encanta, pois abre vasto e esplêndido

campo para os jovens que travam relações com os seus trabalhos, os quais se ocupam com uma das coisas mais formosas que o Brasil possui: suas belas aves e também com as “aves que aqui gorgeiam”.

Perlustrando grandes zonas da minha pátria, deixei o produto da observação sobre o assunto em trabalho que escrevi em 1916. Em certa zona do país a avifauna escasseia, mas, até hoje, os meus olhos guardam, deslumbrados, a beleza indescritível da maravilha que a natureza me proporcionou e de que dei uma fotografia inexpressiva, daquela Ilha do Meio, em plena Lagoa de Paranaguá, no sul de Piauí, e cujas árvores se curvavam ao péso das garças brancas e das colhereiras rubras.

Quando, aos milheiros, levantavam vôo, alarmadas pela aproximação das embarcações, e passavam em revoada sobre a superfície das águas, senti-me mais brasileiro e meu desvanecimento cresceu diante da inenarrável expressão de beleza que talvez não se desenrole, em tal escala, em outros céus da terra.

Em um dos nossos centros civilizados, Campinas, pode-se apreciar um soberbo quadro com a chegada das andorinhas, ali protegidas pelos poderes públicos, que transformaram o velho mercado em abrigo aonde se vão acolher em quantidades inverossímeis, dando ensejo para que se julgue bem dos sentimentos dos homens da nossa terra e do seu interesse pelas aves. Foi o desvêlo da nossa gente que preparou o abrigo e é oportuno assinalar um contraste em S. Paulo, onde, em torno das fazendas, o colono estrangeiro é um exterminador de passarinhos.

Os naturalistas alemães foram os que mais se consagraram aos estudos das nossas aves e, entre nós, Hermann e Rodolfo von Ihering vulgarizaram o resultado de seus estudos em magnífico Catálogo. Natterer e Garbe foram os que maiores coleções fizeram.

Emilia Sneathlage, ainda em nossos dias, consagrou toda sua vida ao estudo das aves brasileiras, tendo percorrido grande parte do território, sobretudo da imensa Amazônia, concorrendo de modo extraordinário para melhor conhecimento da nossa avifauna. Organizou, quando diretora do Museu Goeldi, no Pará, o melhor catálogo de aves da Amazônia. Aliás, aquele Estado, foi um centro de pesquisas sobre este assunto com Goeldi, que entre outros trabalhos, publicou o album colorido das aves amazonenses, muitas das quais eram encontradas vivendo no aviário anexo ao Museu.

De tudo isso, e muito mais também, é sabedor Eurico Santos, que aproveitou o melhor das informações para suas excelentes obras. A preocupação de acertar é tão constante que deu no índice de seu trabalho “Da Ema ao Beija-flor”, as correções introduzidas na sistemática pelo último e valioso catálogo de aves

aparecido, qual o de Olivério Pinto, que põe em dia todas as alterações da nomenclatura.

Sem nenhum favor, a obra empreendida por Eurico Santos é das mais meritórias. Faculta aos interessados a visão panorâmica de um mundo encantado que sempre exerceu sobre os brasileiros grande atração, pois me recordo que as observações de Euler, a respeito da vida das aves fluminenses, foram lançadas em rodapés de um vespertino carioca, *A Notícia*, chamando a atenção do seu numeroso público de então.

Os arraiais onde assentam a inteligência, o amor ao Brasil, a educação do sentimento, o culto às coisas belas estão de parabens com a publicação dos trabalhos de Eurico Santos.

Aprendem-se fatos novos e são recordadas coisas esquecidas. Das páginas de obras tão úteis reçuma, em cada capítulo, o acendrado amor à incomparável natureza da nossa pátria, como demonstra a presente que tanto me desvanece prefaciá-la.

ARTHUR NEIVA

Rio, 3-VI-39.





INTRODUÇÃO

OS PÁSSAROS

"Ne tue pas tes amis, homme ! Les oisillons, ce sont des amis fidèles, les pauvrets ! Ce sont de petits anges qui, en volant et chantant, t'égaient, te servent; de la vermine, ils te préservent; et cela retombe sur toi, quand tu vas, rasant le sol, contre eux, en plein ciel, mauvais sujet, tirer ton plomb".

Frédéric Mistral.

Dever-se-ia escrever a vida dos pássaros naquela ingênua simplicidade com que Jacques de Voragine contou a vida dos santos, a *Legenda dourada*.

Os pássaros, por serem mansos e fracos diante das forças indomáveis da natureza e dos outros seres que os cercam, em luta constante, dão bem a idéia daqueles santos, que vinham pelo mundo prêgando a bondade e a concórdia, louvando em cânticos o criador de tantas maravilhas, mas que morriam, sempre, às mãos da gente bruta e má.

Mal se vislumbra o crepúsculo matutino e já os pássaros começam, ainda dentro dos ninhos, ou nos pousos favoritos onde adormeceram, a saudar mais uma vez o dia que aí vem, como que enternecidos diante do esplendor do mundo.

A luta pela existência, os mil perigos que os cercam e que bem conhecem, jamais lhes ensombram o ânimo.

Cuidam da vida e desvelam-se pela geração do porvir, cumprindo, alegremente, as ignotas determinações da Natureza, que quer a terra povoada de seres.

Os pássaros propriamente ditos são as aves que os ornitologistas classificam dentro da ordem dos passeriformes, caracterizados por uma real homogeneidade anatômica e morfológica, porém aparentemente muito diversificados pelas suas variadíssimas adaptações ao meio.

Constituem a ordem mais numerosa das aves, possuindo em seu conjunto mais da metade de espécies, que todas as outras reunidas.

Entre cerca de duas mil e tantas espécies da nossa avifauna, certamente mais de um milhar e muito serão pássaros ⁽¹⁾.

A caracterização da ordem, de um modo geral, pode ser feita, dizendo-se que os pássaros possuem o bico, aliás muito variável na forma, sem o ceroma basal. Os tarsos são nus, isto é, sem penas, e os dedos, em número de quatro, dispõem-se três para frente e um para trás.

Os ornitologistas chamam anisodátila a esse tipo de pata.

O dedo posterior, polegar ou hálux, é dotado de uma unha mais forte que a dos outros dedos. Os dois dedos anteriores externos são ligados na base.

A ordem dos pássaros pode ser subdividida em dois grandes grupos, segundo a constituição anatômica da garganta:

a) pássaros que gritam.

b) pássaros que cantam.

Nesta obra, obra de simples divulgação popular, tal será a divisão adotada, a que aliás se conforma, mais ou menos, com o que ensinam os ornitologistas.

Particularizando mais, diremos: A ordem dos passeriformes acha-se dividida em duas secções, segundo Garrod, que se baseou não só no número de pares de músculos intrínsecos, como no ponto de inserção deles, na siringe, órgão vocal das aves, colocada na porção inferior da laringe.

As duas grandes secções assim se denominam:

a) Aeromíodos.

b) Mesomíodos.

Nos aeromíodos, os músculos acima referidos são complicados e se acham aos pares, que se fixam nas extremidade (dorsal ou ventral) dos meio-anéis brônquicos.

A essa secção pertencem os pássaros que cantam, os canoros, e abrange quasi exclusivamente o grupo dos *oscines*, assim chamados por Keyserling e Blasius.

Os mesomíodos, de siringe geralmente com um só par de músculos, são os pássaros que gritam, convindo dizer que esse é o tipo geral do órgão de fonação da maioria das aves, fora mesmo da ordem dos pássaros.

Na constituição anatômica da garganta baseia-se, pois, a primeira divisão da ordem dos pássaros e dentro de cada uma destas se encontram, então, outras divisões, em sub-ordens, super-

(1) Com essa citação, um tanto imprecisa, queremos dar apenas a idéia da multidão das espécies. O recenseamento numérico das aves, ao menos por enquanto, é incompatível com o rigor das estatísticas, como asser-toa Olivério Pinto.

famílias, famílias, sub-famílias, etc., o que torna difficilimo o estudo de tal ordem de aves.

Ao tratar de cada família, daremos os principais característicos, os quais são baseados, principalmente, no bico, tarso, asas, caudas, colorido, etc.

Os pássaros, sobre serem os mais belos e atraentes ornamentos da vida animal, representam um papel de destaqueo relêvo no equilibrio biológico, especialmente destinando-se a pôr uma barreira à invasão da terra pelos insetos.

Na partilha da terra com os outros animais, o homem venceu-os a todos, mas até hoje só os insetos sustentam, obstinadamente, a luta, disputando a parte que por direito natural lhes cabe.

Esses minúsculos seres é que na realidade são os nossos mais temíveis concorrentes no planeta.

Jean Rostant escrevia "L'insecte est notre grand adversaire. Il coûte annuellement à l'humanité plusieurs millions de vies. Il est, à vrai dire, le seul être vivant que nous ayons à craindre".

A tenacidade com que lutam conosco, devem-na êles, em grande parte, à sua maravilhosa organização estrutural, à superioridade evidente do esqueleto externo, construido de uma substância prodigiosa, a quitina, e ainda à sua quasi sempre fantástica e inerivel faculdade de se reproduzirem ⁽²⁾.

Além destas vantagens gozam êles, em alto grau, de miraculoso poder de adaptação.

Em toda parte, para onde quer que volvamos os olhos, há ambiente propício à vida dos insetos, e em todas as matérias algumas espécies encontram sempre o que utilizar para viver.

Temos exemplos vulgares dentro de nossas casas, onde vemos as baratas, que comem todas as cousas que se lhes deparam, as traças que vivem de papel e panos, e os chamados escaravelhos dos droguistas, que habitam no ambiente das farmácias, comendo desde o pó de arroz à mustarda dos sinapismos, não se fazendo de rogados para devorar até inseticidas.

(2) Um dos mais prodigiosos exemplos de proliferação dá-nos o pulgão das macieiras (*Eriosoma lanigerum*), já tão espalhado no R. Grande, S. Paulo e Minas.

O número de pulgões que uma fêmea pode originar é, na realidade, fantástico. Cita-se, como exemplo, o de uma fêmea, que em 1 de janeiro começou a produzir; em 10 de fevereiro, rodeavam-na 100 larvas, em 20 de março 10.000, em meados de abril cerca de um milhão, em 1 de maio 100 milhões e no fim do mesmo mês, 1.000 milhões!

Outro exemplo de surpreendente proliferação nos dá a vulgaríssima mosca doméstica (*Musca domestica*).

Um naturalista calculou que a mosca faz 6 posturas no espaço de 3 a 4 dias, pondo de cada vez de 120 a 150 ovos. Um só casal desses insetos, dentro de 5 meses, produziria 191 quintilhões de moscas, uma vez que todos os ovos chegassem ao termo e não existissem os naturais inimigos da espécie.

Numa planta produtora do maior veneno para os insetos, o timbó (*Lonchocarpus nicoi*), Costa Lima identificou o coleóptero *Dinoderus bifoveolatus*, que é broca desta planta ⁽³⁾.

L. O. Howard ⁽⁴⁾ informa que nos lagos salgados de Utah, Estados Unidos, os quais não mantêm nenhuma outra espécie de sêr, vivem certas môscas da família dos efidrídeos, numa água cujo grau de salinidade é suficiente para destruir qualquer outra forma vivente, e acrescenta que môscas há que vivem nas minas de sal gema da Boêmia, e, cousa realmente espantosa, outras espécies existem, ainda da família citada, que se desenvolvem em tórno das aberturas dos poços de petróleo da Califórnia.

Há insetos que possuem mandíbulas tão fortes, que com elas perfuram canos e balas de chumbo e outros metais, até de grande rijeza, como o cristofle dos talheres, lâminas metálicas, zinco,

Aqui no Brasil, nas cidades de Recife, Baía, Vitória, os tubos de chumbo, condutores de eletricidade, são atacados por um coleóptero ⁽⁵⁾.

Noutras partes do mundo, no Panamá, na Europa, na Austrália certos coleópteros causam danos às redes de energia elétrica e na América do Norte chegam a roer os fusíveis.

Insetos que veiculam doenças temíveis, que atacam os vegetais nos campos e nas tulhas, produtos manufaturados da indústria animal e vegetal, os que devoram panos, furam charutos, destroem madeiras, e se banqueteam nas bibliotecas, digerindo autores intragáveis e ciências indigestas, todos já conhecem.

E assim, de formas muito variadas e não obstante os valiosos recursos da ciência, os insetos causam enormes prejuízos ao homem, destruindo tudo.

Howard, valendo-se duma estimativa de Marlatt, calcula em 2.200.000.000 de dólares os prejuízos causados pelos insetos à agricultura norte-americana anualmente ⁽⁶⁾.

Numas considerações a tal propósito, A. O. Martins, do Instituto Biológico de S. Paulo, diz que não é exagerado avaliar em 5 % os prejuízos causados à lavoura por pragas e doenças.

Accepta essa porcentagem e verificado que a nossa produção de milho foi em 1934-35 de 2.525.344:596\$500, os prejuízos causados por parasitos só nesta cultura vão a 126.267:229\$825.

A broca do café, se lhe não fôsse sustado o curso, estragando 25 %, ocasionaria o prejuízo de 326.978:716\$200, calculado sobre a produção do ano de 1934-35.

(3) "O Campo", agosto, 1936.

(4) "La Menace des Insectes", París, p. 56.

(5) "Insetos que corroem o chumbo", Carlos Moreira, Bol. 8. do Inst. Biológico de Defesa Agrícola, Rio, 1930.

(6) Obra citada.

Vendo uma roça de milho e verificando aí os estragos da lagarta — estragos êsses notados nos milharais de quasi todo o país, A. O. Martins chegou à conclusão de que, no mínimo a lagarta inutiliza 3 pés de cada 100 e atendendo que a produção última do milho foi de 22.750.144 sacos, no valor de 227.501:440\$000 (saco a 10\$000) só esta lagartinha nos deu um prejuizo de 6.825:043\$200 ⁽⁷⁾.

Não há fantasia. Kirkland diz que certo inseto, se não encontrasse inimigos naturais, em 8 anos, destruiria toda a vegetação da América do Norte.

A voracidade dos insetos é alarmante.

Qualquer lagarta, num dia, come, de duas a três vèzes, o seu próprio pêso.

Forbusch cita certa larva que se alimenta de carne, comendo, em 24 horas, duzentas vezes o próprio pêso.

Ora, são as aves e, grandemente, os pássaros o poderoso exército encarregado de evitar as expansões calamitosas do mundo dos insetos, as suas reivindicações imperialistas, pois, segundo deve constar dos arquivos das rochas multimilenárias do paleozóico, êles foram os donos primitivos da terra.

Nessa guerra surda, tenaz, por vèzes invisível, pois não cessa nem de noite, são as aves os nossos melhores aliados.

Têm o mais louvável dos apetites. Delas escreve A. Tounsenel ⁽⁸⁾ "que são uma locomotiva de prima velocidade, uma máquina de alta pressão, que queima mais combustível que três ou quatro máquinas ordinárias. A ave não come sòmente para viver, como o homem da zona equatorial, mas ainda para manter um foco de calor interno, como o homem dos países frios, que consome tanto como dez árabes e que sente sobretudo a necessidade de ingerir matérias graxas, substâncias combustíveis por excelência.

É preciso pensar que 19 vigésimos das aves estão encarregadas de destruir sementes prejudiciais, alimárias devastadoras e insetos nocivos, os quais aniquilariam todo o trabalho do homem, tal seu poder de reprodução, se para contraminar aquela obra de devastação não tivéssemos as aves e não possuíssem essas a necessidade de devorar incessantemente".

Os pássaros, pela diversidade de predileções alimentares, garantem o extermínio das mais variadas espécies de insetos.

As fornigas, muito especialmente as gorduchas das içás e as taquiras, os cupins, mormente as aleluias enxameantes, as lagartas, que serão futuras borboletas essas e as mariposas suas parentas, a môsca doméstica, a môsca de cocheira, a môsca das

(7) "O Biológico", n.º 9, 1936, p. 329.

(8) "Le Monde des Oiseaux", Paris, 1873, t. I, p. 72.

frutas, a varejeira, a berneira, as mutucas sanguissedentas, os mosquitos hematófagos, pequeníssimos vampiros que nos sugam o sangue e inoculam germinhos perniciosos, os gafanhotos assoladores, os colcópteros em milhares de espécies e cuja larvas em grande parte cavam galerias no cerne vivo das árvores, esfurcam as sementes, inutilizando toneladas de grãos alimentícios, os pulgões das plantas, os quais se reproduzem em miríades de indivíduos, chupando os sucos vegetais, matando as plantas, os percevejos do mato, todo os insetos, enfim, encontram, entre os pássaros, apreciadores insaciáveis.

Esses aspectos da luta biológica não escaparam, certamente, aos povos da antiguidade ⁽⁹⁾.

Até os próprios pássaros granívoros, que durante a roda do ano não pegam um só inseto, entregam-se, na época da alimentação dos filhotes, a tal caça. Os pássaros ninhigos são pequenos ogres, comem mais que a provedoria duma ordem rica.

Observei um pardal, na faina de alimentar os filhotes, cujo ninho ficava num beiral do telhado, defronte da varanda de minha casa. Durante pouco menos de um hora, contei 22 entradas de petisqueiras, recebidas sempre com aplausos.

É isso bem pouco diante do que regista um observador norteamericano em referência à "House wren", uma espécie de cambaxirra, aliás passarinho insetívoro.

Diz êle ⁽¹⁰⁾ ter contado 110 carretos de insetos em 4 1/2 horas, quer dizer que aquele pequeno pássaro, para abastecer seus pequenitos, caçou um inseto em cada 2 1/2 minutos.

Dessa legião de gastrónomos de tripa fôrra e apetite sempre aberto é que tratarei nas páginas que se vão seguir.

Não nos devemos jamais esquecer que, como dizia Michelet, o homem não poderá viver sem as aves e que estas viveram e podem viver perfeitamente sem o homem.

Se não por bondade, ao menos por interesse, protejamos as aves e, por mais imbecis e fracos, protejamos ainda mais particularmente os pássaros.

(9) Leo Pucher, tratando de "Una nueva interpretación de los bajorrelieves de la puerta del Sol de Tiahuanaco", escreve:

"Esse monumento foi erigido para simbolizar a luta contra as pragas daninhas da agricultura. Entre os inimigos das plantas, aparece, em primeiro lugar, uma larva que ainda existe na região. A voracidade desta larva está representada por um jaguar ou puma. Como poderoso inimigo das pragas da agricultura figura a ave chamada ayacucho e em língua quíchua, acchi, espécie de aquilucho que se alimenta de insetos.

Como se vê, conclue Leo Pucher, os incas já se utilizavam da luta biológica para combater as pragas".

(10) Yearbook of the U. S. Departement of Agriculture, 1900.

PARTE I

PÁSSAROS QUE GRITAM

CAPÍTULO I

DENDROCOLAPTÍDEOS

Arapaçús, subideira, picapaus-vermelhos, picapau-de-bico-comprido, picapau-de-bico-torto.

A família dos dendrocolaptídeos do Brasil consta hoje de 101 espécies e convém notar que dela foi desmembrada enorme parte, uma sub-família, que veio a constituir família independente, a dos furnariídeos.

São aves da mata e a maioria apresenta grande semelhança com os picapaus, já na forma, já no hábito de escalar os troncos das árvores, grimpando por eles com aquele jeito tão característico dos picapaus.

Há algumas espécies que até possuem retrizes de pontas duras, como os picídeos. Um característico, entre outros, é muito seguro para a distinção das duas ordens. Os picapaus possuem dois dedos para trás, e dois para frente, enquanto os dendrocolaptídeos possuem três dedos para frente e um para trás, como todos os passeriformes.

Vivem, como ficou dito, na mata e alimentam-se de insetos que caçam maiormente nos troncos das árvores. São, pois, aves utilíssimas.

É natural que, vivendo a explorar troncos de árvores, por ali encontrassem quasi sempre abelhas silvestres e acabassem por colocá-las no seu "menu" cotidiano, talvez até seu prato de resistência, dada a abundância destes insetos.

Tratando da biologia das abelhas melíferas do Brasil, H. von Ihering diz que os dendrocolaptídeos são seus inimigos naturais

e aponta a *subideira*, também chamada *tarasea* e *arapaçú-grande* (*Dendrocolaptes platyrostris*), como grande comilona d'esses himenópteros.

Alguns, entretanto, portam-se à maneira dos fornicariídeos e costumam até a fazer parte das caravanas de aves que percorrem as matas, de parceria, como teremos ensejo de contar mais para adiante.

A família dos dendrocolaptídeos não é muito conhecida do povo, e os seus representantes são assinalados em sua maioria pela designação de *arapaçú* ou *picapau-vermelho*.

A grande maioria ocorre no extremo norte do Brasil, na região amazônica.

Como levam vida recatada, no recesso da mata, pouco se sabe a respeito dos seus costumes.

A propósito de ninhos, também não se sabe grande coisa.

O príncipe de Wied verificou que certa espécie (*Dendroplex picus picus*), à maneira dos picapaus, incubava no oco das árvores, e Euler também achou o ninho de *Lepidocolaptes fuscus tenuirostris*, que é espécie muito comum, quer nas matas, quer nas capoeiras, em fendas de diversas árvores, em altura média do solo.

Há, evidentemente, muitas correlações entre esses pássaros e os picídeos. O povo por sua vez já forjou, analogicamente, a lenda da raiz do *arapaçú* ou *uirá-paçú* idêntica à do *picapau*.

Dizem que "o pássaro conhece uma raiz que abre todas as coisas, e quem quiser possuí-la, tapa o ninho da ave, e o *arapaçú* vai logo buscar a raiz mágica. Com auxílio desta pode-se sair da cadeia ou apoderar-se de tesouros, sem ser percebido".

Está explicada a razão pela qual andam por aí tantos ladrões e a polícia não os vê: estão armados com a tal raiz.

Espécies de hábitos semelhantes, ocorrentes aqui no sul, são as do gênero *Lepidocolaptes*, entre as quais *angustirostris*, de que há algumas sub-espécies espalhadas pelo Brasil.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

Passemos a descrever algumas espécies, entre uma centena delas, para que os leitores façam uma idéia dos indivíduos que compõem essa enorme família, ainda envolta na sombra do desconhecido.

ARAPAÇÚ — Sob esse nome, que parece significar *pau grande curvo*, alusão evidente ao longo e curvo bico d'estes passarinhos, estão incluídas algumas espécies de dendrocolaptídeos, entre as quais citaremos *Xiphorhynchus guttatus guttatus*, que vive nas matas costeiras de leste do Brasil, da Baía ao Rio de Janeiro.

Goeldi viu-o e distinguiu-o bem nas matas virgens da serra dos Órgãos. Notou-lhe o voo rápido de uma para outra árvore e a maneira com que grimpá pelos troncos, indo de baixo para cima, inspecionando as anfratuosidades, em busca de insetos, tal qual procedem os lídimos picapaus.

E o mais curioso é que não somente por êsse hábito, mas até na voz êle se assemelha ao *Picus viridis*, o conhecido picapau europeu.

Êsse arapaçu, chamado também *picapau-vermelho*, mede 27 cm. de comprimento, é de côr geral parda, com bruno avermelhado nas asas e cauda, branco sujo na garganta, com fitas finas, negras, do ventre para trás, cabeça anegrada, na qual se inserem penas cujo canhão leva uma estria dum amarelo alvadio.

Êsse tipo de penas encontra-se também na nuca e no peito anterior.

O bico longo, que tem o comprimento da cabeça, é negro e ligeiramente curvado para baixo.

Tal é, mais ou menos, o feitio geral da família.

Cumpré notar que há no entanto espécies de tamanho médio e até muito pequenas, como as do gênero *Campylorhamphus*.

ARAPAÇU-GRANDE (*Dendrocolaptes platyrostris platyrostris*)

— E' outra espécie do Sul vindo desde Baía até Rio G. do Sul, Paraguai e nordeste da Argentina. Mede 27 cm. E' de côr pardo azei-

tonada, na parte superior bem mais escura na cabeça e bruno castanho na cauda. As penas da cabeça, pescoço e peito levam uma estria amarelenta. Riscos transversais pretos orná-lhe a barriga. A região da garganta é dum branco amarelado.

O povo aqui do sul conhece mais esta ave pelo nome de *subideira* e *tarasca*.

A espécie é singularmente parecida com outra aqui ocorrente no sul, *Xiphocolaptes albicollis albicollis*, sendo que esta é maior (30 cm.) e de mais imponente bico.



Fig. 1 — Picapau-de-bico-comprido (*Nasica longirostris*)

PICAPAU-VERMELHO (*Dendrocolaptes certhia certhia*). É espécie do extremo oeste setentrional do Brasil.

A côr geral é parda olivácea, listrada de preto, garganta esbranquiçada, cauda e rêmiges vermelhas. Mede mais de 30 cm., sendo que 13,4 cm. é o comprimento da cauda. Apresenta nada menos de 4 formas diversas, todas da Amazônia.

Ainda com o nome de *picapau-vermelho* conhecem-se outras espécies de gêneros diferentes.



Fig. 2 — Arapaçu-de-bico-torto (*Campylorhamphus trochilirostris*)

PICAPAU-DE-BICO-COMPRIDO (*Nasica longirostris longirostris*) — Outra espécie amazônica, de côr vermelha na parte superior, alto da cabeça pardo escuro, garganta branca, peito e abdome pardos avermelhados, pintado de branco na parte anterior. Mede quasi 37 cm., sendo que o bico tem 76 mm., duas vezes mais que o comprimento da cabeça.

ARAPAÇU-DE-BICO-TORTO — (*Campylorhamphus trochilirostris*) — Esse nome tão comprido quanto horrendo serve para rotular um passarinho mimoso, de 25 cm. de comprimento, armado de um bico longo, monumental e sobremancira recurvo, que lhe empresta um ar inédito e espetaculoso. Tal bico mede 65 mm. A plumagem do *arapaçu-de-bico-torto* é côr de azeitona, ou melhor pardo azeitonada, cauda castanha, cabeça e região do pescoço, com largas pinceladas de côr amarelada.

Goeldi, que já andava intrigado com os préstimos de tão entortinhado bico, acabou por descobrir-lhe a utilidade.

Surpreendeu, por vezes, aquele *arapaçu* explorando com a singular bicarra certos buracos que se encontram nas taquaras, dentro das quais vivem numerosas colônias de formigas.

O lindo passarinho vale-se com mestria de seus dotes naturais e caça facilmente as formigas de que se alimenta, em grande parte.

A propósito dos buracos nas taquaras, porta aberta à invasão das formigas para dentro do ôco do colmo, convém fazer particular referência.

Supôs-se a princípio que tais cavidades quadrangulares e como que cavadas a faca fôsem feitas por picapaus, mas já Goeldi dava como certo que o autor dêstes buracos eram os caxinguelês.

Parece que os ratos de taquara e caxinguelês furam assim os colmos daquelas gigantescas gramíneas em procura da água que as vezes ali se acumula.

Encontrando uma entrada já preparada, várias formigas, do gênero *Camponotus*, aí se instalam.

As aveziúbas de que tratamos sabem muito bem os hábitos de toda a bicharia que anda pelos matos e por isso vemo-las sempre metidas nos taquarais em busca das formigas.

Como tudo isso é maravilhoso! Como sabem os animais tirar partido das mais variadas circunstâncias.

Os caxinguelês e os ratos do mato, acossados pela sede, descobrem que há água dentro dos colmos das taquaras e furam-nas para se dessedentar; as formigas aproveitam-se do ensejo e no ôco daquelas gramíneas constroem as suas cidades, e os *arapaçús*, por sua vez, procurando alimento, ali vão caçar a presa apetecida.

O *arapaçú*, a que nos referimos, empoleira-se, como é de hábito entre os pássaros, mas sabe também rastejar pelos troncos na postura clássica dos picapaus. Trata-se, à vista do que já vimos, de um insetívoro que merece protecção pela utilidade, se o exotismo do aspecto já não bastasse para recomendá-lo à admiração dos amantes da natureza.

A distribuição desta espécie estende-se pelos Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, R. G. do Sul, Paraguai e nordeste da Argentina, mas os ornitologistas distinguem 7 sub-espécies, espalhadas pelo Brasil.



CAPÍTULO II

FURNARIÍDEOS

Curriqueiro, João-de-barro, tico-tico-do-birí, João-teneném, casaca-de-couro, João-tirirí, corruíra-do-brejo, maria-com-a-vovó, João-de-pau, arapaçú-dos-coqueiros, arapaçú, pinchacisco, vira-fôlha, macuquinho, etc.

Os furnariídeos apresentam os mesmos característicos gerais dos dendrocolaptídeos, com os quais, durante muito tempo, estiveram reunidos.

As diferenças em que se baseia a separação entre as duas famílias são estritamente de interesse dos ornitologistas e ligadas a mínúcias de morfologia. Não interessa ao público em geral.

Não se pode mesmo dar alguns traços que permitam a caracterização das duas famílias.

Todos no entanto possuem o tarso endaspidiano, mas o bico é grandemente variável. Geralmente o colorido, em ambas as famílias, é sóbrio, e em regra, brunáceo.

Existem 130 formas, entre espécies e suas numerosíssimas sub-espécies.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

CURRIQUEIRO (*Geositta cunicularia cunicularia*) — A parte dorsal deste pássaro, que mede mais ou menos 16 cm. é de cor térrea, rêmiges cor de canela com cobertura leonada clara, matiz êsse que se nota no pescoço e peito, o qual ostenta estrias escuras. A parte inferior do corpo é leonado ainda mais claro.

As penas timoneiras, da cauda, tingem-se de acanelada nuanee, na base, mas as pontas são orladas da mesma cor que a parte inferior do corpo. Bico córneo e patas negras.

O *curriqueiro* não ocorre, no Brasil, senão no Rio G. do Sul, mas é encontrado no Uruguai, parte oriental da Argentina, indo até a Patagônia.

Aninha-se nos barrancos, no chão, onde cava sua galeria, reta e paralela à superfície do solo, no fundo da qual se encontra o ninho composto de capim seco e penas. Os ovos, em número de 3, são brancos.

Na Argentina o *curriqueiro* prefere aninhar no bordo das "vizeacheras", isto é, nas furnas onde vivem as vizeachas (*Logotomus maximus*) ⁽¹¹⁾.

O viandante que percorre a cavalo as longas estradas do interior riograndense por vêzes observa, fugindo das patas de sua montada, uma avezinha, que pousa mais adiante, no caminho, para novamente fugir à aproximação do cavalo: é o *curriqueiro*.

A palavra dá ares de que vem de *curriculum* (de *currere*), carreira.

Este pássaro nada tem de espantadiço, ao invés, chega ao extremo de vir próximo do homem à procura de alimento.

Na Argentina, José A. Pereira ⁽¹²⁾ informa que certa andorinha (*Pygochelidon cyanoleuca palagonica*) procura os ninhos do *curriqueiro* e os toma.

W. H. Hudson apenas notara que esta andorinha se assenhorrava do ninho do *curriqueiro*, quando êle o abandonava.

Há um outro furnariídeo, menor que o *curriqueiro*, pardo, de cauda curta acastanhada e faixa preta na ponta (*Gcobates pœcilopterus*), que faz o ninho nos barrancos, cavando galerias horizontais. Ao sair da sua fuma, tem o hábito de elevar-se ao ar, ali pairando uns instantes e soltando as notas alegres de seu canto, semelhantes às que emite o *joão-de-barro*, quando está construindo o seu *menage*. É ave muito comum nos campos do Est. S. Paulo, Minas, Mato Grosso e Goiás, onde Olivério Pinto observou os seus ninhos subterrâneos.

JOÃO-DE-BARRO (*Furnarius rufus rufus*) — Como as grandes individualidades humanas, o *joão-de-barro* merece uma biografia suculenta.

Trata-se na realidade de um super-pássaro, cheio de qualidades, para não dizer virtudes.

Industrioso, honesto, inteligente, casto, trabalhador, pacífico, êste passarinho conquistou a simpatia dos homens em cuja vizinhança se compraz de viver, vindo confiante colocar seu ninho no beiral dos telhados, nas cornijas das casas, nas cêrcas, nas árvores que rodeiam as habitações humanas.

Quando se sente protegido pela benevolência dos que o cercam, então ainda mais confiante se mostra, chegando sem receio até junto ao homem.

(11) Nestas fossas cavadas pelas vizeachas, nestas cidadelas subterrâneas, vivem em sociedade, mais ou menos pacífica, vários animais, que se aproveitam da habilidade arquitetural daqueles roedores. Vemos um roedor, espécie de preá, "cuiá" (*Cavia pamparum*), a coruja buraqueira (*Speotito cucularia*), "filhotes de víbora", um lacertílio (*Saccolaira* sp), cobras diversas, sapos (*Bufo marinus*), insetos, aranhas, etc.

(12) Memórias del Jardim Zoológico, tomo VII, 1936-1937, p. 259.

No Estado do Rio, cidade do Carmo, na fazenda do cel. Júlio Cesar Lutterbach, tive ensejo de ver o elegante passarinho passear nos canteiros do jardim, à cata de minhocas, bem ao alcance de meu braço.

Parece ter grande afeto ao recanto que elege para morar e dele não se afasta: é hainrista.

Nunca é visto na mata, mas sempre no campo e, até, nos centros movimentados.



Fig. 3 — João-de-barro (*Furnarius rufus*) e seu ninho.

A sua presença alegra os campos com o constante cantar, que é muito característico, ligeira série de notas, quasi uma gargalhada.

Entremecia sempre o trabalho com essas alegres risadas. Se chove, cala-se ou solta ligeiros queixumes, porém mal cessa a chuva, ei-lo de novo desfazendo-se em risos.

Quando constrói a casa, cada vez que amontoa o barro, levantando um pedaço de parede, voa para um galho próximo, limpa o bico e, satisfeito com o andamento da edificação, achando esse mundo um paraíso, solta o seu cacarejo de alegria, em duo com a companheira.

Enquanto canta, agita as asas em característica postura.

Honesto como um santo, jamais esbulha a propriedade alheia e, se não guarda os domingos e os dias santificados, como o povo chega a afirmar, respeita religiosamente o nono mandamento, jamais cobiçando a mulher do próximo.

O par, unido pelo nó de eterno casamento, com isso se conforma e está contente.

Não há tragédias passionais, raptos, nem rixas entre amantes. Uma monogamia constitucional, hereditária, aplainou todas as arestas da questão sexual, que não se resolve entre outros povos, mesmo sem bico e pena, senão por meios da violência e da luta em favor do mais forte.

Na apresentação da sua pessoa não quis a natureza gastar as tintas vivas da pródiga pallieta. Deu-lhe um traje sem brilho de festa, como convém ao seu rude mister de oleiro.

Tem, pode dizer-se, côr geral terrosa, com o vértice mais carregado, garganta branca e parte inferior do corpo algo amarelento sujo ⁽¹³⁾.

Bico fino, reto, ligeiramente curvado para a ponta, tendo mais ou menos 2 1/2 cm. Cabeça arredondada, corpo fornido, muito elegante, com tarsos altos, dedos fortes, cauda redonda, com 7 cm. de comprimento.

O tamanho do *joão-de-barro* não passa de 20 cm. espichado da ponta do bico à extremidade da cauda, e a envergadura das asas fica entre 26 a 28 cm.

O ninho dêste pássaro constitue uma novidade no mundo das aves. Nenhum outro apresenta como o dele mais conforto e segurança. É construído de barro e tem a forma típica de um forno, primitivo, de cozer pão. Daí a designação de *forneiro*, "hornero", como dizem os nossos vizinhos argentinos, *barreiro*, como lhe chamam os gaúchos, *amassa-barro* e *maria-de-barro*, como é conhecida a sub-espécie que ocorre na Baía e Ceará.

As dimensões dêste ninho são de 24 a 26 cm. de diâmetro transversal por 18,5 a 21,5 de diâmetro antero-posterior. A abertura, que tem uma conformação auricular, mede de 89 a 98 mm. de alto por 41 a 45 de largura na parte média da mesma.

O ninho divide-se em dois compartimentos, separados por uma parede de forma tal, que há um corredor de entrada que se encurva e vai dar numa câmara arredondada, onde a fêmea põe os ovos.



Fig. 4 — Ninhos de *joão-de-barro* sobrepostos. (Museu Nacional).

(13) De modo geral, êsse é o conjunto da plumagem, porém ela varia de conformidade com as sub-espécies.

F. rufus commersoni tem a fronte intensamente ferrugínea, forte rufo-fesência na base da nuca, partes inferiores mais claras que *F. rufus badius*.

F. rufus rufus distingue-se bem dêstes dois, porque a parte inferior é ainda mais clara que nos dois citados, o peito apenas mais pardo, sem côr de canela, nem ferrugínea.

O material de que se utiliza a ave para esta construção é, como dissemos, o barro, misturado com palhas, erinas, fibras diversas.

Em 29 de abril (1939) observei na Escola Venceslau Belo (Penha), um casal de joão-de-barro fazendo o ninho, apenas começado.

Cada um traz no bico unia bolinha de barro, do tamanho de um grão de ervilha. Coloca-o no lugar e com o bico dá repetidas bicadas, como que martelando. Pára para descansar e recomeça o serviço até ver que ficou bem espalhado o barro.

Descansa e vai buscar nova porção.

Antes de construir o ninho, o casal procede a inspeções rígoras e escolhe então o sítio que lhe parece mais agradável ou conveniente. Esse varia infinitamente, mas, como ave social e amiga do homem, procura sempre a sua aproximação e planta o ninho nas suas imediações, quando não nas estradas que êle transita, nos cruzeiros, apreciando muito os postes telegráficos.

Essa predileção chegou a causar sérias preocupações ao barão de Capanema, que via na avezinha um inimigo do progresso telegráfico, e levou as companhias de telégrafo da Argentina a inventarem um dispositivo destinado a impedir que o industrioso alvanel colocasse os ninhos em cima dos isoladores.

Nas tarefas de construir a moradia toma parte o casal; macho e fêmea revezam-se nas tarefas de amassar e carregar o barro, coisa que somente é possível fazer quando aquela matéria prima se encontra amolecida pelas chuvas.

Quando o material é abundante, em 4 dias está levantada a casa, mas, por vezes, levam 6 a 7 dias.

Se começam o pesado trabalho e escasseia o barro convenientemente amolecido, param a construção e mais tarde iniciam outra; entretanto, em apuros valem-se da hosta dos bovinos para rematar o monumento.

Desta casa tão sólida só se utiliza durante a temporada de incubação.

Muitas vezes, entretanto, chocada a primeira postura, eridos os filhotes até a época precisa, tratam de proceder à limpeza geral e põem fora todo o velho material que serviu de berço à prole: penas, palhas, etc.

Tudo varrido, escoreito e limpo, começa a fêmea a nova postura.

Já nesse tempo os filhotes podem tratar da vida, mas, como certos mamarrachos da espécie humana, não se querem desgarrar da casa paterna.

O joão-de-barro, pai exemplar, nestas conjunturas, deita a mais férrea energia.

Começa naturalmente por conselhos paternais, em tom menor, depois alteia a voz, e os joõezinhos nada, sempre no peditério de comida.

Repetem-se os ralhos e os conselhos ainda sem resultado.

Chega-lhe enfim a mostarda ao bico e, percebendo que o querem fazer de tolo, começa a distribuir pancadaria grossa.

Diante de tão irrespondíveis argumentos, os pimpolhos batem a bela plumagem e vão amassar barro, em dueto, com uma gentil companheira.

Lá se inicia de novo o eterno romance de amor, que enche a terra de todas as espécies de joões.

Terminada a quadra do ano destinada à criação, ainda por ali fica o casal, mas a próxima postura, no outro ano, já não será feita na mesma casa.

Confortável como é tal ninho, naturalmente muitas outras aves o cobiçam, e entre elas o velhaço do pardal, uma andorinha (*Phaeoproge t. tapera*), o canário da terra (*Sicales pelzelni*), o periquitinho ou tuim (*Forpus passerinus vividus*), etc.

Certa vez o naturalista Juan Daguerre ⁽¹⁴⁾ notou que um casal de andorinhas rondava o palacete do *joão-de-barro*, por julgar que em breve seria abandonado, visto estarem os filhotes já taludos.

Com grande tristeza dos pretendentes, os habitantes do palacete escorraçaram os filhos, fizeram uma completa limpeza nos penates e reinstalaram-se para nova quadra. Isso prova o que anteriormente dissemos.

Apreciando bem a habitação das aves de que estamos tratando, verifica-se que ela oferece grande segurança e absoluto resguardo contra as intempéries.

Estudando o que se poderia chamar a filogenia do ninho do *joão-de-barro*, o prof. Doelo Jurado ⁽¹⁵⁾ faz uma série de deduções, ante a forma por que nidificam certos furnariídeos. Verificou que o cochieio (*Anumbius annumbi*) faz o ninho entrececendo ramos, hastes, etc., até formar um montão que alcança um metro de altura e cuja entrada está situada no terço superior, ficando a câmara de incubação no fundo, aonde se chega através dum corredor sinuoso; o tieo-tico do biri (*Phleocryptes melanops melanops*) faz um ninho ovóide, cuja entrada alcança, logo, diretamente, a câmara de incubação, e emprega para fazê-lo fôlhas de pirí-pirí, entrelaçadas e rebocadas de lama ou de barro.

Com tais antecedentes arquitetônicos, é natural que outras espécies, em selecções sucessivas de palha e barro, hajam chegado ao barro exclusivo ou quasi exclusivo, como o *joão-de-barro*.

(14) "El Hornero", vol. III, 1924, p. 249.

(15) "El Hornero", vol. 1.º, 1919.

Algumas vêzes esse industrioso passarinho faz casas uma acima da outra, à maneira dum minúsculo arranha-céu, como é exemplo, o que existe no Museu Nacional, com cinco andares e um rés-do-chão.

Acreditava-se que a entrada da casa era sempre orientada para o lado de onde menos sopra o vento, mas observações mais numerosas provaram não ser isso verdade. Já observei duas casas sobrepostas, e cujas entradas eram em sentido contrário.

Parece que, na ocasião de construir o ninho, a ave coloca a entrada para o lado de que o vento não sopra.

Ora, é natural que, em tais circunstâncias, o maior número de ninhos estejam orientados para o quadrante de onde menos sopram os ventos.

No Estado do Rio, na fazenda a que já me referi, observei, através de longa estrada, que quasi todos os ninhos olhavam para o caminho. Rarissimo tinham outra orientação.

Na câmara de incubação, sôbre uma camada de ervas secas, crinas, fibras vegetais, encontram-se 3 a 4 ovos, quasi sempre 4.

Êsses são brancos, de forma oval, ora alongada, ora curta, lisos, sem lustro, de casca muito frágil. Medem 27 mm. $\times$ 21 mm.

A primeira postura é feita em setembro e a segunda, em janeiro.

Geralmente, pelo mês de agosto é que andam atarefados nas lides da edificação de seus palácios de barro.

O *joão-de-barro* é corajoso e sabe defender o ninho contra qualquer inimigo, não se arreando, até, de enfrentar o próprio homem que lhe queira violar a propriedade.

Afora todos êsses aspectos simpáticos do viver da ave, da sua fisionomia moral, o *joão-de-barro* é um grande insetívoro, sendo, pois, de inestimável utilidade.



Fig. 5 — Ninho de joão-de-barro localizado em vespeiro de *Polybia scutellaris*. Desenho feito sôbre fotografia, in "El Hornero", vol. IV.

Os nossos vizinhos argentinos têm em grande estima o "hornero", que aliás já foi eleito "ave de la patria" numa "enquête" pública e deu seu nome a uma notável publicação ornitológica: "El Hornero".

Num elogio que então se escreveu naquela revista científica, há essa justificação admirável:

"Quando, em épocas passadas, o colono se internava pelo Pampa, para lançar na terra as primeiras sementes, e levantava seu rancho de palha e barro, de barro e palha fazia o "hornero" a sua casa, acompanhando-lhe os passos, seguindo-lhe'o roteiro.

Companheiros da solidão e da avançada, um e outro preparavam no outono o seu refúgio para o inverno. E o canto do pássaro, como um toque de alvorada, anunciava a hora do trabalho, o clangor de seus trinos alegrava as rudes horas da luta, e o chilrear inquietante e bélico dava o alarma contra os animais daninhos, que rondavam a choça do colono".

O alarma de que fala este trecho laudatório não é fantasia. À noite, em percebendo rumores pelas imediações da casa, em-boca o apito e estrila seus chilreios de advertência ou de receio.

Do *joão-de-barro*, pássaro essencialmente latino-americano, ocorrem no Brasil, além da espécie típica, mais 2 sub-espécies.

A espécie típica é *Furnarius rufus rufus*, que se distribue pela Argentina, Paraguai, Uruguai, R. G. do Sul e Sta. Catarina.

F. rufus comnersoni: Mato Grosso e Bolívia.

F. rufus badius: S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas.

Há, ainda, no gênero *Furnarius* as seguintes espécies:

Furnarius figulus. Conhecido por *amassa-barro* (Baía e Pernambuco), com uma sub-espécie.

Furnarius leucopus, que, além do nome de *joão-de-barro*, ainda leva o nome vulgar de *amassa-barro* e *maria-de-barro* (Guiana, Amazônia e Mato Grosso), com duas sub-espécies.

Furnarius minor (Amazônia).

L E N D A S

Os guaranis explicam a origem do *ógaraitig* ⁽¹⁶⁾, o nosso *joão-de-barro*, com uma poética lenda

Vivia no recesso da floresta, afastado de todos e em companhia de seu velho pai, um donzel, guapo e bravo caçador.

Vira êsse Nemrod guarani uma cantora que por ali passara em suas excursões e por ela ficara cativo de amor.

Segundo o ritual de sua tribo, logo que um jovem alcançasse a época da idade viril, teria de suportar três pesadas provas de resistência física: uma competição de carreira a pé, um concurso de natação e, por fim, a provança de um jejum.

(16) Do guaraní óga, casa + raitig, ninho.

O triunfador receberia, como prêmio, a própria filha do *rubichá*.

As duas primeiras competições venceram-as gallhardamente o donzel caçador, e assim foi o único a suportar os nove dias de jejum, encerrado entre couros, como preceituava o ritual da tribo.

Conta a tradição oral que triunfou da prova última, mas quando os juizes da estranha provação o foram retirar dentre os couros onde permanecera imóvel nove dias, bebendo somente sueo de milho, viram que o guapo caçador empequenitava, minguava, fazia-se cada vez menor, até que se transformou em um pequeno *ógaraitig*.

Dos couros logo voou para uma árvore próxima, onde desferiu um canto alegre e gargalhante.

Renunciava assim à filha do cacique, que ele não amava.

Ainda nos conta mais a tradição. Diz essa que a jovem cantora, causa da renúncia, também se converteu em ave, para fazer companhia àquele que, por seu amor, desdenhara das honras e do mando.

Há ainda outra lenda que revela influência européia.

O *ógaraitig* foi, na sua forma humana, um bravo capitão espanhol, Don Juan Hornero.

Chegara aqui à América com muita ânsia de ouro e o seu "sombreiro" de conquistador.

Em lugar de vencer, rendeu-se ao amor de uma jovem índia, a mais capitosa flor humana das selvas da América.

Anga, motivo de seu amor, sobre ser linda, era filha de um poderoso cacique, que odiava os brancos conquistadores das terras alheias.

Nada demovia o ódio irredutível do cacique vigilante e vingativo.

Don Juan Hornero, encarnação da bravura de todos os bravos das Espanhas, vagava, furtivo e suspiroso, por entre as brenhas.

Anga, desesperada, foi procurar um velho feiticeiro da tribo, o temido Curiyú⁽¹⁷⁾, para que, mediante um sortilégio, lhe fôsse possível realizar aquele sonho de amor.

O cacique era racista e também odiava os brancos, mas diante da oferta do "sombreiro" e da espada do capitão, não vacilou em uni-los, de forma tal que se pudessem amar francamente.

Anarrrou o casal amoroso ao tronco de um *anguay-guazú*, pôs-lhes nas mãos uma pena de caboré, para que assim adquiris-

(17) Curiyú é o nome guaraní da cobra conhecida entre nós por *sucuri*, aliás, *sucurijú*, na Amazônia e *sucurijuba*, no Norte.

sem o dom do vôo; na bôca colocou uma pena de *guirahú*, e desta forma deu-lhes a faculdade do canto.

A seguir, foram queimados, e do fumo de seus corpos, unidos pelo sacrifício, formou-se um casal de *ógaraitigs*, que logo começaram a voar e a amarem-se livremente.

O engenhoso capitão espanhol, já feito ave, construiu logo na axila dum galho a sua casinha pitoresca.

De sua origem humana, não só lhe vem a arte de construir, senão também o desejo de viver sempre em companhia dos homens.

TICO-TICO-DO-BIRÍ (*Phleocryptes melanops*) — Insignificante na aparência, êsse passarinho, que não mede mais de 15 cm., notabiliza-se por ser genial arquiteto. Modestíssimo no traje, como é regra entre artistas, o *cachimbó*, segundo outro nome popular, é pardo por cima, com manchas negras no vértice e nas costas; as asas e a cauda são escuras, mas notam-se naquelas amplas malhas cór de cancela. A parte inferior é toda esbranquiçada.

O *tico-tico-do-birí* habita os banhados e gosta muito dos piri-sais, onde procura os insetos de que se alimenta e as plantas sôbre as quais localiza o palacete.

Realmente nos pântanos é que se encontra a sua habitação lacustre, aderida aos talos do piri-pirí ⁽¹⁸⁾, ciperácea paludícola abundante nas regiões encharcadas.

O *cachimbó*, à maneira do homem pré-histórico e qual ainda hoje o fazem os indígenas da Nova Guiné, achou mais seguro construir seu lar sôbre palafitas, nos caniços do piri-pirí.

A casa é ampla, algo arredondada, com entrada lateral, construída de folhas de plantas aquáticas e lodo; externamente, não muito cuidada, mas no acabamento da parte interna mostra grandes desvelos o seu construtor.

A habitação tem algo de arredondada, como dissemos mas E. Mac Donagh, que estudou minuciosamente o ninho ⁽¹⁹⁾, diz que por dentro êle é assim como uma pirâmide invertida, com a base grosseiramente triangular; a largura exterior é de 12 cm. altura 7, a altura do triângulo da base 8 e a base 5,5.

Para fixar nos caniços do paul aquele monumento da arte arquitetônica avícola, a avezinha trabalha como um mouro, torce, dobra, ajeita, amarra e tece com pericia de tecelão, barreia com habilidade de alvanel, calcula a altura da água com a certeza matemática de um engenheiro e tudo isso executa apenas com os pés e o bico.

(18) Parece que o verdadeiro nome dêste pássaro seria *tico-tico-do-pirí*, como, aliás, H. Ihering o denomina.

(19) "El Hornero", vol. V, p. 199.

Não se pode sequer fazer idéia de como consegue amarrar entre três, quatro ou cinco caniços, as folhas que terão de sustentar o edifício.

Depois de toda essa canseira, que não lhe ensombra sequer a alegria de viver, dá a última demão, e com amoroso cuidado, já enternecido (quem pode afirmar o contrário) com a idéia dos filhotes que a habitação agazalhará, vai catando, aqui e ali, penas que boiam nas águas e com elas alfombra o berço dos futuros eacimbozinhos.

A fêmea, que talvez tome parte neste trabalho, põe então três ovos azues para o encantamento final daquela obra prima.

Os ovos, que se mostram, por vêzes, verde azulados, medem 19,5 a 21×16 .

O canto da ave de que estamos tratando é velado, sem vibração, em harmonia com o ambiente dos charcos, onde tudo é calmo e os ruídos cavos parece que morrem afogados na lama.

JOÃO-TENENÉM (*Synallaxis ruficapilla*) — A côr predominante dêste passarinho é castanho esbranquiçado, correndo atrás do olho uma estria amarelenta. A parte inferior do corpo é cinzenta. Não mede mais de 150 mm. Cauda e bico longos, característico de todas as espécies dêste gênero, sendo que a cauda mostra as penas muito sovadas, tênues, como se fossem gastas pelo tempo. A voz, qual a dos demais do gênero, parece dizer *tenené*, *joão-teneném*, ⁽²⁰⁾ *bentererê*, *joão-tiriri*, *pichororê*, *curitiê* etc. e daí todos êsses nomes pelos quais são conhecidas as várias espécies.



Fig. 6 — João-teneném (*Synallaxis* sp.).

É habitante das matas e capoeiras, onde gosta muito de construir seus enormes ninhos em pequenas árvores e a pouca altura do solo.

(20) *Tenhênhên* é que devia ter sido o nome, pela vernaculização do *nheen nheen*, do tupi guaraní, que é como se disséssemos, muito falador.



1 - (*Poliophtila dumicola*). — 2 - Tangará (*Chiroxiphia caudata*). — 3 - Caneleirinho (*Pachyrhamphus viridis*). — 4 - Borralhara (*Batara cinerea*). — 5 - Arapaçú (*Lepidocolaptes angustirostris*). — 6 - (*Anthus correndera*). — 7 - João de barro (*Furnarius rufus*).



SciELO

Como certos indivíduos, tornou-se notável pelo casarão em que habita.

De feito, o luxo do *joão-teneném* é o seu castelo. Para edificar tal monumento, não se poupa a caueciras. De manhã até a tarde, na época apropriada, vemos o pobre do joãozinho atrapalhado com pesadas cargas de madeira. Acontece assim pesar tanto uma viga destinada ao monumento, que o carregador pára três vêzes no caminho afim de ganhar fôrças.

Seu ninho é feito exclusivamente de gravetos. Parece, quando construído, uma fogueira de S. João, em miniatura. O comprimento total chega a passar de 60 cm. de altura e 50 de largura.

Essa pequena ave, mais ou menos do tamanho de um tico-tico, para que edifica tão suntuoso palacete?

Tal construção prova que o *joão-teneném* possui qualidades inventivas de alto mérito.

Interpretando bem aquele amontoado de gravetos e observando como é formada a entrada, conclue-se que o pássaro, dispôs as cousas de modo a evitar que os seus inimigos lhe pudessem penetrar na moradia.

Não é, pois, um luxo, como dissemos.

Frei Vicente do Salvador já fazia essas justas reflexões:

"Há uns passarinhos que, para que as cobras lhes não entrem nos ninhos a comer-lhe os ovos e filhinhos, os fazem pendurados nos ramos das árvores, de quatro a cinco palmos de comprido, com caninho muito intrincado e compostos de tantos pauzinhos secos que se pode com êles cozer uma panela de carne".

Os gravetos da entrada, formando um tunel erigido de pontas, assemelham-se às armadilhas, como o jiquiá, a ratocira, inventadas pelo homem.

Se tivermos a curiosidade de examinar tal ninho, veremos que existe, no centro, uma tijela com material mais macio, fôlhas secas, paina, o ninho propriamente dito; o mais é um corredor que ora conduz a ave para cima, ora para o lado, isto conforme a espécie de *Synallaxis*.

Parece que pertence a *S. ruficapilla* o ninho descrito por P. F. Schirch, ninho construído de arame ⁽²¹⁾.

Numa laranjeira dum quintal suburbano, achava-se o referido ninho, que a gravura junto mostra.

Schirch assim o descreve:

"O ninho atual ao qual se refere essa nota tinha o comprimento de cerca de 80 cm. e um diâmetro maior de cerca de 50 cm.

(21) "Sôbre um ninho construído de arame de um pássaro brasileiro". Bol. do Museu Nacional, vol. VII, N.º 2, p. 91.

O pêso pode ser avaliado em 15 kg. Tinha na base os ninhos antigos, parecendo em número de 3, sendo feitos quasi totalmente de arame enferrujado pela ação do tempo. Parece o abastecimento inicial ter sido fácil, pois existia próximo uma fábrica de caixas d'água de cimento armado”.



Fig. 7 — Ninho de *Synallaxis* sp. feito de arame. Desenho segundo fotografia inserta no “Bol. Mus. Nacional”, vol. VII, n.º 2, 1931.

Como se vê, o furnariídeo construtor dêsse ninho, seja êle ou não o *joão-teneném*, prova que sahe tirar partido das circunstâncias.

Isso parece até um bom *test* para demonstrar raciocínio, a faculdade de julgar e escolher.

Entre o material comum, abundante em toda a parte e usado desde que a espécie existe, o ignorado furnariídeo elegeu o que se apresentava mais à mão, certo de que era hem superior ao vulgaríssimo graveto.

Operou o pássaro cegamente, ao acaso da circunstância? Não. Refletiu, julgou e decidiu.

Conta o marquês de Cherville⁽²²⁾ que no ano em que se colocou uma tela de arame na floresta de Saint-Germain, um guarda-florestal encontrou um ninho de *tourterelle*, inteiramente de fios de arame. Aquele columbídeo também julgou excelente o referido material.

Também na Argentina foi encontrado um ninho de *suiriri*, com idêntica matéria prima.

O *joão-teneném* alimenta-se especialmente de insetos e gosta grandemente de formigas.

(22) “Le nid de l’oiseau” — Dr. F. Cathelin, p. 76, Paris, 1924.

A distribuição geográfica desta espécie vai do Espírito Santo e Minas ao R. G. do Sul e ocorre, igualmente, no nordeste da Argentina, no Uruguai e Paraguai.

CASACA-DE-COURO (*Synallaxis frontalis frontalis*) — Parece dispensável descrevê-lo, pois é muito parecido com o *S. spixi*.

Seus hábitos são perfeitamente os mesmos e seu ninho idêntico ao de seu primo, a ponto do *saci* não fazer entre eles distinção, depondo aí igualmente seus ovos, segundo o testemunho de C. H. Smyth ⁽²³⁾.

Os ovos medem, de conformidade com êsse autor, 18-19 1/2 × 14-15 1/2 mm.

Vastíssima a distribuição desta espécie: norte e leste da Argentina, Uruguai, Paraguai, Mato-Grosso, Goiás, Minas Gerais, Maranhão, Piauí, Pernambuco, Baía, S. Paulo, R. G. do Sul.

A designação *casaca-de-couro* é dada a êsse pássaro no Ceará, mas na Baía tal nome serve para indicar outro furnariídeo de gênero diferente, não falando de certo gavião e dum mimídeo que levam a mesma denominação.

JOÃO-TIRIRÍ (*Synallaxis spixi spixi*) — É em tudo parecido com a espécie *ruficapilla*, exceto na estria amarela atrás dos olhos, e na eôr castanha das asas, dorso, fronte e vértice, que é substituída pela eôr bruna.

Segundo as localidades, o seu nome varia, sendo chamado *joão-teneném* e *bentererê*.

Quanto ao ninho, é êste feito da mesma maneira que o anterior e dêle demos um desenho no volume "Da Ema ao Beija-Flor".

José Pereira ⁽²⁴⁾, numa nota sôbre o ninho desta avezinha, diz ter encontrado um de 28 cm. por 13 de diâmetro, 3 ovos todos brancos, algo tingidos de verde, com um polo bem agudo, muito característico desta ave e mais um ovo do *chopim*.

Confrontando o tamanho da entrada do ninho com o porte do *chopim*, fica-se a imaginar que êste põe o ovo logo na porta.

O *joão-tirirí* é vítima também de uma outra ave, um cuculídeo, de porte bem maior, o *saci* (*Tapera naevia*), que vai a ponto de lhe arrombar as paredes do ninho para lá depôr um ovo ⁽²⁵⁾.

Quando seu ninho é em parte destruído, a ave recompõe-no.

Certa vez no Estado do Rio, deparou-se-me numa laranjeira, a pouca altura, um destes grandes ninhos. Durante longo

(23) "El Hornero", vol. IV, p. 128.

(24) "El Hornero", vol. IV, p. 79.

(25) "Da Ema ao Beija-Flor", p. 266.

tempo esperei que a ave entrasse no seu palacete ou dêle saísse, mas nem vivalma. Subi um pouco na árvore e, com precaução, comecei a destruir um lado da parede. Fi-lo com cuidado, porque em velhos ninhos abandonados já se têm encontrado cobras e outras alimárias ⁽²⁶⁾. Pouco depois, o pássaro saiu assustado, protestando de longe contra a violência. Havia no ninho três ovos. Abandonei a inútil obra de destruição daquele lar. Três dias após, voltando ao local, o ninho estava recomposto.

Não posso afirmar qual era a espécie de *Synallaxis*.

A distribuição geográfica dêste *tiriri* vai do sul de Minas, S. Paulo até R. G. do Sul, Paraguai, Uruguai e nordeste da Argentina.

Outro furnariideo, sem nome que o individualize, é *Synallaxis albescens albescens*, um dos mais comuns aqui na Serra dos Órgãos, segundo Goeldi, e ao qual ouvi um caipira dar o nome de *triclí*, nome ainda não registrado, evidente onomatopéia de seu canto, o qual talvez melhor se representasse por um *p-juí, p-juí*, que costuma repetir incessantemente na época dos amores.

O ninho é semelhante ao de *S. spixi*, mas a entrada é pelo lado e não por cima, como afirmaram Holland e Hudson, citado por H. Ihering.

José Pereira ⁽²⁷⁾, descrevendo o ninho, diz "tiene una forma esférica con una prolongación en forma de tubo en un costado, que es donde está la boca de entrada".

Os ovos são ovalados, bem amplos, mas por vèzes periformes e de um branco lavado de verde fosco.

Tamanho 18-20 × 13 1/2, seg. C. H. Smyth ⁽²⁸⁾. Cada ninhada apresenta 3 a 4 ovos e até 5.

Nota-se que, embora o ninho seja idêntico ao de *spixi*, a ave aleatifa-o com fibras vegetais.

CORRUÍRA-DO-BREJO (*Certhiaxis cinnamomea russeola*) — É muito comum em Minas e aqui no Estado do Rio, onde Goeldi diz que "nas baixadas quentes da bacia do Paraíba quasi não há alagadiço em que não apareça".

Pardinha acinzentada em cima, branca em baixo e garganta amarelo claro, o que talvez, por essa coloração, lhe dessem o nome de *canário-do-brejo*. Em Minas é mais conhecida por *marrequito-do-brejo*, e em S. Paulo, pelo nome de *curutié*.

(26) Também em tais ninhos são encontrados insetos hematófagos. C. Pinto e H. Lent chamam a atenção dos pesquisadores para o assunto, pois num dêsses ninhos encontraram triatomídeos ainda pouco estudados entre nós. V. An. da Ac. Bras. de Ciências, t. VII, N.º 4, 1935.

(27) "Memorias del Jardín Zoológico", t. VII.

(28) "El Hornero", vol. IV, p. 132.

O ninho é aquele conhecido e arrepiado montão de gravetos, com saída por cima ⁽²⁹⁾.

Gosta de pendurar seu "cotages" em árvores secas, no meio do brejo, tornando assim muito original e vistosa a sua singular moradia.

Os ovos são brancos, de cor esverdeada intensa, ovais, com ponta obtusa e medem $19-20 \times 15$. Cada postura consta de 3 a 4 ovos.

A distribuição geográfica desta espécie vem desde o nordeste da Argentina e estende-se ao sul e leste da Baía.

No Norte, a sub-espécie *S. c. cearensis*, que ocorre no Maranhão, Piauí Ceará, Pernambuco e norte da Baía, tem o nome de *pedreiro-pequeno*.

MARIA-COM-A-VOVÓ (*Synallaxis rutilans omissa*) — Passarito pardo enegrecido, com uma tinta olivácea no dorso e manchas vermelhas no peito e na região dorsal. E. Snelhage diz que a ele cabe aquela designação popular, tão sem graça e expressão.

A espécie *rutilans* comporta cinco sub-espécies. Desconheço o motivo pelo qual a menos vistosa, talvez, merecesse a atenção e crisma popular.

Olivério Pinto, sempre muito precavido, não lhe regista o nome vulgar.

JOÃO-DE-PAU (*Phacellodomus rufifrons rufifrons*) — Mede 15 1/2 cm. A parte superior é de cor sépia e a região ventral isabelina, a fronte tem um leve castanho avermelhado, que lhe valeu o nome específico.

É manso e confiado.

Na Baía é chamado *carrega-madeira* e na ilha da Madre Deus, escreve Olivério Pinto, rara será a árvore que não tenha o seu gigantesco ninho.

Enquanto dura a tarefa da construção, o casal faz ouvir a sua cantiga, uma risada parecida com a do *joão-de-barro* — sinal de que estão satisfeitos com o andamento das obras.

(29) Conquanto a aparência destes monstruosos ninhos, a que nos temos referido, seja idêntica, ou quasi igual, cada espécie faz suas modificações. Uns ninhos têm entrada pelo lado, outros por cima e outros por baixo.

Quasi se pode dar absoluta segurança a esse característico, pois cada espécie adota sempre o seu tipo. Convém notar que, por vezes, há falsas entradas e saídas de emergência.

Não é muito comum, mas têm-se encontrado, de quando em quando, entre a palitaria do ninho, pedaços de pele de cobras.

Euler aventa a idéa de que esse material aí esteja para espantar certos ofidios arborícolas, apreciadores de ovos e filhotes de passarinhos.

Parece-me perspicácia demais.

Há duas sub-espécies.

O ninho é oval e ora se encontra instalado em árvores altas, ora de média altura.

O príncipe de Wied descreveu magistralmente o "home" do *joão-de-pau* e notou que a ave, anualmente, faz outro ninho por cima do anterior, atingindo assim esta edificação um volume considerável e pesado, tanto que um homem o carrega com esforço.

O ninho propriamente dito, ou a câmara de incubação, demora ao centro dêste amontoado e tem acesso, na base, através dum corredor.

Mostra essa câmara uma forma arredondada, e no côncavo, bem tapeçado por musgos, capim seco, lã, fios, encontram-se os ovos em número de 4, que Wied diz que são brancos, redondos, e Paulo de Miranda ⁽³⁰⁾ informa que são de um branco sujo e medem 18×24 mm.

Uma interessante observação dêste último autor é que o *joão-de-pau* prefere colocar os ninhos em árvores altas, próximo aos pastos onde exista gado, porque estes, quebrando os galhos das árvores com as patas, reduzem-nos a gravetos, que a ave seleciona a seu bel-prazer, estimando como melhores os espinhosos ou nodosos, por motivos que ela lá o sabe. Talvez que as nodosidades permitam mais fácil entrelaçamento.

Os gravetos de japecanga (*Smilax* sp) e os de grão de galo (*Pouteria torta*) são os eleitos sobre os demais.

Vimos que o ninho, por vezes, é, na realidade, uma pequena colônia dêles e, se fizéssemos um corte longitudinal naquele montão, observaríamos que há um lar novo sobreposto a velhos lares. Nem sempre assim procede a ave e não raro constrói o outro ninho ao lado do anterior. Quando abandona o ninho, nem sempre fica devoluto, pois o *corrupião* (*Icterus j. jamacaii*) nele se instala descerimoniosamente.

João-de-pau faz uma postura em junho e outras em janeiro e dezembro.

COCHICHO (*Anumbius annumbi*) — É um dos talentos de que se orgulha a família dos furnariídeos, aliás cheia de criaturas inteligentes.

Veste-se, quasi como sua parentela, com plumagem cor terrosa em cima, fronte castanha, distinguindo-se bem uma região superciliar branca, cabeça, pescoço e dorso com estrias negras, em baixo é pardo ocráceo claro, garganta branca, margeada de manchinhas negras. Bico e pata de cor córnea clara. As retrizes são pretas com pontas amarelentas. Mede 210 mm.

(30) Barra do Paraopeba — Rev. Mus. Nac., vol. VII, N.º 2, 1931, p. 104.

O ninho é aquele montão de gravetos com o qual já nos familiarizamos.

O canto é alegre e composto de *titiris* repetidos. Quando voa, abre a cauda em leque.

Na Argentina, onde êsse pássaro é muito comum, entre tantos outros nomes, recebe o de "leñatero", *lenhador*, que lhe vai muito bem.

O material que entra na confecção do ninho é constituído também de ramúsculos, raízes, pedaços de arame.

Observadores fidedignos, que tiveram a paciência de espreitar o modo com que êste lenhador (e o mesmo pode-se dizer dos demais membros da família) edifica seu castelo de madeira fragmentada, informam que o trabalho de assentar o primeiro material, que é como se disséssemos os alicerces da construção, é penoso.

Colocam os ninhos na forquilha dum arbusto, no centro da copa, numa pernada de árvore e, às vêzes, em qualquer sítio, num moinho de vento, numa porteira e, já tive ensejo de o ver no varal de uma carroça, abandonada no campo.

Ao iniciar o trabalho, os gravetos não se seguram, caem a todo instante, mas as aves não desanimam e os ajustam, cruzam e recruzam com perícia tal, que acertam.

Feita a base, então a obra caminha rápido e, no final, a construção apresenta absoluta segurança.

Os outros pássaros bem apreciam os ninhos do *cochicho*, e de forma tão evidente, que os disputam ao próprio dono. Muitas vêzes tem sido visto o *canário-da-terra*, o *suiriri*, certo *Molothrus*, habitando o confortável casarão.

Na Argentina notaram alguns observadores que o *cochicho* constrói o ninho muito cedo, antes do período da incubação, e nele passa a quadra invernal, o que demonstra grande inteligência.

Um outro observador, J. B. Daguerre ⁽³¹⁾, regista um fato curioso. Diz que, logo que termina o trabalho da construção, o *cochicho* põe galhardetes na porta do ninho, como para festejar a conclusão da obra, a exemplo do que fazem os operários, quando terminam a cumieira dum prédio, na hora da cerveja preta.

Como enfeite, o *cochicho* usa qualquer coisa vistosa, um pedaço de lã, um papel de côr viva, etc.

Se non é vero...

ARAPAÇU-DOS-COQUEIROS — O *arapaçu-dos-coqueiros*, *Berlepschia rikeri* dos ornitologistas, é espécie amazônica.

(31) "El Hornero", vol. IV, p. 65.

A parte superior do corpo mostra-se avermelhada, rêmiges da mão, pardas; cabeça e parte inferior do corpo pretas, pintadas de finas linhas longitudinais brancas, diferenciando-se das coberturas inferiores, que são cruzadas de linhas brancas.

A ave mede: 22 cm., sendo 10 cm. de comprimento da asa; 9,5 cm. da cauda e 2,5 cm. do bico.

Habita exclusivamente a palmeira *Mauritia vinifera*, o nosso prestimoso buriti, isto segundo observação de Olalla ⁽³²⁾.

Este pormenor faz lembrar idêntica observação de Descourtilz ⁽³³⁾ sobre um certo *oiseau palmiste*, que durante toda sua existência vive no coqueiro em que nasceu. “Il, (escreve aquele naturalista) ne quitte plus guère le palmier sur lequel il est éclos”.

Como os pássaros a cuja classe pertence, vive entre as fôlhas e aí é que exerce sua atividade insetívora.

Mas não é exclusivamente assim que procede, pois muitas vezes são vistos marinhando pelos troncos, em busca de insetos, à guisa de certos parentes que inuitam os *picapaus*. Até o ruído típico que fazem estes martelando os troncos, também o produzem os *arapaçús*.

Notável é entre estes singulares pássaros o espírito de sociabilidade e afetuosidade. Vivem aos pares, geralmente dois casais, em cada palmeira, sempre na maior harmonia.

Suas tendências pacifistas e a nunca desmentida cordialidade se manifestam até para com as aves estranhas que lhes visitam a palmeira domiciliar, ao invés de tantas outras aves, de intolerante espírito localista, como os *bentevis*, por exemplo.

Os casais demonstram a mais intensa amizade e jamais se apartam, numa infindável permuta de carícias.

Quando um perverso caçador atira, acaso, numa destas aves, a companheira vem até ao solo em busca da vítima abatida e, vendo a inutilidade de seu gesto, retorna à palmeira. Durante dias seguidos ouve-se, na vastidão do buritizal, o apêlo



Fig. 8 — Arapaçu-dos-coqueiros
(*Berlepschia rikeri*).

(32) “El *Berlepschia rikeri* y su biología”. Rev. Mus. Paul., tomo XIX.

(33) “Voyage d’un naturaliste en Haiti 1799-1803”, Paris, 1935, p. 74.

inútil, o piar lamentoso da ave inconsolável. Como andam sempre juntas, em busca de alimento, com um só tiro é comum matar logo o casal.

Quem atravessa um buritizal, onde vivem estes pássaros, escreve Olalla, ouvirá, pela manhã, um silvo fino e penetrante, mais ou menos, *fi-fi-fi-fi-fi-fi*, umas vezes mais curto, outras mais longo: é a voz muito simplista dêste *arapaçú*. Nos machos êste *fi-fi* é um tanto mais forte e grave.

Quando um solta êste apêlo, logo toda a tribo faz côro, naquella solidariedade que torna o *arapaçú-dos-coqueiros* digno da difficil piedade humana.

Olalla diz que jamais se lhe deparou um ninho dessas aves, mas crê, com sobradas razões, que os mesmos se achem localizados no buriti onde o *arapaçú* passa toda a sua existência.

Na realidade, não é fácil procurar tais ninhos, pois aquella palmeira atinge, não raro, 50 metros de altura.

Há quem afirme que êsse *arapaçú* de que tratamos vive nos coqueiros (*Cocos nucifera*), mas Olalla só o encontrou ali de passagem.

O curioso é que tanto vive nos buritisais do centro da mata, como nos das clareiras.

Quando se sente muito perseguido, então deixa a área restricta em que habita, abandona o seu bairro, os buritis favoritos, e emigra para lugar tranquilo, para onde seu instinto de conservação lho indica.

ARAPAÇÚ — Além dos *arapaçús*, já citados, na ordem anterior dos dendrocolaptídeos, o povo dá êsse nome, pelo menos, aos dois furnariídeos seguintes:

Philydor pyrrhodes, que é pardo na parte superior do corpo, e na inferior, de viva côr ferrugínea, vendo-se ainda esta mesma ferrugem no uropígio, cauda e sobranceiras.

Mede pouco mais de 16 cm. e torna-se vistoso pela sua roupa. Habita a Amazônia.

Automolus infuscatus paraensis. Outro pardavasco do Alto Amazonas, o qual mostra côr vermelha na cauda e uropígio, porém a parte inferior do corpo é cinza lavada de amarelo ocráceo e a garganta branca.

É um patricio quasi desconhecido, afundado nos confins do Amazonas e do Perú, um cidadão que se pode considerar de dupla nacionalidade.

PINCHA-CISCO — Com êste nome e o de *vira-fôlha* e *papa-formiga* conhecem os frequentadores das florestas certos passarinhos insetívoros, que vivem de continuo no chão da mata, bisbilhotando, fariscando a bicharia miúda que se esconde por baixo das fôlhas velhas na intimidade morna e úmida do humus.

Neste mundo sombrio do rés-do-chão da mata, juncado de destroços de folhagem, alcatifado de serapilheira, que são os farrapos dos vestidos das deusas dos bosques, polula a vida das plantas inferiores, os fungos, os musgos e a estranha flora dos saprófitas.

Insetos muito variados e glotões, aracnídeos diversos, aí vivem em eterno banquete, na sua abadia de Telemo, e, para que reine equilíbrio vital no universo, lá estão os *vira-fôlhas*, com o bico adestrado, revirando o folheto morto debaixo do qual estua a vida de milhões de insetos. O *pincha-cisco*, quando está metido nestas caçadas, despreocupa-se de tudo, e é possível apreciar-se como está trenado em sacudir para os lados as folhas e pegar logo um bichinho que se vá escapulindo.

Goeldi contemplou, por vèzes, êste lindo espetáculo e ouviu-lhe igualmente o apêlo, a voz áspera um tanto parecida com a do *macuquinho* (*Lochmias nematura nematura*), porém mais cheia e forte.

O apetite dêstes pássaros é enorme, de conformidade com a fartura do eterno banquete.

Parece que o nome popular de *vira-fôlha* ou *pincha-cisco* se enquadra nas dez espécies e sub-espécies do gênero *Sclerurus*.

O mais conhecido aqui no sul é *Sclerurus scansor scansor*, que ocorre em Mato Grosso, sul de Goiás, Minas Gerais, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, R. G. do Sul, Paraguai e nordeste da Argentina.

É um passarinho de 190 mm. de comprimento, de cor bruna, um tanto avermelhada no peito e no uropígio. A garganta é alvacentá.

O *vira-fôlha* cava uma galeria horizontal de 5 cm. de diâmetro em braneos, e no fundo dela, em cavidade esférica, coloca o ninho, propriamente dito, que tem, seg. Goeldi, 21 cm. de diâmetro. O ninho descoberto por aquele naturalista estava forrado com uma camada de galhos secos e continha 2 ovos braneos, de 28 mm. $\times$ 21 mm.

A maioria das outras sub-espécies têm sua distribuição quasi toda incluída na Amazônia, existindo, no entanto, uma sub-espécie acentuadamente nordestina: Ceará e norte da Baía (*S. scansor cearensis*), e outra do leste brasileiro: Espírito Santo e sul da Baía (*S. caudacutus umbretta*).

MACUQUINHO (*Lochmias nematura nematura*) — Em se vendo uma vez êsse passarinho, não o confundimos com nenhum outro, devido à disposição das pintas brancas, como gotas, que se espalham no denegrido que vem da garganta à barriga. A parte dorsal é apardavascada.

O bico não é longo e a ave não mede mais de 150 mm. O seu canto é um *psi-ri-di*, reiterado, elaro, que vai longe.

Parcece que o *macuquinho* nos dá um exemplo muito frisante da faculdade adaptativa de certos pássaros.

Primitivamente, êle deveria viver na mata, próximo de coleções d'águas, margens de ribeiros, junto à ciscalhada, onde se desenvolvem larvas de insetos.

Mais tarde civilizou-se e logo aprendeu que junto às habitações humanas abundavam as larvas gordas das môscas, que é um petisco por que se pela.

Hoje encontramos essa avezinha postada nas desembocaduras dos canos de esgôto, valas de despejos, onde as môscas acham meio ótimo para o desenvolvimento.

Mal se descobriu tal hábito, e já o povo achou que lhe ia a calhar o título pomposo de *capitão-da-porcária* e, até o mais graduado, de *presidente-da-porcária*, nomes pelos quais é conhecido, respectivamente, no R. G. do Sul e em Minas. Registre-se ainda o nome de *tridi*, naturalmente oriundo do seu canto, que assim pode também ser escutado.

O ilustre titular, de tão suja memória, com essas predileções alimentares, vai prestando um serviço de enorme importância às populações rurais, atormentadas pelas môscas, inseto êsse inventado pelo demônio, se dermos crédito a um dos muitos apelidos de Belzebú, cognominado o rei das môscas.

Não faremos nenhum favor ao *macuquinho* em deixá-lo em paz e às môscas.

Dcixemo-lo, pois, no seu sujo mister, já que a Natureza, muito sábia, distribuiu o trabalho conforme foi possível e nem a todos podem caber tarefas limpas.

O ninho de tão útil pássaro é feito à margem dos rios, em galerias, que êle aproveita ou fura.

No fundo da galeria encontra-se uma mal ajeitada e escassa camada de musgo e penas, sôbre a qual êle põe dois ovos grandes, em relação ao tamanho da ave (26×19 mm.), e de muita alvura.

A distribuição geográfica do *macuquinho* abrange todo o Brasil meridional e central, nordeste da Argentina, Uruguai e Paraguai.



CAPÍTULO III

FORMICARIÍDEOS

Choca, chocão, papa-formiga, papa-ovo, assoviador, tovaca,
mãe-da-taoca, espanta-porco, pinto-do-mato,
galinha-do-mato.

Esta enorme família tomou a designação de formicariídeos, devido à predileção da maioria de seus membros pelas formigas.

O número total das espécies e sub-espécies brasileiras, já descritas, vai a 288, sendo que só Natterer chegou a colecionar 122.

Trata-se de uma família de pássaros exclusivamente neotropical. Os antigos autores encontravam certa afinidade entre essa família e a dos timeliídeos asiáticos, aos quais realmente se assemelham pelos costumes, natureza da plumagem, abundante e floeosa sobre os rins. Há, entretanto, um *facies* muito evidente e que a distingue e separa nitidamente daquela outra.

Um característico muito notável entre os formicariídeos e que os revela logo entre os demais pássaros da avifauna brasileira, é plumagem abundante e alongada sobre o dorso, emprestando-lhes aspecto rechonehudo, qualquer coisa assim como uma miniatura de galinha choca.

Há até certas espécies em que tão acentuado êsse característico é, que o povo batizou com o nome de *choca*.

Além dêste ar de família, alguns indivíduos do referido grupo ostentam uma mancha dorsal, meio escondida, mancha essa formada pelas bases brancas das penas do dorso.

A natureza não se aprimorou na roupa de tais pássaros, cuja plumagem não possui cores vistosas.

As fêmeas, na generalidade, têm colorido mais apagado e diferem assim dos machos.

Completando a súpula dos caracteres familiares, diremos que possuem bico forte, por vezes, em gancho, como se fossem pequeninos gaviões, ora em mal esboçado gancho terminal, ora direito; pernas altas e finas.

São aves de tamanho pequeno e médio e jamais ultrapassam o porte de um sabiá, exceto *Batara cinerea cinerea*, que mede 35 cm.

Aninham-se já em árvores, já em arbustos, sarçais e até no chão.

Todos os formicariídeos habitam a mata e vivem no chão, ou a pouca altura, no subosque, onde procuram alimento, geralmente insetos.

Não gozam de popularidade. Só quem frequenta a mata pode travar conhecimento com tais matutos retraídos e pouco confiados.

A propósito das aves que habitam as florestas espessas, há uma observação curiosa, que Bates já assinalara.

Trata-se do costume de aparecerem em bandos numerosos, constituídos de indivíduos de espécies diversas.

Maurice Bourbier ⁽³⁴⁾ observa: "Só os umbrófilos, aves das sombras, animam aqui e ali êsse oceano de verdura. Pode-se viajar durante horas através da floresta virgem, sem se perceber ou mesmo sem se ouvir uma só ave, porém, de repente, um concerto das mais diferentes vozes anima a solidão e, se alguém se aproxima, depara-se-lhe uma multidão de aves diversas, que, associadas, voam de árvore em árvore, de moita em moita.

Essas sociedades, poliformes e multi-coloridas, que se juntam em bandos solidários, são um dos mais curiosos fenômenos das sombrias florestas equatoriais e merecem se lhes estude a biologia.

Não é duvidoso crer que a estranheza de um meio obscuro e sem limites não exerça sobre as aves, amantes da claridade e dos amplos horizontes, uma impressão de espanto e de terror.

Reunidos uns aos outros, mesmo espécies diferentes, os labirintos assombrados da floresta talvez lhes pareçam mecos terríficos" ⁽³⁵⁾.

Os formicariídeos, entretanto, não se arreceiam muito dos assombramentos das matas e por lá aparecem também solitários ou aos casais, procurando, no solo, os insetos de que principalmente se alimentam.

Não só êles, mas os dendrocolaptídeos e conopofagídeos, igualmente insetívoros, também com o mesmo desreceo se comportam e da mesma forma granjeiam a vida.

Entre os formicariídeos vamos encontrar os elementos indispensáveis ao equilíbrio biológico, referente ao mundo poderoso das formigas.

(34) "L'oiseau et son milieu", Paris, 1922, p. 195.

(35) A. Bertoni, em "El Hornero" (Vol. III, p. 398), dá uma descrição minuciosa destes pelotões, aqui no sul da América, capitaneados por uma determinada espécie, e mostra como se distribuem, percorrendo sempre cada grupo a mesma zona, traçando círculos ou elipses, uns explorando a parte mais baixa, junto ao solo (formicariídeos), outros um pouco mais acima, e ainda um terceiro, a média altura, e mais para cima, até às grimpas, ainda outros bandos heterogêneos em que se abadernam até os tucanos.

São êsses os pássaros muito especialmente postos pela natureza para entravar o predomínio das formigas na região das florestas.

Perto dos carreiros das formigas de fogo (*Solenopsis* sp), tão abundantes, estão sempre de sentinela vários representantes dos gêneros *Phlegopsis*, *Formicarius*, *Hypocnemis*, etc.

Conhecidíssimos pelos seus hábitos formicivoros, atestados pelos nomes vulgares de papa-formigas, são *Formicivora rufa*, e também *Drymophila squamata*; muito conhecida por igual regime alimentar é a *choca* (*Thamnophilus*), a *galinha-do-mato* (*Grallaria varia imperator*) e a *tovaca* (*Chamaeza ruficauda*).

Quando as formigas de correição empreendem suas arrancadas através da mata, são vistos, seguindo aqueles exércitos em marcha, numerosos bandos de aves. Entre elas encontram-se os formicariídeos ⁽³⁶⁾.

Bates observou e descreveu a cena, a um tempo trágica e maravilhosa, dum dêstes exércitos, assoladores, talando a planície amazônica, despertando-lhe os rumores adormecidos, tangendo em fuga pânica todos os seres viventes da floresta, como que acoçados por uma legião de minúsculos demônios.

Raimundo de Moraes é o pintor exelso dêste quadro de guerra entre o mundo das formigas e o homem ⁽³⁷⁾.

A natureza, com aquele senso seguro das realidades, colocou na região amazônica o maior dos impérios mirmecológicos, propiciou às aves da família dos formicariídeos, dendrocolaptídeos e outros ilustres formicivoros, todos os meios de ali se desenvolverem, de forma que jamais se rompesse o equilíbrio que deve existir entre os seres que habitam o planeta.

É por essa razão que das 288 espécies brasileiras de formicariídeos a maioria habita aquela região, sendo que muitas outras espécies e sub-espécies vêm sendo continuamente descritas ⁽³⁸⁾.

(36) E' certo que as numerosas espécies de aves que acompanham os exércitos de formigas em marcha, não têm por fim nutrir-se delas e sim capturar, ao voo, os vários e abundantes insetos que fogem destas hordas famintas. Convém notar, no entanto, que Reichenow (1875 Jour. f. Ornithol, XXIII, p. 29) fez observações sobre êsse assunto e achou no estômago de *Alethe castanea*, no Camerum, uma multidão de formigas legionárias. Ainda o mesmo observador notou costume idêntico em *Turdinus fulvescens*.

Segundo o prof. Sjostedt (1895, Zur Ornithologie Kameruns, Kongl. Sv. Vet. Ak. Handl), no Camerum, nada menos de seis espécies que examinou, todas acompanhando as correições de formigas, tinham o estômago cheio delas.

(37) "A Planície Amazônica", Manaus, 1926, p. 158.

(38) A propósito de tão copiosa multidão de sub-espécies de formicariídeos e seus vizinhos dendrocolaptídeos, não vem fora de ensejo registrar as palavras do pranteado zoólogo patricio R. von Ihering, no trabalho "Em prol da catalogação da fauna do Brasil", in "Livro Jubilar do Prof. Lauro Travassos".

Aquele autor acusa justamente a sistemática em atender a pequenas



Ovos dos seguintes pássaros:

1 - Andorinha de rabo branco (*Iridoprocne albiventer*). — 2 - João tenenêm (*Synallaxis spix*). — 3 - Benteví pequeno (*Myiozetetes similis*). — 4 - Bicudo (*Oryzoborus maximilliani*). — 5 - Sai amarelo (*Calospiza cayana flava*). — 6 - Choca (*Thamnophilus ruficapillus*). — 7 - Maria-é-dia (*Elaenia j. flavogaster*). — 8 - Guaxe (*Cacicus haemorrhous*). — 9 - Canário da terra (*Sicalis flaveola*). — 10 - Tico-tico (*Zonotrichia capensis matutina*). — 11 - Serra-serra (*Volatinia j. jacarina*). — 12 - Tangará (*Chiroxiphia caudata*). — 13 - Sanhaço (*Thraupis sayaca*). — 14 - Siriri (*Tyrannus m. melancholicus*). — 15 - Papa-capim (*Sporophila caerulescens*). — 16 - Cambaxirra (*Troglodytes musculus*). — 17 - Caga-sebo (*Coereba chloropyga*). — 18 - Trinca-ferro (*Saltator m. maximus*). — 19 - Pássaro preto (*Gnorimopsar c. chopi*). — 20 - Benteví (*Pitangus sulphuratus*).



DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

Restringindo-me ao plano traçado, apenas descreverei as espécies que o povo conhece por nomes vulgares, pois das outras só aos ornitologistas interessam tais descrições

CHOCA — Cabe tal nome a certas espécies, que também são chamadas *borralharas*, e pelos indígenas *mbatará*.

Mas o nome de *choca* é mais empregado para designar as *borralharas* de menor tamanho, como as duas seguintes:

a) *Thamnophilus caerulescens caerulescens* — Mede 14 cm. de comprimento.

O macho é cinzento, com o alto da cabeça e nuca pretas, asas e cauda de igual côr, com pintas e debrum brancos.

A fêmea assemelha-se ao macho, mas é bruno parda na parte superior do corpo e amarelento em baixo.

O ninho, que é construído entre dois galhos horizontais, tem a forma de uma tijela funda, sendo feito de capim e, exteriormente, revestido de talos e musgos. Postura dois ovos.

Ocorre em Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e Paraguai.

A espécie *caerulescens* apresenta numerosas sub-espécies ou raças que se encontram umas no R. G. do Sul, Sta. Catarina, Paraná e certa zona de S. Paulo (*Th. c. gilvigaster*), outras no centro do país (*paraguayensis*, *ochraceiventer*), outras no nordeste (*cearensis*).

b) *Thamnophilus ruficapillus*. É espécie maior que a anterior, 16 cm. A plumagem geral é carijó. A cabeça, em cima, é pardo-avermelhada em ambos os sexos. A fêmea é semelhante ao macho, mas pardo amarela no lado inferior e o conjunto da plumagem é de um carijó menos acentuado.

discrepâncias de forma, côr ou medida, o que favorece o prazer que sentem os naturalistas em descrever espécies novas.

Acentua o fato e nota que se vem dando à sistemática um cunho de filatelia.

Por outro lado, lembra a plasticidade de certas espécies e a estabilidade de outras e, daí, o critério adotado de espécies estáveis e espécies plásticas.

Endossa a observação de F. Haas, ao aludir a formas ecológicas, que induzem "o especialista menos cauteloso a descrevê-las sob outros tantos nomes específicos e sub-específicos, quando de fato lhes deve caber um só nome".

Cita, entre outros grupos, os formicariídeos e os dendrocolaptídeos como constituindo espécies que apresentam grande variação específica, cujos limites de expansão condizem com as subregiões zoogeográficas em que vivem.

No Brasil podemos encontrar, segundo R. Ihering, duas zonas bem acentuadas, uma muito propícia à plasticidade de tipos (Amazônia) e outra, que com essa forma contrasta, apresentando tipos estáveis (Nordeste).

O ninho, que se encontra sempre entre dois galhos horizontais, mostra o formato de uma tijela funda (9 cm.). Feito de capim e adornado exteriormente de musgos, é forrado com pêlos da cauda de cavalo. Postura 3 ovos.

T. Alvarez menciona 6 ovos ⁽³⁹⁾ curtos, com campo branco e cobertos de manchas e salpicos de côr roxo bruna, maiores e mais numerosos no polo rombo, onde confluem formando coroa.



Fig. 9 — Choca (*Thamnophilus doliatus*).

Tais avezinhas, de canto mediocre, andam sempre aos casais e fazem postura em novembro. São grandes devoradoras de insetos. Vivem no sul do Brasil, leste de Minas e Espírito Santo, Paraguai, Uruguai e Argentina.

Ainda do gênero *Thamnophilus*, que contém 42 espécies e sub-espécies, citaremos:

Thamnophilus punctatus ambiguus, que é cinzento, com asas e alto da cabeça negros, malhado de branco.

O ninho apresenta a forma de tijelinha funda, é tecida interiormente de

raízes finas e forrado, por fora, com palhas, também finas, de milho e pedúnculos secos; localiza-se sempre numa forquilha.

A distribuição desta espécie vem desde sudeste da Baía, Espírito Santo, Rio de Janeiro e leste de Minas. Põe 3 ovos de campo branco, com manchas numerosas e pontinhos azulados, que se esbatem sempre apagados. Também é muito comum aqui no Rio de Janeiro *Thamnophilus doliatus*, cujo macho se apresenta vistosamente.

O gênero *Thamnophilus* é representado só na Amazônia por 21 espécies, segundo E. Sneath.

Recentemente Olalla ⁽⁴⁰⁾ relata-nos os hábitos de *Th. radiatus* (*Th. doliatus radiatus*).

Esse passarinho, grande apreciador de lagartas, já se distancia dos hábitos dos seus congêneres, pois é visto nas cercanias das habitações humanas, aos casais, entoando duetos.

(39) "Exterior y biología de las aves uruguayas". Rev. de la As. Rural del Uruguay, Julio, 1914.

(40) "Una viaje hacia el rio Juruá", in Rev. Mus. Paul., vol. XXIII.

A cantiga não pode figurar em nenhum *pot pourri*, mas a posição que tomam, ao emiti-la, erigindo o topete, como que zangados, vale por um belo espetáculo.

CHOCÃO (*Hypodaleus guttatus*) — É, como mostra o aumentativo, uma *choca* avantajada, pois mede 21 cm. O macho é todo preto, com manchas, arredondadas, nas costas e peito, e por essa razão é também chamado *borralhara pintada*.

A garganta e a barriga são brancas acinzentadas, e correm sobre as asas e cauda, estrias brancas. A fêmea é semelhante ao macho, mas as malhas são amareladas, e as estrias desta mesma cor.

Habita o sudeste do Brasil, Sta. Catarina, Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas e Espírito Santo, encontrando-se no Paraguai e nordeste da Argentina.

BORRALHARA — O nome pertence a espécies diversas, mas em geral aquela designação se refere às duas seguintes:

a) *Mackenziaena leachii*. Certamente uma das belezas da família. O macho mede 26 a 27 cm. e como praxe, no gênero, é todo negro, com manchas redondas brancas nas penas do dorso e estrias da mesma cor no abdome. A cauda é larga e tão longa, que constitui quase a metade do tamanho da ave. A fêmea obedece ao dimorfismo, tão característico da família, sendo bruna com as manchas e estrias amareladas.

Habita o Rio de Janeiro, sul de Minas, S. Paulo, Paraná e R. G. do Sul e indo para o sul do continente até a Argentina.

Não há referências sobre o ninho, mas gostam de frequentar os barrancos onde vegetam as sambambaias, e talvez aí seja localizado o seu *menage*.

São insetívoras como as demais, e H. von Ihering e Berlepsch acenam-nas de pilhar ovos e pintos no ninho alheio, o que não será de duvidar, pois muitas espécies da família possuem esse mau costume, como veremos adiante.

Além do nome mais vulgar de *borralhara*, registram-se outros, como *brujajara*, *brurajara*, duma origem tupi inatínavel. No R. Grande é conhecida por *papa-ovo* e *papa-pinto*.

b) *Mackenziaena severa*, um tanto menor que a antecedente (22 cm.). O macho é preto e a fêmea de igual cor, mas com estrias transversais pardo avermelhadas no corpo e asas. A cabeça, em cima, mostra cor de castanha e é provida de penas alongadas, formando topete em ambos os sexos.

Tem a seguinte distribuição: Rio Grande do Sul, Sta. Catarina, Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro. Encontra-se no nordeste da Argentina e sudeste do Paraguai.

MATRACA (*Batara cinerea*) — É o gigante da família, pois mede 35 cm., muito maior portanto que um sabiá, do tamanho da pêga europêia.

O macho, que é cinzento, ostenta topele negro, tendo o dorso, a cauda e as asas de igual côr, com linhas transversais brancas. É um passarão imponente. A fêmea traça-se duma plumagem pouco vistosa, de côr pardo-amarelenta, mostrando o vértice castanho, e aqui e ali, pelo dorso, estrias de côr pardilha.

Muito típico é o bico, forte, comprimido e um tanto recurvo na ponta.

Tal bico, aliás, lhe revela muito bem os hábitos. Sabe-se de fonte limpa que não se contenta somente com insetos e suas larvas.

Saqueia os ninhos de outras aves e devora-lhes os ovos e os pintainhos e dêste hábito lhe vem a alcunha de *papa-ovo*.

Afora essas denominações, também lhe chamam *rabilhão*, *borralhara* e *rajadão*. Nada encontrei sobre seu ninho e ovos. Quanto à distribuição geográfica, restringe-se essa ao Rio Grande do Sul, Paraná, S. Paulo e Rio de Janeiro.

GALINHA-DO-MATO (*Formicarius ruficeps ruficeps*) — Parte superior parda olivácea, alto da cabeça e fronte vermelha, garganta preta, peito e abdome cinzentos, com o flanco e erisso oliváceos.

A região da garganta, na fêmea, algo pintada de branco.

Mede 15,4 cm. É espécie peculiar à região costeira do Brasil, desde Sta. Catarina à Baía, existindo também em Minas.

A voz desta espécie é um pio algo parecido com o de um pinto já taludinho e daí o nome popular, que também lhe dão, de *pinto-do-mato*.

Na Amazônia existe uma sub-espécie: *F. r. amazonicus*.

O nome de *pinto-do-mato*, por motivo idêntico ao citado, também se aplica, na Amazônia, a *F. analis*, aliás mais conhecido por *tauoca*, e a *Myrmornis torquata*, já celebrado por Buffon como um grande devorador de formigas.

GALINHA-DO-MATO (*Grallaria varia imperator*) — Cabe ainda tal nome popular a esta outra espécie, muito maior que a anterior, pois mede 23 cm.

A plumagem é bruna, de mais carregada côr no dorso, indo até ao preto na orla; para a cabeça, acinzentam-se o tom geral, que amarelece na região abdominal.

Da mandíbula inferior, bifurca-se para cada lado uma estria branco-avermelhada, que se transforma em malha de igual côr no meio do pescoço.

O som de sua voz, quando soa na mata, infunde pavor.

Goeldi conseguiu apanhar uma fêmea e o respectivo filhote e manteve-os em cativeiro por longo tempo.

Wied informa que, segundo os botucudos lhe asseveraram, essa espécie aninha-se no chão. Os ovos são de formato curto e verde azulados, o polo anterior é bem obtuso. Medida dos ovos: 35-36 × 28-30 mm.

G. v. imperator é sub-espécie do sul: Rio G. do Sul, Paraná, S. Paulo, Rio de Janeiro e Paraguai. A espécie típica *G. varia* é da Amazônia, Guiana e Pernambuco. Registam-se algumas outras sub-espécies.

Aquí no sul, *galinha-do-mato* recebe ainda o nome de *pernalvada* e *tovacuçú*.

O povo ainda distingue na Amazônia pelo nome popular de *trontron*, ou *toron-toron*, uma outra espécie *Grallaria berlepschi*, que tem a parte superior do corpo olivácea, como as outras espécies do gênero, mas a garganta, o meio da barriga são brancos, o resto do abdome e o peito amarelado ocre pintado de pardo carregado.

Trontron encontra-se também em Mato Grosso.

Espécie muito parecida com essa, mas um tanto menor, e por isso chamada *tovaca*, é *Chamaeza brevicauda* e bem assim *C. ruficauda*.

Goeldi nota que essas duas espécies são muito apreciadoras de grãos, e tanto assim que se deixam seduzir pelo milho das arapucas e aí perdem a liberdade ⁽⁴¹⁾.

Os ovos de *C. brevicauda* são brancos, lisos, pouco lustrosos e de forma curta.

MÃE-DA-TAOCA (*Phlegopsis nigromaculata*) — O gênero *Phlegopsis*, com sete espécies e que tem por pátria a Amazônia, é fácil de reconhecer, porque em todos domina a cor pardo-anegrada e, ainda mais, apresentam a zona periorbitária nua e vermelha.

P. nigromaculata, que é a maior do grupo, pois mede 17 cm., tem a parte superior do corpo parda olivácea, com manchas largas e alongadas no dorso, cabeça, garganta e peito pretos; abdome pardo, asas, cauda e crisso vermelhos.

Enfileira-se entre os maiores inimigos das formigas e quasi sempre é avistado junto aos carreiros das formigas legionárias e, daí, seu nome.

(41) O formivorismo das espécies da ordem dos formicariídeos não deixa de ter numerosas exceções, sendo bem possível que algumas adotem um regime misto, especialmente as do gênero *Tamnophilus*. J. S. Decker, em "Aspectos Biológicos da Flora Brasileira", informa que a goiaba do mato (*Feijoa sellowiana*), também chamada feijoa e goiaba serrana, é fecundada por certos pássaros do gênero acima referido.

Aliás, as demais espécies do gênero igualmente se comprazem em devorar as taocas ⁽⁴²⁾ e por isso gozam de igual denominação.



Fig. 10 — Mãe-da-taoca (*Phlegopsis nigromaculata*).

PAPA-FORMIGA — Com este nome são apontados pelo povo vários formicariídeos, entre os quais citaremos:

Pyriglena leucoptera, que mede 17-19 cm. de comprimento. O macho é preto, com uma mancha no meio do dorso e duas faixas nas asas, de cor branca, cauda enegrecida e íris vermelha.

A fêmea é de cor geral parda, sendo pardo acinzentada na parte inferior; cauda denegrida. Ocorre na Baía, Minas Gerais e Bolívia. Chamam-lhe também *papa-taoca*, expressão híbrida, que significa o mesmo que papa formiga.

Pyriglena leuconota, espécie amazônica, um tanto maior que a anterior.

O macho é preto, com mancha dorsal branca; a fêmea é parda lavada de avermelhado, em cima, garganta esbranquiçada e abdome pardo.

Na Amazônia é conhecida por *mãe-de-torá*. Outras espécies deste gênero ocorrem na Amazônia, Pernambuco, Baía e oeste de Mato Grosso.

Myrmeciza squamosa — Mede 15-16 cm. e apresenta um bico fino, tarsos longos amarelos.

O macho, que é pardo, traz mancha dorsal branca com debrum negro. Asas e cauda de denegrida cor, coberteiras das asas com extremidades brancas, garganta e parte dianteira do pes-

(42) Taoca é o nome dado às formigas de correição (Eciton). O nome é nheengatú e parece significar "que não tem casa". O indígena observando esses exércitos de insetos em marcha, a esmo, tirou daí a ilação de que não possuem casa. Alguns escrevem tauoca.

coço negros, peito com penas pretas de orlas brancas e barriga desta última cor. A fêmea é semelhante, mas falta-lhe a cor negra na garganta e pescoço. Espécie do Sul, desde o R. Grande ao Rio de Janeiro, e surgindo, daí até a Baía, uma sub-espécie, a *M. loricala*.

Um informe recolhido por H. Ihering assevera que êsse *papa-formiga* não saltita pelo chão à mancira dos pássaros, mas anda normalmente como os galináceos. Em certos lugares é chamado *taquari*.

Registram-se ainda outras espécies, de gêneros diferentes, que gozam do epíteto *papa-formiga*, pelos seus hábitos, como *Sclernus mexicanus*, do norte do Brasil.



Fig. 11 — Papa-formiga (*Sclernus mexicanus*).

TROVOADA (*Myrmeciza ferruginea*) — É espécie amazônica. O macho apresenta a parte superior do corpo de cor vermelha escura, sobranceira branca, coberturas da asa superiores pretas com pintas amareladas e brancas; garganta e peito pretos, meio da barriga preto, com pintas brancas, flanco e cristo avermelhados. Fêmea semelhante, porém com a garganta branca.

O nome de *trovoada* advém-lhe do seu vozear.

Entre a turba-multa dos formicariídeos que ainda esperam um nome popular, muito curioso pelos seus hábitos, verdadeiramente misteriosos, está *Ramphocaenus melanurus amazonum*, que não mede mais de 12,5 cm.

A plumagem na parte superior do corpo é parda avermelhada, cauda preta e região inferior quasi inteiramente branca com o flanco lavado de amarelado, o que distingue de *R. melanurus*.

Parce representar um papel muito importante, porque é o capitão sagaz daqueles bandos de pássaros a que já nos referimos.

Olalla ⁽⁴¹⁾ pôde espreitar-lhe os passos e surpreender o modo muito singular com que se porta, quando assume a chefia dum núcleo de parceiros, em caça pelos meandros e clareiras das florestas.

Como sua agilidade é tão prodigiosa quanto a acuidade de seus sentidos, parece que os companheiros lhe confiam a missão de guiá-los pelo labirinto insidioso da mata.

Pageando a turma, mostra-se feliz e precavido, e nesses momentos solta um vozear fino, curto, trêmulo, que se ouve à distancia.

O bando pousa aqui, salta ali, passarinha acolá, voa e entre-voa, e o guardião vai seguindo, gárrulo, tangendo seu assobio, que parece dizer: "nada novo", "vamos para frente", "não há perigo".

Cada vez mais os silvos se espacejam e isso indica que os membros do bando, à proporção que satisfazem o apetite, vão-se emboscando por moitas e esconderijos naturais da mata.

Cessa por fim o mágico assovio, não se vislumbra mais um só pássaro, e o capitão do bando também, sorrateiramente, desaparece.

Cada qual, onde se lhe afigurou mais seguro ou ameno pouso aí fica, dormitando, em sesta ligeira, aguardando, para mais logo, o assovio do magnânimo guia para novas partidas de caça.

O estranho passarinho não somente guia, mas também protege toda a raça de seres plumados.

Basta que se ouça o grito de um pássaro nas aflições do perigo, para que surja, não sabemos de onde, o impávido defensor do mundo alado, como se fôsse o próprio gênio tutelar das aves, o *uirapurú* ⁽⁴⁴⁾. Sabendo, por experiência milenar, que os bubonídeos, do gênero *Glaucidium*, são tirânicos predadores dos passarinhos ⁽⁴⁵⁾, basta ouvir-lhes o silvo terrífico, para que logo apareça.

Isso não ignoram os caçadores, que, quando querem caçá-lo, do estratagema se valem, imitando aquele caboré.

De ovos e ninhos não há referência. Sabe-se apenas que na época dos amores, março-julho, bandos compostos de pouco mais de meia dúzia alvoroçam a floresta com incessante canto e, nesta quadra, rebentam lutas entre êles. *Cherchez la femme*.

E sobre o mais, o mudo silêncio da nossa ignorância.

(43) Rev. Museu Paul., t. XXIII, p. 291.

(44) *Uirapurú*, segundo a mitologia indígena, é o ser protetor das aves. Talvez fôsse observando as singularidades dos costumes de *Rhamphocenus melanurus amazonum*, que o indígena criou o mito.

(45) Vide "Da Ema ao Beija-flor", p. 204.

CAPÍTULO IV

RINO-CRIPTÍDEOS

O característico marcante desta família consiste no fato de terem seus representantes as narinas parcialmente cobertas por uma membrana.

Os tarsos são taxaspideanos, assemelhando-se nisso aos formicariídeos, com os quais se parecem um tanto nos hábitos.

A família, no Brasil, só conta três gêneros com um total de quatro espécies.

Trataremos apenas da única espécie do gênero *Liosceles*, porque seu representante *L. thoracicus thoracicus* é um pássaro escasso nas matas, raro nos museus, singular nos seus hábitos.

Trata-se de uma espécie que tem seu acantonamento na região do rio Madeira, entre este, o Tapajoz, Mato Grosso e João Pessoa, no Rio Juruá.

Não medirá mais de 17 cm., sendo que a cauda tem 8 cm. de comprimento e quasi outro tanto a asa.

O corpo, na parte superior, é pardo, o uropígio um tanto listrado de negro, freio, sobrolho e região auricular brancos, com pintas pretas; as coberteiras das asas são malhadas de preto e branco; parte inferior do corpo branca, mas atravessada, na região peitoral, por uma faixa alaranjada, que na parte dos flancos, barriga e região anal se enche de listras negras.

João Natterer foi quem o descobriu no Brasil, mas tudo se ignorava de seus hábitos.

Ultimamente A. M. Olalla ⁽⁴⁶⁾ dá-nos uma curiosíssima informação sobre *Liosceles*, informação de que nos vamos valer, nas linhas seguintes.

Ninguém ainda conseguira espreitar a vida íntima destes pássaros, cujo *habitato* restricto e longínquo ainda mais difficil tornava tal investigação.

O naturalista, a que nos referimos, capaz de atravessar o Estígio, a nado, para observar a fauna da outra banda, desvendou o recatado viver deste pássaro.

(46) "Notas de Campo" — "Observaciones biológicas" — Rev. Mus. Paulista, t. XXIII.

Surpreendeu-lhe a vida íntima, viu que cada casal se liga indissolúvelmente e jamais se aparta.

Andam por dentro da mata, sempre no solo, juntinhos como Dafnis e Cloe, no romance de Longus.

Vão fazendo suas pesquisas pelo solo, à cata de todos os insetos terrestres, e nesta empreitada, onde cavam o pão de cada dia — que são os bichinhos de que se nutrem — mostram-se amicíssimos.

Onde suspeitam haver um tesouro de bichos, enterrados no solo, eiscam como fazem os pintos, e, logo que um dêles descobre cousa que valha a pena, chama o companheiro, matam a caça, e repartem-na fraternalmente.

E lá vão a novas aventuras venatórias, caminhando sempre um após outro.



Fig. 12 — *Liosceles thoracicus*.

Se, atraído por qualquer cousa, um se desvia do outro e dêsse fica oculto, o que dá pela falta do companheiro trata logo de perguntar por onde êle anda. Logo se correspondem e, embora não se vejam, cada qual fica tranquilo, não sem repetir, amindadamente, a pergunta, e receber, infalivelmente, a resposta.

Dir-se-ia que o amor conjugal — escoraçado do ambiente humano — dolorido e errante pela floresta, fôra transformado, por uma boa fada, em aves e lá vive a grande vida do amor e do carinho.

Se desalmado caçador acaso abate um dos cônjuges, assiste-se, então, ao mais pungente dos espetáculos. O viúvo lança o seu

apêlo lamentoso, chama inquieto o seu par, corre por todos os cantos, mostra-se iroso, investe para o local onde desapareceu o companheiro. Não tem mais sossêgo nem euidado com a sua pessoa, não se esconde mais do caçador, como suplicando que o mate também.

Olalla chega a crer que de certo a avezinha solitária morrerá de dor pela perda irreparável ⁽⁴⁷⁾.

Eu não mataria uma dessas aves, nem mesmo em benefício da ciência. Certo rirão os homens práticos, por essas "pieguices sentimentais". Melhor seria que ehorassem os que assim pensam, porque perderam, ou melhor, nunca possuíram o sentimento da bondade para com os animais.

"A simpatia estendida para além dos limites da humanidade — a bondade para com os animais, escreve Axel Munthe, é uma das últimas qualidades morais adquiridas pela espécie humana; e quanto mais desenvolvida é esta simpatia no homem, maior é a distância que o separa de seu estado primitivo de selvageria.

O indivíduo a quem falta esta simpatia pode ser considerado como um tipo de transição entre o selvagem e o civilizado. Forma o elo da evolução do espírito humano da brutalidade para a cultura".



(47) Maranon observa que não escasseiam animais que se amem aos pares, constituindo assim verdadeiros casamentos, porém interpreta isso como uma necessidade que modificou o instinto.

A prova é que, uma vez sejam alteradas as condições de vida, a monogamia desaparece.

Cita como exemplo o pato, o canário e o pintassilgo, monógamos nas condições naturais, mas que a domesticidade tornou polígamos.

Há, evidentemente, exceções. A águia de cabeça branca tem o seu casamento como totalmente indissolúvel. Só a morte pode apartar o casal, e Letorneau consigna um caso ainda mais notável.

Diz esse autor que, para certo papagaio do Illinois, a viuvez e a morte são sinônimas, pois o falecimento de um cônjuge acarreta inevitavelmente o do outro. ("El Amor, en la naturaleza, en la historia y en la arte". Ed. González-Blanco — Madrid, 1931).

CAPÍTULO V

TIRANÍDEOS

Pombinha-das-almas, lavadeira, viuvinha, maria-preta, suirirí, teque-teque, alegrinho, João-pobre, papa-pirí, maria-é-dia, guaracava, benteví-pequeno, bentevis, suirirí-tinga, caga-sebo, verão, lecre, sirirí, tesoura.

A família dos tiranídeos é essencialmente americana, encontrando-se os seus representantes, em grande maioria, na região neotrópica ⁽⁴⁸⁾. O Brasil possui 166 espécies, seg. H. e R. Ihering.

Como caracteres familiares, podemos dizer que todos possuem bico variável em tamanho, porém, quasi na maioria, tão longo quanto a cabeça, curvo na ponta, e, às vezes, deprimido e sempre com cerdas na base; o tarso-metatarso é de escutelação exaspidcana.

A forma, tamanho e cores variam muito e em algumas espécies o macho e a fêmea diferem.

Uma boa maioria de tiranídeos possui topete, por vezes inaparente, mas que avulta, em certos momentos; em outros casos não há realmente topete, porém um simulacro deste.

Tais topetes são total ou parcialmente constituídos de cores vistosas (amarelo ou vermelho).

Cauda normal, exceto em alguns gêneros, como *Arundinicola* (*viuvinha*), *Yelapa* (*tesoura-do-campo*) *Alectrurus* (*galito-do-campo*), *Colonia* (*viúva*), etc.

Em se tratando de nidificação, há diferenças notáveis, como assinalaremos, ao descrever as principais espécies.

Os tiranídeos têm regime alimentar insetívoro e representam papel primacial na luta biológica, auxiliando bravamente os lavradores, porque gostam de frequentar as fazendas, hortas e pomares.

A. de Miranda Ribeiro quis acentuar bem o fato, quando escreveu "... é talvez a família que mereça a maior proteção por parte do Estado; o extermínio impiedoso — principalmente por parte do colono italiano — das aves de todas as qualidades, de

(48) A região neotrópica é a que vem do México até o extremo sul do continente americano.

S. Paulo, talvez seja o principal responsável pelo surto de *Stephanoderes* nos cafésais daquele importante centro produtor agrícola brasileiro” (49).

Algumas espécies, em certas quadras do ano, talvez por escassez de insetos, comem frutas, sem causar, entretanto, danos à pomicultura.

Em geral não se recatam muito na localização dos ninhos e quem quer que vá ao campo terá ensejo de observá-los.

Os tucanos costumam rondar-lhes a casa, de longe, sorratamente, com ar sonsarrão de que nada querem; mas, em se lhes deparando oportunidade, esvaziam-lhes o ninho, tenha êle ovos ou pintos.

Os tiranídeos, entretanto, são vigilantes e intrépidos e dentre êles alguns, geralmente *bentevis*, *suiriris* e *tesouras*, saem em perseguição de rapaces de grande vulto, como o *caracará*.

Por vêzes tem-se visto perseguindo o urubú, mas não consta que êsse lhe cause dano. Talvez não gostem de pretos.

O sorumbático urubú, quando se vê agredido, dispara em vôo, mas o benteví cavalga-lhe o dorso e sapeca-lhe valentes bicadas.

Não obstante a bravura leonina com que defendem o lar, o astucioso do chopim sempre encontra jeito de introduzir no ninho de algumas espécies um ovo espúrio, obrigando-as a chorar e criar filho alheio e, ainda por cima, preto.

A maioria dos tiranídeos preferem os campos, as amplas clareiras e orlas das florestas, vindo sempre para próximo das habitações humanas. Há espécies, pouco numerosas no entanto, que vivem exclusivamente na mata.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

POMBINHA-DAS-ALMAS (*Xolmis cinerea*) — Veste-se toda de cinzento, exceto asas e cauda, que são pretas; a garganta e o crisso brancos. Por debaixo dos olhos há um friso bem patente e negro. Mede 24 cm.

Sôbre o negro das asas e da cauda há manchas brancas.

É a *maria-branca* dos mineiros, *maria-é-dia*, a *guira-ru-nhe-engeta* dos tupis e o *pepó-azá* dos guaranis.

D'Orbigní diz que a ave nidifica na palmeira macaúba, e descreve-lhe o ninho, que é uma tijela feita de gravetos finos e raízes, sendo internamente forrado de penas. O ovo (27-30 × 20-21) é branco, com poucas manchas roxas no polo rombo.

Outra *pombinha-das-almas* é *Xolmis irupero irupero*, que os sul-riograndenses chamam *noivinha*, bem menor que a anterior,

(49) “Considerações preliminares sôbre a Zoogeografia brasileira” in “O Campo” — Dezembro, 1937, pág. 54.

pois mede 13 cm. e veste-se de branco, tendo as primeiras rê-miges e a ponta da cauda negras.

Vestimenta assim tão singular valeu-lhe também o nome de *viúva* e há até certa lenda que daí se originou.

Segunda velha tradição do folclore sul-americano, *Vadí* era casado com uma linda moçoila da raça branca, que muito o amava.

Internou-se o marido feliz no espesso da floresta e quis o acaso que morresse.

Quando sua espôsa soube de tão desditoso acontecimento, pôs logo luto por cima de suas vestes brancas e internou-se na mata, alucinadamente.

A dor transformou-a em ave, que, aflita, olha para um e outro lado, clamando *Ah Vadí! Ah Vadí!*

Montiel Ballesteros, em suas "Fábulas" de motivos americanos⁽⁵⁰⁾, conta-nos a lenda de certo pássaro, chamado "viudita", que deve ser a *noivinha* dos gaúchos.

É história fabulosa das muitas faces da inconstância feminina.

Certa noiva, logo que se fez espôsa de um trabalhador rural, achou-se superior ao seu homem, porque outros a requestavam.

Logo que o espôso saía para a conquista do pão, mosqueava sob a sombra do ombú o cavalo bem aperado de um visitante.

Certa vez tardava a chegada do pobre camponês e ferviam, em derredor, os comentários.

Houve quem insinuasse:

— Mataram-no em alguma briga.

E outro, mais perverso, ajuntou:

— Os tempos andam duros, e melhor é tocar viola, que sustentar mulher.

Não se emocionou a espôsa e, supondo-se esquecida, premeditava a desforra.

E foi-se ao primeiro gesto do mais afoito cortejador.

Quando de caminho, à garupa do cavalo do seu enamorado, cruzou com o marido, que voltava ao lar, enfêrmo e triste, à procura do aconchêgo da companheira. O mísero encontrou vazio o rancho.

Enquanto morria, ela, a fugitiva, teve uma visão: viu-o pálido, com o frio da morte nos olhos, que a buscavam inutilmente, com os lábios lívidos, que lhe balbuciavam o nome, abraçando à guitarra, como se fôsse a um corpo de mulher.

(50) Montevideu 1929 — 2.^a edição.



Lançou um grito doloroso e, quando o companheiro assustado se voltou para vê-la, quando intentou abraçá-la, ei-la que se transforma nesse passarito branco e triste, condenado a chorar pelos tempos fora a viuvez inconsolável e a inconstância do amor.

Há ainda uma terceira *pombinha-das-almas*, *Xolmis velata*, parecida, aliás, com a primeira referida acima.

O ninho, que é uma tijela feita de gravetos forrado com raízes e cabelos, colóca-o a ave em cavidades naturais dos cupins, em forquilhas de árvores pequenas e entre grossos péciolos das fôlhas dos coqueiros.

As espécies referidas ocorrem aqui no centro e Sul, indo até a Baía.

X. vetata também é encontrado no Pará.

O mesmo gênero ainda comporta mais outras espécies. *Mocinha-branca* ou *maria-é-dia*, *Xolmis cinerea*, tem no gavião *quiquiri* um inimigo natural, conforme já nos referimos no trabalho anterior "Da Ema ao Beija-Flor" ⁽⁵¹⁾.

LAVADEIRA (*Fluvicola climazura climazura*) — A *lavadeira* estina a companhia dos sêres humanos, gosta do ambiente das vilas e cidades, e diz Olivério Pinto que entre todos os pássaros da Baía é aquele que acompanha o homem nos lugares habitados.

Fico a pensar que bem melhor teríamos andado em trazer aqui, para a Capital, essa nortista amável, que o *pardal*, terrível e indesejável parisiense.

O confronto entre os dois pássaros bastaria para decidir.

O *pardal* é perseguidor de todos os outros pássaros, turbulento, teimoso e intrometido. Antipático, pois, por essas qualidades, é ainda um inimigo das culturas, comendo todas as espécies de sementes. Graça não lhe vemos e os seus incessantes *tui-tui* acabam por enfastiar.

A *lavadeira* é o inverso de tudo isso, elegante, graciosa e bem comportada.

(51) Recordemos fato idêntico existente entre o xofrango e a cotovia, na fauna européia. Aquêlo, sempre que a encontra, sai-lhe ao encalço, e esta não tem a calma precisa nem a mestria em se livrar do algoz como *X. cinerea*. Esconde-se, como pode, espavorida.

A lenda diz que Cila, filha de Niso, apaixonada por Minos, traíu o pai, arrancando-lhe um fio de cabelo do qual pendia a segurança do reino. O pai, cheio de ódio, queria vingar-se, sendo transformado no gavião xofrango, e a filha, na ave chamada cotovia. Daí a perseguição.

Anda em pequenos grupos e quasi sempre aos casais, sendo útil, porque se alimenta de insetos. A sua voz é velada e meiga.

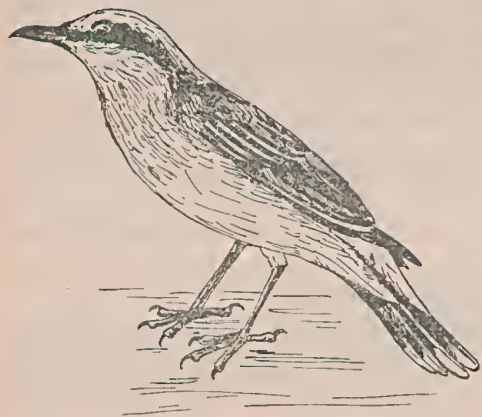


Fig. 13 — Lavadeira (*Fluvicola albiventris*)

É ave pouco menor que um *sabiá*, de cor cinzenta clara em cima, branca em baixo, asa dum cinzento escuro, com espelho branco, uma lista preta vem-lhe da comisura do bico, passa por sobre os olhos e esbate-se na nuca, dando-lhe um aspecto característico, que a distingue de *Xolmis irupero*, em tudo mais igual a ela, e até no nome.

Fluvicola c. elima-zura tem sua área de distribuição geográfica restrita ao Nordeste, da Baía ao Maranhão, mas

sua prima *F. p. albiventer*, que tem a parte superior preta, asas e cauda orladas de branco e desta mesma cor toda a parte inferior do corpo, fronte e o uropígio, não só ocorre na Amazônia como Goiás, Mato Grosso e Minas, indo até a Argentina.

No Norte é chamada *lavadeira-de-Nossa-Senhora* ou *lavadeira*.

Essa avezinha persegue os insetos no voo, e vem até o chão buscá-los.

O nome de *lavadeira* é dado vulgarmente às aves do gênero *Fluvicola*, no Norte, mas também o mesmo nome é extensivo a *Xolmis velata* (*pombinha-das-almas* aqui no Sul) e a *Arundinicola leucocephala*, essa última mais conhecida por *viuvinha*, da qual a seguir trataremos.

VIUVINHA (*Arundinicola leucocephala*) — Não alcança sequer o tamanho dum *tico-tico*, porém é muito mimoso e ornamental esse pássaro, que, além do nome de *viuvinha*, é conhecido por *velhinha* e *rendeiro*. Na Amazônia tem o nome de *lavadeira-de-Nossa-Senhora*.

O macho é todo preto, com a cabeça branca, e a fêmea é parda escura, no dorso, com a fronte, garganta e pescoço anterior brancos e região ventral cinza muito clara e cauda negra. Tem um cantar suave e dolorido.

Aninha-se nos brejos, em pequenos arbustos, e seus ninhos repousam em forquilha e são algo globosos, fechados, tecidos

de talos, capim, raízes e penas, segundo observação pessoal, mas o príncipe de Wied fala também em paina, barba-de-velho, observação, aliás, confirmada por Euler e Illering.

Aparecem quasi sempre aos casais e nunca se afastam dos córregos, brejos e lagoas, cuja vegetação palustre, constituida de gramíneas e juncos, parece propicia ao seu meio de vida, como já notou Olivério Pinto.

Este autor observou um fato curioso.

Cada casal vive junto sem concorrência de outros, porém, mal um dos cônjuges morre, é imediatamente substituído por outro.

Como experiência, Olivério abateu um casal, e no pousadouro costumeiro daquele, outro logo apareceu; matou um dos membros do casal, espôso ou espôsa, e logo sem perda de tempo, surgiu outro companheiro.

Viúvinhas expeditas essas! Não vão para as fogueiras, como as de Malabar, mas queimam-se imediatamente nas aras do Amor.

Outras viúvas há ainda mais evoluídas, porque já em vida dos futuros defuntos têm um substituto.

Essas avezinhas, de grande utilidade, porque se alimentam de insetos, encontram-se distribuidas desde Paraguai até Colômbia, Venezuela e Guianas.

Há sobre a *viúvinha* a seguinte lenda, colhida pelo marquês de Wavrin ⁽⁵²⁾:

Certa mulher e seu espôso desejavam abandonar a região onde viviam, mas achiavam-se em embarços por causa de um casal de filhos que tinham. O pai chegou a pensar em matá-los, alvitre cruel que a mãe repeliu. Concertaram então um plano. Meteram-se pela floresta e caminharam o dia todo sem deseanse dum minuto. Sobre a noite, chegados a um reeanto propicio, ai dispuseram-se a dormir. As crianças, esfalfadas de tamanha marcha, adormeceram profundamente. Logo que os pais presentiram que os dois filhos estavam mergulhados em pesado sono, dali se afastaram em silêncio, sem deixar um traço sequer da direção seguida. Na margem do rio tomaram uma piroga e lá se foram para desconhecida região.

Quando já o sol ia alto, acordaram os dois abandonados e começaram a ehanar pelos pais. Seus gritos perdiam-se na amplidão da mata. Apossara-se dos irmãos estranho medo e começaram a chorar convulsamente, abraçados. O choro aos poucos se transformou em sentida lamentação. Condoído pelo destino daqueles infelizes, Cusinamui metamorfoseou o rapazinho na ave

(52) "Moeurs et Coutumes des Indiens Sauvages de l'Amerique du Sud"
— Paris, 1937.

conhecida por *viúva* ou *viuvinha*, e sua irmã, na pequena queda d'água dum córrego.

É por isso que, em noites de luar, se ouve o piar tristonho da *viuvinha* sempre junto ao quicxume dos regatos murmurantes.

VIÚVA (*Colonia colonus colonus*) — Não se confunde esta com outras *viúvas* ou *viuvinhas* ⁽⁵³⁾, porque tem cauda longa. Os pássaros do gênero *Colonia* possuem duas penas internas da cauda muito longas em relação às outras penas caudais.

Na realidade *C. c. colonus* tem as duas penas internas da cauda, estreitas, sem bárbulas e alongadas em pua (25 cm.), enquanto as demais são curtas (16 cm.) e barbudas. Isto dá à ave elegante singularidade.

A plumagem geral é toda negra e dêsses crepes emerge uma cabecinha gentil, de côr cinzenta clara. O uropígio é também cinzento quasi branco.

Como a maioria dos membros da família, gosta de postar-se nos cocurutos das árvores, no mais sobranceiro galho, onde divisa amplos horizontes e, sobretudo, os insetos que voejam. Não é dos mais ariscos tiranídeos e tem a particularidade de aproveitar os ninhos abandonados dum picapau-anão (*Picumnus e. exilis*). Ovos de côr branca, sem lustro e em número de 3, seg. Euler. Sobre o tamanho dêstes ovos divergem os autores.

No Brasil é encontrada em: S. Paulo, Rio de Janeiro, Baía, Minas e Mato Grosso.

Ainda se pode fazer menção de *Lichnops perspicillata perspicillata*, conhecida igualmente por *viuvinha*, e “viudita” e *pico de plata* na Argentina, que habita igualmente os banhados e tem hábitos semelhantes à anterior.

Não mede mais de 15 cm.

O macho é negro, com as primárias brancas, menos na base e no ápice, que são também negros, bico branco e uma aréola membranosa branca, em redor dos olhos, patas negras. A fêmea, um pouco menor, é negra na parte superior, com orladura côr de canela; primárias avermelhadas com ápice negro, por baixo leonada até as sub-caudais, peito com estrias negras, cauda com orla ligeira de acanelada côr, no mais semelhante ao macho. Postura 3 a 4 ovos, brancos com manchinhas acastanhadas. Habita Rio Grande do Sul e Mato Grosso, no Brasil.

MARIA-PRETA (*Knipolegus lophotes*) — Macho e fêmea vestem-se inteiramente de preto e até o bico é desta côr. Orna-lhe a cabeça um topete igualmente negro. O branco só se vislumbra na base das rêmiges.

(53) Convém lembrar que o povo conhece ainda sob o nome de *viúva* e *viuvinha* vários pássaros de côr preta com algum enfeite branco. Mas os aqui apontados são os que recebem mais geralmente tal nome.

Frequenta os campos do Brasil meridional, Minas, Mato Grosso e Baía.

Ovos brancos com pontos pouco numerosos na ponta romba.

O gênero *Knipotegus* apresenta ainda mais seis espécies, sendo em geral inteiramente negros os machos. As fêmeas nem sempre são pretas.

Vamos dar ligeiros traços sobre algumas das espécies.

K. cyanirostris — Quer os machos, quer as fêmeas são pretos, com iris vermelhos. Bico azul celeste. São de menor tamanho que a *maria-preta* e falta-lhes a poupa.

Os adultos só depois de um ano é que apresentam a cor negra que lhes é característica. Antes disso predomina a cor castanha, menos escura nas fêmeas. Ovos semelhantes aos anteriores com 21×16 mm. Espécie do Sul.

K. nigerrimus. Parece-se com *K. lophotes*, porém é menor, com topete bem insignificante e bico azul piçarra.

A fêmea, no entanto, não é inteiramente preta, pois mostra manchas vermelho-pardas, na garganta. Espécie igualmente do Sul.

K. striaticeps pertence hoje a um gênero à parte, *Entotriccus*. É espécie de Mato Grosso, é cinzenta com olhos vermelhos.

K. pusillus está no caso anterior, passando para o gênero *Phaeotriccus*. É espécie da Amazônia, apresenta acentuado dimorfismo sexual, pois, segundo a regra, o macho é negro, porém a fêmea mostra cor olivácea avermelhada na parte superior; cauda e uropígio vermelhos e parte inferior amarela pintalgada de pardo.

SUIRIRÍ (*Machetornis rixosa rixosa*) — A designação específica retrata bem a índole rixenta desta avezinha, pouco menor que o *benteví* verdadeiro, pois mede mais ou menos 21 cm.

A cor parda terrosa da parte dorsal realça-lhe um tanto o amarelo desmaiado da garganta e do pescoço, avivando ainda mais o amarelo canário de toda a região ventral. Encima-lhe a cabeça um topete vermelho, amarelo na base das penas; o pescoço posterior é de cor geral terrosa. Bico e patas negras.

Sabe fazer ninho com habilidade, tecendo-o com filaça das árvores, lã, crina e quasi sempre o ajeita em cavidades naturais ou artificiais que encontra, mas, sempre que pode, apropria-se do ninho do *cochicho* e do *joão-de-barro*.

Se, para obter o ninho alheio, fôr preciso armar um sarilho, então o *suirirí* está como quer, pois, como certos capadócios aruaceiros, só pensa em brigar.

É do barulho êsse pimpão.

Os ovos, que medem $22-25 \times 17-20$ mm., têm fundo branco, com rajadas e pontuações marrons e alguma cor de cinza.

Alimenta-se de insetos, que caça no vôo. No campo em que há gado pastando, bois, eavalos e carneiros, lá está o *suiriri*, quasi sempre meio metro à frente do focinho do quadrúpede, a espera de que êsse, ao toear na vegetação, faça voar insetos, logo apanhados. Quando se enfara desta posição, vem passear no dorso das alimárias. Ao gado do pastoreio já se tornou familiar o furtivo caçador de insetos, e por vêzes observamos, no campo, uma rês caminhando cavalgada pela citada ave, que se equilibra como pode, sempre engulindo a bicharia voejante. Quando abielia um inseto, comemora o acontecimento com breves e sonoras notas. Não chega a ser um gorgeio, nem o grito estridente de seu parente *bentevi*, mas uma composição quasi musical, um tanto sonora.

Na Argentina, onde lhe chamam *ovelheiro*, accusam-no de causar certas feridas na cernellia e dorso do gado, uma chaga de rebelde cicatrização, conhecida pelo nome de matadura.

Vem daí o fato de, por igual designação, ser muito conhecida essa ave naquela república sul-americana.

A acusação referida não tem o menor cabimento; passeando no dorso dos animais, ali apenas se ocupa de eacar mósas e mutueas. A ave não provoca a matadura ou pisadura. Entretanto, talvez ao apanhar as mósas que ali se assentam, acabe por agravar o ferimento, sempre originariamente feito pelos arceios mal adaptados, que roçam naquela região.

Accusam-no de comer abelhas, mas parece que seu easo se enquadra dentro de fato idêntico atribuído ao *bentevi*, conforme veremos.

Já tive ensejo de ver em viveiro o *suiriri*, alquebrado na sua natural viveza, com o ar acabrunhado de certos presidiários.

Conta-nos Castellanos que conseguiu criar um dèsses tiranídeos. Dócil mostrava-se o pensionista, que, gozando de liberdade, voltava sempre para casa e se deixava segurar pelas pessoas que dele cuidavam. Num de seus passeios foi surpreendido por certa tempestade que o matou.

Curioso é que o brigão do *suiriri*, que, como o *bentevi*, persegue até os falconídeos, mostre gênio amável e goste de se aproximar das moradias, chegando a se aninhar em laranjeiras do pomar.

A espécie é largamente distribuída pela Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Venezuela, Rio G. do Sul, S. Paulo, Minas, Mato Grosso e Baía.

É ave dos campos, sendo até conhecida pelo nome de *suiriri-dos-campos*. Na Baía é mais vulgarmente denominado *bentevi-de-coroa*.

Ainda com o nome de *suiriri* o povo conhece outro tiranídeo (*Satrapa ieterophrys*), bem mais pequeno, não passando de 16 cm., chamado *suiriri-amarelo* no Paraguai. É verde eseuo pela parte

dorsal, com asas e cauda escuras, e parte inferior dum lindo e vistoso amarelo. Uma raja também corre por sobre os olhos. A fêmea é de coloração menos viva. São vistos aos casais, próximo às povoações. Em forquilhas das fruteiras do pomar colocam o ninho, o qual tecido com gravetos, palhas e raízes, tem alfombra interna de penas e mostra abertura na parte superior.

A distribuição desta espécie é quasi igual à de *rixosa*.

TEQUE-TEQUE (*Todirostrum poliocephalum*) — Pertence a um gênero em que há numerosas espécies, todas do norte do Brasil, especialmente da Amazônia e Guianas.

O nome amazonense, que abrange todas as espécies em virtude da semelhança, é *ferreirinho*.

A distinção entre os *ferreirinhos* é feita pelos ornitologistas e fundamentada na distribuição de côres. Para o povo tudo é *ferreirinho*, nome que lhe vem da onomatopéia do canto. *T. poliocephalum* é a única espécie que vem até S. Paulo. Em certas regiões é chamado *joão-de-Cristo*.

É um passarinho de 10 cm. de comprimento, verde azcetonado por cima, vértice escuro com mancha amarela em cada lado da fronte. O bico é preto e chato como no *bentevi-de-bico-chato*, guardadas as proporções.

O ninho foi muito bem descrito por Euler. Trata-se de uma bolsa curta e redonda, com entrada no meio, entrada essa protegida por um beiral saliente. O material empregado é a paina, talos e palhas, sendo a câmara guarnecida de lã vegetal.

Ovos, três, brancos avermelhados, com uma coroa formada por uma constelação de manchinhas na parte romba. Tamanho do ovo 16 × 12 mm.

ALEGRINHO (*Serpophaga subscristata*) — *Modestinho* era um nome a calhar para êsse pequenito, que não mede mais de 12 cm.

Afora a modéstia do tamanho, também muito discretamente se veste, canta baixo, um *tiqui, tiqui* sem relêvo e anda pelas ramagens tão cautamente, que mal se lhe atina com a presença.

Quasi sempre está silencioso e não sabemos de quem o tenha visto em companhia de outro.

A parte superior do corpo é um cinzento azulado, topete negro, com penas brancas por dentro. As asas rêmiges escuras têm faixas brancas. A parte inferior do corpo é plúmbea clara, ainda mais lavada de branco na garganta. Ventre branco. Bico e patas negras.

Pelo nome deve ser comedor de formigas — *Sérphos*, em grego, era nome de uma forniga alada.

Gosta das capociras. Habita S. Paulo, Minas, Paraguai, Bolívia, Argentina.

O ninho é uma tijelinha, um tanto menor e mais bem cuidada que a do seu parente *joão-pobre*. Os dois ovos da postura, de cor branca amarelada, medem $14-15 \times 11-12$ mm.

João Pereira fala em postura de 3 ovos, de 17×14 (Mem. del Jardim Zoológico, t. VII, p. 270).

JOÃO-POBRE (*Serpophaga nigriceps*) — É em quasi tudo parecido com o seu parente *alegrinho*, mas o branco do topete, que naquele está escondido, neste se nota.

Mostra-se mais esperto.

As faixas das asas são cinzentas escuras, enquanto no outro são brancas.

O ninho é uma bola, ou melhor, em forma de cadinho, feito de raízes e forrado de grossa camada de paina, e chega a medir 9-10 cm. de diâmetro.

Coloca-o sempre sob um abrigo debaixo dum alpendre, no cavado duma ribanceira.

Os ovos, dum branco amarelado, medem $16-17 \times 12 \times 13$ mm. Postura 2 a 3 ovos.

Em lugar de frequentar as capoeiras, como o *alegrinho*, gosta das matas que margeiam os rios ou riachos.

Empoleirado num galho, aí se queda, mas, de repente, projeta-se ao ar, voltando rápido ao pouso, como se fôsse puxado por oculta mola.

Cada pirueta destas é um inseto a menos no mundo.

Ocorre em Minas e do Rio de Janeiro para o Sul, indo ao Uruguai, Argentina e Paraguai.

PAPA-PIRÍ (*Tachuris rubrigastra*) — Lépidio e elegante, o *papa-pirí* apresenta uma roupagem escura na parte superior, o vértice tem cor vermelha com orla amarela; a parte inferior é amarela, mas o crisso vermelho. Há manchas brancas nas asas.

Resulta de tudo isso uma bela combinação, dando à ave certa personalidade, uma distinção bem marcada.

Habita os piraíes e aí localiza o ninho, que é uma tijelinha, arquitetada com esmero e perícia.

Sabe, com arte, grudá-lo às folhas dos juncos e fixá-los ao tronco triangular daquela planta.

O ninho prolonga-se para baixo, estreitando-se, e assim termina na forma dum cartucho, que envolve a haste do junco.

Os ovos brancos amarelados apresentam por vezes uma coroa, de cor esbatida, na ponta romba. Medem $15,5 \times 12$ mm.

Não sei quem haja bisbilhotado a vidinha desta elegante, a qual vida por enquanto fica em segredo.

No Brasil só lhe tem sido assinalada a presença no Rio G. do Sul e S. Paulo. Vive no Paraguai, na Argentina e até no Chile.

MARIA-É-DIA (*Elaenia flavogaster flavogaster*) — Jovial e madrugadora, *maria-é-dia*, ou *marido-é-dia*, não permite que ninguém demore no leito, depois que a madrugada começou a roçar sua clâmide de luz pelos cabeços dos montes.

Então enche a manhãzinha de gritos: “*maria-é-dia*”, *maria-é-dia*”, convite amável para deixar o tépido aconchêgo dos lençóis e admirar espetáculo sempre único do dia que desabrocha, como uma flor, e cuja duração é regulada pelo subir e descambar do sol.

Maria-é-dia ama as claridades solares, e quem sabe se à noite não olha ansiosa o tranquilo caminhar das estrêlas, perscrutando, saudosa, os primeiros albores da madrugada.

O certo é que não há dia que nos chegue, sem que ela deixe de anunciá-lo alacrememente.

O seu aspecto é de um pequeno bentevi, ao qual se desbotassem as penas do cucuruto, que não são amarelas, mas esbranquiçadas.

O dorso é, entretanto, pardo oliváceo, garganta cinzenta clara, mas o amarelo do ventre é desmaiado.

Aquí no Estado do Rio ouvi dar a esta espécie o nome de *topetuda*, ainda não registrado, penso eu.

Em matéria de ninho, ninguém lhe dá conselhos e sabe fazê-lo com arte e extrema inteligência.

Tece com tal sabedoria a tijeliinha de seu ninho e põe-lhe externamente musgos e vinne, que tal construção se dissimula e confunde com os galhos da árvore seca onde o localiza. A parte interna, que vai receber os três ovos de postura, acha-se alcatifada com penas e crinas.

Os ovinhos de 21-22 × 16 mm. são esbranquiçados com salpicos roxos e vermelho escuro na ponta.

A distribuição geográfica desta simpática avezinha é vasta: Mato Grosso, S. Paulo, Minas, R. de Janciro, Baía e Pará.

Para evitar possíveis confusões, convém notular que outro tiranídeo, *Empidonotus varius varius*, é chamado *maria-é-dia* e *peítica* na Amazônia, tendo, aliás, no R. G. do Sul o nome de *bentevizinho*. Em Minas, dão o nome de *maria-é-dia* a *Xolmis cinerea*.

GUARACAVA ou *guracava* — Tal nome não serve para individualizar determinada espécie. Trata-se de uma designação genérica, pela qual são conhecidos certos tiranídeos geralmente do gênero *Elaenia*.

Nada menos de 14 espécies e talvez mais estejam enfeixadas dentro desta designação, aliás não muito corrente.

São na generalidade de cor geral bruna, ornada de um amarelo descorado e ventre claro.

As espécies maiores não passam de 15 cm.; entretanto, dão o nome de *guaracavuçu* a uma espécie de gênero diferente (*Cnemotriecus fuscatus fuscatus*), que não merecia o aumentativo indígena, pois não passa de 15 cm.

Realmente a ave citada apresenta parecença com as *guaracavas*, exceto nas duas faixas ferrugíneas que lhe correm sobre as asas.

Todas as *guaracavas* merecem proteção, visto serem insetívoras de louvável apetite.

Maria-é-dia seria uma *guaracava*, se não possuísse uma individualidade muito sua, e que a distingue entre congêneres: entretanto, parece que é assim chamada em S. Paulo.

As *guaracavas* revelam quasi todas um especial talento na construção dos ninhos.

Vide o que deixamos dito a propósito do ninho de *maria-é-dia* é sobre o do *fruxú*, de que a seguir tratamos.

FRUXÚ (*Elaenia brevipes?*) — Aqui no Estado do Rio é muito conhecido êsse tiranídeo de 17 cm. de comprimento, de côr geral verde, penas rêmiges e cauda escuras, garganta esbranquiçada, alto da cabeça levando uma porção amarela gema, iris escuro, bico anegrado, tarsos de côr plúmbea carregada.

Habita a mata e alimenta-se de insetos, mas come também bagas e gosta de cantar amiudadamente, num canto forte.

Euler considera-o grande artista na confecção do ninho, que "é em forma de bolsa, sempre preso por baixo dos barrancos e suspenso nas raízes pendentes e ao abrigo da chuva e do vento". A entrada é feita na metade inferior da bolsa. O material consiste em musgo, paina, cortiça fina, trabalhado frouxamente e não feltrado.

Põe 3 ovos brancos, níveos, sem lustro nem desenhos. Tamanho do ovo 19 × 14-15 mm. Tudo conforme Euler.

Já tenho visto registrado o nome *tachuri* para a espécie acima tratada.

A designação não parece indicar tal ou qual espécie; *tachuri*, ou melhor *taxuri*, seg. A. W. Bertoní ⁽⁵⁴⁾, é designação generalizada pela qual se aponta uma série de tiranídeos. Montoya registra a palavra e define: ave papa-môscas. Quer-me parecer que os guaraníes davam êsse nome aos tiranídeos que comiam môscas.

BENTEVÍ-PEQUENO (*Myiozetetes similis similis*) — Coloco-o como o tipo mais vulgar e representativo dos tiranídeos que o povo, por certa analogia, crismou com o nome de *benteví-*

(54) Cat. Descr. de las aves utiles del Paraguay, in *Revista Agronomica* — Ano I, N.º 9-10, p, 410.

pequeno, mas sob tal designação se agrupam outras espécies até de gênero diverso, como veremos.

M. similis, aliás, chamado também *bentevizinho*, é realmente um benteví, em ponto menor, mas não muito pequeno, pois mede 17 cm.

A distribuição das cores é quasi igual à do benteví verdadeiro. Encontra-se em todo o Brasil, de S. Paulo ao Pará.

Do ninho poderíamos dizer o mesmo que do pássaro; é uma miniatura do seu sósia, porém a entrada é feita quasi em forma dum canudo.

Postura: 4 ovos, algo ponteagndos, com campo branco e raras manchas, côr de vinho, aquí e ali mais carregada; as manchas acham-se em um só polo do ovo e o outro conserva a alvura sem mácula. Tamanho do ovo 23-24 $\times$ 16-17 mm.

Outro benteví dos pequenos, e assim chamado, é *Legatus l. leucophaius*, pardo esverdeado na parte superior do corpo, tendo sobranceiras e garganta brancacentas, peito e abdome de um amarelo desmaiado com pontinhos cinzentos. É do mesmo tamanho que o anterior e achta-se muito espalhado pelo Brasil, sendo ainda encontrado no Paraguai, Guiana, Venezuela e México.

O povo ainda dá o nome de *benteví-pequeno* a algumas espécies do gênero *Elaenia*, também conhecidas por *guaracabas*.

Com o nome de *filho-de-benteví*, e ainda *benteví-pequeno*, aponta-se *Pitangus lietor lietor*, que é parecidíssimo com *Pitangus s. sulphuratus*, o benteví verdadeiro, exceto no tamanho, pois mede mais ou menos 19 cm.

No Rio Grande do Sul é chamado *bentevizinho* um tiranideo de outro gênero, *Empidonomus v. varius*, de 16 cm. de comprimento, barriga amarela desmaiada e a côr geral bruno acinzentada. A fronte é branca com uma borda supra ocular da mesma côr e o vértice preto com mancha amarela no occurto. Na Amazônia êsse pássaro tem o nome de *peitica*.

O gênero *Empidonomus* tem como característico asas compridas, algo atenuadas as pontas das primeiras rêmiges.

BENTEVI (*Pitangus sulphuratus sulphuratus*) — Poderíamos apontar esta espécie como o protótipo do grupo popular dos bentevis, o verdadeiro, que deu seu nome vulgar a alguns parentes, parecidos ou um pouco parecidos com êle.

É pássaro grande, um dos maiores da família, com 21 1/2 a 25 cm. O bico comprido, recurvado na ponta, extrema-o logo do seu primo de bico chato, com o qual grandemente se parece.

A parte dorsal é brunácea e a região abdominal dum amarelo enxôfre. A garganta é branca e desta mesma côr, uma raja que lhe vai da raiz do bico, por cima dos olhos, até a parte posterior da cabeça.

Os bentevis do gênero *Pitangus* são os maiores pássaros entre os tiranídeos.

No Estado do Rio dão à fêmea o nome vulgar de *siririca*.

O macho mostra, no cocoruto, uma raja central amarela, entre penas bruno denegridas. Habita as orlas das matas, campos e povoados.

O ninho, esférico encontra-se sempre na forquilha dum galho e na ponta dêsse, de preferência em árvores secas, insuladas e em campo aberto.

É bem cuidado e feito de vegetais diversos perfeitamente secos. Postura: em geral 4 ovos alongados.

O campo do ovo é branco logo após a postura, tomando depois um tom de marfim velho. Há sempre uma pequena coroa de pontuações pardas ou azuladas. Tamanho segundo Euler: 31-32 × 20-21 mm.

Como feitio moral do *bentevi*, podemos compará-lo a certos indivíduos falastrões e esparramados.

Mal chega a um lugar, arma logo um alvoroço.

Voa daqui para ali, revoa e volta, pondo em cada fronde um alarido.



Fig. 14 — Bentevi (*Pitangus sulphuratus*).
Junto vêem-se casulos do bicho-de-cesto).

Mas é um gosto ver a sua alacridade e o espírito de camaradagem com a sua gente. Quando chega um amigo, é logo recebido com evidente e transbordante alegria, batidelas das asas, empinações de crista e uma permuta de saudações que parecem não ter fim.

São sociais e vivem em pequenos grupos e, entre os da sua malta, reina a melhor cordialidade, mas não querem intimidade com outros pássaros.

O dia inteiro o grupinho vive junto em correrias e brincadeiras, entremeadas de gritos, mas nas épocas dos amores, as cousas mudam. Cada macho procura a sua companheira, e os solteiros são escoraçados, se-



1 - Benteví pequeno (*Myiozetetes s. similis*). — 2 - Tesoura (*Muscivora tyrannus*). — 3 - Benteví de bico chato (*Megarhynchus p. pitangua*). — 4 - Lacre (*Onychorhynchus c. coronatus*). — 5 - Papa-pirí (*Tachuris r. rubrigastra*). — 6 - Viuvinha (*Lichnops p. perspicillata*). — 7 - Verão (*Pyrocephalus r. rubinus*).



SciELO

gundo me parece. Não interpreto doutra forma a mudança de ânimo amistoso que já tive ensejo de observar, precisamente na época em que os machos procuram com insistência as companheiras.

O príncipe de Wied observara que "o macho persegue a fêmea ciosamente a gritos e por sua causa trava, a miúdo, luta com seus rivais".

Esses rivais eu creio que são os solteirões ou viúvos do pequeno bando.

Amigos amigos, espôsas à parte.

Puanto à sua voz, é principalmente aquêla *bem-te-vi, bem-te-vi*, escandido e reiterado com estridência. Quando lhe dá na veneta, principalmente na época dos amores, grita incessantemente.

Para que não fique rouco de tanto gritar, escreve Goeldi, "aparelhou-o a alma-mater de músculos fortíssimos na garganta, como ficou provado pelas investigações de Johannes Mueller, meritório zoólogo de Berlim".

Esse grito, no entanto, não é a única frase da sua linguagem; êle sabe dizer lá para os seus certas cousas amáveis, que ainda não pudemos traduzir.

A propósito da tradução da sua voz, é de notar que alguns ouvem *tic-tivi*, na Argentina interpretam *bichofeo*, no Uruguai chegam a distinguir claramente *vienteveo* e até Montevideu. Aos ouvidos dos tupis soava *nei-nei*, mas já os seus irmãos do sul, os guaranis, distinguem a palavra ou melhor a frase *pitagudá*. A interpretação das vozes das aves é como a das sutilezas da Bíblia: cada qual descobre o que quer.

O *benteví* é, por outro lado, o mais façanhudo dos comilões; seria capaz de devorar os guardanapos de Sta. Apolônia, se não fôsem de pedra.

Além de fazer *tabula rasa* de todos os insetos, come os ovos de outros pássaros, sabe pescar como o martim-pescador⁽⁵⁵⁾ e chega a atacar cobras, como nos informa J. A. Pereira,⁽⁵⁶⁾ que

(55) J. Moojen, pessoalmente, advertiu-me que o *benteví* que pesca é *Megarhynchus p. pitangua*, o *benteví* de bico chato. Possuo, no entanto, informes de outros, como J. A. Pereira abaixo citado, que viu *Pitangus sulphuratus bolivianus*, a sub-espécie argentina, exercer o ofício de pescador. Cito-lhe as palavras (Mem. Jard. Zool., tomo IX, p. 212): "...se le ve al borde de las lagunitas o asentado en algún arbusto a la pesca de larvas, renacuajos o algún pequeño pescadito."

Gabriel Soares já informava que o *benteví* sabia pescar e, assim, o registrou: "Pitão são passarinhos do tamanho e côr dos canários, e tem uma corôa branca na cabeça; fazem grandes ninhos nos mangues, ao longo dos rios salgados, onde põem dois ovos e mantem-se dos peixinhos que alcançam por sua lança."

(56) "El Hornero", vol. III, p. 68. Trata-se da sub-espécie *P. s. bolivianus*.

teve ensejo de observá-lo em cativoiro, onde comia de tudo, até frutas.

Devido ao seu onivorismo, resiste ao cativoiro e torna-se mauso e familiar, mas na maioria das vezes morre em pouco tempo.

Com o bicho-de-cesto, ou lagarta-de-pauzinhos, que é a lagarta do lepidóptero *Oiketius kirbyi*, o benteví procede com autúcia digna de nota.

Essa lagarta constrói um casulo *sui-generis*, feito de pauzinhos, por vezes coberto por fora com uma tela mui tênue.

O casulo é forte, mas o benteví posta-se, atentamente, à espera que a lagarta ponha para fora a cabecinha e, com certa bica, segura-a e puxa-a, deliciando-se então com uma iguaria que custa caro, pelo trabalho que lhe dá.

Por vezes, quando tal expediente falla, retira o cesto do local, carrega-o para um ramo de árvore, quasi sempre o mesmo, e aí, a poder de bicadas, abre-o e come o dono da casa, como nós fazemos com as ostras, deliciosamente.

Na Argentina êsse apetite dos *bentevis* tem resultado em vantagens evidentes, porque o bicho-de-cesto causa sérios prejuízos às árvores florestais.

O dr. Arthur Neiva diz que na Baía certa espécie dêste mesmo gênero *Pilangus* gosta de caçar carrapatos do gado, à maneira do anú, e daí lhe advém a denominação de *benteví-carrapateiro*.

Sabe-se também que o *suiriri* (*Macetornis r. rixosa*) se agrada de caçar môscas no dorso do gado, mas não temos notícia de que lhe apeteçam os carrapatos ⁽⁵⁷⁾.

Ainda poderíamos, e vale a pena fazê-lo, descrever o modo pitoresco pelo qual o *benteví* se abastece de minhocas, iguaria que lhe deve saber a gaitas.

Onde existem galinhas com pintos, posta-se o astuto do *benteví* em local estratégico e, enquanto a galinha cisca, êle é todo atenção. Mal surge uma minhoca, o pintainho mais ligeiro avança no achado e dispara com êle no bico, seguido pelos irmãozinhos.

Neste instante, o *benteví*, que observa aquelas operações de caça, precipita-se em vôo rasante e toma ao pinto o apetecido verme, que sem demora é engolido. De novo volta para um ponto estratégico à espreita de outro bom ensejo.

(57) Tenho dúvida sobre êste ponto e reforça-a o fato de ainda nenhum investigador ter encontrado carrapatos no estômago destas aves. Na Argentina, Angel Zotta ("El Hornero", vol. V e VI) e R. O. Aravena ("El Hornero", vol. III, IV e VI) em estudos desta natureza não verificaram a presença de carrapatos. Entre nós J. Moojen, que fez algumas pesquisas, também me confidenciou suas dúvidas, por não haver ainda encontrado carrapatos.

Os apicultores, no entanto, apresentam queixas contra êsse pássaro e muitos outros seus parentes, todos utilíssimos, acusando-os de comer abelhas ⁽⁵⁸⁾.

O prof. J. Moojen, do Museu Nacional, estudou o libelo acusatório e foi desentranhar do papo dêsses passarinhos a prova da sua inocência, pois já se levantava a preliminar que as abelhas caçadas por essas aves eram zangãos.

As duas espécies tidas como mais suspeitas eram o siriri (*Tyrannus m. melancholicus*) e o herói dêste capítulo, o benteví *Pitangus s. sulphuratus*, na sub-espécie *maximiliani*.

As aves são rebeldes às intimações policiais e só depõem depois de mortas. A justiça dos homens, no julgamento dos seus iguais, por vêzes também se vale dêsse processo, embora o defunto insista em não falar.

Foram sacrificados 9 siriris e 9 bentevis. O conteúdo gástrico não acusou uma só abelha obreira; só foram encontrados zangões ⁽⁵⁹⁾. Ora como os zangões não fazem falta, cumprido o seu destino, apurou-se que as duas aves citadas e naturalmente as outras acusadas não causam nenhum malefício à apicultura.

Os apicultores que se derem ao trabalho de fazer observações, terão oportunidade de verificar que os bentevis, logo que os zangões desaparecem, também deixam de frequentar os apiários.

Proclamada a inocência dos réus, é justo que não sejam mais perseguidos por suspeita. Resta, entretanto, dilucidar outro ponto. Não comerão as rainhas no período da enxameação?

Desfrutando muita simpatia entre nós, êsse pássaro, assaz popular, tem encheido a literatura de referências enomiásticas.

Quem não conhece êsses popularíssimos versos de Melo Moraes Filho, que ouvi recitar nos tempos em que ainda se recitavam versos:

O BENTEVI

À sombra frondosa d'enorme mangueira,
Coberta de flores, da tarde ao cair,
A virgem dos campos, morena, garbosa,
Contava ao amante meiguices a rir.

O eco era belo! Na beira da estrada
Contava o *encontro* nas moitas de ipê!
E os olhos da virgem tornaram-se lânguidos,
E os lábios mais rubros que o rubro café.

(58) Antônio Ronna, no seu estudo intitulado "Animais inimigos da abelha européia e de seus produtos" aponta os seguintes tiranídeos como apívoros: *Satrapa icterophrys*, *Machetornis r. rixosa*, *Myzetetes s. similis*, *Muscivora tyrannus*, *Pitangus s. sulphuratus* e *Tyrannus m. melancholicus*.

(59) "O Campo", set. 1936, p. 13.

E qual uma flecha que envia o selvagem,
Uma ave num ramo, num galho pousou!...
E o jovem dizia palavras mais ternas,
E a virgem mais ternas venturas sonhou.

— Se deres-me um beijo, trigueira, em minh'alma
Terás sempre afetos, delírio, paixão;
No pouso, uma rede de penas, bem feita,
Na minha viola, saudosa canção.

Depois dêsse beijo, talvez que o primeiro,
Não sei que mistério passára-se ali:
Cobrira a trigueira, vexada, o semblante,
E a ave, voando, gritou: — Bem-te-vi!

Até o adagiário já se valeu do *bentevi*, na frase irônica “bentevi na gameleira”, aplicada a um individuo mofino, montado em cavalgadura de certo tomo, ou de um sujeitinho destituído de valor, mas investido de alto cargo.

Os estrangeiros que aqui vêm, com olhos de ver, e que amam as cousas realmente belas da Natureza, simpatizam logo com o *bentevi*, e assim aconteceu com o príncipe de Wied, que o achou “curioso e bullento”, com Goeldi, que lhe notou viveza e inteligência, quando escreveu “repara em tudo que se passa à volta, esearnece e insere o seu comentário...”

O Cel. Roosevelt, o descobridor do Rio da Dúvida, não duvidou em achar o *bentevi* “valente e poderoso”, dedicando-lhe algumas linhas de cordialidade num artigo de jornal.

O *bentevi* de que vimos tratando e outras sub-espécies encontram-se por todo o país, assim distribuídas: ⁽⁶⁰⁾.

P. sulphuratus sulphuratus é da Amazônia; *P. s. maximiliani* ocorre em Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Baía e Ceará; *P. s. bolivianus* é de Goiás, Mato Grosso e R. G. do Sul, Bolívia, Argentina, Uruguai e Paraguai, neste último país conhecido por *pitogué*.

Na Amazônia ainda ocorrem outros bentevis: *Pitangus lietor*, lá conhecido por *bentevi-pequeno*, *filho-de-bentevi*, encontrado também na Baía, E. Santo e Rio de Janeiro e *Tyrannopsis sulphurea*, também de tamanho pequeno.

SIRIRÍ-TINGA (*Myiodynastes solitarius*) — Deserevo-o segundo o exemplar que tenho presente. Mede 21 cm., dez dos quais pertencem à cauda.

(60) A propósito das sub-espécies de bentevis do gênero *Pitangus* diz Olivério Pinto, com a autoridade que todos lhe reconhecem: “Existe em todo o Brasil, representados por variedades de caracteres e relações geográficas ainda não suficientemente esclarecidos.” Aves da Baía — Rev. M. Paulista, t. XIX, p. 213.

Côr geral escura, muito escura com numerosas rajadas claras, cauda quasi negra, orlada de côr ferruginosa, cabeça com topete dissimulado com penas amarelas. Ventre e coberturas das asas com tinta amarelenta esbranquiçada, ligeiramente estriado. O bico forte, escuro, um tanto mais curto que o do bentevi comum.

Nidifica em árvores altas e seu ninho malamanhado parece-se com o do *bentevi-de-bico-chato*.

Já se tem verificado que procura o ninho do *joão-de-barro*. Na Argentina a J. A. Pereira deparou-se um ninho dentro dum vespeiro do marimbondo amoroso (*Polybia occidentalis*), vespa muito encontrada no Brasil e em toda a América Meridional. Ovos: 3 a 4, pontudos $23 \times 17-18$ mm., com campo branco e manchas vermelhas escuras que se acumulam no polo rombo, formando coroa.

Alimenta-se em geral como os de sua grei, mas gosta muito de lagartas urticantes, bicho de fogo, tatorana e entre essas dá preferência à de *Hylesia nigricans*, praga temível das fruteiras em geral, embora entre nós só tenha sido achada em guabirobeira, seg. Costa Lima.

Dizem que come frutas, o que pode suceder, mas nada me consta ao certo.

A distribuição desta espécie é ampla, e talvez seja encontrada em todo país.

Em certos lugares é elle chamado *bentevi-preto*, e aquí no Estado do Rio, onde habita matas e baixadas, já ouvi denominá-lo *bentevi-riscado*.

Na Amazônia, um bentevi deste gênero, o *maculatus*, aliás bonito por ter as retrizes e coberteiras superiores da cauda vermelhas, é chamado *bentevi-escuro*. A designação escuro provém de ser verde escuro toda a parte superior desta ave e ter estrias escuras sobre o branco amarelado da parte inferior.

Não lhe falta, no vértice, a mancha amarela.

BENTEVÍ-DE-BICO-CHATO (*Megarhynchus pitangua pitangua*) — É perfeitamente igual ao *bentevi-verdadeiro*, na distribuição das cores e tamanho, mas dele difere pelo bico, que na espécie que tratamos é largo em excesso. A mancha amarela do vértice é também menos aparente.

Nos hábitos há diferenças. O *bentevi-de-bico-largo*, chamado *nei-nei* pelos indigenas, nome pelo qual ainda hoje é conhecido entre nós, e, especialmente, no Paraguai, é mais da mata que do campo, raramente aparecendo nos pomares próximos às habitações humanas, gentileza que devemos ao nosso simpático bentevi, que aquí onde me acho, nas abas do morro de Sto. Antônio, próximo à Av. R. Branco, em pleno coração da cidade, e apesar dos rumores diabólicos do carnaval, que tumultua lá embaixo, ouço-lhe o grito: *bentevi, bentevi*.

O ninho coloca-o, como o *bentevi-verdadeiro*, em árvores insuladas, altas, meio despidas, na capoeira, mas em lugar de ser aquela esfera com platibanda, é um ralo amontoado de gravetos, que mal consegue manter os ovos. Em matéria de ninhos é dos mais relaxados que se conhecem.

Os ovos são quasi sempre 2, raramente 3, que, seg. Euler, regulam $26 \times 19-20$ mm.

A propósito do ninho do *bentevi-de-bico-chato* escreve Euler estas observações:

“Como todos os ninhos dos tiranos, o de *nei-nei* é sempre construído em localidades abertas, muitas vêzes em árvores secas e nunca escondido. Se nenhum autor o menciona, é que a sua posição elevada e a sua insignificância o subtrai à vista, protegendo-o efetivamente, apesar da sua colocação exposta”.

A distribuição desta espécie é vasta, podendo dizer-se que ocorre em quasi toda a América Meridional cisandina e vai até o México.

Na Amazônia é chamado *pitangud-açu* e no Ceará apelidam-no de *bentevi-gamela*, e em certas regiões também lhe chamam *bentevi-do-mato-virgem*.

Sempre aparece em árvores altas.

CAGA-SEBO (*Myiophobus fasciatus flammiceps*) — As designações populares nem sempre primam pela delicadeza das expressões e isso demonstra que o Zé-povinho é mais inclinado ao realismo que à poesia.

Com aquele chulismo aponta a gente do campo certos passarinhos da família dos tiranídeos ⁽⁶¹⁾ e mais geralmente a espécie acima citada.

O tamanho da ave não passa de 130 mm. É parda em cima, esbranquiçada em baixo, com manchinhas escuras no peito.

Há no vértice, no dissimulado topete, uma mancha vermelha ou amarela, aliás ausente por vêzes, consoante a idade.

Diz Dabbene que nos adultos a mancha é amarela em ambos os sexos, vermelha nos adultos ainda de menos idade e ausente nos jovens.

Sobre as asas escuras correm faixas dum amarelo leonado, cauda pardo escura, bico e patas negras.

O *caga-sebo* é figura de primeira plana entre os pássaros que propagam a erva de passarinho, vegetal hemi-parasitário ⁽⁶²⁾,

(61) No Estado do Rio de Janeiro e no D. Federal recebe igual nome um pássaro da família dos coerebídeos, do qual oportunamente trataremos. Curioso é assinalar que tal ave ocorre na Amazônia, onde possui o mesmo nome chulo e vulgar.

(62) Sabe-se que o parasitismo integral, holoparasitismo, é praticado pelas plantas desprovidas de clorofila. Basta olhar a cor verde da erva de passarinho para compreender que lhe não escasseia clorofila.

Não se trata, portanto, de um parasitismo completo, mas o certo é que

parente do visco, o “gui” dos franceses, o qual goza, na lenda, a virtude de descobrir tesouros soterrados, além de tantíssimas outras virtudes menores.

A erva de passarinho, lorantácea de que existem muitas espécies, dá certos frutinhas, cheios de sabores para o paladar dos pássaros.

O *caga-sebo*, então, é doido por aquela iguaria. Cada fruto contém uma semente envolta numa matéria mucilaginosa.

Após um bom repasto, o bico da ave fica pegajoso, e o passarinho limpa-o passando nos galhos das arvores, da maneira como amolamos uma faca.

A sementinha acaso grudada no bico agarra-se ao galho e aí lança suas raízes e à custa dos sucos da planta hospedeira medra e desenvolve-se.

Não é somente dessa forma que se dissemina a erva de passarinho. As sementes engulidas passam intactas pelo tubo digestivo e as dejeções vêm cair nos ramos e dessa forma parece que também se propagam. Há quem conteste esse último fato.

F. Ferraris ⁽⁶³⁾ assinalara também que as sementes do visco eram transportadas pelos pássaros, já agarradas no bico, já através das fezes. Na Europa são os tordos (*Turdus viscivorus*) os principais acusados de propagar o visco.

O nosso indígena, naturalista pela força de circunstâncias, parece ter notado o fato da propagação pelas fezes, e tanto assim que dava à erva de passarinho o nome de *uirátiputi*, que parece significar excremento de passarinho.

O ninho mereceu do príncipe de Wied uma descrição principesca.

Euler descreve-o bem, quando nota:

“A sua forma é a de uma bolsa estreita, alargada na base, com vasta entrada lateral e metido inteiramente dentro de um involucre de forma cônica que o esconde e ultrapassa de 3 a 4 cm.

Visto de lado, o ninho aparece como um feixe de crina vegetal preta e somente observado pela base verifica-se a verdadeira construção”.

O material é quasi exclusivamente crina vegetal preta. O interior é bem guarnecido e a construção geral é sólida.

A propósito do ninho desta ave lemos nas “Memorias del Jardim Zoologico (Argentina), t. IX, p. 215, essa narração feita pelo ornitologista José A. Pereira:

“Havia na forquilha horizontal de um galho de arbusto um ninho de tiranideo *Myiophobus fasciatus flammiceps*. A ave ve-

esta fanerógama, sem raízes, mas provida de haustórios, sabe estrangular, no ramo a que se apegar, o tecido do câmbio, interceptando a seiva de que se nutre, acabando por matar a hospedeira.

(63) “Patología y Terapéutica Vegetales”, t. II, p. 483 — Barcelona, 1930.

rificou que o ramo era fraco e começara a se inclinar ao pêso do ninho e dos ovos e mais ainda com a fêmea na ocasião da incubação. Que fez o casal? Com um fio atou o ninho na parte mais inclinada e prendeu a outra ponta num ramo superior.

Procedeu como qualquer de nós que quisesse evitar a queda daquela minúscula edificação”.

Isso exigiu uma série de operações mentais: compreensão do perigo, raciocínio sobre a maneira de proceder, resolução, execução racional, habilidade.

Será que todas essas operações mentais se processaram no cérebro do *caga-sebo*?

É muito talento para um bichinho tão pequeno.

Os ovos quasi sempre dois, de côr creme, levemente avermelhada, com pintas vermelhas escuras no polo obtuso, formando coroa. No conjunto nota-se que metade do ovo é manchada e a outra não.

Tamanho 18-19 $\times$ 13-14. O pássaro incuba em fins de outubro. A espécie é de larga distribuição na América do Sul.

Ainda são conhecidos pelo nome de *caga-sebos* outros pássaros da mesma família, porém de gêneros diferentes, especialmente *Euscarthmornis n. nidipendulus*, que é verde na parte superior do corpo, cinzento em baixo, exceto a barriga, que é branca. O bico é achatado e preto. Aqui no Distrito Federal o *caga-sebo* acusado de propagar a erva de passarinho é *Camplostoma o. obsolctum*.

A certas espécies do gênero *Phyllomyias*, por serem semelhantes às descritas e de tamanho menor, o povo denomina *caga-cebinho*.

Entre elas apontaremos *P. fasciatus brevirostris* muito comum no Rio de Janeiro.

Tem bico pequeno e filoplumas escassas e curtas na base do bico. É verde azeitonado em cima e amarelo em baixo, com a garganta esbranquiçada.

VERÃO (*Pyrocephalus rubinus rubinus*) — Se quiséssemos personificar o verão na figura dum pássaro, *Pyrocephalus r. rubinus* seria a incarnação dessa alegoria, não somente pelo indumento, pois o macho se veste de vermelho fogo, mas pelo seu amor à quadra quente do ano, quando a sua aparição nos encanta.

Mal chegam as primeiras brisas frescas, e já o belo passarinho desaparece por encanto, como se temesse que o frio lhe apagasse a brasa viva do topete.

O povo mui acertadamente chama-lhe *verão*, *mãe-do-sol*, e em alguns lugares é conhecido por *príncipe*, tal o requinte com que se paramenta. R. Ihering registra, em seu *Dic. de Animais do Brasil*, o nome de *miguim*. Há quem o conheça sob o nome

de *passarinho-do-verão* e no Rio G. do Sul é mais vulgarmente denominado *sangue-de-boi* ⁽⁶⁴⁾.

Realmente o macho chama-nos logo a atenção pelo escarlate de toda a região abdominal, cõr essa que lhe orna a cabeça e trepa soberbamente pelo topete empinado. A parte superior do corpo é cõr de chumbo escuro. Cauda ainda um pouco mais escura. Patas e bico negros.

A fêmea, entretanto, não apresenta senão ligeiras penas avermelhadas no peito e ventre, sendo na parte superior de cõr terrosa escura e na parte inferior cinzenta, com estrias negras longitudinais, que seguem o curso do raquis das penas.

Mede mais ou menos 13 cm. e é vivaz e belicoso, como em geral os membros desta grande família.

Insetívoro de reais préstimos, vai até a horta e ao pomar dar caça a toda casta de insetos.

Podemos considerá-lo um pássaro alegre e até algo romântico, pois nas noites de luar faz ouvir o seu canto, como acontece com o rouxinol europeu.

Não quero comparar, nem de longe, o grande lírico da Europa, com êsse simplório trovador tropical, fique isso bem esclarecido.

Verão, além de tantas excelsitudes, é também um chefe de família exemplaríssimo.

Na época de incubação, em lugar de aproveitar o ensejo para peraltices, o que é uma praxe entre certos animais, que não convém referir, o belo maridinho de topete vermelho diverte a espõsa, revolteando no ar, pairando um instante, agitando as asas e desferindo os seus *churruít, churruít*, que deventer harmonias amaviosas para o coraçãozinho da terna espõsa, aparentemente muito indiferente, mas na realidade encantada com o companheiro.

O ninho é pequeno, raso, tecido com raízes, palhas e interiormente forrado com penas, paina tudo muito cuidadosamente feito.

A ave tem verdadeiro gênio em disfarçar o ninho, para o que forra-o exteriormente, com líquenes, e de tal jeito, que mal é percebido.

Os ovos, 3, 4 ou 5, segundo observações diversas, medem 17×13 mm. e são alongados, lustrosos, de cõr amarelo barrento com manchas pardas, cõr de café, cinzentas, colocadas como em cinta, quasi no meio do ovo, mais próximas no entanto do polo obtuso. Ocorre em Goiás, Mato Grosso, Baía, Minas, S. Paulo, Paraguai e Argentina. No norte da Amazônia encontra-se a subespécie *P. r. saturatus*, um tanto menor e de mais carregada cõr.

(64) Não confundir, com "sangue-de-boi" do Norte (Espírito Santo a Piauí) que é um tanagrídeo.

O folclore guarani teceu em derredor do lindo pássaro o seu nhanduti de lenda.

Foi ao tempo da conquista da terra americana. A soldadesca ibera andava ao encalço dos "índios", como quem caça feras.

Encurralado entre um rio e aspérrima montanha, um punhado de guaranis defendia-se inutilmente. Os poucos que restavam preferiram jogar-se ao rio. Um jovem cacique tão mal ferido estava que não se podia mover. Para não cair nas mãos inimigas, rasgou mais fundamente a ferida do peito e de lá arrancou o coração sangrento, que se transformou então em ave-zinha aligeira e vermelha.

LECRE (*Onychorhynchus coronatus coronatus*) — Passarinho altamente ornamental, em virtude de um magnífico topete, que se abre em forma de leque, assim como a auréola que os santinhos colocam à cabeça das imagens.

Este diadema dá à avezinha uns ares de soberbia realenga, e surpreendê-la no cenário real da natureza, com aquele esplendor vermelho, pintalgado de azul escuro especialmente nas pontas, vale bem as canseiras duma viagem através do cipóal da mata. O topete da fêmea é amarelo. O resto do traje é quasi o vulgar entre os tiranídeos; parte superior parda olivácea, asas com pintas de cor amarela, fita ocrácea clara no uropígio, cauda avermelhada, garganta clara, peito ocre, listrado de escuro e o abdome ferrugineo claro listrado.

Mede quasi 17 cm. e habita a Amazônia, Guiana e Venezuela.

O nome *lecre* deve ser corruptela de *leque*, em referência ao seu espetacular topete.

Espécie semelhante a essa, aqui do Sul (S. Paulo, Baía), é *O. swainsoni*, conhecido pelo nome de *papa-mosca real*.

Goeldi informa tê-lo visto em Nova Friburgo (E. do Rio).

Há ainda uma terceira espécie no extremo da Amazônia.

PAPA-MOSCA (*Myiarchus f. swainsoni*) — Não mede mais de 18 cm. Possui cabeça e dorso pardos, pescoço e garganta cinzentos e ventre amarelo pálido, iris negra e bico e tarsos escuros.

A designação acima é a que lhe dão no Est. do Rio, segundo ouvi, mas é talvez mais espalhado o nome de *irré* e *pai-agostinho*. Na Amazônia chamam-lhe *maria-cavalheira*.

A espécie em aprêço se parece muito com *M. p. pelzelni*, porém tem bico menos longo e largo.

O canto é um como assobio tristonho, que ao longe se ouve.

O *papa-mosca*, aqui no Est. do Rio, habita capoeiras e elege sempre para localizar o ninho cavidades e saliências em árvores secas, e aí, segundo Euler, prepara um leito macio com paina, cabelos e penas. Informa o autor acima, este emérito bisbilhotador de ninhos, que sempre encontrou no do *papa-mosca*

peles de cobras e lagartos em imediato contacto com a postura e em geral aderidas a ela.

O fato de as peles de cobras e lagartos serem encontradas em ninhos de pássaros diversos, deve ter uma razão qualquer. É tão frequente, que não pode ser tido por capricho individual e sim por causa superior inatinável.

O ovo é lindo, pois sôbre o campo amarelo se inserem garatujas dum azul acinzentado e avermellado, o que apenas deixa ver limpas as duas extremidades.

A distribuição geográfica destas espécies faz-se quasi por todo o Brasil, sendo que no Sul vai até a Argentina e no Norte até o México.

O genero *Myiarchus*, palavra que significa o maioral, ou chefe das môças, possui um total de 10 espécies, todas benéficas ao agricultor.

SIRIRI (*Tyrannus melancholicus melancholicus*) — É um dos pássaros mais vulgares e abundantes em toda a América do Sul, vindo, aliás, desde o México.

Frequenta o campo, as orlas da mata e os pomares. Na Amazônia é chamado *benteví*. Empoleira-se de ordinário nos galhos mais altos das árvores e neste ponto estratégico queda-se melancolicamente. De quando em quando dá uma reviravolta no espaço e solta um *siriri* ou *tiriri*, à escolha de quem o escutar, e volta de novo ao poleiro.

Divertimento? Ginástica?

Nada disso. Está fazendo refeições com música.

Gosta de comer, assim, presa viva, inseto que voeje alto. As formigas aladas têm nele um apreciador.

O ninho, diz Euler, e também Goeldi, é colocado a pouca altura, e geralmente em árvore insulada, no campo. Consiste numa tijela achaparrada, fronda e sem revestimento, tendo como material, principalmente, raízes. Postura: quatro ovos muito parecidos com os de *tesoura* (*Muscivora tyrannus*), um pouco maiores.

Quem frequenta o campo ou por lá vive está cansado de ouvir a matinalada que fazem logo ao amanhecer, entremeando gritos e rufar de asas.

Mantêm pelos faleonídeos uma particular e justificada ojeriza, e mal percebem algum saem-lhe logo ao enalço, perseguindo-o até grande distância.

É o *siriri* um pássaro de bom tamanho, 20 cm. de comprimento.

A parte superior é cinzenta esverdeada, algo banhada de amarelo, o pescoço cinzento e bem assim a cabeça, que tem no vértice, de penas alvoroçadas, cor vermelha viva. A parte in-

ferior do corpo é toda amarelo vivo, mas o amarelo do peito é um tanto esverdeado.

Os indivíduos muito jovens têm a cabeça einzenta sem a mancha vermelha do vértice. As retrizes exteriores são mais compridas que as do centro.

Bertoni diz que este tiranídeo gosta de se aninhar nas laranjeiras e conta tê-lo visto atacando outros pássaros e até cães, beliscando-os nas espáduas.

O gênero *Tyrannus* ainda contém mais duas espécies, sendo que *T. albogularis*, uma delas, é também chamada *siriri* e apenas difere de *T. m. melancholicus* pela garganta branca e o peito amarelo quasi puro.

TESOURA (*Muscivora tyrannus*) ⁽⁶⁵⁾ — Muito elegante, muito útil e muito atrevido êsse pássaro.

A côr dorsal é einzenta, bem como o peseço posterior, mas as asas têm rêmiges escuras.

O ventre e peito braneos, a cabeça é preta, com um largo traço côr de enxôfre no centro. Bico e patas negras. Cauda longa, em forquilha com 25 cm. de comprimento. A ave, quando voa, abre e fecha essas penas à maneira duma tesoura e daí o nome.

As penas timoneiras (da cauda) são negras e a exterior de cada lado mais longa e com barba externa branca, as outras interiores gradativamente menores.

Macho e fêmea são iguais, porém esta não tem a cauda tão longa. O ninho é uma gamela como os dos bentevis em geral e a ave não costuma esconde-lo muito, porque não teme os intrusos. Põe 3 a 4 ovos de côr creme, com pontuações chocolate escuro e manchas, especialmente no polo obtuso. Tamanho 23-26 × 17-19 mm.

Defende o ninho com bravura e não se arreceia de perseguir os gaviões que lhe passem ao alcance.

Certo naturalista chegou a erer que a *tesoura* ia ao eneaço do *carancho*, para dar caça aos piolhos e outros parasitos dêste. Figuradamente está bem. Também não se diz, ao chegarmos a madeira ao lombo alheio, que “estamos tirando o pó?”

Dotado de um grande apetite, dá caçá inessante a todos os insetos, apreciando com delícia, de certo, as mósas.

Não só se empoleira em altos galhos, e dêste observatório faz arremetidas de caça, como também se compraz em voar

(65) Castellanos, em “El Hornero”, vol. V, p. 171 diz que o nome científico *muscivora* vem de *muscus* = musgo + *vorare* = comer. Porque dar a um gênero de aves flagrantemente insetívoras essa designação errônea biologicamente? *Muscivora* deve vir de *musca*, a nossa mósca doméstica, que constitui o prato de resistência de todos os pássaros do gênero *Muscivora*. Assim está certo etimológica e biologicamente.

quasi à flor dos prados e pastos, apanhando mariposas e outros insetos.

Hudson ⁽⁶⁶⁾ admirou certa vez a celebração duma festa íntima dèsses tiranídeos, onde houve uma espécie de cerimônia dansante.

Conta-nos mais ou menos assim a surpreendente cena.

"As *tesouras*, que sempre vivem em casais, costumam, pela tarde, ao descanhar do sol, fazer convites umas as outras, por meio de pios, para se reunirem. Há nestes convites algo de superexcitação.

Juntos alguns casais, logo a seguir elevam-se em vôo a grandes alturas e, após terem rodopiado alguns instantes no ar, daí se precipitam com violência que assombra, aos ziguezagues, caindo em "fôlha morta", para usar a expressão dos aviadores em seus vôos de fantasia.

Durante êsse passatempo coreográfico ouve-se um ruído característico, como o ranger das ferragens daqueles relógios antigos em que se dava corda por manivela, tendo-se a impressão das pausas, após cada vira-volta da chave.

Terminada a dança aérea, pousam as aves, aos pares, sôbre o cume das árvores, e cada casal se une, numa espécie de "duo" formado de ruídos, que se repetem e soam como castanholas".

A *tesoura* é espécie positivamente migratória e aparece no Brasil (Amazonas, Paraná, Baía, Minas, S. Paulo) pelo verão e visita o Paraguai e Argentina pela primavera, indo até ao México.

Bertoni diz que essa ave, no Paraguai, onde lhe chamam *guira-yetapa*, aparecia em bandos, em setembro, mas que está escasseando pela perseguição.

Na Amazônia é um tanto vulgar e conhecida sob o nome de *piranha*, *piranha-uira*, dos indígenas.

Ainda com o nome de *tesoura* são conhecidos outros tiranídeos cujas caudas são longas e forçadas.

Entre as mais vulgarmente assim chamadas está *Muscipipra vetula*, que é também grande, 23 cm., parda acinzentada em sua cor geral, com cauda e asas pretas e com as retrizes longas com os bordos exteriores brancos.

É espécie dos campos de S. Paulo, Minas e Goiás, onde é também conhecida pelo nome de *papa-môscas*.

Outra *tesoura*, que entre nós só aparece no R. G. do Sul e Mato Grosso, é *Yetapa risora*. O macho difere bem da fêmea. A cauda longa e bifurcada é constituída por penas muito flexíveis, o que dá à ave, quando em vôo, a impressão de que carrega uma longa tira ondulante.

A cauda do macho tem 5 cm. e as retrizes externas 20 cm.

(66) "Le Naturaliste a la Plata", 10.^a ed., Paris, 1930, p. 186.

Ainda se ensoberbece com longas penas de rabiforcada cauda um outro tiranídeo, particularizado pelo povo com o nome de *galito* e *tesoura-do-campo*. H. von Ihering diz que é grande, de côr cinzenta e com asas e cauda pretas, garganta branca, orlada de castanho.

Vivem em pequenos grupos, em sortidas de caça pelo ar, vindo ao chão em busca de minhocas, travando-se então disputas entre êles por causa de tão apreciada petisqueira.

Para encerrar êsse grupo de rabilongos, podemos ainda apresentar *Alectrurus tricolor*, o *galito*, no batismo do povo.

Só o macho, no entanto, dispõe de longa cauda, não em forma de tesoura. As penas medianas da cauda, que são largas, inserem-se verticalmente, dando-nos assim a idêia de um galo em miniatura.

O macho é preto, com garganta e barriga brancas, e a fêmea, pardo amarelada. Ocorre do R. G. do Sul até S. Paulo e também em Minas, Mato Grosso e Baía.

Fora do Brasil é encontrado na Argentina, Paraguai e Uruguai.

Há um tiranídeo de larga distribuição por quasi todo o Brasil, vindo da América Central ao Paraná, mas que por ser espécie exclusivamente da mata não mereceu ainda um nome popular.

Aliás, o caso é vulgaríssimo, e o mato está cheio dêsses desconhecidos.

Mas, *Rhynchocyclus o. olivaceus*, a espécie referida, é construtor de um tão lindo e singular ninho, que merece figurar na galeria dos pássaros notáveis. Na aparência geral não difere quasi dos da sua família. A parte superior do corpo é verde-azeitonada, nuca amarela, asas e cauda enegrecidas, orladas de amarelo, em baixo é verde-acinzentado, exceto a barriga, que mostra côr amarela clara, lavada de verde.

O ninho tem a forma de um cone, por meio de cujo vértice se prende ao galho da árvore.

Essa bolsa cônica, que é feita de talos diversos e de barba-de-velho (*Tillandsia usneoides*), embora fique pendurada, como o ninho do *guaxe*, não se encontra tão à mercê dos ventos, porque o seu construtor tem o cuidado de começá-la bem acima do galho, de forma que êsse, metido até certa altura dentro do ninho, oferece resistência.

A entrada do ninho é por baixo, em forma de tubo, estreito.

No outro extremo da entrada o ninho apresenta prolongação, em um tufo pendente, comprido, com 20 cm., feito do mesmo material.

Essa babinela é ali ajustada muito propositadamente pela ave, que, ao entrar na sua morada, primeiramente pousa naquele apêndice.





Fig. 14-A — 1 — Ninho de viúvinha (*Arundinicola leucocephala*); 2 — Ninho de caga-sebo (*Euscarthmornis nidipendulus*); 3 — Ninho de bentevi (*Pitangus sulphuratus*); 4 — Ninho de *Rynchocyclus sulphurescens*; 5 — Ninho de arrebita-rabo (*Mimus saturninus*); 6 — Ninho de tico-tico do birf (*Phloeocryptes melanops*); 7 — Ninho de João-de-pau (*Phacellodomus rufifrons*).

Dentro da bonita construção há um estreito tabique, que resguarda a câmara de incubação.

Euler, que encontrou mais de uma dezena dêsses ninhos, notou-os sempre na imediata vizinhança das casas de marinheiros.

Os seguintes Algarismos dão bem idéa do tamanho do ninho.

Do vértice à boca 32 cm. de comprimento, e do lado do apêndice 50; diâmetro maior 19 cm., menor 10.

Curioso é lembrar que a barba-de-velho, de que se constitue o ninho em maior parte, tem vida e assim vai crescendo sempre.

Os ovos, que mostram uma côr de carne com manchas dum arroxeadado escuro e outras pardas, são algo alongados. Quanto a medidas, não concordam os vários oologistas. Uns dizem que mede 19×14 e há quem apurasse 25×17 .

Ainda de muitos outros tiranídeos se poderia bisbilhotar a vida. Mas aonde iríamos parar? Não nos desviemos da boa norma traçada por Voltaire quando dizia: "É preciso ser breve e um tanto salgado, senão os ministros e madame Pompadour, as quitandeiras e as criadas de servir fazem papelotes dos livros".



CAPÍTULO VI

OXIRANFÍDEO

Araponguinha

ARAPONGUINHA — Os ornitologistas foram forçados a criar esta família, que só possui um gênero e uma espécie, para enquadrar nela, a *araponguinha*, também chamada *chibante* e *araponga-da-horta* (*Oxyrhamphus flammiceps*).

O aspecto do *chibante* lembra muito de perto um tiranídeo, mas dêste logo se distingue, porque ostenta bico reto e, examinando-se melhor, mostra bordo denteado na primeira rêmige da mão. Mede 16 1/2 em.

Esverdeada em toda a região superior, com um topete escarlate, e tendo manchas pretas sobre o amarelado da parte inferior, *chibante* é tão elegante quanto esquiva. A fêmea carece de topete vermelho. De sua singularíssima personalidade nada se sabe ao certo, mas consta que visita o pomar e as hortas domésticas em busca de insetos.

Natterer viu-a no Paraná, Goeldi avistou-a em Botucatu, encontros de cecimônia, sem intimidades. Parece que se trata de uma sertaneja, algo desconfiada.

Ocorre desde Sta. Catarina ao Rio de Janeiro.



Fig. 15 — Araponguinha (*Oxyrhamphus flammiceps*)



CAPÍTULO VII

PIPRÍDEOS

Tangará, tangará-de-cabeça-branca, tangará-de-cabeça-vermelha, tangarazinho, dançador, rendeira, barbudinho, monge, irapurú, etc.

A família dos piprídeos vive exclusivamente na região neotropical e a maioria das espécies são encontradas no Brasil. Segundo o Catálogo das Aves do Brasil, de H. e R. Ihering, contamos 42 espécies, entre pouco mais das 60 existentes.

São aves, em geral, de tamanho pequeno e de notável polimorfismo sexual, apresentando os machos um esbanjamento de coloridos, como se fôsem cromos animados, em contraste com as fêmeas, que, de ordinário, se vestem com grande discrição de cores.

Como outros característicos familiares apontaremos o bico, que é curto, um tanto largo, plumagem frontal que vai quasi até as narinas, asas curtas, cauda quasi sempre curta e como que aparada, sobressaindo, em certas espécies, as penas medianas, que se alongam com exagêro.

Tarso exaspideano. Habitam a mata e os capoeirões, mas vêm ao campo onde haja, aqui e ali, pequenas ilhas de vegetação arbórea, capões, capoeiras, oasis de frescura, miragens de florestas desaparecidas.

São frugívoras decididas, mas sabem equilibrar as rações, não desdenhando qualquer inseto que lhes venha ao alcance do bico.

Entre os piprídeos é que se encontram os famosos pássaros dançarinos, muito conhecidos por *dançadores* e *tangarás* ou *atanarás*, como lhe chamam na Amazônia.

Não se sabe grande cousa sobre ninhos, dos quais descritos há apenas, pouco mais de meia duzia.

Na generalidade são hemisféricos, bem feitos e construídos de fibras e fôlhas finas.

Acham-se colocados em arbustos, a pouca altura, portanto.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

TANGARÁ (*Chiroxiphia caudata*) — O macho desta espécie é um lindo passarinho azul celeste, com cauda e asas pretas e, no alto da cabeça, uma coroa eclesiástica vermelha, como um chapéu cardinalício. Na cauda sobressaem duas retrizes medianas, azues, mais longas que as outras.

A fêmea difere totalmente. É verde fôska, mas W. Bertoni diz que algumas vêzes mostra cabeça encarnada ⁽⁶⁷⁾.

Ainda não vi outras referências a êsse fato. Sabe-se que os machos jovens são da côr das fêmeas, só lhes aparecendo o barrete vermelho quando adultos. Há no entanto muitas singularidades na plumagem dos piprídeos.

As aves adultas medem 15 cm.

O ninho, feito no extremo e na forquilha dum ramo, dá ares duma dessas rêdes de apanhar borboletas. A comparação é de Goeldi.

O material de que se serve a avezinha para tecer esta peça graciosa é a fibra de certos vegetais.

Há quem afirme que êle acolchoe o interior dêsse ninho com musgo e lã, mas Euler não encontrou tal material.

Particularidade digna de nota, que o autor acima referido verificou, e asseveram outros observadores, é o fato de o *tangará* pendurar, no ângulo formado pelo forquilha, uma bambinela de fibras compridas e que se mantém baloiçante, ao sabor do vento.

A postura consta de dois ovos, grandes em relação à ave (23×17 mm.). São de côr branca amarelada, com manchas pardas morrentes e pingos escuros. Êsse desenho, que vem da parte superior, estende e dilue-se no outro polo, que afinal apenas apresenta pinguinhos esparsos. É espécie do sul: R. G. Sul, S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, e em Missões e Paraguai.

Vive na mata e é aí, como num ádito agreste, que os *tangarás* realizam os seus famosos bailes, o que lhes motivou o nome de *dançarinos*, ou *dançadores*, por que também são conhecidos.

Goeldi e Florence descrevem quasi que da mesma forma êste divertimento.

Parece que, antes de começar a dança, há convites, de que os mais foliões tomam a iniciativa, convocando os outros por meio de pios.

Reunidos os amigos, num longo ramo de árvore, despido de fôlhas, uma fêmea fica ao centro (segundo Florence) e de cada lado um grupo de machos.

(67) "Catalogo descriptivo de las aves útiles del Paraguay", Rev. de Agron., Ano I, N.º 1 e 2, p. 532.

A um sinal dado, um *trá-trá* bem entusiasticamente pronunciado, logo se eleva ao ar um dos figurantes.

Descreve então no espaço uma curva alígera e airoso, indo pousar na extremidade do galho.

Ainda mal se assentou, de novo soa o sinal e nova curva no espaço é desenhada por outro dançarino.

A fêmea canta e dá pulinhos, sempre no mesmo lugar.

Com o alegre brinco vai passando o tempo, um quarto de hora, meia hora, até que a outro sinal, um sibilo agudo, diferente dos outros sons, tudo cessa magicamente.

Está encerrado o baile. Cada qual vai tratar da vida, sem dúvida após rápida combinação para outra festinha igual, que se realiza, ainda no mesmo dia, mas em outro sítio.

Tenho, no entanto, conhecimento de outra descrição da dança dos *tangarás*, feita por Bigg-Wither em "Pioneering in South Brazil", citada e transcrita por W. H. Hudson ⁽⁶⁸⁾.

O viajante citado conta que teve ensejo de observar numa pequena clareira da floresta uma assembléia de *tangarás*, uns por cima das pedras, outros pousados em galhos de árvores.

Citaremos a parte principal da folgança.

"Um deles mantinha-se imóvel sobre um ramo e cantava alegremente, enquanto os outros acompanhavam a cadência, isto é marcavam compasso com as asas e os pés em uma espécie de dança, pililando um acompanhamento".

A diferença entre um e outro espetáculo é flagrante, mas vamos a outra parte.

Goeldi, ao contrário de Florence, supõe que somente os machos tomem parte nestes bailaricos.

O caso assume, pela sua interpretação, uma importância enorme.

Machos e fêmeas devem, forçadamente, figurar nessas festas.

Creio que esses bailes, como os da espécie humana, têm um fundo sexual. É evidente.

Devemos procurar sempre, rigorosamente, a verdade onde ela esteja, pois em assuntos de ciências naturais precisamos reprimir com veemência a imaginação — essa aranha dourada que tece, no silêncio dos gabinetes, pontes de seda entre a realidade e a fantasia.

Os animais, desde o mais ínfimo na escala zoológica até o homem, são agitados por dois primordiais objetivos: o desejo de viverem e a necessidade de se reproduzirem, isto é, o instinto de conservação do indivíduo e o da espécie.

Não há atos inúteis. Tudo se reduz na conquista do alimento e no ato correlativo da geração.

(68) "Le Naturaliste à la Plate", p. 175.





1 - Saira (*Calospiza chilensis*). — 2 - Sai azul (*Thraupis episcopus*). — 3 - Atangará tinga (*Chiromachaeris manacus*). — 4 - Mariquita (*Compsothlypis pitirayumi*). — 5 - Gaturano verdadeiro (*Tanagra violacea*). — 6 - Sanhaço frade (*Stephanophorus diadematus*). — 7 - Sai bicudo (Sai azul) (*Dacnis cayana*). — 8 - Juruviara (*Vireosylva chivi*).



SciELO

Darwin, na sua obra a "Descendência do Homem", tratou com minúcia destas reuniões animais e demonstrou que o amor as inspira.

A elas filia, em grande parte, a sua teoria da seleção sexual ⁽⁶⁹⁾.

Muitíssimo mais maravilhosas são as cenas que nos descreve Franck M. Chapman na sua recém-aparecida obra, *La Vie Animale sous les tropiques*, Paris, 1939 ⁽⁷⁰⁾.

O que nos relata sobre "la parade de manakin de Gould" surpreende e mostra-nos que essas cerimônias dos *tangarás*, posto que constituam um ritual do grupo, diferem sensivelmente de espécie para espécie.

(69) A seleção sexual, dentro das consequências da concepção darwiniana, parece ter ficado no rol das lindas hipóteses, mas a eleição sexual é evidente, e muito notada no mundo das aves.

A fêmea não aceita qualquer macho que a solicite e, negando-se a um e abandonando-se a outro, claro que pratica uma eleição.

Os machos conhecem bem essas coqueterias femininas (que a mulher sublimou ao infinito), e as danças, as paradas e outras subtilidades que talvez nos tenham escapado à observação, não têm outro fim.

São artimanhas, lábia masculina, armas de D. Juan para lograr as graças das suspiradas deidades.

Darwin escreve:

"O pavão, quando se quer fazer ver, descobre e estende a sua cauda no sentido transversal, porque se coloca em face da fêmea e exhibe ao mesmo tempo a sua garganta e o seu peito tão ricamente decorado de azul. Uma outra ave cuja ornamentação lembra a do pavão, o políplecto, toma uma atitude um pouco diferente. Ele tem o peito escuro e os ocelos não estão circunscritos às retrizes. Em consequência disso o políplecto não se conserva em frente à fêmea; mas ergue e desdobra as suas retrizes um pouco obliquamente, abaixando a asa do mesmo lado e levantando a asa oposta. Nesta posição, expõe à vista da fêmea admiradora a extensão total da superfície do seu corpo semeado destes ocelos." (*La descendance de l'homme et la selection sexuelle*, 1872).

A justeza das observações de Darwin ninguém a nega, embora as suas consequências — fator de seleção sexual — estejam reduzidas a uma hipótese.

O próprio Weismann, que fez séria crítica à teoria da seleção sexual, não nega a eleição por motivos estéticos, embora diga que nem sempre a escolha seja guiada por tais motivos.

O evidente é que a beleza do canto e a da plumagem representam os motivos da preferência, e daí a regra, quasi sem exceção, de serem os machos sempre os de plumagem mais vistosa e os únicos que cantam.

Escrevendo sobre esses fatos o autor do "*L'Espirit des Bêtes*", o adorável Toussenel, chega a esses devaneios antropomórficos: "Esta desconfia do seu macho e não lhe aceita as carícias, porque ele perdeu a cauda e está um tanto fanhoso. Receia naturalmente que os seus filhinhos venham ao mundo suros e falando pelo nariz como o pai." (*"Le Monde des Oiseaux"*, t. 2.º, p. 239).

(70) Após ter escrito o capítulo dos píprideos, foi que tomei conhecimento deste livro.

Chapman teve ensejo de fazer observações minuciosas como a ninguém até então foi dado realizar.

Abandonando certas minudências, passo à descrição do essencial, decalcando-a no relato daquele ornitologista.

Durante o período de reprodução, os *tangarás* observados (*Manacus vitellinus*) vivem em pequenos grupos, de 3, 6 ou 8. Cada um prepara um pequeno espaço no solo da floresta, e tal sítio transforma-se nos seus centros de vida, no teatro das suas façanhas amorosas, para o qual é preciso atrair a fêmea esquiua. Para dar um nome a tal páteo, chamar-lhe-emos apartamento.

Em Barro Colorado (Panamá), local de observação, havia nove grupos dêsses apartamentos.

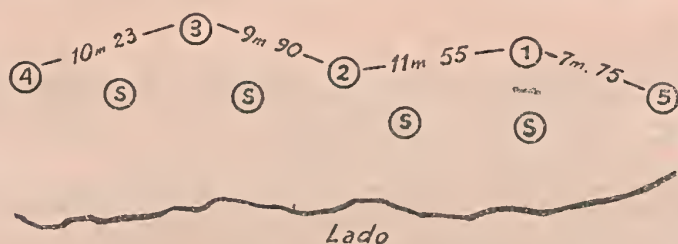


Fig. 16 — Esquema dum grupo de "apartamentos" de tangarás, segundo F. M. Chapman.

A fêmea vive perto do macho durante o período que êle a corteja e, após a realização das núpcias, já assegurada a certeza da perpetuidade da espécie, desaparece, indo construir o ninho noutra local, cuidando sozinha da incubação e alimentação da prole.

Por essas relações sexuais, assemelham-se a certos *beija-flôres-combatentes* e *aves-do-paraiso*, as quais só visitam os machos por ocasião do conúbio.

O apartamento é um espaço um tanto circular, que os jovens limpam cuidadosamente, carregando com o bico, para fora do seu âmbito, as folhas das árvores, gravetos e outros destroços.

A reunião de machos em grupos implica competição a propósito da companheira que surgirá; porém, como é a fêmea que procura o macho, um grupo sempre será motivo de maior atração que um só indivíduo.

É evidente que os membros dêstes concílios de noivos guardam entre si certas normas, verdadeiras leis inflexíveis que nenhum tenta frustrar.

Na época nupcial a vida dos machos consiste em esperar, atentamente, a chegada da espôsa que o destino lhe vai conceder, a qual êle não conhece, mas que deve ser bela e desejável.

Torna-se indispensável atrair as fêmeas e então é que se desenham páginas duma história maravilhosa, com iluminuras e coloridos feitos pela mão inspirada da natureza numa manhã de enlevo e de ternura.

Podem-se notar duas fases bem distintas dêste drama amoroso dos *tangarás*.

A primeira consiste em atrair as noivas. Como a natureza não lhes concedeu o canto, verdadeiramente dito, facultou-lhes a possibilidade de produzirem ruídos especiais com as asas.

A segunda fase é a dança. A que Chapman observou é muitíssimo diferente das que estão atrás descritas.

Traduzo, resumindo em parte, o que viu aquele naturalista, no seu posto de observação.

“Escoaram-se dez a quinze minutos. Continuam os apelos: através da vegetação que tapiza o solo, eu vejo uma saracura da mata, que avança, pé aqui, pé ali, cautelosamente; um lucano grita e surge um tangará. Reconheço nele o proprietário do apartamento número três.

Marcha com esforço. Qualquer cousa evidentemente o agita. Bate nervosamente as asas, grita: *pi-iú*, saltita sem parar, de ramo em ramo, eriçando as penas da garganta, formando uma espécie de barba. Aumenta a agitação, tornam-se mais fortes e frequentes os gritos e a barba é prolongada para diante do bico e, repentinamente, com as asas levantadas, começa a produzir um ruído de matraca, crepitante, seguido do apelo *chi-pu-ú*.

Durante êsse tempo acha-se já perto de seu apartamento, e como aí chegou, salta através dêle com estrépitos vigorosos, torna a voltar para trás, e cada salto é um estalo.

E assim continua, *clac-clac, clac-clac, clac-clac*, de diante para trás, meio metro, pouco mais ou menos, acima do solo, pousando a seguir em qualquer ramo flexível que rodeia o cenário.

Outras vezes varia a cena, e o tangará corre em derredor de seu apartamento, com grande ligeireza e o matraquear atinge o ritmo médio de dois por segundo.

Após meia dúzia de saltos, por vezes, empoleira-se, com uma fôlha no bico, aterrando a seguir.

Quando a excitação chega ao auge, a ave coloca o bico na extremidade dum ramúsculo, inclinada sobre os bordos do apartamento e com as asas em agitação, mantém seu corpo, numa posição quasi horizontal, como um dirigível amarrado ao seu poste”.

É realmente uma espécie de loucura amorosa que se apodera do tangará.

Todas as manobras têm o fim único de atrair a fêmea e neste período a mata dos arredores se enche de ruídos, como se uma loucura coletiva se apoderasse de toda a raça dos tangarás.



Chega enfim o momento decisivo.

Vai surgir, de entre o cenário verde das fôlhas, a noiva disputada, inteiramente vestida de verde, como um símbolo de esperança.

Ainda o olhar humano não a distinguiu, mas já os machos a vislumbraram, a adivinharam talvez.

A sensação que experimentam quando surge a fêmea é de tal ordem, que somente leis ditadas pelo gênio da espécie, como diria Maeterlink, podem impedir um ato de loucura coletiva naquele pugilo de candidatos ao amor.

A natureza, nos seus devaneios e inconcebíveis propósitos, parece que se compraz, por vêzes, em atormentar as suas criações e em só lhes conceder momentos de alegria à custa de tormentosas horas.

Aos *tangarás* dotou-os com o mais exaltado temperamento amoroso e, para fazê-los arder ainda mais nas chamas de um desejo vivo, semeou de escolhos a realização do himeneu.

Em todo o núcleo de apartamentos vibra o delírio da hora suprema.

Cauta, como que indiferente à tempestade de ternura que se lhe desencadeia aos pés, aproxima-se a noiva.

Quando chega mais perto e se empolceira, nalgum ramo das imediações, os machos não avançam para ela, mas começam a saltar através de seus apartamentos, fazendo ouvir ruídos crepitantes. É um convite para o baile de núpcias.

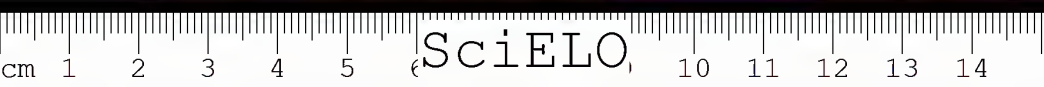
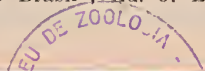
Se é bem recebida a solicitação, a fêmea coloca-se em face de seu par. Não canta nem produz qualquer ruído, mas acompanha-o na dança durante algum tempo, até que voam juntos e desaparecem no mistério da mata.

Foi Fernão Cardim ⁽⁷¹⁾ talvez o primeiro que descreveu a dança dos *tangarás*, mas já de forma muito diferente, como passaremos a ver, por suas textuais palavras:

"... tem um gênero de baile gracioso, um dêles se faz morto, e os outros o cercam ao redor, saltando, e fazendo um cantar de gritos estranho que se ouve muito longe, e como acabam esta festa, grita, e dança, o que estava como morto se alevanta e dá um grande assovio e grito, e então todos se vão, e acabam sua festa, e nela estão tão embebidos quando a fazem que ainda que sejam vistos, e os espreitem não fogem..."

O gênero contém ainda mais duas espécies amazônicas *C. parreola*, chamada *cabeça-encarnada*, *rendeira* e *uira-purú-de-costa-azul*, e *C. regina*, sem nome popular que a distinga.

(71) "Tratados da Terra e Gente do Brasil", Ed. J. Leite & Comp., Rio, 1925, p. 53.



O macho de *C. pareola* é preto, com poupa encarnada e dorso azul claro, e a fêmea, verde com a parte inferior lavada de amarelo. Mede 12 cm.

O macho, quando jovem, parece-se com a fêmea, mas já traz a crista encarnada.

Segundo Schomburgk, o ninho, que encontrou em abril e maio, é grosseiramente construído de musgos e fôlhas delicadas, finas. Os ovos medem, segundo Pinto Velho, 21-22,5 $\times$ 15-16 mm. e são densamente cobertos por manchas dum castanho averneilhado e algumas cinzentas. Postura: dois ovos.

Nutre-se de frutos e resiste ao cativeiro, quando convenientemente alimentado.

C. regina parece-se com a espécie anterior, salvo na crista que é amarela. Hábitos iguais.

TANGARÁ-DE-CABEÇA-BRANCA (*Pipra leucocilla*) — O macho é uniformemente negro, com a fronte, cabeça e nuca brancas; iris negro, bico e tarsos escuros. Mede aproximadamente 12 cm. A fêmea é verde, com a parte inferior acinzentada. Ocorre do Rio de Janeiro à Amazônia, indo até a América Central. Encontra-se frequentemente nas matas do Est. do Rio. Alimenta-se especialmente de insetos, vermes, frutas.

Já vi, em outros tempos, alguns exemplares em cativeiro, onde, aliás, em breve morreram.

Aquí no Estado do Rio, em geral, dão-lhe o nome, simplesmente, de *cabeça-branca*.

Uma outra espécie muito parecida com essa e do mesmo gênero é o *tangará-de-cabeça-encarnada*, ou simplesmente *cabeça encarnada* ⁽⁷²⁾.

Trata-se de *Pipra rubrocapilla*, mais ou menos do mesmo tamanho e igualmente negro, diferenciando-se do anterior, porque a fronte e o vértice são de um vermelho alaranjado, e as faces e nuca dum vermelho fogo, iris negro, bico escuro e tarsos tirantes ao rosado.

O ovo, segundo P. Peixoto Velho, mede 18-20 $\times$ 13-14 mm. e é branco amarelado com a superfície densamente manchada de pardo.

Distribuição: Estado do Rio, Baía, Pernambuco, Amazonas, Goiás e Mato Grosso.

TANGARAZINHO (*Ilicura militaris*) — Goeldi traça um delicado retrato do *tangarazinho*, o qual passamos para aquí. "Ave-zinha fina, mimosa, que com seu porte e alvoroço incisivo, seu caráter em que singularmente combinam velocidade momentâ-

(72) Já anteriormente descrevemos um outro tangará, de igual nome, mas do gênero *Chiroxiphia*.

nea, providência e coragem, muito tempo me intrigou, até que afinal fiquei conhecendo-a bem, é *Ilicura militaris*. A cor é variada, sem espalhafato, mas de muito gosto e agradável à vista. O lado dorsal é, em mais de metade, de belo negro, o dorso posterior é vermelho carmim claro e brilhante, e a metade inferior das asas de belo vermelho claro. A garganta e o pescoço tem-nos pardacentos, o resto do lado inferior é branco. Cinzenta é a região da face e vermelho-carmim escuro a fronte. Assenta muito bem na cabeceinha o iris claro.

Aquí na serra dos Órgãos é frequente na mata, principalmente nas veredas e picadas solitárias de mato enredado em que existem crissimmas.

É fácil ouvi-la e raro vê-la.

Produz um ruído crepitante, pasmosamente claro em proporção ao seu tamanho, e pode comparar-se ao ruído produzido pela quebra de uma avelã, ou, talvez melhor, com o que resulta de passagem rápida de uma vara pela grade de ferro dum jardim".

O ruído crepitante a que se refere Goeldi neste trecho transcrito é uma das singularidades de certos piprídeos.

Tal ruído é ouvido durante o vôo da ave e feito pelos canhões relativamente espessos das suas penas retrizes. Durante as danças a que já nos referimos ouve-se o característico crepitar.

O *tangarazinho* ocorre de Sta. Catarina ao Rio de Janeiro e em Minas e Goiás.

IRAPURÚ (*Pipra aureola*) — O macho é preto, com fita branca na asa, cabeça, peito e meio da barriga encarnados, fronte e garganta alaranjadas, coxas brancas.

A fêmea é verde, com garganta e meio do abdome amarelos. O tamanho dêste passarinho não passa de 11 1/2 cm.

Escassas observações biológicas existem sobre esta espécie e as demais do gênero, aliás conhecidas quasi todas sob a mesma designação ⁽⁷³⁾.

(73) Nada menos de dez espécies de piprídeos, no "Catálogo das Aves Amazônicas", de Emília Sneathlage, recebem o nome de *uirapurú*, como escreve a autora, seguindo rigorosamente a etimologia do vocábulo. É possível recrutar entre outras famílias de pássaros mais alguns *uirapurús*, e entre eles, o tido como verdadeiro *uirapurú*, que é um vireonídeo. Stradelli diz, no seu "Vocabulário Nheengatú-Português", que o passarinho que lhe tem sido apontado como tal é um tiranídeo. A própria ornitologista acima citada regista nome igual para pássaros de outras famílias.

De tudo isso se conclue que a palavra *irapurú* ou *uirapurú* não pode entrar no rol das designações específicas, porque não aponta determinada espécie.

RENDEIRA (*Chiromachæris gullurosus*) — O macho apresenta o alto da cabeça negro, nuca branca, dorso inferior, asas e cauda negras; garganta e peito brancos; ventre e uropígio cinzentos, bico escuro, olhos negros e pés plúmbeos. A fêmea é verde.

Os jovens são de cor cinzenta esverdeada, com rêmiges e cauda mais escuras.

A plumagem por baixo do bico, ou melhor no queixo, mostra-se alongada, aparentando uma barbicha, razão pela qual dão à ave também o nome de *barbudinho* e *mono*.

Esse conjunto empresta ao passarinho, que mede apenas 11 cm., um ar muito gracioso.

O ninho, colocado em árvores altas, é igual ao do *tangará*, já descrito, porém muito mais fundo.

Ovos 22×15 mm. de cor branca amarelada, manchas castanhas, alongadas, mais numerosas no polo obtuso.

O *rendeiro*, por outros ainda chamado *monje*, ocorre desde Sta. Catarina à Baía, mas tem sido encontrado no Maranhão, Goiás e Minas. É muito comum no Estado do Rio, segundo própria observação. Alimenta-se de frutos, insetos e vermes.

Espécie muitíssimo semelhante é *C. manacus*, *atangará-tinga*, que ocorre na Amazônia e Mato Grosso. É também conhecida por *bilreira*, *rendeira*.

Com o nome de *rendeira* apontam-se outras espécies, todas graciosas em virtude de seus topetes e muito ornamentais pela distribuição das cores.

O nome bilreira e seu sinônimo rendeira provém do ruído que tais aves produzem com as asas, semelhante ao que fazem os bilros trabalhados pelas tecedoras de rendas, as rendeiras ou bilreiras.



CAPÍTULO VIII

COTINGÍDEOS

**Araponguinha, caneleiro, caneleirinho, tropeiro, tinguacú,
galo-da-serra, tesourinha, chibante, assoviador, corocochó,
quiruá, anambés, anambé-preto, bacacú, anambé-açú,
araponga.**

A família dos cotingídeos com mais de uma centena de espécies, todas americanas, encerra um mundo de formas grandiosas, exquísitas e brilhantes.

Entre os cotingídeos estão as figuras mais gigantescas dos pássaros ⁽⁷⁴⁾ curiosos uns como o *pavó*; grande e exquísito, qual o *anambé-preto*; duma estrutura graciosa e côres deslumbrantes, como o *galo-da-serra*; com um vozear altissonante como o *tropeiro*; de grito percuciente e volumoso como a *araponga*.

A par destas formas dum ineditismo nunca dantes registrado na ordem dos pássaros, dêstes gigantes entre seus iguais e de outros de vestes fulgurosas, há os menos vistosos, os parentes pobres da família, os desafortunados, que se vestem com roupas surradas e sombrias e até são modestíssimos no tamanho, como se não quisessem crescer muito para não ofender a vaidade dos outros.

Considerando o conjunto dos cotingídeos, notamos logo a mais acentuada discordância entre os membros da grande família ⁽⁷⁵⁾. Tamanho, forma, colorido, estrutura, tudo revela, logo à primeira vista, a falta de homomorfia. Não existe, em absoluto, conssemelhança no conjunto.

Vemos por exemplo o *anambé-preto*, do gênero *Cephalopterus*, que é do tamanho dum frango, enquanto *Calyptura* é menor que uma cambaxirra.

Há entre os cotingídeos ainda outras estranhas diversidades de característicos, a começar pela estrutura e tamanho das asas,

(74) Somente alguns japús, na família dos icterídeos, rivalizam e com eles igualam.

(75) Há um "facies" de tão evidente heterogeneidade, que alguns ornitologistas colocam o gênero *Attila*, por exemplo, entre os tiranídeos ou nos formicariídeos, e os gêneros *Iodopleura* e *Calyptura* na família do piprídeos. Hellmayr, do gênero *Rupicola* fez a família Rupicolidae.

escutelação dos tarsos, tamanho e formato do bico, forma da cauda, ora longa, ora curta, truncada aqui, forçada acolá.

Surgem cristas de formatos imprevistos, pompeantes, aparatosas, ao lado de indivíduos desprovidos de poupa.

Em certos gêneros, machos e fêmeas diferem profundamente, nem parecem, sequer, parentes, e noutros êste dimorfismo sexual patenteia-se por insignificantes minúcias e ainda há espécies entre as quais não se distinguem o macho e sua consorte.

Culminarão, certamente, ainda mais essas dissemelhanças, quando se lhes desvendarem os segredos do viver íntimo, pois muitíssimo pouco se sabe a respeito da nidificação, ovos, etc.

O que está patente é que, embora a maioria viva afundada na espessura da floresta, um bom número de espécies aparecem nas orlas da mata, algumas se extraviam pelo sertão, frequentam as caatingas e vão até os campos.

Todos gostam de frutas, como em geral os habitantes da mata, mas não desprezam insetos e tem-se verificado que algumas espécies se arregimentam entre aqueles bandos de formicarídeos, que percorrem as matas, em conjunto, nas sortidas de caça, como já tive ensejo de aludir.

A família dos cotingídeos no Brasil compreende, segundo Carlos da Cunha Vieira ⁽⁷⁶⁾, 25 gêneros, dos 32 existentes, com 51 espécies e 21 sub-espécies.

A distribuição geográfica faz-se por toda a América do Sul, desde o norte da Argentina, indo mesmo para além desses limites, até o sul do México. Nas Antilhas verificou-se a existência de dois gêneros.

Tratarei a seguir, conforme o plano dêste trabalho, dos pássaros que o povo conhece sob designações vulgares, e dum ou outro não batizado, quando por acaso se afigure necessária uma referência a propósito destes pagãos.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

ARAPONGUINHA (*Tityra inquisitor inquisitor*) ⁽⁷⁷⁾ — Os machos apresentam a parte superior branca acinzentada, cabeça preta; asas, exceto as secundárias externas, pretas; cauda também preta, afora a região basal; a parte inferior é branca acinzentada, mas o ventre inteiramente branco.

Bicos e pés negros. A fêmea é semelhante, porém com estrias escuras no dorso; a fronte e região auricular pardas. Mede pouco menos de 20 cm.

Por tão ligeiros traços já podemos imaginar a linda ave que é a *araponguinha*, também chamada *araponguira* e *cangica*.

(76) "Os Cotingídeos do Brasil" — Rev. Mus. Paulista, Vol. XIX, p. 326.

(77) Aliás *Erator inquisitor*, pois Ridgway mostrou diferenças morfológicas suficientes para separar esta espécie das do gênero *Tityra*, restaurando assim o antigo gênero *Erator*, seg. nos informa Olivério Pinto.

Da vida de tal beldade pouco se sabia até que a Antônio Caetano Guimarães Junior, colecionador de ovos, se deparou ensejo de seguir as pègadas da misteriosa.

Foi em uma fazenda, no município de Indaiá, Minas.

Andava o atilado amador à procura de "algo nuevo", quando localizou, num oco de pau, o tugúrio da *araponguinha*.

Vencidas as dificuldades primeiras, eis o ensejo supremo em que se defrontam os dois, o ambicioso colecionador, com o sorriso de quem acha um tesouro, e o pássaro, com mêdo que lhe furtem os filhos, que ainda dormem dentro dos ovos o sono profundo da ante-manhã da vida.

Tirada uma lasca de madeira, para melhor descobrir o ninho e dêle retirar os ovos, viu o violador daquele berço que a mãezinha exemplar, nem por ser tão grande e forte o inimigo, deixou de reagir. Engalispou-se toda, alvoroçou as penas, como fazem as galinhas em chôco e lançou o seu protesto. Reagiria incontinente e reagiu.

Porém a mão forte e ávida do homem pôde mais que a coragem e o devotamento do pássaro. Mais uma vez o direito do forte impôs-se ao direito natural do fraco.

Dentro do ninho, arrancada a ave, havia três ovos alongados "côr de laranja madura", com a parte romba mais escura, e do tamanho mais ou menos do ovo da gralha (*Cyanocorax chrysops*), segundo informa o autor.

Ainda é do citado autor a seguinte descrição:

"O ninho consistia em um grande amontoado de fôllhas sêcas. Ao que me parece, a fêmea, nesse período, era tratada pelo macho, em vista de se achar numa posição bem cômoda, sob uma grande porção de fôllhas, só com a cabecinha de fora.

Ora a saída diária, a fim de se alimentar, seria difícil e trabalhosa, devido à disposição desta cobertura, tornando-se uma tarefa penosa, todos os dias, e várias vêzes, a remoção das fôllhas, de cima dos ovos, para colocá-las novamente nesta disposição tão bem arranjada" (78).

A espécie de que tratamos tem sua distribuição geográfica bem ampla, pois vai de Sta. Catarina ao Piauí e também se encontra no Paraguai e norte da Argentina.

O gênero *Tityra* comporta 4 espécies e algumas sub-espécies, sendo que a mais vulgar também conhecida por *araponguinha*, é *T. cayana brasiliensis*, bem parecida com a anterior, porém um tanto maior.

Nota-se ainda em *T. brasiliensis* uma região desplumada em derredor dos olhos, formando um anel.

(78) "Ensaio sôbre ornitologia" — Ant. C. Guimarães Jr., Rev. Mus. Paul., t. XIV, p. 623.

É espécie que vem desde o nordeste do Brasil até R. G. do Sul, Mato Grosso, indo ao Paraguai e norte da Argentina.

Com o nome de *anambé-branco* o povo distingue *Tityra cayana cayana*, quasi em tudo semelhante à anterior, pouca cousa menor, mas com o bico avermelhado com ponta preta. É espécie da Amazônia.

Note o leitor, para evitar as frequentes confusões a que nos levam os nomes populares, a existência de um outro pássaro, igualmente rotulado de *araponguinha*, ao qual já nos referimos à página 92.

CANELEIRO (*Platypsaris rufus rufus*) — Os machos adultos são de cor geral cinza escura, quasi fuliginosa, cabeça preta, dorso tendendo para cor negra, garganta, peito e abdome cinamôneos, bico e pés plúmbeos.

As fêmeas têm a parte superior de cor ferrugínea e a inferior cinamônea e daí o nome de *caneleiro* ou *caneleira*, isto é cor de canela.

Mede 19 cm. Habita o Brasil, desde o Piauí ao Rio G. do Sul e vai até Mato Grosso, norte da Argentina e Bolívia.

A outra espécie do gênero (*P. minor*) é do tamanho dum benteví pequeno e tem sua distribuição geográfica do Maranhão para a Amazônia, aparecendo também em Mato Grosso.

CANELEIRINHO (*Pachyramphus polychropterus polychropterus*) — O gênero *Pachyramphus* possui mais de 20 espécies, espalhadas pela América do Sul e Central, sendo que no Brasil ocorrem onze, entre espécies e sub-espécies.

O mais conhecido, o *caneleirinho*, mede 14 1/2 cm. e tem a parte superior negra, cabeça com brilho metálico no vértice; uropígio cinéreo, asas pretas manchadas de branco, cauda negra, com a ponta das retrizes brancas. As partes inferiores são cinzentas. Isso o macho, pois a fêmea, como de regra neste gênero, é de cor geral olivácea, com dorso e asas pardacentas, e partes inferiores cinamôneas.

O ninho é um verdadeiro montão dos mais diversos materiais: folhas, fibras, cortiças, lã, trapos, etc.

O conjunto, segundo descrição de Euler, “apresenta uma massa redonda, com cerca de 30 cm. de altura e 25 cm. de largura. No centro acha-se a câmara, relativamente pequena, com 9 cm. de diâmetro, cujo acesso é dado por uma abertura redonda de 5 cm. de diâmetro colocado na metade inferior do globo”.

Mais adiante, prossegue o autor citado: “A câmara está atapetada com folhas secas de junco. Neste edifício baloiçado pelo vento, o pássaro começou a incubar 4 ovos de forma estirada, com pontas delgadas e cor clara de chocolate, com um tom cinzento, sem lustre nem desenho. Medem 22 a 23 mm. × 15-16 mm.”.

O ninho descrito acima foi encontrado na pitangueira dum jardim, e o casal para construí-lo levou 12 dias.

Outro *caneleirinho* de igual tamanho, *P. viridis*, constrói ninho semelhante, mas entremeia cada dia de trabalho com dois ou três feriados e assim leva mais de um mês para terminar a construção.

Esse pássaro, é inegável, tem acentuadas tendências para funcionário público.

Pachyramphus p. polychropterus é espécie do nordeste do Brasil, do norte da Baía ao sul do Maranhão. Seg. C. Vieira, *P. viridis* vai do R. G. do Sul à Baía e Mato Grosso, Paraguai e Argentina.

TROPEIRO (*Lipaugus vociferans*) — Parece que o nome de *tropeiro*, *sebastião*, *bastião*, *sabiá-do-mato-grosso*, *sabiá-tropeiro*, *viracú*, cabe, indistintamente, às duas únicas espécies de cotin-gídeos do gênero *Lipaugus* que vivem entre nós: (*L. vociferans* e *L. lanioides*).

L. vociferans mede 26 1/2 cm. Os machos adultos têm as partes superiores cinéreas, cauda cinza escuro, partes inferiores também cinéreas, porém mais claras, principalmente na garganta e abdome; bico e pés plúmbeos. As fêmeas adultas são semelhantes, porém as rêmiges secundárias mostram cor pardacenta.

O nome de *tropeiro* assenta-lhes muito bem, pois a sua voz estridente imita o clamor dos almocreves na sua faina de tanger cavalgadas. Hercules Florence na sua "Zoofonia" já se refere ao *tropeiro* e traça-lhe as notas do vozear no pentagrama musical.

De O. Pinto, emérito ornitologista, transcrevo a seguinte passagem ⁽⁷⁹⁾: "É este um pássaro exclusivamente da mata, onde frequente de preferência os vales sombrios e as baixadas úmidas. Durante a viagem tive meu primeiro encontro com êle na subida da Serra do Palhão, não muito longe do povoado de Distampina, quando a estrada, deixando as largas clareiras dos campos de criação e das derrubadas recentes, se embrenhou pela floresta densa. À nossa passagem respondiam os *bastiões* ao ruído da tropa e às vozes dos viajantes, com grito ou assobio estentórico que lhe é peculiar, ecoando de cada canto até de considerável distância. Quando, propositadamente para provocá-los, fazíamos barulho na mata, quebrando galhos ou bateudo nos troncos com o facão, então é que o clamor se generalizava a toda a redondeza, para só aos poucos dissipar-se, acalmando-se progressivamente mais espaçados os assobios da passarada em sobressalto".

(79) "Aves da Baía" — Rev. do Museu Paulista, t. XIX, p. 231.

Em certas regiões de Mato Grosso, os matutos dão a *Lipaugus vociferans* o nome de *poaieiro*.

Dizem eles que a ave é amiga dos "caçadores" de poaia (*Evea ippacuanha*) e, para auxiliá-los, indicam onde a podem achar abundantemente.

Então assovia com insistência e é só procurar o sítio em que está a prestativa ave, para encontrar uma verdadeira mina das preciosas raízes ⁽⁸⁰⁾.

A exploração incessante e, sobretudo, o demônio do fogo, atizado pela insensatez do sertanejo, dentroclasta vesânico, e do colôno, desinteressado por tudo, que não seja lucro imediato, quasi que destruiu a mata inteira e com ela a valiosa planta medicinal ⁽⁸¹⁾.

Hoje, o *poaieiro*, como uma peça quasi inútil no mundo dos encantamentos, já raramente indica um viveiro de poaia;



Fig. 17 — Tropeiro (*Lipaugus vociferans*)

(80) Roquette Pinto, em "Rondonia", refere-se a essa história lendária, e encarna no tiranídeo *Ornithion cineracens* o herói do bruxedo.

Desconfiei da identificação, julguei pequerrucho demais, para tal façanha, o passarito que o príncipe Neuwied encontrou na Barra do Jacú, no Espírito Santo.

Apelei para Olivério Pinto, que sempre me vale, generosamente, em aperturas de tais momentos. O mestre, com a clareza meridiana, que o distingue, escreveu:

"O poaieiro, a meu ver, pássaro que Roquette Pinto diz ser "do tamanho dum sabiá", outro não é senão o mesmo bastião ou tropeiro, dos sertanejos da zona oriental; essa hipótese é tanto mais plausível, quanto a confusão nomenclatural a seu respeito se explica perfeitamente pela circunstância de ter sido descrito por Vieillot, em 1822, com o nome de *Ampelis cineracea*, isto é, quasi sob a mesma aplicação dada por Wied ao tiranídeo por ele descoberto. Lembremo-nos, a propósito, que a Expedição Rondon-Roosevelt colecionou exemplares do bastião no alto Gi-Paraná, não longe, portanto, do Sepotuba, referido no trabalho de Roquette".

(81) Arthur Neiva, no relatório duma viagem científica empreendida através do Brasil, uma das mais gigantescas excursões desta natureza, escreve:

"O sertanejo inconscientemente está preparando o deserto. Os aborígenes que habitavam o Brasil, antes do descobrimento, só conheciam um único meio de lavar a terra, que era o fogo. Dêles, os invasores não só

se assovia, é apenas com saudades dos seus velhos domínios, o reino augusto da mata, onde árvores, enormes como catedrais, enviavam para as alturas os coruchêus das frondes verdes e vivas.

Nada me consta sôbre outros costumes, nem lhe conheço referências ao ninho.

O seu *habitato* é do Amazonas até o norte de Mato Grosso e do Pará até o sul da Baía. Fora do Brasil é encontrado nas Guianas, Colômbia e Venezuela.

Na Amazônia dão-lhe o nome de *cri-cri-ó*, onomatopéia de seus gritos.

O outro *tropeiro* é *Lipaugus lanioides*, um pouco maior que o anterior (28 cm.), um tanto parecido com êle, porém no conjunto mais escuro e com estrias brancas na garganta. Em geral é mais conhecido por *viraçú*. Fêmeas iguais aos machos. É espécie do sul de Minas e Espírito Santo até Sta. Catarina.

Vive igualmente na mata, e tão recatadamente se comporta, que nada se lhe consegue saber da vida.

TINGUAÇÚ (*Attila rufus*) — O gênero *Attila*, composto de oito espécies brasileiras, apresenta uma série de complicações para os ornitologistas. Há entre êsses homens de ciência algumas divergências.

Devido a conformação do bico dêsses pássaros, alguns autores julgam preferível colocá-los entre os formicariídeos ou na família dos tiranídeos. Outrolanto pode-se dizer dos representantes do gênero *Casiornis*.

Mas a espécie que estabeleceu uma verdadeira balbúrdia, entre ornitólogos, foi *Attila spadiceus spadiceus*, sem nome vulgar que a individualize.

Imagine-se que o referido passarinho se dá ao luxo de mudar de traje quatro vezes durante a vida.

Ora os naturalistas, que vivem a procurar inéditos, que são gulosos por essas virgindades da Natureza, cada vez que encontravam *Attila spadiceus spadiceus*, em um dos seus avatares, zás! batizavam-no com a água lustral da ciência, com todas as cabidulas do latínório.

Só na sua primeira fase de vida, quando aparece quasi todo verde-amarelado e amarelo, foi descrito quatro vezes. Em

herdaram a "técnica", como ainda perpetuaram a terminologia, já absorvida pelo vernáculo, como se verifica pelos vocábulos *capoeira*, *caçara*, *coivara*. Uma das tribus de índios mais numerosas do Brasil, a dos caiapós, tirou êsse nome, segundo os entendidos, do fato de fazer queimadas".

De tantas leis que protegem o homem, nenhuma protegeria a riqueza do conjunto dos homens que habitam o Brasil, a nação enfim, como aquela que viesse salvaguardar o patrimônio natural do seu solo, a floresta com seus animais, o cerne vivo da pátria.

sua segunda fase, que aparece cinzento e amarelo, foi descrito uma vez; na 3.^a fase, pardo escuro e ocráceo, uma vez e na sua última forma, quasi todo ferrugíneo e amarelo, teve dois batismos. É de se imaginar a confusão daí originada. Hellmayr foi quem atinou com o fio da meada, pondo os alvoroçados colegas em sossêgo, e jogando, duma assentada, sete nomes para o monturo da sinonímia.

Mas o nosso *tinguaçu*, também chamado *capitão-de-saira*, não tem história complicada.

Apresenta-se em belo uniforme pardo ferrugíneo, na parte superior, com cabeça integralmente cinzenta, asas castanhas e desta mesma cor a cauda, enquanto a região inferior é cinamênea, garganta cinérea estriada de branco. Habita exclusivamente a mata e constrói um ninho muito digno de nota e assim descrito por Euler.

"Achei-o (refere-se ao ninho) em novembro em pequenas cavidades nos barrancos, um buraco de 20 cm. de fundo na ribeira vertical dum riacho a 3 metros acima do nível d'água, escondido pelas raízes e ervas pendentes. No plano úmido desta caverna estava posta a tijela, espaçosa e sólida, em posição bem nivelada, apesar de forte declividade do solo que o pássaro soube corrigir admiravelmente pelo emprêgo judicioso do material. Este consiste para a base em raízes e para a parte superior em folhas e pedúnculos. O exterior é totalmente revestido de finas radícolas pretas bem torcidas e adaptando-se às asperezidades da terra. Na frente a parede é enfeitada com musgos verdes. O interior do ninho é guarnecido de finos pedúnculos".

Os ovos achiados no ninho acima descrito, em número de quatro, eram de linda cor cárnea, com uma coroa na ponta posterior, composta de largas manchas pardas avermelhadas, e algumas azues desbotadas. Essas manchas, que se espalham, dão ao ovo aspecto geral malhado. Tamanho do ovo: $24\frac{1}{2} \times 19\frac{1}{2}$ mm.

O *tinguaçu*, que não mede mais de $20\frac{1}{2}$ cm., habita o sudeste do Brasil, do sul da Baía até Sta. Catarina.

GALO-DA-SERRA (*Rupicola r. rupicola*) — Afundado nas florestas do extremo norte da Amazônia, no sul da Venezuela e na Guianas, vive uma das espécies do mundo alado sobre a qual muito pouco se conhece. Sabe-se apenas que é linda, como um cromo, cor de laranja vagamente tingida de vermelho, colorido brilhante, que se espalha por todo o corpo, exceto as asas dum cinzento escuro, sendo que as rêmiges secundárias ostentam orlas alaranjadas. A cauda é parda acinzentada com um debrum laranja. Bico e pés amarelados.

Mas o que muito caracteriza tal ave é o originalíssimo tope, formado pelas plumas do alto da cabeça, que se arrumam muito penteadinhas dos lados para cima, numa crista larga e

em semi-círculo. Tal é a roupagem dos machos na quadra nupcial.

Veste-se a fêmea muito mais modestamente, com um uniforme pardo oliváceo, apenas com toques amarelos no uropígio, cauda, abdome e coberteiras inferiores das asas.

O tamanho do *galo-da-serra*, ou *galo-do-Pará*, como também é chamado, regula 32 cm., notabilizando-se os tarsos, um tanto altos (27 mm.), que se mostram bastante emplumados.

O conjunto descrito reveste a magnífica ave duma silhueta que surpreende e encanta, como mostra o desenho que figura na capa desse livro muito perfeito e em cores naturais.

Da sua vida passada nos áditos das grandes florestas equatoriais pouco transpira. Sabe-se apenas, pela narrativa de Humboldt e Schomburgk, que costumam realizar bailados nas clareiras das florestas.

É o baile de núpcias. Torneio de graça e amor, uma pagininha de "féerie", para ilustrar os livros das histórias infantis.

Schomburgk, o feliz espectador desta cena maravilhosa, assim descreve o incrível bailado: "Os arbustos em derredor mantinham uma vintena de convidados entre machos e fêmeas. Num lagedo, que era o palco, exhibia-se um macho, o qual percorria o tablado em todos os sentidos, executando passos e movimentos surpreendentes. Ora entrecabria as asas, lançando a cabeça para a direita e para a esquerda; escavava o solo com as patas; saltitava repetidamente no mesmo lugar, com maior ou menor rapidez; ora fazia roda com a cauda e, após, em passadas graves, como que impando de orgulho, passeava em tórno da lage, até que, fatigado, fazia ouvir um grito, bem diferente da sua voz costumeira e então voava para o mais próximo ramo. Outro macho, a seguir, vinha-lhe ocupar o lugar, mostrando igualmente a sua garridice, leveza e desembaraço e depois outro e outro sucessivamente".

Vemos pela descrição que somente os machos se exibem nesta parada de elegância e não resta dúvida que se trata dum bailado de sedução.

As fêmeas, com a mais dissimulada indiferença, julgam a beleza dos seus admiradores e, naturalmente, preferem êsse ou aquele. R. Schomburgk acrescenta até que as fêmeas, quando o macho termina o bailado, soltam um grito especial, uma espécie de aplauso.

O nome de galo parece provir do hábito, que têm tais aves, de cisear, no chão, à maneira dos galináceos e, ainda, pelo fato de baterem as asas, como o nosso vigilante chantecler.

Segundo alguns autores, o manto de D. Pedro II era feito com as penas do *galo-da-serra*, meadas com as de *tucanos* e *araçarís*.

Até falaram em tributo, a que estavam sujeitos os índios da Amazônia, tributo pago com as penas referidas. Há quem duvide do fato, e há também quem afirme ser verdadeiríssimo.

Eis aí como se cria um dos mais penosos enigmas da indumentária imperial.

O *galo-da-serra*, segundo Euler, faz um ninho aberto sobre os rochedos ⁽⁸²⁾ e a postura tem lugar duas vezes ao ano, dezembro e abril. Os ovos, dois em cada postura, são esbranquiçados e cobertos de pontuações pardo-amarelas.

Humboldt informava que o ninho era colocado ao longo das paredes dos rochedos, entre fendas, e Schomburgk diz que era fixado à rocha como o ninho das andorinhas, colado por meio duma resina.

Os indígenas da região do Orenoco ofereceram a Humboldt gaiolas com *galos-da-serra* jovens, nunca porém machos no seu traje adulto ⁽⁸³⁾.

Parece que tão lindas aves não suportam o cativeiro, senão de modo precário.

A carne é delicada, mas dum vermelho-laranja que muito a singulariza.

Alimenta-se de frutos.

Emília Snethlage e H. v. Ihering dão o *galo-da-serra* como habitante da Amazônia inferior e apontam outra espécie *R. r. peruviana*, em tudo semelhante, mas com asas e cauda pretas, como do extremo norte da Amazônia.

Nem F. M. Chapman (The Distribution of Bird-Life, in Colombia, 1917), nem Carlos Vieira, em "Cotingídeos do Brasil" (Rev. Mus. Paulista, t. XIX, 1935), aludem a ocorrência de tal espécie no Brasil. Brehm também o localiza no Perú.

TESOURINHA (*Phibalura flavirostris*) — Os cotingídeos, como já fizemos ver, apresentam a mais extrema diversidade entre si, podendo-se afirmar que é uma das famílias mais heterogêneas.

Tesourinha, por exemplo, mostra uma esbelteza de forma, uma cauda longa e forçada, 12 1/2 cm., que faz lembrar um *andorinhão* (*Cipselídeo*).

(82) *Galo-da-rocha* ("coq-de-roche" e "the Cocks of the Rock", dos autores franceses e ingleses) é designação empregada naturalmente devido à localização de seu ninho, entretanto, não parece popular tal nome, entre nós.

(83) A. R. Wallace, que em sua viagem à Amazônia, subiu até o alto Rio Negro só para obter exemplares do *galo-da-serra*, dá-nos a informação seguinte:

"Nunca se vêem nesses sítios as fêmeas e os filhotes. Dêste modo, vós podeis estar certos de apanhar somente os machos crescidos e de linda plumagem".

Quer dizer que em certas regiões se encontram somente as fêmeas com os filhotes e noutras os machos exclusivamente.

É realmente um lindo e elegante passarinho de cerca de 23 cm. da ponta do bico ao extremo da longa cauda. Domina a cor amarela e negra. A parte dorsal é de um amarelo oliváceo, com as penas debruadas de negro, nuca cinzento claro; o vértice oculta, sob penas negras, uma graciosa porção de outras vermelhas claras. A garganta é de um amarelo vivo, o peito branco, com estrias negras e o abdome amarelo esbranquiçado com manchas pretas. Cauda e asas negras, aquela com retrizes marginais de verde e essas com as rêmiges secundárias esbranquiçadas. Bico curto amarelo pálido.

Fêniea semelhante ao macho, porém a cabeça é cinzenta sem penas escarlates e a cauda mais curta.

A *tesourinha*, ao invés de viver na mata, como os demais membros da família, gosta de vir para o campo e até para próximo das habitações humanas, como testemunhou Goeldi.

O seu *habitato* é realmente a floresta, mas na época da procriação, por motivos que ela bem o sabe, acha melhor aninhar-se na campina.

Nós aqui, no Brasil não podemos apreciar uma verdadeira migração de aves, como se dá no hemisfério boreal. Entretanto, acontece que certas aves, habitantes da mata, num determinado período do ano, realizam pequenas e ligeiras migrações para o campo, fato que entre nós ocorre em maio e se prolonga até setembro, segundo observações de Euler.

Esse fenômeno não passou despercebido ao povo, que, notando a abundância das aves, dá a essa quadra do ano o nome de "tempo dos passarinhos", momento trágico para a vida das avezinhas, que são assassinadas por uma multidão de desocupados, e até pelas crianças cujos pais não receberam educação precisa para desaconselhar tal maldade ⁽⁸⁴⁾.

Essas excursões das aves para fora do seu *habitato* é realizada após a criação. Parece assim uma viagem de instrução que os pais proporcionam aos filhos, pois os jovens aparecem nesses bandos.

De outubro a abril dá-se o inverso, o bando dissolve-se, os velhos casais e os que entram na lua de mel voltam para a mata, aonde os chama a voz imperiosa do Amor.

Há algumas espécies, no entanto, que fogem da aspereza do inverno, e vão em busca de paragens em que o frio seja menos rigoroso.

(84) Não devemos perder o ensejo de recordar esse bom conselho de Bernardin de St. Pierre: "Não inspireis jamais às crianças o desejo de experiências cruéis, se são bárbaras para os animais inocentes, não tardarão a sê-lo para com os homens. Antes de assassinar seus concidadãos, Calígula se havia entretido em exercer a crueldade com as moscas. A moral do homem para com o homem principia com a da criança para com os insetos".

Tesourinha, que é uma criatura de vida excêntrica e contraditória, ao contrário, vive na mata e veraneia e procria no campo.

Goeldi notou-lhe a quasi mansidão e observou-a de continuo, traquinando despreocupada no arvoredo dos quintais. Descobriu-lhe o ninho, num anda-açú, a 12 metros do solo, um ninho que chega a envergonhar, pelo desleixo. Parece a casa de certas elegantes.

Os ovos, em número de dois, medem $22-23 \times 19$ mm., são azul-esverdeado claro, com uma coroa de manchas escuras no polo obtuso.

A distribuição geográfica dêste belo eotíngideo estende-se do Rio de Janeiro ao R. G. do Sul e vai a leste do Paraguai.

CHIBANTE (*Lanius elegans*) — Os machos adultos mostram-se muito elegantes no seu traje verde oliváceo, na parte superior e amarelo, com risquinhas transversais negras, na região inferior. As asas e cauda são negras e desta mesma cor o alto da cabeça. Nos machos a 4.^a rêmige é estreitada na ponta. Medem pouco menos de 24 cm.

A fêmea é de igual tamanho e semelhante na cor, porém com as rêmiges normais, cabeça mais clara e, na parte inferior, as penas são marginadas de preto ⁽⁸⁵⁾. O *chibante* habita o litoral, desde o sul da Baía ao Estado de S. Paulo, e em certas regiões é conhecido por *assoviador*.

Nada consta sobre a vida dêste pássaro, muito bem lançado de forma e assaz gracioso.

ASSOBIADOR (*Tijuca atra*) — É um pássaro de grande porte (28 cm.), rabudo e negro, algo parecido com um *japú*.

Os machos são inteiramente negros, mas as primárias são orladas dum amarelo vivo e o bico amarelo alaranjado. Pés negros.

As fêmeas são dum verde-oliváceo, mais desmaiado na parte inferior, exceto o ventre, que é amarelado; o bico é alaranjado escuro e os pés dum pardo muito escurecido.

Vive na espessura da floresta, onde faz ouvir o seu assobio trissilábico, muito comprido e composto de notas que sobem na escala dos sons.

Quando no silêncio da mata se ouve aquele *fi-i-i* longo, julga-se que é um sinal convencionado, um apêlo, o aviso para que as divindades da floresta — hamadriades refugiadas na selva americana — recatem as formas venustas, escondam, do cúpido olhar humano, a formosura dos seus corpos divinais.

(85) Esta espécie já esteve colocada na família dos piprídeos (*Ptilochloris squamata* Pelzel).

Pura imaginação. O *assoviador* chama a sua companhia sempre esquiwa e avisa-a de que certas fruteiras do mato estão pejadas de frutos.

Então acodem os casais e, enquanto a mesa está no apôjo da fartura, por ali fica a turma comedora, tasquinhando.

Da vida que leve nos cafundós da mata tal pretinho elegante e assobiador, nada se sabe.

Goeldi bispou-lhe um ninho grimpado em árvore de difícil acesso. Namorou-o, mas desistiu da empresa de marinhar por madeiros frágeis com as suas robustas pernas helvéticas.

O *assobiador*, que não respeita os sábios, deu-lhe naturalmente uma vaia de *fi-i-is* bem puxados a sustância e manteve o segredo de sua vida.

O passarão de que tratamos, também chamado *tijuca*, habita o sudeste do Brasil, do Rio de Janeiro a Sta. Catarina, e bem assim as regiões limítrofes entre Rio de Janeiro e Minas. Na Serra dos Órgãos, seg. Goeldi, é muito vulgar.

O nome popular de *assoviador* cabe igualmente a outro co-tíngideco, mais conhecido por *chibante*.

COROCOCHÓ (*Ampelion melanocephalus*) — A parte superior d'êste pássaro, que mede 22,5 cm., é dum belo verde oliváceo; a cabeça é negra e as partes inferiores verde-amareladas, e sôbre o peito esverdeado correm estrias cinzentas desmaiadas; abdome amarelo, pés e bico plúmbeos. Fêmeas iguais aos machos.

Ocorre do sul da Baía a S. Paulo.

Outro *corocochó*, um tanto parecido com êste, até no tamanho (23 cm.), é *Ampelion cuculatus*. A parte superior é parda amarelada, cabeça negra, cauda quasi preta com margem verde, asas escuras, com coberteiras amarelas, as coberteiras superiores são escuras orladas de amarelo desmaiado; abdome amarelo vivo.

Fêmeas semelhantes, mas a côr preta mostra-se menos intensa.

Habita o litoral, do Espírito Santo ao R. G. do Sul. Em alguns lugares é chamado *corocotéu*, *rocororé*.

Nada se sabe sôbre a vida d'êsses pássaros. H. von Ihering diz que o ovo de *A. cuculatus* é de forma oval-alongada, com os dois polos quasi iguais, com superfície lustrosa. O campo é cinzento amarelado, com salpicos bruno acinzentados, desbotados e, em parte, confluentes.

QUIRUA (*Cotinga maculata*) — Já Fernão Cardim fazia referências a êste lindo pássaro, a que dava o nome de *queruiná*, e dizia ser muito estimado, não pelo canto senão pela "formosura das penas".



E acrescentava esta informação pitoresca: "São tão estimados, que os índios os esfolam e dão duas e três pessoas por uma pele dêles e com as penas fazem seus esmaltes, diademas e outras galantarias".

O *quiruá*, também chamado *catingá*, quando adulto é na parte superior dum azul brilhante, cauda preta, o mento, garganta e peito vermelho púrpura. Nota-se sobre o peito uma faixa azul. O abdome é purpurino e os flancos azues, sendo ainda dessa cor o crisso. A coberteira das asas é preta com manchas azues; as fêmeas são dum modo geral pardas na parte superior e na inferior de cor ocrácea avermelhada. Habitam a região florestal costeira, desde o sul da Baía ao Rio de Janeiro.

Nada consta sobre a vida em liberdade; é sabido, entretanto, que suporta bem o cativeiro, alimentando-se de frutas, pão ume-decido no leite, alface picada, coração de boi em forma de pasta, mas não dispensa "ovos de formigas" e os chamados vermes da farinha, que são larvas do coléoptero *Tenebrio molitor*.

Na Europa tem figurado em viveiros e é lá conhecido sob o nome de *cotinga cordon-bleu*.

ANAMBÉ-PRETO (*Cephalopterus ornatus ornatus*) — Não tem asas na cabeça, como o nome parece indicar, mas o *anambé-preto*, *pavão-do-mato* ou ainda *toropichí*, é, na realidade, um pássaro grandemente complicado, como o desenho aqui junto assegura.

Mede, quasi 45 cm. de comprimento, sendo pois, um dos maiores pássaros da família. A plumagem é dum preto azulado. Sobre a cabeça uma poupa original se encurva para frente e do pescoço lhe pende, balouçante, um longo penduricalho emplumado, como se fôsse um badalo.

Ora só essas duas peças já dão que falar dêste exquisiteso e, ainda mais surpreso nos deixa o saber que, quando emite o seu grito aflautado, o estranho badalo se incha, como o fole de uma gaita.

Vejam só a que se expõe um pobre bicho, quando Dona Natureza está disposta a brincadeiras.

O *anambé-preto*, entretanto, não se rala, com todas essas quinquilharias, que é obrigado a carregar desde que nasce. Vive muito satisfeito e até parece que se enche um tanto de vaidade com a comenda que lhe orna o peito⁽⁸⁶⁾. A fêmea, que é um pouco menor, carece do pendurelho e mostra topete pequeno, não muito caído.

(86) Os índios jivaros, por causa dêste estranho pendente, acreditam que o *anambé-preto* é a incarnação dum guerreiro, que ostenta uma cabeça-trofeu, *tzantza* (Les Bêtes Sauvages de l'Amazonie", Marquis de Wavrin).

Burmeister creio ser o único autor que alude ao ninho de *Cephalopterus*, o qual é feito sem o menor apuro e constituído de ramos secos colocados em árvores altíssimas. A postura consta de dois ovos.

Nada mais, ou pouco mais se sabe da vida de tão curiosa ave a que os indígenas dão o nome de *menü-uirá*, que quer dizer *pássaro-de-topete*, e *menü-uirá*, ou seja *pássaro flauta*.

Esses nomes retratam muito melhor a ave, diga-se de passagem, que o disparatado *pavão-do-mato*, pois nada permite aproximar as duas figuras tão dissiméis no mundo das aves.



Fig. 18 — Anambé-preto (*Cephalopterus ornatus*)

O desenho que aqui figura representando o *anambé-preto* faz-me lembrar doutro que se encontra na famosa e ainda inédita "Viagem Filosófica" do malogrado médico baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, a quem o sábio Arthur Neiva chama grande naturalista brasileiro.

Ainda o nome de *anambé-preto* ou *anambé-una* serve para apontar outro contingido, de gênero diferente (*Querula purpurata*).

É menor que o anterior, pois mede 32 cm., e, embora seja inteiramente negro, ostenta uma réstea de colorido carmezim escuro nas longas plúmas da garganta. Os pés são negros e o bico plúmbeo. É espécie da Amazônia e norte de Goiás.

Ainda entre os notáveis da grei dos *anambés*, goza alto prestígio, como campeão do vôo em altura, o *recordman* deste esporte, um lindo pássaro vermelho escuro com asas pardas. A fêmea é parda, mas com cabeça e parte inferior encarnadas.

Trata-se de *Haematoderus militares*, que mede mais ou menos 37 cm.

Logo que amanhece, levanta o vôo, e afunda-se na imensidade, sumindo-se entre as nuvens, e só desce ao meio dia, segundo a crença.

Os aborígenes, que têm faro de naturalista e imaginação de poeta, observaram o fato e tiraram logo uma ilação.

O pássaro, naturalmente, vai fazer uma visita ao sol e daí o batismo que se impunha: *coaraci-uirá*, isto é *pássaro-sol*.



1 - (*Agelaius thilius*). — 2 - Sai-andorinha (*Tersina viridis*). — 3 - Sabiá-laranjeira (*Turdus rufigiventris*). — 4 - Dragão (*Pseudoleister virescens*). — 5 - Papa-laranja (*Thraupis bonariensis*). — 6 - Sabiá-do-campo (*Mimus saturninus*). — 7 - Sabiá-preto (*Platycichla flaripes*). — 8 - Sabiá-da-praia (*Mimus lividus*).



SciELO

Outros anambés — A designação *anambé* é regional da Amazônia e serve para apontar no mínimo dezesseis espécies, segundo se vê no "Catálogo das Aves Amazônicas" de E. Sneath. Trata-se, pois, quasi de um nome genérico dado aos colingídeos, equivalente ao *corocochó* aqui do Sul.

É perfeitamente dispensável passar revista a essa série inteira.

Diremos apenas que são todos de uma grande beleza de cores, especialmente os do gênero *Cotinga*.

Há o *anambé-azul* (*Cotinga cotinga*) muito parecido com o *quiruá*, já descrito, e note-se que tem até outro nome com o dele bem parecido, *curuá* ou *cururá*. Outro *anambé-azul*, parecido com esse, mas um tanto menor, é *C. cayana*.

Com o nome de *anambé-branco* distinguem duas espécies (*Titgra cayana cayana*) muito parecida com a nossa *araponginha* ou *canjica*, já descrita, e *Xipholena lamelipes*, aliás, também chamada *bacací-preto*. A cor geral predominante não é preta, mas um azul muito apertado. As asas são brancas e de igual cor a cauda. Isso para os machos, pois as fêmeas são pardas escuras com asas marginadas de branco.

Ainda abundam outros *anambés* e, entre eles, um lindíssimo, do tamanho dum bentevi, *Xipholena punicea*, cuja cor geral é vermelho purpurino com asas brancas, no macho. É espécie do extremo Amazonas e Guianas.

O indígena dá a esse lindo pássaro o nome de *uacaco*.

Sobre a vida destas aves nada transpira. Há uma referência a *Titgra c. cayana*, que põe ovos nas casas dos cupins, termitiros, e *Phoenicircus carnifex*, grande apreciador de assaí, chamado também, por esse motivo, *papa-assaí*, o qual é, aliás, de uma grande beleza, com sua roupa em que predomina a cor vermelha, tendo o preto para realçá-la. É também chamado *uira-lata*, o que quer dizer pássaro-fogo, em alusão à cor.

A cauda é vermelha, e o seu lindo topete, de um vermelho carmesim brilhante. É ave da Amazônia.

PAVÓ (*Pyroderus scutatus scutatus*) — Um dos gigantes da família dos pássaros é o *pavó*, pois mede 44 a 45 cm., chegando a 85 a envergadura das asas.

A cor geral é negra brilhante, de reflexos metálicos, a garganta, lados do pescoço, alto do peito, vermelho laranja cambiante.

Notam-se penas de acastanhada cor na coberteira inferior das asas e peito médio, iris pardo anegrado, bico plúmbeo, bem mais carregado na mandíbula superior. Pés negros.

As fêmeas são semelhantes ao macho, embora de menor tamanho, notando-se mais descorado o colorido da garganta.



Decididamente frugívoro, o majestoso pássaro vive pelas grimpas das árvores em constante colheita de frutos, especialmente bagas com que enche seu amplo papo.



Fig. 19 — Pavó (*Pyroderus scutatus*)

Não é muito dado a cantigas, mas na época dos amores solta suas gemedoras súplicas, um *lu-hú-lu*, cheio de ternuras, dum som cavo, porém bem distinto, algo semelhante à voz do mutum, que é costume imitar-se soprando com força uma garrafa vasia. Por vezes, êsse som é bem forte, como que um mugido de bezerro, e por isso os guaranis, do Paraguai, segundo A. W. Bertoní lhe davam o nome de *iacü-toro*.

Não é dos mais frequentes aqui nas matas do Estado do Rio, mas não se pode dizer que escasseie ou raramente apareça.

Embora seja de ânimo tranquilo e até flemmático, como já notara o príncipe de Wied, não se exhibe muito, já porque ama viver bem no coração da mata, já porque lhe apraz percorrer o cocoruto das árvores, onde naturalmente os frutos, bem expostos ao sol, são os primeiros a madurar.

Do ninho nem se fala, embora seja de acreditar que o faça em árvores altas, tendo o príncipe de Wied ouvido referências a tal respeito.

Tenho informação fidedigna de que essa ave se torna mansa e vive em casa, definhando entretanto e morrendo em breve tempo.

O nome *pavó* afigura-se-me inexplicável. Chego a conjecturar até que se trata de um erro tipográfico. Sei que outrora alguns escritores davam à ave o nome de *pavão-do-mato*. Possivelmente, por uma dessas diabruras tipográficas, pavão passou a pavó.

Êsse pássaro, que representa variedade geográfica de espécie extensamente distribuída na América meridional, onde alcança, na Colômbia, as vertentes ocidentais da cordilheira dos Andes, encontra-se, diz o assás citado ornitologista Olivério Pinto, “a partir do norte da Argentina e do Paraguai, em todas as matas extensas do sudeste do Brasil, desde R. G. do Sul até a Baía”.

MAÚ (*Perissocephalus tricolor*) — Habitante do extremo norte da Amazônia e das Guianas, o *maú* vive numa região quasi desconhecida.

Sabe-se, por informações de Schomburgk, que êle tem um grito algo parecido com o mugido de um bezerro, grito que solta a intervalos iguais, um vozeirão selvagem, muito conforme a grandeza do cenário que o cerca.

Vive aos casais, pelas grimpas das árvores, e alimenta-se de frutos silvestres.

Trata-se de um passarão de 38 cm. de comprimento (Brehm dá 44 cm.) com as partes superiores de um pardo amarelo, mais claro no alto dorso; a fronte, uma parte da cabeça até quasi o vértice, loros e região orbital são nuas, com raríssimas cerdas negras. Asas e cauda negras, partes inferiores ferrugíneas, coberteiras inferiores das asas, brancas; mento nú, com cerdas esbranquiçadas; bico e pés negros.

Fêmeas semelhantes aos machos, um tanto menores e com a cabeça menos nua.

Nos animais jovens a face apresenta uma penugem de arminho, (*duvet*) brancacenta.

O nome *maú* é evidente onomatopéia de seu grito.

Nada mais se sabe da vida do *urutaí*, como também é chamado.

Há vagas alusões a certa "ave cupuchinha" que parecem referir-se ao *maú*, o qual, se assim fôr, fica com mais um nome.

ANAMBÉ-AÇÚ (*Gymnoderus foetidus*) — *Pombo-anambé* e *Anambé-pitiú* são também nomes vulgares dêste grande pássaro.

A designação última, aliás, lhe calça a individualidade como uma luva, pois *pitiú* ⁽⁸⁷⁾ quer dizer fartum e, na realidade, não se sabe bem porque o *anambé-açú* não é das criaturas mais cheirosas.

Além desta particularidade, já assinalada por Linneu, que o classificou, o seu aspecto não encontra similar entre os da família, pois em derredor do pescoço traz uma larga zona nua rugosa, como um colarinho amarfanhado e sujo de azul escuro.

Veste-se todo de preto xistáceo, porém negro veludoso na cabeça e garganta.

Dêste conjunto escuro sobressaem as asas acinzentadas e bico plúmbeo. As fêmeas são um tanto mais pequenas, com a zona nua do pescoço menos notável e com asas dum cinzento escuro.

Encontra-se na região amazônica e norte de Mato Grosso.

(87) Ao odor que exalam os corpos, especialmente em referência ao peixe, o indígena dá o nome de *pitiú*. Há, até, certa tartaruga, mal cheirosa, que carrega êsse nome.

O indígena distingue no branco cheiro de peixe (*opitiú*); no preto fedor (*ocatinga*). Só o tapuí, lá para seu olfato; cheira bem (*osakéna catú*).

A raça amarela também encontra mau cheiro nos brancos.

Se a gambá falasse, talvez que dissesse lindas cousas do seu cheirinho.

ARAPONGA (*Procnias nudicollis*) — É um pássaro taludo, de 27 a 28 cm. de comprimento. Os machos adultos são inteiramente brancos, exceto os lados da cabeça e garganta, que são nus, de cor verde-acobreada, e onde se implantam raras cerdas pretas; bico preto e pés pardos. Os machos ainda jovens são verde-acinzentados.

As fêmeas adultas têm as partes superiores verdes, com cabeça mais escura, e as partes inferiores amareladas, com estrias verdes, e na garganta, que é cinzenta, entremeciam-se estrias negras. Crisso amarelado. A distinção referida entre os dois sexos observa-se mais ou menos aos dois anos de idade.

Esta espécie habita as matas do sudoeste do Brasil, sul da Baía e Minas Gerais até o R. G. do Sul e regiões vizinhas da Argentina e Paraguai.

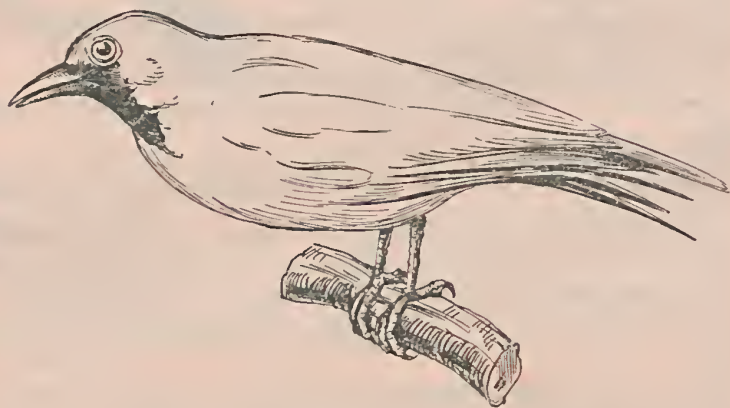


Fig. 20 — Araponga (*Procnias nudicollis*)

Há no gênero *Procnias* mais duas espécies, uma do Nordeste, *araponga-de-asa-preta*, e outra da extrema Amazônia, lá conhecida por *gainambé*, que aliás apresenta garganta com penas e uma longa carúncula emplumada na fronte.

Sobre a vida da *araponga*, ou talvez melhor *uiraponga*, também chamada *ferreiro* e *ferrador*, nada se sabe, e tudo se ignora igualmente a respeito do seu ninho, certamente localizado em árvores altas.

Entretanto o seu canto notável é digno de altas referências.

Nada pode melhor dar idéia do canto do *ferreiro*, a quem ainda não o ouviu, que descrevê-lo semelhante ao som produzido por um martelo vibrado com violência sobre uma bigorna. É a mesma estridência, o mesmo som ponteagudo que se enfia pelos ouvidos.

Se aqui, no ambiente da cidade, o canto da *araponga* é capaz de nos levar aos paroxismos do desespero, nos sertões, ao invés disso, é um bálsamo.

Fora do ambiente natural, perde o encanto. Para entender aquela música, para traduzir em suavidades as estridências daquela garganta, dentro da qual trabalha invisível ferreiro, é preciso perلustrar as longas estradas cheias de sol do nosso *hinterland*.

É naquele cenário de mágica, sob o sol ardente, quando sentimos quasi a erepitação da terra em fogo, que o *ferreiro* está em plena atividade. Pousado no cimo de árvore gigantesca, sentindo o belo calor da vasta oficina, dá êle à lima, enlevado no lavor do trabalho.

Primeiramente aprimora as rebarbas de uma lâmina metálica argentina, é um *rein, rein, rein* tremilicante, cheio de sonoridades e depois, no final, deixando cair o martelo sobre a bigorna, espalha por toda a natureza agudissimo som de estridência metálica. Malha e remalha, enchendo de ressonâncias as amplidões.

É um grito cheio de ardência e fôrça, é o Estentor brasileiro anunciando a vitória do sertão, onde um exército de heróis guarda intactas as reservas pujantes da raça brasileira, vibrante e forte como o canto da *araponga*.

Resiste esta bela ave as agruras do cativeiro e chega a viver longos anos engaiolada, fazendo retinir seu grito cheio de claridades, o que deve causar alegrias a um amador de ruídos. Entretanto muitas vèzes é atacada pela corisa. A. Couto Magalhães, em seu muito interessante "Ensaio sobre a fauna brasileira", escreve. "Em cativeiro é facilmente acometida de eorisa, com obstrução das fossas nasais, o que a torna triste e sem appetite, e assim vai definhando até que lhe sobrevenha a morte".

Alimenta-se de frutas, bagas suculentas, bananas e aprecia insetos.

Há quem em certa época lhe coma a carne, mas em geral a desestimam.

A gaiola da *araponga* deve ser ampla e melhor ainda será um viveiro, com chão de terra.

L E N D A

A Hércles Florence ⁽⁸⁸⁾ deve-se, parece, a primeira referência a uma história popularizada pelo Visconde de Taunay, sob o pseudônimo de Silvio Dinarte, história essa dum desafio entre a onça e a *araponga*.

(88) "Zoofonia" — Memória escrita em 1892 e traduzida por A. D'Es-crag-nolle Taunay, em 1877.

— Vamos ver, disse a onça, qual de nós dois é capaz de gritar tão alto que assuste o outro.

— Aceito a parada, retrucou logo a araponga, lembrando-se de seus sustenidos.

A onça então soltou um urro, que fez estremecer a floresta, menos a araponga, que, esperando o trovão, aguentou firme e nem pisou os olhinhos.

Chegou a vez da araponga mostrar a fôrça do seu grito.

Sem pressa começou afinando a garganta num *rein-rein-rein* de lima sobre o ferro, cheio de tremeliques.

— É isso o teu grito, disse-lhe a onça meio irônica.

— Não tenha pressa, estou esperando um jeito, voltou a ave e lá se estirou noutra série mais sonora de *reins-reins*, tão suaves que a onça começou a cochilar, fechando os olhos. .

A araponga estava esperando isso mesmo e então sapecou o martelo na bigorna *pein!* com tanta gana, que a onça deu um pulo.

E foi assim que ganhou a aposta.



PARTE II

PÁSSAROS QUE CANTAM

CAPÍTULO IX

TURDÍDEOS

Sabiá-laranjeira, sabiá-cinzentos, sabiá-poca, sabiá-branco,
sabiá-coleira, sabiá-da-capoeira, sabiá-da-mata,
sabiá-preto.

Ao tratar da família dos turdídeos, penetro nos domínios sonoros dos pássaros cantores.

Daqui para o final deste livro vamos entender com os virtuosos, amadores, artistas de grande mérito uns, mediocres garganteadores outros e uma multidão de criaturas que figuram na companhia lírica dos pássaros, mas se ficam sempre ao fundo do palco, junto às garatujas mentirosas da cenografia, arrastando ao efeito, misturando as vozes ao ruído uníssono do coro.

Já vimos, mas convém lembrar, que a garganta dos pássaros em geral possui uma conformação anatômica particular, tendo como aparelho de fonação a siringe⁽⁸⁹⁾, órgão que se encontra na porção inferior da laringe e que se torna muito complexo e complicadíssimo nos pássaros cantores, de que vamos tratar.

É essa disposição especializada que permite ao pássaro as modulações de seu canto.

Mas, que cantam os pássaros?

O mesmo que rimam os poetas: a magnificência da natureza, o encanto da vida e as delícias do amor.

(89) Sirinx era uma formosa ninfa, que, ao se ver perseguida por Pan, suplicou ao rio Ladão, seu pai, que a transformasse em caniço. Como recordação da sua eterna desejada, o grande Pan arrancou um dos caniços e com ele fabricou a flauta de 7 furos, chamada siringe, o que lembra a mitológica deidade.

Os naturalistas, poetas a seu modo, ao órgão de fonação das aves dão o nome da flauta de Pan.

O amor, sobretudo, parece que lhes dá os motivos principais da exaltação, que se traduz em cânticos.

O macho canta para se fazer ouvir por aquela que, certo dia, quando a voz imperiosa da natureza lho ordenar, saberá chamá-lo batendo as asas frementes; canta para avisar os outros rivais de que a soberania masculina daquelas paragens lhe pertence e de que a defenderá com a mesma impavidez com que eleva aos ares as modulações da sua voz.

O canto do pássaro é um endeiça de amor e um hino marcial. Há na sua garganta ternuras da Ave-maria de Gounod e as ameaças sonoras da Marsellesa.

É um apêlo para a noiva que anseia encontrar e uma ameaça ao rival que pressente existir.

Não se estudou ainda, convenientemente, o mérito musical dos nossos pássaros cautores.

Goeldi resume os juízos que da virtuosidade dos cantores neotropicais fizeram os naturalistas que por aqui andaram, dizendo que há muitos gritadores e poucos cantores eméritos.

Afronta-nos logo com o mais genial dos cantores do velho mundo, o rouxinol. Cita-nos a toutinegra de cabeça preta, o melro e a cotovia.

Que posso dizer eu, que só conheço tais aves pelas gravuras dos tratados de ornitologia?

Mas um patricio ilustre, cientista e ornitólogo amador, Franco da Rocha, teve a fortuna de ouvir cantar o rouxinol, num bosque, na aldeia de Schkeuditz, perto de Lipsia, e escreve:

"Sentei-me de um lado, para melhor ouvi-lo. A comparação surgiu inevitável. O nosso ganha com distância" ⁽⁹⁰⁾.

O nosso, a que se referia o pranteado amador de pássaros, era o pintassilgo, o único, no entender de Franco da Rocha, "que lembra o presto de uma sonata de Beethoven".

Eu faço fé na palavra do patricio, homem de prol e de apurado gosto artístico.

É um testemunho, aliás, de grande importância para o julgamento dos nossos alados cantores ⁽⁹¹⁾.

(90) "Ornitologia", S. Paulo, 1923.

(91) Foi Buffon, parece, o primeiro a menosprezar o canto dos pássaros tropicais, mas, neste ponto, com menor autoridade de tantos outros naturalistas que por aqui realmente andaram e tiveram ensejo de ouvir o gorgear do grande orfeão das selvas neotropicais.

A. R. Wallace já em 1853 escrevia em suas "Viagens pelo Amazonas e Rio Negro":

"Não estamos de acôrdo com a generalizada crença que os pássaros dos trópicos têm uma deficiência de canto, proporcional ao brilho da sua plumagem, crença essa que deverá ser modificada".

Isto constitue um testemunho valioso, para o extremo norte, como W. H. Hudson é para o extremo sul, quando escreve, em "Un flâneur en Patagonie":

"A floresta sul-americana apresenta a-de-mais o caráter duma orquestra



1 - Pintassilgo (*Spinus magellanicus ictericus*). — 2 - Azulão (*Cyanocompsa cyanea sterea*). — 3 - (*Pheucticus aureoventris*). — 4 - Cardeal do norte (*Paroaria gularis*). — 5 - Tico-tico-rei (*Coryphospingus cucullatus rubescens*). — 6 - Canário da terra (*Sicalis fluveola flava*). — 7 - Cardeal (do sul) (*Paroaria coronata*). — 8 - Canário da horta (*Sicalis flaveola pelzelni*).



SciELO

Se o pintassilgo supera o rouxinol, não estamos assim tão inferiorizados.

E, ao demais, poderemos esperar os aperfeiçoamentos do futuro. Confio no talento dêstes brasileiros de bico e pena.

Não se ria o leitor, forrado em argumentos duma escola que não admite nos "irracionais" senão atos instintivos, movimentos mecânicos, uniformes, garantidos pela hereditariedade todo-poderosa ⁽⁹²⁾.

Um músico vienense, que estudou as vozes dos animais, fez observações curiosíssimas e entre elas afirmou que o rouxinol

sinfônica, na qual um número enorme de instrumentos toma parte na execução, havendo sonoras discordâncias, ao tempo que notas amoráveis e espirituais se fazem ouvir, a intervalos, em contrastes infinitamente suaves e preciosos".

(92) Negando-se inteligência aos animais e concedendo-se-lhes apenas instinto — que chegaram a definir como um impulso inconciente — criou-se um problema, mais do que isso, um enigma, ante o qual o homem parece desaparelhado para resolvê-lo.

A ave faz o ninho obedecendo ao instinto, dizem os que assim pensam.

Quer dizer que ela faz o ninho sem saber para que fim, põe os ovos, da mesma forma, cerca de cuidados os filhos, defende-os, lamenta, por vèzes, a morte dêles, tudo instintivamente

Opera como se fôsse uma máquina. E' como um relógio, que, impulsionado por certa mola, a corda, faz girar os ponteiros em derredor do mostrador e vai medindo os instantes que o homem inventou para se guiar através do infinito do tempo, sem consciência da sua misteriosa tarefa.

A razão repele êsse modo de entender.

O que chamamos instinto pode bem ser uma inteligência rudimentar, os primeiros clarões daquela faculdade que se sublimou no homem, mas que se encontra embrionária em tôda a escala animal e cujas gradações perfeitamente conhecemos.

Bergson diz: "E' que a inteligência e o instinto, tendo começado por se entrepenetrarem, conservam alguma cousa da sua origem comum". O filósofo faz distinção entre as duas, porém não lhes nega uma origem comum.

O porco é, ou não, menos "inteligente" que o cavalo e o cão. O macaco não será ainda mais inteligente de que os três animais citados.

O cão selvagem não ladra.

O latido do cão é uma linguagem, que êle adotou junto ao homem civilizado, talvez pretendendo imitar-lhe a fala.

E', pois, um progresso.

O instinto, na definição geral, é um ato realizado sem ser aprendido. Os animais, por possuírem instinto, só realizam os atos ditos instintivos.

O cão doméstico jamais ouviu o cão selvagem ladrar, mas, precisando corresponder-se, a seu modo, com o dono, inventou uma linguagem.

Se inventou uma cousa, essa cousa não cabe dentro da esfera do instinto, que se define pela realização de atos não aprendidos, mas cegos e invariáveis através das idades.

Poderão dizer que o caso do cão é excepcional.

Entretanto êsse progresso pode ser explicado pela sua longa domesticação. Todos sabemos que é o mais antigo dos animais domésticos. W. M. Reed e J. M. Lucas ("Les étapes des espèces animales", p. 118) dizem que êle era já companheiro do homem neolítico, quando êste entrou na Europa, faz mais de 10.000 anos.

dos tempos de Homero estava longe de ser o prodigioso artista que hoje se proclama.

Ninguém pode negar que os pássaros se aperfeiçoam através de estudos.

De onde vieram os pássaros? Dos répteis, não é verdade?

Quanto progresso, pois, desde o coaxar do sáurio até a estrofe do pintassilgo, do canário, do rouxinol.

J. Delamain esereve ⁽⁹³⁾: "Até entre os maiores artistas, a tara ancestral surge, por vêzes. O rouxinol pontua as suas mais belas estrofes por um "carr" tão áspero que da garganta flácida dum batráquio dir-se-ia ter saído".

E a faculdade de imitação não será, por outro lado, um argumento a favor das possibilidades do progresso, em matéria de canto.

Quem desconhece hoje o ensino a que são submetidos os canários?

Os canários de Harz e o Malinois não são hoje adquiridos para servirem de professores aos canários comuns?

Mas nem só os canários possuem a faculdade de imitar e, conseqüentemente, de aprender ⁽⁹⁴⁾.

Os pássaros em geral possuem-na em maior ou menor grau.

Nenhuma ave supera, neste particular, a *Minus polyglottus polyglottus*, da América do Norte, ave que, segundo observações fidedignas, chega a imitar a voz de 90 outras aves ⁽⁹⁵⁾.

E o nosso celebrado *japim*, que sabe arremedar todos os seus colegas?

E o papagaio?

Posso ainda trazer meu depoimento pessoal.

Os homens do meu tempo devem possivelmente recordar-se de certa confeitaria instalada no largo de S. Francisco de Paula, próximo a uma outra, que ainda hoje lá se encontra, à esquina da rua dos Andradas.

Nesta doçaria, ao fundo, existia uma pitoresca gruta e também um viveiro com pássaros.

Havia ainda gaiolas e numa delas um sabiá. De que espécie era, não poderei dizer. O certo é que possuía um incontestável talento musical.

Por aqueles tempos tocava harpa, na aludida casa de doces, o conhecidíssimo Pascoal, velhusco de fisionomia bondosa e com uma bela cabeça de artista mongólico.

(93) "Pourquoi les oiseaux chantent", Paris, 1928, p. 22.

(94) A linguagem articulada, em sua origem, parece que nasceu e se aperfeiçoou pela imitação, segundo o entender da maioria dos filólogos, inclusive Max Muller.

(95) "El Hornero", Vol. IV, p. 359.

Não há talvez dez anos que o ouvi pela última vez, numa leiteria da rua do Ouvidor, com a sua velha harpa de dourados já foscas e a sua cabeça que embranquecera sob as torrentes musicais do biblico instrumento.

Pobre artista! Para ganhar a vida, transformara-se em Orfeu comercial, atraindo fregueses.

Pois bem, Pascoal, aos tempos em que me reporto, possuía em seu repertório, sempre bem escolhido, uma peça musical de resistência. Era os Granadeiros.

O sabiá, lá da sua gaiola, ouvia, diariamente, as notas marciais da grande peça e, por muito ouvi-la, aprendeu-lhe o prelúdio.

Aprendeu e gostou, e tanto assim que sempre, ao iniciar seu canto, começava pelos primeiros compassos dos "Granadeiros".

Darwin, aliás, já exaustivamente tratara de assunto semelhante, com essas considerações que passamos a transcrever:

"Os sons que alguns pássaros fazem ouvir, sob diversos pontos de vista, oferecem maior analogia com a linguagem, pois todos os membros de uma mesma espécie exprimem suas emoções com idênticos gritos instintivos e todos os que cantam exercem, instintivamente, esta faculdade; mas o canto efetivo e mesmo as notas de apelo são apreendidas de parentes reais ou adotivos. Estes sons, como Daines Barrington conseguiu prová-lo, "não são mais inaptos do que a linguagem no homem. Os primeiros ensaios de canto podem ser comparados às imperfeitas tentativas que traduzem as primeiras balbuciações da criança". Os jovens machos continuam a exercitar-se, ou, como dizem os criadores, a estudar, durante dez ou doze meses. Nos seus primeiros ensaios, reconhecem-se apenas os rudimentos do canto futuro, mas, à medida que o tempo passa, percebe-se até onde eles querem chegar e acabam por sabê-lo de uma maneira completa.

A ninhada que apreende o cantar de uma espécie distinta, como os canários que se eriam no Tirol, ensinam e transmitem o novo canto aos seus próprios descendentes. As ligeiras diferenças naturais do canto duma mesma espécie que habita regiões diferentes, podem, com toda justiça, ser comparadas, segundo o reparo de Barrington, "a dialetos provincianos", e os cantos de espécies vizinhas, mas diferentes, à linguagem das várias raças humanas.

Fiz questão de dar os detalhes que precedem, para demonstrar que uma tendência instintiva em adquirir uma arte não é um fato particular que se restringe unicamente ao homem" (96).

A essas observações do mais notável naturalista do mundo, ainda se podem juntar outras que a reforçam.

(96) "A descendência do homem e a seleção sexual". Rio, 1933. p. 51.

Jacques Delamain, na obra já citada, diz que a má vizinhança exerce sobre os pássaros cantores ação maléfica.

O melro e a toutinegra, exemplifica o referido autor, criados nas circunvizinhanças dos pântanos, costumam misturar às suas sonatas vozes rouquenhãs e intreadentes, que é a linguagem das aves habitantes dos charcos.

Para último lugar deixo uma prova decisiva da faculdade de aprender que os pássaros possuem.

Dá-nos H. Duncker, no *Journ. f. Ornithol*, n. 4 de 1922 (citado no "El Hornero", vol. III p. 436).

"O criador de canários, Reich, em Bremen, mediante esforços continuados por muitos anos, conseguiu "inocular" em seus pássaros o canto do rouxinol. Para esse fim havia feito reproduzir o canto do rouxinol vivo ante canários novos e ainda tinha conseguido gravar tal canto em discos de gramofone, que assim repetiam a lição.

Os canários de sete gerações subsequentes iam adquirindo cada vez mais os caracteres deste canto, e a tal ponto que as novas crias já não necessitavam nem do exemplo do rouxinol, nem da lição do disco, pois aprendiam o canto ouvindo os pais.

Evidentemente no transcurso de gerações vai processando-se uma acumulação cada vez maior do canto do rouxinol entre os canários.

Resta agora uma questão a resolver: os canários conseguiram adquirir, por herança, esse canto, ou só o têm aprendido pelo exemplo? Se adquiriram por herança, será dada a prova disso, quando uma nova cria, rigorosamente isolada do rouxinol e do canário, não ouça nem o canto de um nem o de outro, e consiga cantar, ou como aquele, ou como este.

Nesta prova estavam empenhados o canarista e o autor da nota aqui resumida.

Após essa ligeira excursão a propósito do canto dos pássaros e da faculdade de aperfeiçoamento, assunto sobre o qual ainda longamente poderíamos divagar, voltaremos ao essencial do capítulo.

A família dos turdídeos contém, exclusivamente, os sabiás conhecidos sob esse nome no Brasil inteiro, exceto na Amazônia, onde lhes chamam *caraxué* ⁽⁹⁷⁾.

São aves de tamanho médio, olhos grandes, bico longo, forte, algo encurvado e com cerdas basais raras ou ausentes.

O colorido geral é pardo e pardo avermelhado, exceto na única espécie do gênero *Platycichla*, a *sabiá-una*, em cujo macho predomina a cor negra.

(97) De cará, alteração de guirá, por uirá = pássaro; xué = vagaroso, chorão.

Tarso-metatarso com tegumento liso, quer dizer as escamas do tarso fundem-se.

Comporta quatro gêneros com um total de quatorze espécies. O regime alimentar pode ser considerado onívoro.

Vivem de ordinário no campo, nas capoeiras e bem assim na mata.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

SABIÁ-LARANJEIRA (*Turdus rufiventris*) — Teve êsse pássaro uma verdadeira consagração literária nos versos inesquecíveis de Gonçalves Dias.

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá

são os dois versos mais conhecidos no Brasil.

Embora o patriota não chegue a ler de fio a pavio a bela poesia do grande maranhense, ao menos os dois primeiros versinhos êle os sabe.

Na realidade o *sabiá-laranjeira* é um apreciável artista, e seu canto forte dá "côr loal" à mata brasileira.

Pode não ser, como não é, uma melodia patética, uma protofonia de ópera, mas seu motivo simplório tem o eneanito das cousas ingênuas e primitivas.

Não procura complicações musicais, mas nem por isso deixa de nos enternecer, a nós outros, os filhos da terra das palmeiras e dos sabiás.

Goeldi não lhe achou graça no canto e troçou da "pose" da ave, da postura algo senhoril que toma, quando vai executar a sua canção, aquele *furi-furi* — *furi, furi*, de sílabas simples sem dúvida, mas que tem o sabor das frutas do mato.

Spix entretanto achou-lhe o canto semelhante ao do rouxinol, como o diz no seu latim: "cantu melodico ut philomela europaea insignis".

Confesso que não compreendo o nosso campo e matas sem aquela voz tão característica. Tenho-a na conta de uma peça insubstituível, indispensável à vida da paisagem.

É ave de regular tamanho 24 a 25 cm., com a parte superior dum pardo acinzentado escuro, rêmiges e cauda ainda mais escuras, garganta cinzenta muito estriada de escuro, parte anterior do peito cinzenta e parte posterior, ventre e uropígio de côr ferrugínea⁽⁹⁸⁾. Dessa côr avermelhada lhe vem o nome de *sabiá-piranga*.

(98) Vi sabiás-laranjeiras sem a falada côr ferrugínea. Olivério Pinto, em "Aves da Baía", referindo-se à sub-espécie *T. rufiventris jenkinsi*, diz que

Os olhos, grandes, são negros com orla de amarelo ouro, bico amarelo escuro e pés plúmbeos.

A fêmea é um pouco mais volumosa que o macho, mas não tem o garbo dêste. É mais escura, com as estrias do pescoço inferior não só mais juntas, como de carregada côr. No macho essa região é alvacentá.

A auréola em derredor dos olhos é dum amarelo claro, e o bico é reto, não apresentando o encurvado que é comum nas demais espécies do gênero. Os jovens mal se diferenciam dos adultos, notando-se apenas algumas manchas no dorso e no peito.

É pássaro muito encontrado.

Vive nas árvores dos pomares e vai de contínuo ao chão, saltitando com desembaraço, empinando a cauda e sacudindo as asas.

Sabe procurar insetos no chão, entre o folheto, e tem um tino admirável em descobrir minhocas, iguaria que engole com visível prazer.

Não ficam por aqui as suas predileções alimentares, pois não raro ataca uma ou outra frutinha da horta, especialmente figos bem maduros e morangos vermelhinhos.

Não chega a causar estragos propriamente ditos. Cobra-se, embora parcamente, do serviço que faz, destruindo os insetos nocivos.

Nem todos assim entendem e, por vèzes, até julgam-na prejudicial, lançando mão da espingarda: pretexto talvez para lhe comer a carne.

Nidifica em arbustos isolados, especialmente laranjeira, donde lhe vem o nome de *sabiá-laranjeira* e *sabiá-laranja*.

Euler encontrou um ninho em uma mangueira a 10 metros do solo, mas, em geral, não o coloca em tais alturas, ao contrário, quasi sempre entre 3 a 4 metros, quando não o constrói nas sebes vivas, ao alcance do nosso braço.

O ninho, que é de uma solidez absoluta, não se pode dizer que seja mal feito.

Trata-se de uma ampla tijela, tecida de ramúsculos com argamassa de barro na base, e de fibras e raízes igualmente tomadas de barros nas paredes laterais.

Externamente há musgos verdes, que servem para dissimulá-lo entre a folhagem, e dentro, no fundo, há um acolchoado de raízes finas e macias, sem barro.

A postura é de 3 a 4 ovos, em geral 3. O ovo, algo bojudo, com ponta alongada, mede 28-29 $\times$ 20-21 e mostra o campo dum azul esverdeado com manchas e pintas ferrugíneas, denteadas.

os sabiás do Recôncavo mostram plumagem mais clara e o "abdome é antes acanelado que côr de ferrugem".

Os sabiás, que ví, realmente tinham sido trazidos do Norte, por um embarcadíço.

Época da postura: setembro a novembro.

Goeldi diz que se encontram ainda ovos em janeiro e por isso crê que a ave faça duas a três posturas num ano.

A *sabiá* é mãe amorável e desvelada. Seus filhotes são espantadiços de tal modo, que, mal se chega próximo ao ninho, logo se tomam dum terror pânico, jogando-se para fora dele.

Nesses transe os pais mostram-se alucinados, fazem còro com os gritos dos filhotes, desenrolando-se uma cena pungente.

Em geral os casais andam juntos e, durante o período da incubação, o macho fica pelas imediações do ninho, distraindo a companheira com as suas longas cantigas.

Em cativeiro, onde o *sabiá* resiste muito e canta admiravelmente, alimenta-se com frutas, angû de milho, e até "comida de panela". É indispensável ministrar-lhe na ração algum alimento vivo, insetos, "ovos de formigas", larvas, etc. Os filhotes criam-se bem com papas de leite e farinha de milho.

Quando come sacode para os lados os alimentos, sujando os arredores da gaiola.

Quer por êsse hábito, quer porque gosta de fazer seus vôos em curva, como é de seu natural em liberdade, deve, sempre que possível, ser alojado em amplo viveiro de 3 metros de largo, no mínimo. Distribuição geográfica: Goiás, Mato Grosso, Minas, S. Paulo, Rio de Janeiro, Baía, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia.

No Paraguai êsse *sabiá* tem o nome de *Corochiré-puyá*.

SABIÁ-CINZENTO (*Turdus leucomelas*) — Tem a parte superior cinzenta olivácea, mas a cabeça é mais acinzentada; a garganta branca com estrias pardilhas, todo o restante da região inferior é dum cinzento oliváceo desmaiado e esbranquiçado no meio do peito. As coberteiras das asas são amareladas. Tamanho do *sabiá-laranjeira*.

Êste *sabiá* tem larga distribuição pelo Brasil e apresenta formas intermediárias, cujos caracteres variam em função das diversas zonas da sua área geográfica.

Goeldi diz que lhe dão o nome de *sabiá-poca*.

Poca é, seg. Rodolfo Garcia, o gerundio de *poc* = estalar, naturalmente em referência ao canto, que deve ser de estalo.

Consultei vários passarinhos sobre qual seria o *sabiá-poca* verdadeiro, já que a designação é bem vulgar e aplicada a espécies diversas.

Todos se contradisseram e de tal maneira, que até o próprio *sabiá-laranjeira* me foi apresentado como *sabiá-poca*, ou *coca*, como tenho ouvido chamar.

É relativamente pouco arisco e não raro frequenta hortas e, sobretudo, pomares, passeando pelo solo, à cata de frutas tombadas, insetos.

Não raro, uma vez que escasseie o fruto caído de maduro, pelo qual tem especial predileção, vai mesmo ao fruto pendente, bica os figos, arromba a casca dum mamão bem maduro, e lá dentro chafurda o longo bico, afunda-o na polpa fresca e lambusa toda a sua carinha de ave gulosa.

Não se farta logo da primeira vez, mas não gosta de se demorar sujo de polpa. Voa para a primeira árvore próxima, limpa-se e volta ao delicioso prazer de encher o papo.

É cantor de boa escola e, quando a vidinha lhe corre bem, com um olho muito esperto para os frutos e o outro namorando a jovem companheira, encarrapita-se numa grimpá e, embocando a sua flauta, atira para o anfiteatro amplo da mata ou da campina a sua canção límpida.

É um ditirambo, um elogio ritmado às delícias da vida, ao amor e aos frutos capitosos, mas com uma pontinha de romantismo, sentimentalismo de poeta.

O nosso caboclo, sempre encharcado nas tristezas da raça, encontra no canto do *sabiá-cinzent* motivos tristes e saudosos acentos, traduzindo-lhe o canto assim: "Eu plantei, não nasceu, apodreceu, frio, frio".

Antônio C. Guimarães Júnior surpreendeu-o a construir o ninho em começos de setembro, e informa que o estabelece em locais de pouca altura, nas restingas do mato que beira os corregos, nas saliências dos barrancos, debaixo das pontes, nas frescas moitas de bananeiras e até nos arbustos do pomar. O ninho assemelha-se ao do *sabiá-laranjeira* e contém de 3 a 4 ovos, alongados, cor verde clara, com pintas morrentes, mas formando coroa ferrugínea na ponta romba, coroa nem sempre constante.

Enquanto a fêmea se acha acarrada ao choco, o macho vive pelas imediações do ninho e, para amenizar a monotonia da grandiosa tarefa, vai fazendo as suas variações de flauta.

Espécie muito parecida com a acima descrita é o *sabiá-dalapa* (*Turdus crotopeza*), de hábitos idênticos ao *sabiá-laranjeira*.

SABIÁ-BRANCO (*Turdus amaurochalinus*) — Uniformemente oliváceo na parte superior e cinzento na parte inferior, com a garganta branca com estrias longitudinais escuras; peito cor de cinza sujo. Coberteiras das asas amarelas. Bico amarelo e patas cor de avelã.

Mede mais ou menos 22 1/2 cm.

Os jovens têm as penas da cabeça, dorso e coberteiras das asas com ápice amarelo, porém em todo o peito até o ventre as penas têm ápice castanho, o que lhe dá um aspecto muito particular, pois esse conjunto se apresenta como se fôsse um barreado transversal.

Tem hábitos parecidos ao do *sabiá-laranjeira*, ninho semelhante e os ovos idênticos, embora menores.

No cativoiro, entretanto, mostra-se intratável, agredindo os colegas, a ponto de não poder viver junto. Na Argentina tem-se notado que fazem criações tardias, e A. Castellanos⁽⁹⁹⁾ verificou que estas posturas de época avançada são constituídas por ovos do *chopini*.

O canto do *sabiá-branco*, em alguns lugares chamado *sabiá-pardo*, é algo semelhante ao do *sabiá-laranjeira*, mas positivamente inferior, mais assoviado, monótono, triste.

É preciso notar que o nome de *sabiá-branco* é dado ainda a *Turdus leucomelas* (= *T. albiventer*) e a *T. albicollis*, aliás *sabiá-coleira* e ainda a *T. crotopexa*, outrossim *sabiá-da-lapa*.

Distribuição geográfica: Maranhão, Baía, Goiás, Minas, São Paulo; Paraguai, Argentina, Patagônia e Chile. No Paraguai leva o nome de *carocluré-moroli*.

SABIÁ-COLEIRA (*Turdus albicollis*) — Regula o tamanho do *sabiá-laranjeira*, com a cabeça, nuca, dorso, coberteira das asas e cauda, de côr parda esverdeada; garganta, na parte anterior, escura, na posterior levando uma fita branca, formando gola; peito azeitonado; ventre e olhos escuros; bico amarelado escuro; pés plúmbeos. Parece-se um pouco com o *sabiá-da-lapa*, mas distingue-se bem dêle pela gola branca, que lhe valeu o nome científico de *albicollis*.

Vive internado nos recessos das florestas, sendo arisco de tal forma, que não vem jamais aos povoados. Aqui nas matas do Estado do Rio, onde é menos encontradiço que os seus parentes dessa região, é chamado *sabiá-da-mata* e *sabiá-branco*. Alimenta-se de frutos silvestres e insetos. Procura muito as sementes da "canela branca", uma magnoliácea.

O ninho é igual ao do *sabiá-laranjeira*, menor um tanto e algo mais descuidado. Os ovos, seg. Euler, medem 27×20 , apresentam o formato mais arredondado que os do *sabiá-laranjeira* e são de côr verde-mar com manchas vermelho-escuras. Euler dá a essa ave o nome popular de *sabiá-poca*.

SABIÁ-DA-CAPOEIRA (*Turdus fumigatus*) — Vive exclusivamente na mata, sendo por isso também chamado *sabiá-da-mata* e ainda *sabiá-verdadeiro*.

Ocorre desde o Rio de Janeiro até o Amazonas, onde é chamado *cararuê-da-mata*, e goza de alto prestígio como trovador de líricas cantatas. De tal mérito não podemos desdenhar, mas o certo é que está longe do inspirado *sabiá-preto*.

Mede $23 \frac{1}{2}$ cm, e tem a parte superior do corpo parda avermelhada, um pouco olivácea, garganta esbranquiçada, raíada de

(99) "El Hornero", Vol. V, p. 311.

preto, parte inferior ferrugínea viva, um tanto mais desmaiada no meio do abdome.

Os ornitologistas reconhecem sub-espécies do extremo norte, como *T. fumigatus hauxwelli*, que vive no alto Amazonas.

Sobre o ninho do *sabiá-da-capoeira* só o príncipe de Wied nos dá uma informação assim resumida por Euler:

"O príncipe de Wied achou seu ninho em árvores copadas, nas forquilhas, ou sobre um galho grosso. É, segundo o seu dizer, em tudo semelhante ao de *T. merula*, da Europa, feito com pequenas raízes e mesmo alguns talos verdes, bastante espaçoso e acolchoado com raízes finas e raminhos secos. Era dezembro, continha 3 ovos alongados de linda cor verde, cobertos de manchas cor de couro, principalmente na ponta grossa".

SABIÁ-PRETO (*Platycichla flavipes*) — É sem dúvida entre os *sabiás* o mais excelso cantor.

Goeldi diz que seu canto lembra vivamente o do melro e do tordo europeus, que, se assim é, merecem realmente a fama que desfrutam.

Conheço muito o canto do *sabiá-una*, como também é chamado, e tenho-o na mais alta estima.

Não é a lira de Orfeu, mas a flauta canora de Mársias.

Como daquele instrumento do virtuoso sátiro frígio, defluem da garganta do *sabiá-una* melodias vivas, "allegros" e "amorosos" que só um grande artista sabe interpretar.

O pássaro mede 21 a 22 cm.

Predomina na sua plumagem a cor negra, exceto o dorso, que é cinzento plúmbeo, o ventre cinza escuro e o baixo ventre esbranquiçado.

Bico, com a mandíbula superior amarelada, iris pardo escuro, orla amarela em redor dos olhos, tarsos amarelo ouro. Na plumagem da fêmea predomina a cor parda.

Do ninho nada se sabia, mas Pinto da Fonseca ⁽¹⁰⁰⁾ descobriu-o e descreve-o da seguinte forma: "A base com pouca solidez, como em geral o ninho, consiste numa aglomeração de diversos talos e raminhos de plantas flexíveis, vendo-se que foram arrancados com alguma terra (exclusive barro).

As paredes externas são feitas com raízes, fibras, etc. também notando-se algum musgo.

A parte interna é rasa e acolchoada com diversas raizinhas lisas. Em geral o ninho não mostra muito cuidado na sua construção".

Os ovos, em número de 2, têm campo branco e por todo ele se espalham manchinhas e pintas ferruginosas, que se adensam no polo rombo. Medem 31×21 mm. e têm forma oval.

(100) "Rev. do Museu Paulista", Vol. XIII, p. 790.



Ao invés da maioria dos sabiás, habita a mata, mas quando chegam os frios do inverno, emigra para os campos abertos e capoeiras, fugindo da frigidez da mata e quiçá também atraído pelos frutos da canela branca, uma magnoliácea campestre cujas bagas muito apreciavam.

A propósito desta migração, escreve o dr. Arthur Neiva:

"Tanto em Sta. Catarina, como na Ribeira de Iguapé, anualmente, os *sabiás* descem a serra, quando o rigor do inverno os obriga a procurar clima mais ameno.

Migrando em bandos, às vèzes consideráveis, e que seguem todos os mesmos trilhios pela mata, a população aproveita a ocasião para também aquí fazer a mesma caçada, contra a qual na Europa os legisladores durante tanto tempo se insurgiram inutilmente. À semelhança dos métodos lá empregados, as míseras aves cantoras são cercadas e apanhadas por meio de longas redes estendidas entre as árvores e nas quais se emaranham, principalmente de manhã, e então são prontamente trucidadas por quem está de vigia".

O dr. Neiva, que relatou minuciosamente a caçada como é praticada na ilha Comprida, teve ocasião de verificar quanto é amplo o comércio desta caça. Os pássaros, depois de salgados, são negociados aos milhares, mesmo em Cananéia e Iguape ⁽¹⁰¹⁾.

(101) As leis de proteção à fauna ainda são pouco eficientes, mas já vão refreando as expansões assassinas.

E' necessário torná-las mais eficientes, ou, melhor, é indispensável fazê-las respeitar.

Quando estive no R. G. do Sul, notei, admirado e consternado, que em Bento Gonçalves e Caxias não existia uma só ave silvestre.

A colônia italiana lá estabelecida comera até o último passarinho.

Não exagero. Não se vê e nem se escuta o pio de um pássaro.

Isso numa região agrícola, onde pompela vitoriosa a cultura da vinha.

A ausência dos pássaros entristece a paisagem; é como se olhássemos a quietude de um quadro.

Em lugar de cânticos, chilros, pios, há as abomináveis eructações de automóveis, símbolo do progresso material, que enaltece a atividade, mas deshonra o sentimento das cousas belas, pode criar uma geração de operários mecânicos, e não homens de espírito e coração.

Quando as leis de proteção à fauna houverem logrado êxito, e os pássaros compreenderem que o homem realmente se civilizou, então virão confiados colocar seus ninhos nas forquilhas das árvores dos nossos jardins e pomares.

Penso assim, mas não creio nessa idade de ouro, nesse primado de bondade.

O bárbaro caçador da idade de pedra, que matava para se alimentar, deu lugar ao homem super-industrializado, que hoje mata pelas necessidades da indústria e do comércio, quando não pelo simples esporte da caça.

O bruto o que quer é sangue.

Distribuição geográfica: Do R. G. do Sul a S. Paulo, Minas e Baía; Paraguai e Venezuela.

Sobre a vida e costumes das quatorze espécies da família dos turdídeos, os nossos sabiás, só a meia dúzia pude fazer referências. Por aí se vê quão pouco se sabe sobre a nossa fauna.

Sem esforço, era possível desmerever quasi todas as espécies; seriam, entretanto, retratos ineolores, uma vez que lhes desconhecemos os hábitos e nem sequer mereceram do povo um nome vulgar que os extreme da turba dos sabiás aqui do sul e dos *caraxués* do extremo norte.



CAPÍTULO X

TROGLODITÍDEOS

Cambaxirra, irapurú, corruíra-açú, garrinchão.

Em todas as partes do mundo encontram-se representantes desta família de aves, mas na América e na Ásia ocorrem mais numerosas espécies.

No Brasil existe cerca de uma trintena delas, entre espécies e sub-espécies.

São aves pequenas, de bico, por vêzes, algo curvo e fino, asas curtas e arredondadas, cauda também curta, com barras transversas.

A plumagem é pouco vistosa, no geral parda, não raro com raia transversais.

Habita os campos, as matas, os povoados, e há ainda espécies que de tão confiadas vêm ao jardim doméstico e até penetram nas habitações humanas.

O regime alimentar desta família é quasi exclusivamente insetívoro. Presta ela assim enormes serviços à agricultura e, por isso, merece alta proteção de todos e até do Estado.

Todos os trogloditídeos são cantores apreciáveis e há, entre êles, notabilidades como certa espécie do gênero *Leucolepia*, um dos famosos *uirapurús* amazônicos.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

CAMBAXIRRA (*Troglodytes musculus wiedi*) — É a cambaxirra um pássaro tão pequenino, mas de tal forma buliçoso, espetado e elegante, que, em o vendo, sentimos um grande desejo de amimá-lo, uma intenção de lhe passarmos os dedos pelo dorso macio.

Mas, como o inferno está cheio de boas intenções e a *cambaxirra* bem sabe disso, vai-se esta escapando levemente, no que faz muito bem.

E assim só podemos vê-la de longe, não muito distante, porque é um tanto confiada e não crê que alguém lhe possa fazer mal, a ela, uma criaturinha útil, com fôlha corrida sem mácula e grandes serviços prestados à agricultura mundial.

Anda sempre pelas hortas e pomares, especialmente entre sebes, moitas, encostas de muros, onde haja enfim recantos, esconderijos, brechas, buracos, em que se alaparda o mundo dos insetos e aracnídeos.

Não há recanto que não vareje, fresta que não espie, buraco que não deixe de inspecionar, rápida e cabalmente.

Entomologista de grandes méritos, conhece os hábitos de toda a bicharia que vive nas chacaras, nos jardins e nos quintais.

Sabe que certos insetos se escondem por baixo das fôlhas, que outros dormitam nas furnas dos muros, disfarçam-se próximo aos troncos e talos, indo então surpreendê-los no melhor da festa, agazalhando-os no papo, antes que lhes aconteça maior desgraça.

Quem a vê entretida nestas batidas de caça, saltitando com uma vivacidade incrível, esgueirando-se aqui, desaparecendo ali, surgindo acolá, com a ligeireza de camondongo, acha logo que lhe vai a matar o nome específico de *musculus*, que quer dizer *ratinho*.

Dá-nos realmente a idéia dum ratinho bisbilhoteiro e confiante, idéia que ainda mais se acentua pela côr de sua plumagem parda.

Na Argentina chamam-lhe *ratonera*, *ratona* e em Portugal dão-lhe nome muito gracioso de *encondrigueira*.

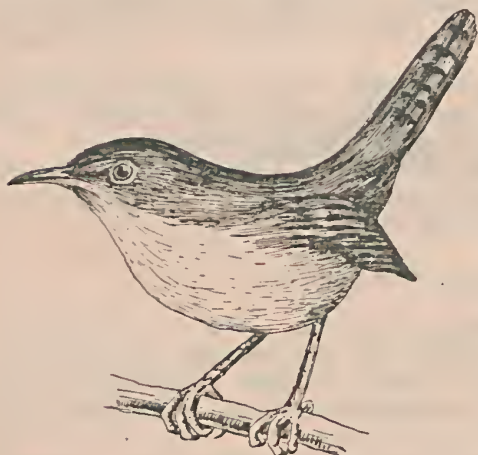


Fig. 21 — Cambaxirra (*Trogodytes musculus*)

Entre nós é chamada *cambaxirra*, aqui no sul, *corruira*, no Norte, porém ainda se registam outros nomes como *camachila*, *carriça*, *garriça*, *garrixa*, e *garrixo* se diz no R. G. do Sul, onde também é chamada *corruira*.

Os ameríndios, que falavam o neengatú, designaram esse passarinho sob o nome de *cutipurú-i* e os guaranis apelidavam-no *masacaraguai*.

Parece dispensável descrever a *cambaxirra*, de todos tão familiar, entretanto, para não

sair da norma aqui seguida, direi apenas que mede pouco mais de 11 cm. dos quais quasi 5 cm. de cauda. É parda acinzentada na parte superior e parda amarelada na inferior. As asas e a cauda são transversalmente riscadas por linhas pretas finas.

Bico um tanto longo e algo curvo, negro na mandíbula superior e côr de chumbo na inferior. Macho e fêmea confundem-se ⁽¹⁰²⁾.

O ninho é sempre colocado em buraco de muro, numa cavidade qualquer, um tronco por exemplo, sob o telhado, numa caixa, etc.

Não se esmera muito na construção de tal obra, que não tem uma forma regular, mas quasi sempre é semi-esférico, ajeitando-o às condições do local. Geralmente é amplo, esparramado composto de raízes finas, crinas e penas.

Parece que da confecção do ninho somente o macho se ocupa, segundo um informe de J. Tremoleras ⁽¹⁰³⁾. Há quem afirme o contrário, mas julgo êrro de observação.

A carricinha européia, prima irmã da nossa *cambaxirra*, também assim procede. Os machos solteiros, em procura de noiva que os queiram, requintam-se em amabilidades e constroem vários ninhos, à escolha das suspiradas espôsas.

Boenigk, citado por Brehm, observou um que construiu quasi inteiramente quatro ninhos, sem que lhe parecesse a sonhada companheira.

Parece que a conquista de espôsa no domínio dos trogloditídeos é tarefa pesada, ao invés do que se dá na sociedade humana, onde na conquista dum marido se empenha a família inteira, numa espécie de caça à raposa.

A *cambaxirra* entre nós parece não usar os processos acima referidos nem ter, como também vejo citado, ninhos suplementares.

É possível que os rigores dos climas frios levem aquela avezinha a construir refúgios onde se resguarde, à noite, da fúria do inverno avicida.

Os ovos são de côr vermelha clara inteiramente salpicados de vermelho mais carregado. Forma arredondada com o tamanho de 17×13 mm. Posturas de 3 a 4 ovos ⁽¹⁰⁴⁾. Põe três desde junho a abril. A incubação dura 12 a 13 dias e dentro de dezoito dias, após nascidos, os filhotes já abandonam o ninho.

A alimentação consta quasi exclusivamente de insetos e aracnídeos e uma ou outra sementinha, talvez quando a caça se torna

(102) Ocorrem algumas sub-espécies de cambaxirras. Aqui no sul (R. Grande do Sul até sul da Baía) é *Troglodytes musculus wiedi*; a espécie da Amazônia é *T. m. clarus*. Há ainda outras sub-espécies.

(103) "El Hornero", vol. V, p. 396.

(104) Burmeister fala em posturas de 5 ovos. T. Alvarez (Exterior y Biología de las Aves Uruguayas) fala em 8 ovos. José Pereira (Memorias del Jardin Zool., t. IX) fala em 5 e mais. Brehm, em referência à carrica européia, alude a 6 e 8. Eu, embora não observasse senão meia dúzia de ninhos, sempre vi 4 ovos e três uma só vez. Euler também aponta 3 a 4. As posturas que constam da coleção José Caetano Sobrinho e que tenho aqui presentes, são todas de 4 ovos.

mais arisca. Na Europa, pelo inverno, informa Brehm, também come grãos.

João de Paiva Carvalho ⁽¹⁰⁵⁾, estudando o conteúdo estomacal de mais de 20 indivíduos, dá-nos os informes e comentários seguintes:

“Examinando vinte e poucos conteúdos gástricos de *T. musculus guarixa*, encontramos o seguinte material de possível identificação:

Aranhas caseiras (Fam. <i>Folcidae</i> , Gen. <i>Blechnoscelis</i>)	8
Psocídeos da fam. <i>Atropidae</i> , que vivem nas árvores	12
Pirrocorídeos e pentatomídeos não classificados	14
Cicadelídeos	6
Membracídeos	7
Afídeos (Provavelmente <i>Aphis rosae</i>)	13
Pinças de forficulídeos, pouco distinguíveis	16
Grãos, bagas e sementes diversas	32

Conclue, portanto, que a alimentação insetívora (63 exemplares) predominou. O contingente granívoro (32 exemplares) entrou na seguinte proporção:

Fragmentos de milho (quirera)	9
Grãos de arroz	6
Bagas e sementes diversas	17

Não se pode fazer uma idéia perfeita da alimentação das aves citadas, uma vez que, em quasi todos os estômagos, figuravam massas verdes e amareladas, contendo grânulos ou nódulos escuros, que julgamos ter pertencido a lagartas (provavelmente pequenos geometrídeos, mede-palmos e restos abdominais de microlepidópteros).

Observando um ninho com filhotes recém-nascidos, constatamos que os pais saíram e regressaram ao ninho 12 vezes, no espaço de 28 minutos, podendo-se calcular, em média 20 vezes por hora, nas quais nunca voltaram sem trazer no bico, ao menos, um inseto ou larva qualquer. Trabalhando ativamente durante cêrea de 12 horas, teria o casal trazido ao ninho, perto de 240 larvas e insetos diversos para distribuí-los aos seus 3 filhotes, sem contar com as que ele, sem dúvida, ingerira para se alimentar.

Claro que, à medida que os passarinhos vão crescendo, maiores se tornam as suas necessidades alimentícias, de maneira que podemos considerar, em média, um consumo diário de 250 lar-

(105) “Ch. e Quintais”, dezembro 1938, p. 68.

vas e insetos que entram na alimentação de cada ninho de *corruira*, que cria 3 filhotes.

Por sua vez, a ave adulta necessita de cerca de 18 insetos (formigas, cupins, bezouros, larvas e ovos de insetos) para encher a sua cavidade estomacal e, considerando que um pássaro ingere, por dia, cerca de seis vezes o volume do seu conteúdo gástrico repleto, pode-se concluir, sem exagero, que cada *corruira* dará cabo de 100 formas nocivas, entre larvas e adultos.

Portanto, o *deficit* diário ocasionado na fauna entomológica nociva, por um ninho de *corruira* em que, além do macho e da fêmea, existem 3 filhotes geralmente esfomeados e insaciáveis, é de cerca de 450 exemplares diversos.

As observações que efetuamos em novembro de 1931, revelaram-nos a existência de 15 ninhos de *corruira*, com 33 filhotes ao todo, cobrindo uma área pouco inferior a 30.000 m². Existiam 7 ninhos de 3, 4 de 2 e 4 de um único filhote, população que sofreu sensível redução ao cabo de duas semanas, em virtude de um forte temporal.

Durante 15 dias, o cálculo alimentar de insetos e larvas que fizemos, para satisfazer às necessidades das 63 bocas que observamos cuidadosamente, foi além de 72.000! Pode-se, portanto, computar em cerca de 70.000 o número de insetos daninhos destruídos por alqueire de terra, onde houver *corruiras* mantidas sob proteção”.

Pai e mãe revezam-se na faina de alimentar os filhotes, sempre pedinchantes.

Por muito que lhes tragam, estão sempre pedindo mais comida. Mãe de boas entranhas, a *carrica* nem de leve se molesta em ter posto no mundo tão esfomeadas criaturas. Observei muitas vezes o desempenho de tal tarefa. Dava-me sempre idéia de que o passarito, quando trazia o cibo nutriente, constituído de um inseto bem alentado, pensava lá consigo: “desta vez vão ficar fartos e contentes”, mas qual nada, mal ingeriam o pitêu, já estavam reclamando outro.

Os cuidados que devotam aos filhos estendem-se a todos os demais filhotes de passarinhos e basta ouvir algum clamando por socorro, para logo acudir-lhe, oferecendo ao inimigo da infância aviculária a intrepidez illusória da sua força.

Além do lado utilitário, o sentimental e estético.

Afora a graça da sua figurinha, temos ainda de louvar-lhe as cantigas que sabe entoar, especialmente pela manhã. Não se trata verdadeiramente duma peça musical, é antes um recitativo musicado, uma espécie de modinha brasileira. Correndo aos saltinhos, por um muro fora, ela pára aqui e ali, e declama, com voz límpida, o seu romancete sentimental, batendo, por vezes, as asas, como devem fazer os anjos, para divertir as onze mil virgens lá nas paragens celestiais.

Parece que falei demais sôbre um passarinho tão pequeno e vulgar, mas é que quero muito a estas avezinhas.

A simpatia que devoto às *cambaxirras* vem talvez dumas velhas contas que eu tenho a ajustar com os pássaros, ou melhor dumas contas que êles têm a ajustar comigo, pois eu é que guardo em meu poder um saldo devedor.

Desde certo período da infância até meados da minha adolescência, fui um desalmado amator de pássaros, se é justo assim denominar aqueles que tolhem a natural liberdade das avezinhas em uma reclusão, por vêzes cruel.

Assim para dar mostras do meu amorismo, desmandava-me em artifícios para lograr a liberdade das aves, armando arapucas em cada canto da horta e do pomar paternos, envisgando varas, pendurando alcapões nos ramos das árvores e espalhando outras esparrelas no terreiro.

Como troféus de tantas batalhas ganhas à natural esperteza dos passarinhos, penduravam-se, na longa varanda da minha casa, gaiolas de feitiços vários e tecidos diversos, onde os infelizes prisioneiros chilreavam baixinho as tristezas da sua vida de reclusos.

O grosso da coleção era constituído de coleiros pardinhos, coleiros virados, canários da terra e bicos de lacre. O mais eram "peças raras" diante das quais se boquiabriam de admiração outros garotos amadores, menos afortunados que eu em apanhar pássaros.

Entre as maravilhas da coleção figurava um sabiá egresso da gaiola do vendeiro, uma cigarra, que desmentia sua designação numa mudez obstinada, e uma araponga adquirida na Praça do Mercado, sob protestos solenes de meu pai, que não via com bons olhos a minha galeria ornitológica.

Homem severo, mas de extrema bondade, meu pai, condoído, de certo, por uma aglomeração de passarinhos desproporcionada ao âmbito dos toscos viveiros, sorrateiramente abria, de quando em quando, uma portinhola da gaiola e, como quem desata a torneira dum barril cheio, era uma enxurrada tumultuosa de asas sedentas de liberdade.

Não eram, pois, modelares meus métodos de trato e criação de pássaros e, se não lhes faltava alpista nos comedouros e nem se acumulavam dejetos no fundo das gaiolas, havia uma superpopulação inconveniente e anti-higiênica.

Além destas graves faltas não deixei de me afastar de certas práticas infandas, correntes entre os passarinhos daqueles tempos.

Assim se o acaso levava uma *cambaxirra* a cair na arapuca, o que, aliás, era uma raridade acontecer, esta avezinha devia ser sacrificada, pois "excomungava" aquele aparêlho de caça.

Como se vê, devo aos pássaros uma reparação e não sei

como melhor quitar-me senão pregando em favor dêles e deixando aqui e ali, por essas páginas, alguns conselhos úteis à manutenção das aves em gaiola.

Melhor seria, de certo, aconselhar a todos que se abstivessem de aprisionar criaturas que nasceram livres e que a natureza talhou para amplidão e para o vôo.

Quem ama as aves deveria gozar em vê-las gazis e livres no quadro natural de que são ornamentos e onde se exibem em toda a graça.

Mas o amor tem dêstes contrassensos, e assim os amadores de aves são precisamente aqueles que, paradoxalmente, enclausuram o objeto de seu amor entre as quatro paredes de arame de uma gaiola.

Não deixamos, entretanto, de reconhecer que isso não constitui, para certas espécies, verdadeira desgraça, pois se dão maravilhosamente no cativeiro, preferindo, depois de habituadas, o pouso certo do seu tuguário aramado, onde o trato é suave e o alimento certo, à vida boêmia do espaço tão cheia de perigos e imprevistos.

Deve, de comêço, sofrer muito a avezinha engaiolada, porque a perda eterna da liberdade é inconcebível, mas em troca desta perda, prodigaliza o carcereiro tantos cuidados, que lhe adoça a amargura da sujeição.

Depois vem o hábito, que é uma segunda natureza, e já não sofre o cativo, antes talvez se regozije em experimentar o doce cativeiro.

Ai, pois, fica a confissão pública de meu crime, que ainda hoje, passados tantos anos, não posso esquecer.

Que me perdoe a minha tímida irmãzinha, a *cambaxirra*.

Ajustadas assim as contas com os pássaros, aos quais fiz tanto mal, numa época em que geralmente não se prima pela bondade, porque ainda estamos repetindo, não evolver ontogênico, os instintos atávicos de remotos e bárbaros parentes, reconquistarci as boas graças das aves, que são, incontestavelmente, as mais amáveis criaturas dêste mundo.

L E N D A

Há, entre os índios caxinauás, certo conto, que é uma espécie das nossas histórias da carochinha. Quem o divulgou foi Capistrano de Abreu.

Um garoto, muito novinho e pequenino, brincava diante de sua casa, quando a mãe o chamou para comer.

— Não; não quero comida.

Como a mãe insistisse, outra vez replicou:

— Não tenho fome, mamãe.

A mãe, julgando que o garoto não aceitava o alimento por motivo do brinquedo, quis meter-lhe um susto e disse:

— Meu filho, se tu não queres comer por causa da brincadeira, a cambaxirra vai-te pegar.

A criança amedrontou-se e começou a festejar o seu cãozinho e este, vendo uma cambaxirra, pôs-se a ladrar. Depois dormiu. Então a cambaxirra veio até perto da criança, tomou-a nas costas e carregou-a.

Despertou o cão, pondo-se a ladrar. Veio a mãe correndo e viu que a cambaxirra lhe carregava o filho, que se debatia e chorava.

A avezinha disse então ao infante:

— Não tenhas medo e não chores; que eu te transformarei em cambaxirra e te levarei para o céu.

IRAPURÚ (*Leucolepia musica*) — Emilia Snethlage assim descreve este *uirapurú*, um dos mais famigerados, entre os da sua igualha: "Parte superior parda, um pouco avermelhada, cabeça vermelha, lados do pescoço pretos pintados de branco, cauda parda escura, listrada de enegrecido; garganta e peito vermelho vivo; abdome pardo acinzentado, lavado de vermelho nos flancos e nas coxas, eobertciras da cauda inferiores listradas de amarelado. Tamanho: 12,3 cm."

Nada se sabe a respeito da vida deste passarinho, e nem dos demais do gênero *Leucolepia*, cineo ao todo, e exclusivos da Amazônia, aos quais cabe igualmente o nome de *uirapurú* e *músico*. Como já notulámos, o nome de *irapurú* ou *uirapurú* não identifica tal ou qual espécie.



Fig. 22 — Irapurú (*Leucolepia modulatrix*)

O botânico A. J. Sampaio, em uma excursão científica, teve a felicidade de ouvir esse *irapurú* na mata da Cachoeira do Breu⁽¹⁰⁶⁾, mas guardou discreto silêncio sobre o mérito da lírica cantata, o que me leva a supor que não é lá para que digamos grande cousa.

Informa apenas que os cachoeiristas lhe afirmaram ser ali muito frequente

(106) "A Flora do Rio Cuminá", Arqu. do Mus. Nac., vol. XXXV, 1933.

tal pássaro e que, quem o caça, guarda-o sêco, pois o bichinho serve a toda espécie de mandingas e daí decorre o nome de *mandingueiro*, como também é designado.

Segundo outros entendidos na matéria, a ave assim apenas mumificada pode ter algumas virtudes, porém, para atingir o máximo de eficiência cabalística, é preciso ser devidamente preparada.

A maneira de preparar o *irapurú* é assim descrita por Francisco Peres de Lima ⁽¹⁰⁷⁾.

“Conseguindo-se matar o *irapurú* na ocasião que êle está cantando e deixando-se o seu corpo secar por espaço de seis dias, no local em que êle é morto, obtêm-se cousas extraordinárias. Basta que se joguem os ossos dentro d’água, retirando-se aquele que boiar, para daí ser preparado pelas feiticeiras, com os fins que se tiver em mira. Serve para conquistas amorosas, para negócios e magias outras”.

Esse modo de tratar a ave para magicâncias faz lembrar o ritual idêntico com que se prepara certo osso do *anhuma*, a que também o povo crendeiro empresta virtudes espantosas.

Tal cerimônia, chamada “fazer mocó”, dá assim a entender que é o mesmo que fabricar breve, pois *mocó*, na Amazônia, é um amuleto, geralmente um osso miraculoso metido dentro dum saquitel que se traz atado ao pescoço. Livra de todos os males, menos o de ser tolo.

Para se “temperar” o *irapurú*, conforme o ritual da pagelança, afora outros condimentos, exige-se matéria tintórea do carajurú, resina de cunuarú, e outros ingredientes que rimem com *irapurú*...

Quando o possuidor duma dessas prendas destinadas a dar sorte, é perseguido pelo mais evidente dos azares, o pagé explica tudo pela falta do “preparo” conveniente.

CORRUÍRA (*Cistothorus platensis polyglottus*) — Distingue-se bem da cambaxirra já descrita, por ser, especialmente na parte dorsal, toda riscada por estrias pretas sobre fundo pardo claro, dando ao conjunto um tom aperdizado. O bico tem côr córnea. Mede 12 cm.

Os seus hábitos são idênticos, mas o canto é muito mais digno de nota que o da cambaxirra vulgar (*T. musculus*).

O príncipe de Wied já informava que “era um dos melhores pássaros cantores do Brasil”.

Figurar o canto por combinação de letras do nosso alfabeto constitue uma tarefa quasi inútil. Wetmore assim descreve a voz do referido passarinho: *tu-tu-tu-tee-tee-tee ter-ter-ter treee-ee-ee*.

(107) Folclore Acreano, Rio, 1938.

Transcrevo sem mêdo de protestos da ave, porque, como é notório, as corruíras são analfabetas, graças a Deus.

É muito ampla a distribuição da espécie típica e desta sub-espécie que vem desde a Argentina, a Guatemala, México, Paraguai, Bolívia, R. G. do Sul, Paraná, S. Paulo e Minas Gerais.

CORRUÍRA-AÇÚ (*Thryophilus longirostris*) — É uma corruíra taludinha, 13,5 cm., com bico mais longo, garganta branca e uma estria da mesma cor por cima dos olhos, que muito bem a distingue. As asas e a cauda são riscadas de negro.

Do seu ninho diz Euler que o encontrou em princípios de agosto numa capoeira, próxima a um córrego, ambiente que sempre lhe apraz. Estava suspenso dum arbusto, a um metro de altura, e consistia numa tijelinha oblonga, funda, aberta em cima e presa na forquilha horizontal dum galho.

Raízes e talos entreteciam a construção, que antes da postura foi destruída, e daí nada apurando o observador a respeito de ovos.

Outras espécies do mesmo gênero, todas da mata, acham-se distribuídas pelo Brasil. Entre elas encontra-se *maria-é-dia* (*T. leucotis rufiventris*), também bicuda e com peito claro.

Olivério Pinto ⁽¹⁰⁸⁾ fez uma observação interessante a respeito desta sub-espécie, escrevendo: "A coloração ferrugínea do ventre varia de intensidade conforme o indivíduo, o peito, sempre mais claro, ora é isento de tons ruivos e contrasta vivamente com o abdome, ora é banhado de ferrugem e faz transição insensível com o último.

O mesmo se observa nos exemplares de Minas Gerais e São Paulo".

GARRINCHÃO (*Heleodytes turdinus turdinus*) — Parece ser o maior dos trogloditídeos, pois mede 21 cm. Parte superior do corpo parda acinzentada e parte inferior branca; o abdome é lavado de amarelo ocre. Encontra-se no Espírito Santo, Baía, Goiás e Maranhão.

Nas margens do Rio Gongogi (Baía) Olivério Pinto encontrou esta ave em abundância e ouviu-lhe a cantoria pela orla da mata. É espécie rara nas coleções zoológicas e sua distribuição geográfica não está bem determinada.

Há na Amazônia uma espécie muito semelhante a esta.

(108) "Contribuição à ornitologia de Goiás" — Rev. Mus. Paulista, vol. XX.

CAPÍTULO XI

MIMÍDEOS

Sabiá-do-campo, sabiá-da-praia, calhandra, japacanim.

A família dos mimídeos apresenta somente oito espécies, em grande parte muito parecidas com os sabiás verdadeiros do gênero *Turdus*, e, daí, o nome vulgar de sabiá que também possuem.

A semelhança não é somente de colorido e forma, mas até de certos hábitos e, ainda por cima de tudo, os ovos de algumas espécies confundem-se.

Possue corpo um tanto longo, asas curtas, arredondadas, que vão pouco além do nascimento da cauda, que é em escaleira e quasi sempre escura. O bico é longo, algo curvo e, de frequente, uncinado. Tarsos altos, fortes, escutelados na parte dianteira.

Gostam de frequentar os campos onde encontrem árvores e arbustos, vindo até as fazendas, sítios, chácaras e jardins, para próximo do homem, enfim.

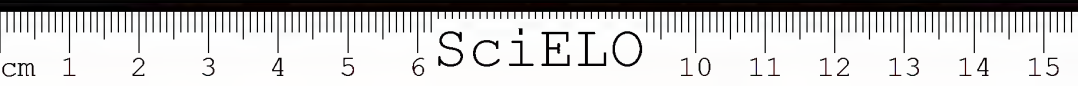
Alimentam-se muito especialmente de insetos, mas pode dizer-se que são onívoros, pois comem frutas, sementes e até costumam, em certas regiões pecuárias, beliscar as carnes de rês em salga, os couros frescos. Algumas espécies apreciam o leite, com cuja nata se deliciam, observação essa feita na Argentina e Uruguai com a espécie que vive entre nós, a conhecida *sabiá-do-campo*.

Quanto à faculdade em imitar os demais pássaros e até o assvio humano e as vozes dos outros animais, é fato notório.

A espécie norte-americana *Mimus polyglottos polyglottos*, é famosa na literatura universal pela extrema facilidade com que imita todas as vozes que ouve.

Wilson, a propósito desta espécie, escreve: "O melro poliglota (também chamado "moquer" pelos franceses) repete fielmente a intonação e a medida da canção que imita, porém exprime ainda com mais graça e sentimento.

Nas florestas da sua pátria, nenhum pássaro pode rivalizar com ele; seu canto é variadíssimo. O viajante crê, por vezes, ouvir grande número de pássaros reunidos num mesmo lugar, cantando, mas engana-se, o *moquer*, que é como se dissessemos o *burlão*, é o autor único destas cantigas variadas".



DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

SABIÁ-DO-CAMPO (*Mimus saturninus modulator*) — Dizem-se cousas maravilhosas do talento trovadoresco do *sabiá-do-campo*, designado, alhures, por *sabiá-do-sertão* e muito conhecido em Minas por *arrebita-rabo* e *galo-do-campo*.

Não só lhe admiram a voz forte e sonora, senão também a faculdade de repentista e o seu notável poliglotismo.

Se não conhece os sessenta dialetos aviários da sua parenta norte-americana, *Mimus polyglottos polyglottos*, sabe entender-se perfeitamente com os passarinhos sul-americanos, aos quais imita com absoluta perfeição.

Apresentemos, antes do mais, o ilustre trovador sertanejo, pois somente o macho sabe cantar, como é lei entre as aves.

Em vinte e cinco centímetros de comprimento e sem desperdícios de coloridos, esta ave consegue reunir uma bem apreciável elegância.

A parte superior do corpo é bruna cinzenta e a inferior branca cinzenta, jaspeada de castanho na região das coxas; asas de côr plúmbea; as penas da cauda negras com extremidades brancas. As penas do lado da barriga são brancas estriadas. Uma estria alva, que lhe corre por cima dos olhos, empresta-lhe um ar de quem confia, desconfiando sempre.

A fêmea é igual ao macho, mas falta-lhe o jaspeado castanho nas coxas.

Os jovens são de coloração branca na parte inferior do corpo com estrias escuras no peito, bem em cima.

Do seu canto ainda não se fez entre nós o elogio merecido.

Rod. Ihering chega a ponto de escrever: "Não é propriamente um cantor, mas, como diz muito bem o indígena, no nome que lhe deu, apenas faz barulho (*poca*)". *Poca* significa barulho, sem dúvida, mas talvez a intenção do indígena fôsse aludir ao ruído do canto. Não tinha uma idéia pejorativa e nem tão refinadas ouças possuía o nosso bugre para achar desprezível e apenas bulhento o canto do *sabiá-do-campo*.

O *sabiá-do-campo* é um cantor dos mais apazíveis que possuímos e pode ser considerado uma "estrêla" da companhia lírica dos pássaros.

Na Argentina dão-lhe, além do nome de *calandria*, o de "ruisseñor argentino", o que de certo não será só porque faz barulho.

Há ainda um outro ponto sobre o qual tenho dúvidas. A designação *poca* seria dada, de fato, a esta espécie? Veja-se o que deixei dito a página 133.

Teodoro Alvares ⁽¹⁰⁹⁾, referindo-se ao canto da ave de que

(109) Obra citada.

estou tratando, escreve: “A *calandria* canta em pleno dia, ante a natureza inteiramente desperta. Pousada no cimo de uma árvore, ou no tópo de humilde rancho ou sôbre qualquer local elevado, entoia seus variados cânticos deleitando quem escuta. Do sítio que elege para cantar, eleva-se verticalmente, sustentando uma nota ou um trino, gira pelo espaço e volve ao pouso; imita o canto de muitas aves”.

Acho certa analogia entre os hábitos dêste sabiá e o da calhandra ou cotovia da Europa ⁽¹¹⁰⁾.

Julgo que, por êsse motivo, os europeus, na Argentina, dessem à referida ave o nome da *calandria*, designação, aliás, que se encontra mudada em *calandra*, entre os nomes populares da aludida ave no “Catalogo das Aves do Brasil” de H. e R. von Ihering.

Calandria registra R. Ihering em seu excelente “Dic. dos Animais do Brasil”.

H. von Ihering certamente ouviu, em região fronteira com Uruguai e Argentina, a denominação deturpada de *calandra*, que registou, embora no Rio Grande seja vulgar o nome popular de *sabiá-do-campo*, ao menos em Porto Alegre, S. José do Norte e Poço das Antas, segundo Rodolfo Gliesch ⁽¹¹¹⁾.

Seja como fôr, não deixa de cantar, por isso, o elegante sabiá.

Canta, não somente no campo, como na gaiola, mas não resiste ao cativeiro, senão quando capturado jovem, mal saído do ninho. Os machos, quando apanhados já adultos, não suportam a tortura da prisão e em breve morrem.

Quando se logra encontrar um ninho com filhotes meio emplumados, consegue-se o ideal. Alimentam-se facilmente com purê de batata, ovo cozido e trigulho.

Após um ano de gaiola, começam a cantar e mostram então brilhante talento imitador (*Mimus*, o nome do gênero a que pertence essa ave, significa imitador).

Aprendem trechos do canto de outras aves, pedaços de músicas assoviadas pelo homem

Na vida livre, o *sabiá-do-campo* mostra-se, como a calhandra européia, amigo do lavrador, já frequentando os campos, caçando

(110) Refiro-me ao hábito de cantar elevando-se no espaço, fato êsse que realiza a calhandra.

A gente simples do campo, na França, com a linda ingenuidade das eras primitivas, quando vê a calhandra altear-se aos céus cantando, encoraja-a a subir mais, bem alto, “prier Dieu qu’il fasse chaud”.

(111) Lista das aves collgidas e observadas no Estado do R. G. do Sul. — Egatea, vol. XV, N.º 5, 1930, p. 276.

Luiz Carlos de Moraes, no entanto, em seu “Vocabulário Sul-Rio-Grandense”, registra o nome *calandra*, mas resta saber se apenas se abonou em H. von Ihering.

pelo chão, já procurando viver próximo ao homem, alegrando-o com o seu canto amplo e cheio de harmonias.

Aninha-se em pequenos arbustos, a pouca altura do solo. Não se esmera muito em fabricar o ninho, que é uma taça feita de ramos secos com o interior forrado de raízes.

A postura consta de 3 a 5 ovos de tamanho que varia muito, indo de $26\frac{1}{2} \times 20$ a 30×22 .

O formato é ovalado e, por vêzes, de um oval barrigudo, no dizer popular. Fundo branco, levemente tingido de verde, com salpicos e manchas marrons, que vão até a cor ferrugínea.

José Caetano Sobrinho, em nota sobre ovos da sua coleção, diz que a postura normal é de três ovos e que, quando se encontram 6, é porque, por vêzes, duas fêmeas ocupam o mesmo ninho.

O saudoso zoologista viveu muito na intimidade das aves, que de certo lhe confiaram pequenos segredos, destes que só os de casa conhecem. Assim, a gente cá de fora ignora esta medida de economia doméstica dos sabiás-do-campo.

Divulgo, em todo o caso, o mexerico, mas vou logo declarando quem mo contou.

Afora as prendas incontestáveis de cantor, o pássaro de que vimos tratando tem outros merecimentos de ordem prática. É um insetívoro de borla e capelo. Repetidos exames do conteúdo estomacal, feitos na Argentina, têm revelado à invariável presença de enorme quantidade de insetos, entre os quais coleópteros pequenos, dípteros, larvas de coleópteros, de lepidópteros, restos de himenópteros, ortópteros etc., e algumas sementes de plantas silvestres.

Nada mais falta para recomendar tão útil e amável pássaro à admiração a respeito de todos.

Essa espécie acha-se distribuída em Mato Grosso, Minas, R. G. do Sul, Paraguai, Argentina e Bolívia.

Ocorrem, entretanto, as seguintes sub-espécies: *Mimus saturninus*, Pará; *M. s. frater*, Centro e Sul; *M. s. arenaceus*, Baía, ali conhecido sob o nome de *sabiá-da-praia*.

M. s. frater e *M. s. arenaceus* confundem-se sobremaneira, mas essa última sub-espécie carece dos tons fulvos ou crêneos da outra e tem o bico mais longo $21\frac{1}{2}$ a 24 mm., enquanto o daquela mede $18\frac{1}{2}$ a 20 mm., segundo informe de Olivério Pinto.

SABIÁ-DA-PRAIA (*Mimus lividus*) — Vai-lhe realmente bem o nome, pois ocorre pelo litoral brasileiro, entre Rio de Janeiro e Baía. Aqui no Rio de Janeiro é bem comum, sendo talvez mais conhecido por *sabiá-da-restinga*, escasseando um tanto em São Paulo.

Parece-se bastante com *Mimus saturninus modulator*, sendo um tanto menor.

Há quem lhe repute o canto superior ao do seu sosia, e julgo que, por motivo de tão estranha parecença, se hajam originado algumas confusões.

O certo é que, quer êsse pássaro, quer o anteriormente descrito, nem sempre apresentam em alto grau as virtuosidades de cantor.

O problema é delicado e creio que sòmente passarinhos inteligentes poderão dilucidar o intrincado problema.

É bem possível que influa no canto destas aves a época em que foi apanhada, e talvez não seja estranho ao caso a vizinhança de outros pássaros, dada a faculdade, que possuem, de imitar.

Gostam de andar pelo chão mariscando, geralmente aos caisais, entremeando os seus saltitos, lépidos e elegantes, com espiadelas denunciadoras de espírito atento às surpresas naturais de quem se aventura por estradas suspeitas. Mas ainda assim demoram longo tempo, esquadrinhando aqui e ali a bicharia errante e desprevenida que lhes fornece substancial alimento.

Pode-se mesmo afirmar que vivem pelo solo, especialmente entre moitas, de plantas baixas, arbustivas e sub-arbustivas, onde se ocultam e, naturalmente, localizam o ninho.

Dêste não há, de fato, notícia exata, embora Nehr Korn e Burmeister façam referências aos ovos, que dizem medir 25×18 e serem esverdinhados com pontuações ferrugíneas.

Quando lhe vem o desejo de cantar, então o macho procura a grimpá de um arvoredó e, de lá, com a cabecinha esperta e empinada, numa postura muito graciosa, como o príncipe de Wied surpreendeu, entoá a sua canção, uma das melhores, segundo a afirmativa do real ouvinte, a que nos referimos.

Há ainda no género *Mimus* uma espécie até hoje só encontrada em Mato Grosso, mas muito vulgar na Argentina, Paraguai e Bolívia: é *M. triurus* e que bem se distingue pela cauda quasi toda branca.

É excelente cantora e com muito agrado vem até às proximidades das habitações humanas.

Tratando desta espécie, A. Castellanos ⁽¹¹²⁾ diz que há no repertório dela todas as notas das aves de seu *habitato*, e acrescenta que, ao executar harpejos, toma posturas caprichosas, como "aéreas danzarinas de bailes clásicos".

Que pena que êsse sabiá tão "gran-fino" viva metido em Mato Grosso!

Na Argentina, onde esta ave tem sido motivo de muitas observações, verificou-se que o *chopim* (*Molothrus*) a persegue de maneira atroz.

Geralmente a segunda postura da ave é toda sacrificada em favor da do sagacíssimo parasito.

(112) "Aves del valle de los Reartes" — "El Hornero", vol. V, p. 313.



José A. Pereira ⁽¹¹³⁾ apreciou uma cena que merece descrição. Por uma tarde abrasada de janeiro, em que as aves andavam de asas entreabertas e bico hiante, viu aquele atilado naturalista a fêmea do sabiá (*Mimus triurus*) seguida dum filhote de *chopim*, reclamando vorazmente comida.

Achegou-se a ave para um comedouro de pintos e começou a enfiar alimento pelo bico do filho adotivo.

Mal cessava a tarefa, já o esfomeado começava as lamúrias do peditório, perseguindo-a, por toda a parte.

Azocrinada de tanta choradeira e vendo que nada saciava o glotão, tomou uma resolução heróica. Pegou dum seixo que estava no solo e deu-o ao eterno reclamador, como quem diz: "toma danado e vê se te calas".

Efetivamente, informa o observador, após receber a dura iguaria, o passarinho ficou satisfeito e calado, indo mãe e filho gozar a sombra do arvoredor.

Dá-nos até idéia das crianças choramingas, às quais se põe na boca uma chupeta. Uma mama por hipótese e o outro por hipótese digere.

JAPACANIM (*Donacobius atricapillus*) — Apesar de ser ave de larga distribuição e, naturalmente, bem conhecida pelo povo, pois possui muitos nomes vulgares, raras informações se lhe registam a respeito da vida.

O pouco, que se sabe, deve-se a Goeldi, o qual a encontrou em Minas e no Estado do Rio, regiões, aliás, que não figuram na distribuição geográfica da espécie, segundo o "Catálogo das Aves do Brasil", de R. e H. Ihering.

É ave um tanto maior que um sabiá (26 cm.), porém mais esbelta e ainda tem a sorte, sem par, de ser bonita.

A parte superior é dum pardo sombra, côr essa que se acentua na cabeça, cujo vértice e lados são negros; a parte inferior é amarela ocrácea, com listras pretas nos flancos; ponta das retrizes e espelhos brancos.

Na comissura da mandíbula inferior há uma graciosa peladura amarelada, que vem ao pescoço de ambos os lados ⁽¹¹⁴⁾.

Pelo seu modo de vida, Goeldi encontra parecença entre ela e a *toutinegra-dos-canaviais*, da fauna européia.

"Como esta, escreve o citado autor, e os outros cantores dos juncais, que tantas vezes encontrei na Alemanha e na Suíça, trepa e desce pelo caniçal daquelas localidades, de um lado e do outro, qual marujo pela enxárcia do navio".

Realmente a espécie é enconstrada nos banhados e pelas margens dos rios onde cresce o pirí (*Cyperus giganteus*) e a

(113) "Memorias del Jardin Zoologico", vol. VII, p. 239.

(114) Azara dava a essa ave o nome de agalha pelada.

tabua (*Typha dominguensis*) e por isso já vi registado o nome de *japacanim-do-brejo*, como se houvesse outro que não o fôsse.

Nesse meio encontra tudo que precisa para viver, abrigo e uma dispensa farta, onde pululam larvas de variados insetos, e seus adultos, moluscos pequenos, um mundo de caças apetitosas.

Num recanto mais enxuto, occulto entre moitas de tabua, constrói o ninho.

Por êsse hábito, julgo que o nome de *sabiá-do-piri*, que Goeldi regista em referência a *Mimus lividus*, talvez pertença a esta espécie, que vive preferentemente nos pirisais.

Macho e fêmea despertam cedo e juntinhos fazem excursões movimentadas, por entre os caniços, naturalmente apanhando os bichinhos, que também gostam de madrugar.

Nas horas vagas dançam, graciosamente, virando e revirando a cauda, horizontalmente para esquerda, para direita, soltando um *t'rr, t'rr*, cadenciado.

Embora vivendo à beira do rio e nas proximidades dos charcos, onde rouquejam os sapos e coaxam as rãs, o *sabiá-guaçu*, como também é chamado, não conseguiu estragar a sua bela garganta, como aconteceu a *Acrocephalus arundinaceus*, da fauna europeia, de hábitos iguais aos seus, mas cujo grito lembra perfeitamente o coaxar das rãs (115).

Japacanim sabe cantar cousas admiráveis, com voz sonora, alegrando as ribas tranquilas dos juncaes, fazendo música de câmara para a delícia dos sapos, que são animais de indiscutível gosto musical.

Não julgue o leitor que estou poetizando, graciosamente, a vida dos sapos. Talvez que um dia lhe possa contar a história curiosa destes úteis habitantes dos charcos.

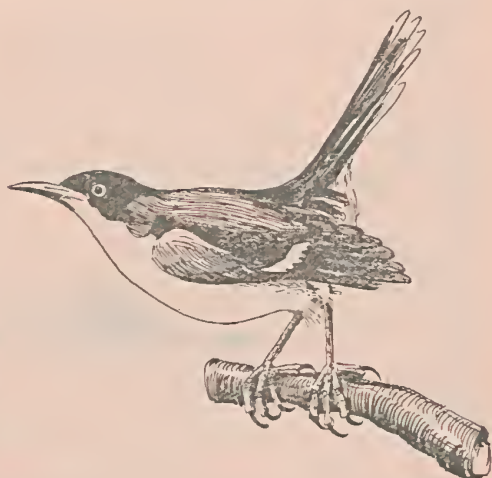


Fig. 23 — Japacanim (*Donacobius atricapillus*)

(115) "L'oiseau et son milieu" — Maurice Bourbier, p. 132.



Além dos nomes citados, êste pássaro vivaz, inquieto e bonito, possui outros como *casaca-de-couro*, *viola*, *sabiá-do-brejo*, *pintassilgo-do-brejo*, *batuquirá*, *pássaro-angú* e *angú*, simplesmente ⁽¹¹⁶⁾.



(116) O nome indígena da ave é *uira-angú* e *auga-ú*, que quer dizer o que leva as almas ao céu.

Da deturpação de tal nome lhe veio o de *pássaro-angú*, ou, simplesmente, *angú*, da terminologia popular.

Certo capiau, malandrote e caçador furtivo, disse-me uma vez que o nome *angú* era dado, porque a ave era saborosa comida com *angú* (pirão de milho).

Perdeu-se nesse comedor de passarinhos um etimologista de enchermão.

Agora uma conjectura. Porque dava o indígena a essa ave o nome de *anga-ú*, que tem o significado acima referido?

Aventurei uma idéia. O japacanim costuma, como o *sabiá-do-campo*, elevar-se ao ar em vôo vertical, indo a grande altura..

Ora, se êle vai assim tão alto, sem fim conhecido, o indígena, observador, mas supersticioso, achou logo uma razão: ia levar as almas ao céu.

Ainda uma observação: À mesma ave deve-se referir a estrofe 36 do poema "Caramurú" e não ao gavião de igual nome popular, segundo aventurou C. Teschauer, no seu estudo "Avifauna e flora nos costumes, superstições e lendas brasileiras e americanas", pois na citada estrofe alude-se a "canto enternecido" e tal não pode atribuir-se ao gavião.

CAPÍTULO XII

SILVÍDEOS

A família dos silvídeos, de larga distribuição na Europa e, sobretudo, na Ásia, até cujos limites setentrionais chega, é representada no Brasil por meia dúzia de espécies, todas do gênero *Polioptila*.

Enquanto na Europa o povo distingue e estima os representantes desta família, entre os quais há ilustres cantores, como a elegante toutinegra-de-cabeça-preta, no Brasil nem sequer se conhece um nome vulgar de qualquer representante deste grupo de pássaros.

Aludirei, no entanto, a *Polioptila dumicola*, pois é um lindo e minúsculo passarinho cinzento azulado na parte superior, com asas escuras, com algumas penas primárias marginadas de branco.

Mede 11 cm., mas como a cauda é longa, (quasi metade de seu tamanho), pouco lhe resta de corpo propriamente dito.

Há nos machos graciosa mancha negra, que da base do bico se estende até em derredor dos olhos. A parte inferior é acinzentada, sendo branco o abdome.

A plumagem é abundante, sedosa, como em geral se nota entre os silvídeos.

O ninho, mimoso, preso sempre na forquilha dum ramo, tem a forma esférica; é fundo e bem tecido com fibras algodonosas, penas, sendo ainda revestido de musgos.

Os ovos, em número de 4, são azul celeste, com muitas pintinhas pardo-escuras, segundo A. Pereyra ⁽¹¹⁷⁾, e medem 16×12 mm.

Nehr Korn, citado por H. Ihering, diz que "todas as espécies de *Polioptila* têm o campo do ovo azul-claro ou branco azulado, com manchas bem marcadas bruno-escuras". Isso concorda com o acima referido e quanto às medidas de ovos também regulam, pois, segundo aquele autor, os ovos de *P. dumicola* medem $15,5 \times 11,5$ mm.

Quanto aos hábitos, sabe-se que gostam de frequentar as orlas das matas, os capoeirões, e nos campos, quando em visita,

(117) "Mem. del Jard. Zool.", Tomo IX, 1938, Argentina.



procuram as árvores copadas, os pequenos capões de vegetação mais densa.

São decididamente insetívoros e andam sempre aos casais, marinhando por quanto galhinho existe, num contínuo movimento, em busca de aranhas e insetos diversos, com que enchem o papo.

São aves utilíssimas e, entretanto, não muito abundantes.

Habitam Rio G. do Sul, Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia.

Espécie mais frequente e espalhada entre nós é *P. berlepschi*, parecida com a anterior, tendo, no entanto, toda a cabeça preta.

Habita S. Paulo, Goiás, Mato Grosso e Paraguai.

No Norte, Amazonas, ocorrem duas espécies, algo semelhantes.



CAPÍTULO XIII

MOTACILÍDEOS

Cotovia, sombrio, caminheiro, peruinho-do-campo, foguetinho.

Trata-se de uma família cosmopolita, rica em espécies, mas entre nós escassamente representada por um só gênero com quatro espécies e algumas sub-espécies.

As próprias espécies são quasi todas tão parecidas, que, só observando-as de perto, manuseando-as nas coleções dos museus, podem os ornitologistas distingui-las; quanto às sub-espécies, nem êles mesmos, entre si, chegam a um acôrdo geral.

Os costumes e a nidificação apresentam-se quasi idênticos. São todas aves do campo.

Ao invés dos demais pássaros, que vivem de continuo de ramo em ramo, os representantes dos motacilídeos não abandonam o solo, e só, excepcionalmente, alguém os pode observar pousado em uma cerca ou num galho.

Vivem aos casais, e entre moitas, na época da incubação, fazem o ninho.

Devido à côr de sua plumagem, são pouco notados no campo, fato que igualmente se dá com a perdiz (*Nothura maculosa*).

Naquela quadra da vida, principalmente, é costume ver o macho elevar-se no espaço em vôo alto, fazendo ouvir um canto límpido e cheio de alacridade. Faz-nos lembrar a cotovia, que Michelet retratou em páginas admiráveis.

Voa, canta, e volta logo a pousar junto da companheira, que está incubando.

Parece assim querer aligeirar-lhe as horas insípidas da incubação.

Algumas vêzes, a fêmea, como que para desentorpecer os membros cansados, sai também do ninho e corre por entre as moitas.

Há, então, entre o casal um simulacro de luta, voltando ela, logo a seguir, para o ninho, ficando o espôso ali pelas imediações.

A vida das diversas espécies parece que pouco se desvia da mesma norma. Vivem sempre correndo, meio agachadas, por entre o capinzal, nos pastos onde pascem fleumáticos bovinos.

Não é ave arisca e, por isso, torna-se fácil presa dos caçadores.

Alimenta-se de vermes e pequenas sementes de gramíneas.

Pode dizer-se que o nome geral de *cotovia* serve para designar todas as espécies do gênero *Anthus*, único, aliás, que ocorre entre nós.

Foi o português que batizou tais aves, pelos hábitos idênticos aos da cotovia européia, *Alauda arvensis*, a verdadeira cotovia, e *Anthus arboreus*, uma parenta mais chegada da nossa, *Anthus lutescens* igualmente conhecida por *cotovia* e, ainda mais, também chamada *sombria*, nome que cabe à nossa espécie.

Registam-se, entretanto, outros nomes populares que extremam melhor as espécies, como veremos.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

SOMBRIO (*Anthus lutescens lutescens*) — A descrição das espécies, para seu reconhecimento, é difícil, a não ser que se entre em minúcias dispensáveis devido à natureza deste trabalho. O *sombrio* é o menor dos motacilídeos que ocorrem entre nós, quasi todos mais ou menos do tamanho de um tico-tico.

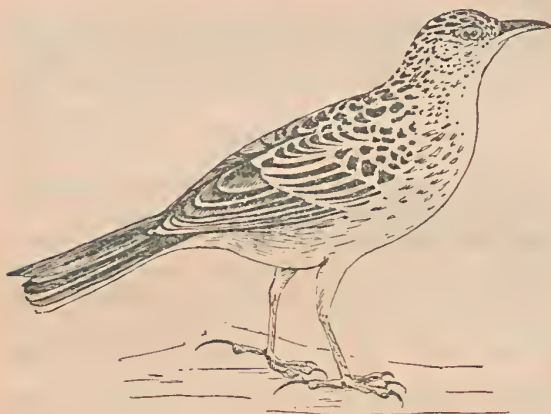


Fig. 24 — Sombrio (*Anthus lutescens*)

Este distingue-se também pela cor amarela clara da parte inferior.

Aninha-se em moitas de capim, onde sabe esconder bem os ovos da ninhada.

Azara encontrou dois ovos, mas vejo sempre, em trabalhos argentinos, a citação constante de 3 a 4 ovos. Estes medem $19-20 \times 14$ mm.

A distribuição da espécie é vastíssima, indo da foz do

Rio da Prata às margens do Orenoco e ao sopé da cordilheira andina, segundo Hellmayr.

É desta família a única que ocorre na Amazônia e na Baía. Na Amazônia dão-lhe o nome de *peruinho-do-campo*.

CAMINHEIRO (*Anthus chii*) — As penas do dorso são escuras, orladas de cor ferrugínea. O lado ventral é pardo-amarelento com manchas escuras no peito. As retrizes exteriores são

orladas de côr pardo-amarela (H. von Ihering). O ninho, feito entre as moitas, é fundo.

Ocorre no Pará, Minas, S. Paulo, Paraná, R. G. do Sul e Paraguai. Em Minas é chamado *fogueteiro*.

No Paraguai tem o nome popular de *chii*, onomatopéia muito perfeita do seu chilrear.

Há outra espécie com o nome de *caminheiro*: *Anthus nattereri*, muito parecida com a descrita, mas possui bico mais forte, unha posterior mais comprida, garganta e pescoço mais amarelados e penas da cauda mais ponteadas.

O ninho de *A. nattereri* é menos fundo que o do outro *caminheiro*, e seus ovos, que medem $21-22 \times 15$, mostram o campo cinzento claro e numerosos salpicos pardo-acinzentados.

A. nattereri ocorre em S. Paulo, Paraná, R. G. do Sul e Paraguai.

No R. G. do Sul ocorre outra espécie sem nome popular que a distinga. Trata-se de *A. correndera*, muito parecida com *A. lutescens*.

A distinção entre as duas consiste em que *A. correndera* traz no peito um amarelado mais pálido, sendo por sua vez mais amplas, e prolongando-se para os flancos, as manchas pretas daquela região. Esta espécie tem a unha do dedo polegar muito longa.

Seus ovos, de fundo branco amarelado, ostentam salpicos marrons, cinzentos, lilás, e quasi sempre trazem traços capilares negros no polo obtuso. São de forma oval obtusa e medem $19 \frac{1}{2}-20 \times 14-15 \frac{1}{2}$ mm.

Alimenta-se de gramíneas, formigas, lagartas, saltões.



CAPÍTULO XIV

COMP SOTLIPÍDEOS

Mariquita, pia-cobra, pula-pula.

Esta família de aves é essencial e exclusivamente americana, mas a maioria das espécies têm seu *habitato* na parte setentrional da região neotrópica, cabendo 16 espécies ao Brasil, seg. o "Catálogo das Aves", de Ihering & Ihering.

São aves em geral de tamanho pequeno, bico reto, agudo, delicado, com vibrissas quasi imperceptíveis na base.

Alguns dêles, escreve E. Snethlage, "como por exemplo os membros do gênero *Granatellus*, assemelham-se aos tanagrideos pela forma do bico e estilo do colorido, enquanto o bico largo e chato das espécies do gênero *Basileuterus* lembra certos tiranideos".

Algumas espécies têm língua bifida e quasi todas se vestem de plumagem verde olivácea, e, mais raramente, cinzenta ou azul, na parte superior, e amarela na inferior.

Uns habitam as matas e outros vêm até as campinas, mas não aos descampados.

Todos são eminentemente insetívoros e, portanto, úteis. Alguns apenas aparecem por ocasião do inverno do hemisfério setentrional.

O povo parece não extremar bem dentre certos tiranideos e tanagrideos essa miuçalha e assim só dá nome às três espécies que a seguir tratamos.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

MARIQUITA (*Compsothlypis pitiayumi pitiayumi*) — É muito gracioso e lindo este passarito, que tem a cabeça e o pescoço anterior azul grisalho, asas escuras, com as coberteiras azul grisalho e as exteriores com ápice branco; dorso verde azeitonado; garganta e peito amarelo e o ventre dessa cor um tanto mais desmaiada.

Olivério Pinto diz que a espécie, que se encontra desde o México à R. Argentina, comporta grande número de sub-espécies. Chapman aponta 11 destas sub-espécies.



1-Bicudo encarnado (*Periporphyrus erythromelas*). — 2-Tico-Tico (*Zonotrichia capensis matutina*) — 3 e 4-Gaturamo (fêmea e macho). (*Tanagra chlorotica serrirostris*). — 5-Curitô (*Oryzoborus angolensis*). — 6-Coleiro virado (*Sporophila caerulescens*). — 7-Trinca-ferro (*Saltator m. maximus*). — 8-Serra-setra (*Volatinia j. jacarina*). — 9-Chorão (*Sporophila l. leucoptera*).



SciELO

A distinção desta passarinhada é um verdadeiro quebra-cabeças.

Mariquitas aqui, no Estado, andam sempre aos casais, entremetidas pelos ramos das árvores, sendo até difícil vislumbrá-las. Jamais vêm ao chão.

Não são muito ariscas e tanto assim que se aproximam das moradias humanas onde houver muita vegetação. Nos campos limpos não aparecem.

São grandes caçadoras de aranhas e insetos, indo até às flôres buscá-los.

Arañero lhes chamam os argentinos.

Não há nenhuma deserção do seu ninho, mas o príncipe de Wied, que o viu, achou-o lindo e pequeno. Sobre os ovos também as descrições não são concordantes.

PIA-COBRA (*Geothlypis aequinoctialis cucullata*) — Goeldi encontrou-o apenas no inverno, em visita aos jardins aqui no Estado do Rio, e diz que se vai aninhar nas baixadas do Paraíba.

Julgo ser o mesmo que aqui no próprio Estado do Rio ouvi chamar *canário-do-sapé* e *canário-do-brejo*. E descrevo-o *ad-vivum*. Mede, mais ou menos 13 cm. de comprimento, tendo a fronte, cabeça, nuca, dorso, tetrazes e cauda, de um cinzento esverdeado, região ocular com uma estria larga, de cor negra, que parte do bico e chega à região (nos machos) auricular; garganta, peito, ventre e uropígio, de um amarelo limão; bico com a mandíbula superior muito escura e a inferior esbranquiçada; iris negro; tarsos escuros.

Aparece frequentemente nas baixadas e nidifica entre juncaes e moitas de capim, no pasto, nos jardins e nas plantações.

Alimenta-se de insetos, aranhas, vermes e parece que também gosta de frutas.

Euler descreve o ninho, como uma tijelinha, caprichosamente tecida com folhas de junco, externamente, a parte interior é tomada com raízes finas.

Os bordos não são trabalhados e as folhas repontam aqui e ali. Os ovos, em número de três, mostram campo branco, lavado com uma tênue tinta encarnada, o que lhes dá particular encanto.

Há vagos esboços de diluída cor violácea e numerosos pontos vermelhos escuros, que se reúnem em coroa no polo rombo. Medem 19×13 mm.

Na Argentina A. Castellanos ⁽¹¹⁸⁾ verificou que *pia-cobra*, ou *canário-do-sapé*, é amigo íntimo de certo tiranídeo (*Hapalocercus acutipennis*), junto ao qual sempre se encontra.

(118) "Aves del valle de los Reartes" — El Hornero, vol. V, p. 316.



Certa vez ao caçar um dêles, *Geothlypis* acudiu aos seus gritos, pressurosamente, como se viesse em socorro dum filho.

A cantiga do *pia-cobra* não vale grande cousa e o mais que se ouve é um *sip-sip*, que aos ouvidos do povo soou talvez como silvo de ofídio e daí o nome.

Certo caçador e passarinho, no entanto, já me afirmou que o canto desta ave é agradável e que daí lhe vem o nome de *canário-do-brejo*. Disse-me mais que, por vêzes, apanhou e pôs em gaiola as referidas aves, que sempre morreram apesar de lhes dar frutas...

O assunto merece estudo.

Não é por ser caçador meu informante que lhe descreio da palavra, mas sim porque não pude fazer identificação segura.

Os compsotlipideos são muito parecidos entre si e ainda se confundem com outros passarinhos e, por tal motivo, com as devidas reservas registro o fato, para futuras investigações da escassa gente que enontra no encanto da vida dos pássaros o maior encantamento da própria vida.

PULA-PULA (*Basileuterus culicivorus auricapillus*) — O gênero *Basileuterus* comporta uma série de espécies muitíssimo parecidas uma com as outras.

Aquí no Estado do Rio, o *pula-pula* é frequente nas matas, bosques e chácaras. Anda pelo chão, aos saltinhos, em busca de insetos e larvas.

Mede 13 cm. É de notável elegância no seu traje verde azci-tão na parte superior do corpo, amarelo por baixo, e amarelo alaranjado no vértice, o qual de cada lado ostenta uma estria preta e mais abaixo, por cima dos olhos, outra mais larga de côr cinza.

O bico tem algo de semelhança com o de alguns tiranídeos pequenos do gênero *Euscarthmus*, como notou Goeldi.

Aninha-se, quer na mata, quer na capoeira, construindo o ninho no chão entre moitas de folhas secas.

O ninho descrito por Euler consistia "em uma tijela com coberta inteira posta sôbre uma camada de folhas e feita de capim finíssimo. Forma uma perfeita e macia alfombra artisticamente preparada".

A coberta do ninho não o encobre totalmente, pois lhe deixa na parte anterior uma abertura de 3 cm.

Os ovos, 2 ou 3, de forma normal, são um tanto cheios no centro.

A côr é branca, mas nota-se no polo obtuso uma ampla coroa de pontos azul-cinzentos, de mistura com pontinhos côr de vinho. No polo fino há raras pontuações.

O *pula-pula*, além de ser mestre em dar saltinhos, conhece seu bocado de música e possui uma bela voz, clara, bem timbrada.

A espécie ocorre no R. G. do Sul, S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Paraguai, Missões e Venezuela.

Há outra espécie muito comum aqui no sul que bem se distingue da anterior porque o alto da cabeça é preto com o centro branco.

B. flaveolus, que é outra lindeza, verde e amarela, traje geral da família, já ocorre do sul do Piauí, indo até os Estados centrais.

SAÍ (*Ateleodacnis s. speciosa*) — Conquanto o nome *sai* caiba, de preferência, aos cerebídeos, outros pássaros que com eles um tanto se assemelham também assim são conhecidos.

Tal é o caso de *A. s. speciosa*, que é um belo passarinho azul bem conhecido da gente amiga da mata.

Nada mais consegui saber dêsse *sai*.

Uma espécie do mesmo gênero, *A. bicolor*, é muito frequente no mangue da costa marítima da América do Sul, desde S. Paulo até as Guianas e Venezuela, segundo O. Pinto.



CAPÍTULO XV

VIREONÍDEOS

Juruviara, irapurú-verdadeiro, gente-de-fora-já-chegou.

Pequena e modesta família de pássaros exclusivamente americana.

Contém uma dúzia de espécies, quasi que desconhecidas do povo, pois somente três são apontadas sob designações vulgares.

São todas aves de pequeno porte, geralmente, com predominante colorido verde e amarelo. Possuem, no geral, pés fortes e bico terminado em gancho mais ou menos acentuado.

Andam, quasi em maioria, nas matas a meia altura, outros, mais raramente, vão às grimpas. Vêm, entretanto, aos povoados e encontram-se nas plantações, chácaras e jardins, porém jamais em campinas abertas e descampadas.

São exclusivamente insetívoros. Nem frutos, nem grãos lhes agradam.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

JURUVIARA (*Vireosylva chivi chivi*) — É um passarito de 13 cm. pouco mais ou menos, esgalgadinho, verde azeitonado, na parte inferior do corpo, exceto a cabeça, que é cinzenta plúmbea. Nota-se uma fimbria branca no sobrolho, a modo de uma sobracellia, que muito caracteriza a *juruviara*. A parte inferior do corpo, desde o pescoço, é branca, exceção do crisso que é amarelo.

Vê-se constantemente pelos arvoredos, a meia altura, e pelas grimpas, caçando aranhas e insetos de que se alimenta. Não come frutas.

Entoa certa cantiga, com muito brio e sonoridade, podendo ser considerado um bom artista.

O pendor musical não é incompatível com outras tendências artísticas e tanto assim que seu ninho se revela uma obra prima.

Coloca-o quasi invariavelmente numa forquilha e tece-o com fôlhas secas, finas, e fibras flexíveis, tudo isso primorosamente preso externamente com teias de aranha. Pela parte interna há uma alfombra de crinas.

As paredes e o fundo, a construção toda, enfim, é delgada, fina, não medindo mais de 1 cm. de espessura.

Aí, nessa tenue bolsinha, é que depõe os três ovos de sua postura, os quais são alvíssimos com pintas negras, deslavadas, que de preferência se agrupam para o lado do polo rombo. Os ovos, algo alongados, medem 21×15 mm.

Na época dos amores canta incessante e alegremente.

Entre as notas das suas cantigas destacam-se bem as duas sílabas *chi-vi*, que lhe valeram o batismo específico.

Existe pelo Brasil inteiro, vindo da Argentina e indo até o equador.



Fig. 25 — Ninho de *Vireosylva olivacea*



Fig. 26 — Bico de *Vireosylva olivacea*

Os ornitologistas encontram leves modificações nos indivíduos que do Espírito Santo se estendem até o Amázonas, sendo considerados como uma sub-espécie (*V. chivi agilis*).

O gênero comporta mais três ou quatro espécies de curiosa distribuição geográfica, como por exemplo *V. gracilirostris*, que só foi vista na ilha Fernando de Noronha, e *V. olivaceus*, que se encontra na América do Norte e em Mato Grosso.

IRAPURÚ VERDADEIRO (*Pachysylvia rubrifrons*) — O verdadeiro irapurú ⁽¹¹⁹⁾, no entender do povo de Belém, é êsse passarinho de cores discretas e apoucado porte.

Tem o tamanho duma cambaxirra e é verde oliváceo escuro na parte superior, sendo que a cauda, a fronte e parte anterior

(119) Vernaculização de uirapurú. Também se grafa guirapurú. Dissentem os autores quanto à etimologia da palavra.

Rodolfo Garcia informa que vem de uirá = ave + purú ou pirú = seco, magro.

Alberto Faria dá uira = ave + purú = que recebe emprestado (subentende-se a voz alheia).

Rev. P. C. Tastevin aponta uira = ave + purú esta última é um qualificativo que recebem certos animais ou plantas, aos quais se atribuem qualidades mágicas.

Couto Magalhães grafa guirapurú e diz que significa pássaro emprestado, ou pássaro que não é pássaro (Vide nota 73).

Quer com isso significar o ameríndio que o uirapurú é um deus que

do sobrolho, são vermelhas; o lado inferior do corpo é cinzento, lavado de amarelo ocre na garganta e no peito.

A identificação zoológica está feita pela mais conspícua autenticidade, a ornitologista Emilia Snethlage, que palmilhou o infinito Vale Amazônico e ouviu da boca maravilhada do povo histórias munkauseneanas das virtudes do prodigioso passarinho.



Fig. 27 — Irapurú verdadeiro (*Pachysylvia rubrifrons*)

Além dos aspectos mágicos, de que já tratamos ao falar de outros irapurús, acentuaremos aqui os amavios do seu canto, ao qual Humberto de Campos se refere neste assaz citado e magistral soneto:

Dizem que o irapurú, quando desata
A voz — Orfeu do seringal tranquilo —
O passaredo, rápido, a seguí-lo
Em derredor agrupa-se na mata.

Quando o canto, veloz, muda em cascata,
Tudo se quêda, comovido, a ouvi-lo:
O mais nobre sabiá susta a sonata,
O canário menor cessa o pipilo.

toma a forma de ave e tem sob a sua proteção todas as espécies animais plumadas.

A mitologia típica criou deuses subalternos para zelar pela vida dos animais gerados por guaraci, o sol, e pelos vegetais criados por jaci, a lua.

Assim, além de uirapurú, os animais campestres têm em Anhangá, ou Anhangá, o seu protetor.

Aparece sob o aspecto de um esbelto e sobrenatural veado branco, de cujos olhos de fogo saem fagulhas. Os animais da floresta estão guardados pelo Caapora, gênio polimorfo que ora surge na figura dum caboclinho, ou negrinho unípede, ora se revela com a aparência dum homem de grandíssima estatura, tendo o corpo coberto de pêlos negros e cavalgando um porco de desmesurado tamanho.

Dos peixes toma conta a iara, deidade andrógina na transfiguração do feíssimo bôto.

Frascário como Júpiter, por vêzes surge disfarçado em mancebo e seduz as caboclas ribeirinhas, doutra feita aparece à tona d'água, na imagem provocadora de deslumbrante mulher — sereia fluvial tupínea — e leva seus amantes de um momento para os verdes e encantados palácios que demoram no fundo das águas.

Eu próprio sei quanto êsse canto é suave;
O que, porém, me faz eismar bem fundo
Não é, por si, o alto poder dessa ave:

O que mais no fenômeno me espanta,
É ainda existir um pássaro no mundo
Que se fique a escutar quando outro canta!...

O mais que se sabe do mirífico e sonoro pássaro pertence ainda a história sobrenatural.

Vamos ouvir, pois, o depoimento dum personagem de romance, já que estamos nas regiões pródigas do devaneio, da fantasia, da superstição, esta fillia muito maluca duma senhora muito sensata, que é a religião.

Diz uma figura qualquer do romance "Os Igarunas", de Raimundo Morais:

"Nós sabemos que o irapurú, depois da postura, choca alternativamente. Ora a fêmea, ora o macho. Sempre que um levanta do ninho, após o silêncio e o descanso sôbre os ovos (dois no máximo), tem um desfôgo de alegria e canta. Assim, durante o tempo do chôco, a árvore onde está o ninho do cantor fica sendo um centro musical, atraindo animais de todas as conformidades. Vem bicho porção ouvir êle, melhor aos dois, porque tanto um como outro diz o que sente. Por isso, na maloeira de várias tribus, quando o xerimbabo começa a sumir, emprestando perna de cotia, já se sabe: é irapurú no chôco".

As tradições e a gramática andam assim, de mãos dadas, na espontaneidade da narrativa popular.

O naturalista Paul Le Coint, que bem conhece a região Amazônica, pois *P. rubrifrons* tem seu *habitato* apenas no oriente da planície, diz que o canto dêste famoso *irapurú*, o legítimo, tem de fato, sonoridade metálica, argentina, extraordinária.

Ao ouvirmo-lo dentro da grande floresta, sentimo-nos realmente surpresos e, involuntariamente, suspensos, alheios ao que nos cerca, quedamo-nos a escutá-lo, como que enleados na trama sutil daquela voz canora e bensoante.

Mas não há belo sem senão.

O naturalista citado afirma que, no final de contas, aquelas notas vibrantes e harmoniosas, que nos prometiam maravilhas musicais, se repetem sempre, infundavelmente, como se estivéssemos a ouvir uma caixinha de música, muito medida, muito certa, mas sempre a mesma cousa.

Além do *irapurú* citado, tido e havido como o verdadeiro, muitos outros são ainda vulgarmente apontados, dentro desta mesma família e gênero.

Assim é ainda conhecida por *irapurú*, *Pachysylvia luteifrons*, pouquíssimo maior que a anterior e com traço algo semelhante. É espécie do extremo da Amazônia.



Algumas espécies do gênero que ocorrem aqui no sul, não possuem nome popular.

Goeldi, em seu muito citado trabalho, refere-se a *Pachysylvia poecilotis*, de plumagem semelhante às já descritas, mas que apresenta côr acanelada ao alto da cabeça.

Diz que vive na mata rala e nas moitas, na Serra dos Órgãos, sempre a média altura. O canto é fino e soa assim, segundo os ouvidos do naturalista referido: *ziziri-ziriziri*, toada essa fina, agradável e só perceptível a pequena distância.

GENTE-DE-FORA-JÁ-CHEGOU (*Cyclarhis gujanensis cearensis*) — Com tal nome é conhecido na Baía êsse passarinho, verde azeitonado na parte superior e na parte inferior amarelo, exceto a garganta que é clara.

A distinção desta sub-espécie reside, diz O. Pinto, na mancha negra da base da mandíbula, caráter que, com a restrição da lista superciliar ferrugínea, ao limite dos olhos, a distingue da espécie de *C. ochrocephala*. O tamanho regula entre 15 a 17 cm.

O povo interpreta as vozes do referido pássaro com as mais extravagantes fantasias auditivas e daí os inúmeros nomes por que é conhecido.

Ocorre no Nordeste. Segundo alguns informes, creio que é o *pitiquari* dos paraibanos.

Aqui no sul temos *Cyclarhis gujanensis virides*, bem conhecido, mas sem nome vulgar.

Mede 17 cm. É verde oliváceo na parte superior, cabeça bruno-vermelho-escura, com a fronte e sobrolho castanho, mas os lados da cabeça são de côr cinza claro, onde se implantam dois olhinhos de iris vermelha.

A parte inferior é castanha rosada, exceto o peito e os flancos que são amarelos.

Sempre esperto e atarefado no serviço de caçar insetos, vemos-lo percorrendo todos os ramos das árvores.

Quando os negócios de caça lhe correm bem, costuma divertir a esposa assoviando fortemente uma determinada cançônet, de certo em castelhano, que aprendeu no Rio da Prata, pois aqui nossa gente nada compreende, enquanto os argentinos o ouvem perfeitamente dizer: Don Liborio, Don Liborio, ou Caballero, caballero, ou ainda Juan chiviro.

Quando um canta aqui, logo outro responde acolá.

O casal vive numa harmonia perfeita e parece que deveras se amam muito.

Quando um bárbaro caçador abate um dos consortes, o outro facilmente pode também ser sacrificado, porque não se afasta do local onde caiu o companheiro, procurando-o, chamando-o, numa evidente ansiosidade.

* Não se sabe ao certo onde costuma aninhar-se.

CAPÍTULO XVI

HIRUNDINÍDEOS

Andorinhas, andorinha-de-rabo-branco, andorinha-de-pescoço-vermelho, andorinha-grande, andorinha-do-campo, andorinha-pequena, andorinha-de-bando, tapera.

As andorinhas mereceram sempre uma simpatia universal, pela alegria de seus trinços, pelas curvas caprichosas com que riscam o ar, em vôos elegantes e baixos, e, sobretudo, porque são os arautos alados da primavera.

Quando chegam as andorinhas aos países frios, há sorrisos tépidos pelo bom tempo que aí vem na cauda destas amantes do sol e da luz, e ao invés, quando se reúnem nas suas assembléias deliberativas, nas vésperas da partida, pelas tardes já enevoadas, sente-se baixar dos céus os tristes véus cinzentos do inverno.

Em todos os tempos, os homens práticos e os poetas louvaram-lhes o préstimo e o encanto. Isaías, o profeta, já a elas se refere nas suas predições, Homero cita-as na *Odisséia*. Heródoto, Aristóфанes, Marcial, Virgílio, Teócrito, Ovidio, não se esqueceram da filha de Pandião.

Os gregos tinham-na como um elemento prestante no equilíbrio biológico, porque eram sabidamente úteis no combate aos insetos nocivos.

Elas eram benquistas dos deuses Penates, e maltratá-las constituía, entre os romanos, ação reprovável e punível.

Ainda hoje, em certas regiões da Europa, as andorinhas são aves quasi sagradas ⁽¹²⁰⁾.

Chegam mesmo a supor que graves malefícios sofrerá quem lhes destruir os ninhos.

Merecem, de fato, proteção e carinho essas criaturinhas que o destino ou uma fada benfeitora acumulou de virtudes.

Quem estudar a psicologia dos hirundinídeos sentirá logo grande desejo de amá-los. São exemplos vivos de mansidão, amor materno, fidelidade e benemerência.

(120) Há uma exceção inexplicável. Segundo "Ornit. toscana", citada no "Dict. Un. d'Hist. Naturelle", Paris 1845, as leis em vigência lá, naquela época, consideravam as andorinhas entre os animais nocivos, sendo-lhes permitida a caça.

Reunem em si todas as virtudes que santificariam um ser humano.

Vivem agrupadas em famílias numerosas, fazem seus passeios pelos ares sempre juntas e juntas caçam em boa paz.

Constroem os ninhos, o mais possível, próximos uns aos outros e, se acaso uma ave predadora ataca qualquer vizinho, toda a colônia reúne-se em impeto de solidariedade. Há entre êles uma verdadeira cooperativa de socorros mútuos, sem outro estatuto que a grande lei do amor.

A maioria das espécies preferem a companhia dos homens, por isso habitam as cidades e os campos, mas algumas vivem nas solidões.

As que mostram simpatia pela espécie humana têm prazer em colocar seus ninhos no beiral dos telhados, nas janelas, nas chaminés. São as conhecidas *andorinhas-das-casas*, *andorinhas-dos-beirais* e *andorinhas-das-chaminés*, na Europa.

"As andorinhas, escreve Z. Gerbe ⁽¹²¹⁾, não se estabelecem indiferentemente em qualquer lugar. Quer habitem os centros da cidade, quer morem nas montanhas ou nas florestas, escolhem sempre os locais bem abrigados e, de preferência, próximos da água, que para elas é um elemento essencial da existência.

Não só dela precisam para se desalterarem e banharem, senão também porque na superfície da água, em certos períodos de escassez de insetos, elas procuram os que por lá voejam".

São dotadas da mais alta aptidão para o voo e pode dizer-se que passam grande parte da vida pelo ar. Comem, bebem e banham-se voando, e, ainda, no próprio voo alimentam os filhotes que se iniciaram nessa arte, mas que ainda não lograram a prática indispensável de caçar.

Vê-las pelo ar é um belo divertimento e um prazer para os olhos.

Movem-se no espaço abrindo longas curvas, círculos, que ora se alargam, ora se estreitam e assim vão riscando alucinantes labirintos, com as mil curvas que traçam, retraçam, se embaraçam e cruzam como que tecendo uma teia sutil e invisível.

Não voam alto, como os andorinhões (cipselideos), mas a meia altura, e por vezes junto aos muros, ou prédios, à superfície das águas e ao-rés-do solo.

Diz a milenar observação da gente de outras terras, e já o mesmo afirmava Virgílio nas *Geórgicas* há 20 séculos, que quando as andorinhas voam rasando o solo e soltando gritos é sinal de chuva ⁽¹²²⁾.

(121) "Dict. Universel d'Histoire Naturelle", Paris, 1845.

(122) Quando o homem vivia em íntimo contacto com a natureza, podia decifrar cousas que já agora se lhe deparam inexpressivas.

A literatura antiga oferece rico filão desta velha sabedoria popular. Virgílio, nas *Geórgicas*, a cada trecho aponta um fato, interpreta a

As andorinhas, espalhadas por quasi toda a superficie do globo, são aves grandemente migradoras, mas entre elas há es-

voz, o vôo, a inquietação e a calma dos animais e traduz-lhes os misteriosos motivos:

"Borrasca assoladora é sempre anunciada:
Olha os groux como vão fugindo em debandada,
vendo-a surgir do vale! olha a bezerra atenta
d'ólho fito no céu a farejar tormenta."

E mais além:

"Sozinha a ruim gralha, a passear na areia,
a chuva anda a chamar com voz roufenha e cheia."

Hesíodo, lendário moralista e poeta grego, nas páginas saborosas d'"Os trabalhos e os dias" a cada passo se refere às aves, no que elas adivinham e ensinam ao homem do campo. E escreve:

"Fique atento ao grito que, todos os anos, solta o grou do alto dos céus. E' o tempo de lavar a terra."

Noutro ensejo escreve: "A seguir, a filha de Pandião, a andorinha de trincos matinais, volta a se mostrar aos homens com a nova primavera. Não te atardes em podar as vinhas, como convém".

Na Europa ainda hoje, o cuco goza do justo prestígio de anunciar o fim do verão. E' o primeiro pássaro que desaparece. Não que seja o único a perceber o fenômeno, mas porque, não tendo de cuidar dos filhos, uma vez que põe ovos em ninho alheio, emigra mal sente a mudança da estação.

Os outros ficam até um pouco antes da entrada do inverno.

Os nossos homens do campo também possuem um tesouro de experiências neste sentido.

Há na Amazônia, uma ave, amanací lhe chamam, mãe-da-chuva dizem outros, ave cujo canto é prenúncio infalível de chuva.

Anunciam chuvas os tachãs (*Chauna torquata*), quando, aos pares, começam a dar voltas em espiral, indo a grande altura e descendo após prolongado pairar.

Dentro de três dias choverá.

As saracuras, sempre que muito se apuram nas cantigas, e a seriema, também quando se excede nos seus gritos, estão prevendo chuva.

Os tucanos, quando batem bico na serra, aquí no Estado do Rio, diz o povo sentenciosamente: "tucano na serra, chuva na terra".

Quando o carão deixa de cantar, é prenúncio de chuva.

O assunto é amplo demais para uma nota.

Nem sempre, entretanto, podemos nos fiar nestes meteorologistas, e outros são positivamente pouco sagazes, como, por exemplo, o João-bobo. Geralmente quando nos dá o sinal de chuva, já a Maria-das- pernas-compridas nos está tamborilando no lombo.

O povo, por seu lado, também força interpretações.

Na Paraíba do Norte, e talvez em todo o Nordeste, certo passarinho, o pitiguari, quando canta, é certo que vai aparecer uma visita, ou novidade boa.

O nordestino, meu informador, grande amigo de pássaros, disse mais: que o povo chega a compreender claramente a informação do pitiguari e lhe traduz a frase: "olha para o caminho, aí vem", "olha para o caminho, aí vem".

Marquis de Wavrin, em "Les bêtes sauvages de l'Amazonie" relata que na Amazônia peruana, quando certo pássaro canta, é que está anunciando para o dia seguinte a chegada dum vapor ou dum estrangeiro.

pécies sedentárias, especialmente as que habitam as regiões tropicais.

As migrações dos hirundídeos não constituem uma festividade, um episódio de turismo, uma tara de vagabundagem râmica, mas uma fatalidade inelutável, um drama da grande luta pela vida.

Quando chega o inverno, o temível frio, inimigo da vida, o assassino dos pobres, como lhes chamam na Europa, os insetos hibernam e desaparecem.

De que poderão encher o papo as andorinhas, já que *Natura naturante* lhes deu grande apetite só para comer insetos?

O único recurso é valerem-se de suas asas e irem para outras regiões e até para outro hemisfério, em busca de alimentos, ao mesmo tempo que ali vão desempenhar a tarefa que lhes foi confiada na entrosagem miraculosa do mundo animal.

Reunem-se em grave concílio deliberativo, ouvindo as razões terríveis da fome e a voz sensata d'alguma velha andorinha já experimentada.

Nem sempre partem após as primeiras reuniões e vão adiando a grande viagem talvez à espera de ventos amigos que as levem a bom porto e salvamento.

Chega enfim a hora suprema, inadiável.

É forçoso partir para as regiões ignotas que muitas ainda apenas conhecem vagamente, através dum confuso instinto.

Parece que compreendem a grandeza do momento e o arriscado da empresa e por isso não mostram alegria, vão como quem segue para o exílio em busca de pão.

Muitas andorinhas sucumbem no decorrer da longa travessia, feita durante o dia e à noite, sendo ainda perseguidas pelos seus inimigos naturais e pelo mais desnaturado de todos: o homem.

Segundo vários observadores, a viagem é feita por etapas.

Atualmente conhecem-se um tanto os caminhos que cruzam não só essas, como as demais aves das regiões setentrionais, quando o inverno as impele.

As duas teorias principais sobre o porquê das migrações das aves, vale a pena conhecê-las por esse resumo de Boubier:

— “As aves que viviam, antes do período glacial, nas regiões polares, foram daí expulsas pouco a pouco, mas conservaram o instinto ancestral e voltaram a se aninhar na pátria primitiva, o seu berço natal, à medida que a deglaciação se processara, ou ainda, as aves são, ao invés, originárias das regiões meridionais mas a superpopulação as forçou a emigrar, pouco a pouco, para o norte, no fim do período glacial.

Aninham-se então nas regiões setentrionais, mas o frio do inverno as enxota momentaneamente.

O problema não está perfeitamente elucidado; entretanto, a primeira teoria parece mais aceitável” ⁽¹²³⁾.

Seja como fôr, o fato verificado é que as andorinhas mostram como que um apêgo ao ninho onde nasceram e, todos os anos, voltam ao lar, mal o tempo o permite.

O fato envolve outro problema, a aque apenas quero aludir, a extraordinária e ainda nebulosa faculdade de orientação.

Spallanzani, observador e experimentador genial, a princípio duvidoso do fato, rendeu-se ante a evidência, porque teve ensejo de observar, durante anos seguidos, a volta da mesma andorinha ao ninho primitivo. Tratava-se da *andorinha-das-chaminés* (*Hirundo rustica*). Ao citado observador ainda se deve o conhecimento de um detalhe a respeito da vida íntima das aludidas aves.

Refiro-me ao casamento, que, entre elas, é indissolúvel.

O famoso “nó matrimonial”, que na espécie humana é um lacinho frouxo e sempre pronto a se desatar, no mundo dos hirundíneos mostra-se tão tenaz, que somente a morte pode desfazê-lo.

Ainda ficamos sabendo, por experiência do aludido cientista, que a andorinha transpõe 20 milhas em 13 minutos. Se não fôr engano, deve ser exagêro, pois corresponde a mais de 24 quilômetros por minuto!

Referi-me, anteriormente, ao fato de, nem sempre, logo às primeiras reuniões dos grandes bandos, dar-se a partida. Observação essa registada em muitos trabalhos e bem sabida até pelos habitantes de certas regiões, que verificam a ausência ou o aparecimento das andorinhas, sem regularidade rigorosa, segundo, naturalmente, o retardo ou antecipação do frio, ou outro fenómeno meteorológico.

Num trabalho recente ⁽¹²⁴⁾ vejo narrado o seguinte, a propósito de certas andorinhas, que o autor chama “hirondelles missionaires”:

“Sua aparição ou desapareção procede-se, em geral, com muita regularidade, a hora fixa, como a chegada ou a partida dum trem. Assim é que as andorinhas missionárias da Califórnia chegam, aos milhares, em cada primavera, em determinada data, à velha missão espanhola.

No outono, sempre num mesmo dia, reúnem-se trissantes, palreantes, como um grupo de “touristes”, prestes a empreender um cruzeiro e logo, a um dado sinal, todas a um tempo levantam o vôo fugindo do inverno.

(123) Quem pelo assunto tiver interesse poderá ler “L'Oiseau et son milieu”, Maurice Boubier, e “Les Oiseaux” do mesmo autor, obra na qual existe uma bibliografia sobre migração das aves.

(124) “Moeurs étranges des oiseaux” — A. Hyatt Verrill, Paris, 1939, p. 14.



Faz duzentos anos que assim se reúnem as andorinhas e com tal exatidão, que os missionários costumam dizer: "amanhã chegarão as andorinhas", ou então: "amanhã partirão as andorinhas", pois durante aqueles anos só uma ou duas vezes se adiantaram ou atrasaram um ou dois dias".

Essa regularidade de calendário não encontra explicação a não ser no mundo das cousas místicas.

Aos ligeiros dados sobre a vida e costumes dos pássaros de que vimos tratando, resta ainda acrescentar um informe curioso.

Parece que todas as aves, ao menos ainda não tive ensejo de tomar conhecimento de outra exceção, realizam seus acasalamentos ao ar livre, mas a andorinha o faz em segredo, dentro do seu ninho, que é, na realidade, um ninho de amor.

Quanto ao *facies* que caracteriza esses pássaros e os extrema dos outros, basta citar o bico curto, quasi triangular, com a ponta da mandíbula superior um quasi nada curvo; a fenda bucal estende-se até junto aos olhos. O peito é largo, o pescoço curto e a cabeça chata em quasi todas as espécies.

Os tarsos são curtos, delicados, e os três dedos dianteiros também fracos e finos; as asas longas e pontudas, e a cauda, em quasi todas as espécies se exhibe com elegante bifurcação ⁽¹²⁵⁾.

Ocorrem no Brasil, segundo o "Catálogo das Aves do Brasil" de Ihering & Ihering, 15 espécies, além de sub-espécies, distribuídas por 9 gêneros.

O povo distingue várias e, não raro, lhes põe um nome vulgar.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

ANDORINHA-DE-RABO-BRANCO (*Iridoprocne albiventer*)
— É encontrada por toda a América do Sul, desde Venezuela até o norte e leste da Argentina. Na parte superior do corpo nota-se a cor verde escura com lustro metálico, tendo muito branco nas penas coberteiras das asas; a parte inferior é branca, sendo desta cor o uropígio.

(125) O porquê da bifurcação da cauda das andorinhas explica-nos certa história folclórica africana.

Um pouco antes de deixar a arca de Noé, a cobra encarregou o mosquito de verificar qual o sangue de animal mais saboroso. O mosquito ia informar que era o do homem, quando a andorinha, nossa velha amiga, engoliu o perverso pesquisador.

A serpente deu um bote contra a andorinha vingadora, mas só lhe abocanhou o meio extremo da cauda, que, por isso, apresenta a bifurcação original.

Foi o primeiro conflito registado a bordo da veneranda arca de Noé, onde reinava sede, a julgar pelas idéias da cobra, já disposta a beber sangue.

Distingue-se bem das outras andorinhas, mas muito se parece com a sua companheira do gênero: *I. leucorrhoa*, da qual se extrema, por lhe faltar a estria branca da região loreal.

Aninha-se em cavidades de velhos troncos. O ninho é feito de capim e forrado de penas. Ovos, em número de 4 a 5, são brancos e medem $17-20 \times 13-13\frac{1}{2}$.

Há uma referência de Euler a respeito do ninho de *I. leucorrhoa*, o qual foi encontrado em baixo dum telhado.

ANDORINHA-DE-PESCOÇO-VERMELHO (*Hirundo erythrogastra*) — Parenta da *andorinha-das-chaminés* (*Hirundo rustica*) da Europa, nossa irmã, conforme nos diz São Francisco de Assis, a bela andorinha de pescoço vermelho, habita a América do Norte, e procria nos Estados do Sul até o México ⁽¹²⁶⁾.

Mal apontam as brumas inverniais, ci-las reunidas em bandos para suas longas migrações, indo por vèzes às Índias Ocidentais e quasi sempre descendo através da América Meridional até a Argentina.

No Brasil ela é encontradica, no Amazonas e em Mato Grosso, durante a época do veraneio.

Trata-se duma andorinha formosa, dum negro azulado, brilhante, na parte superior do corpo, asas e cauda pardo-escurecidas, retrizes pintadas de branco, lateralmente e na região da garganta apresenta-se uma bela malha avermelhada, que lhe valeu o nome popular. O peito e o abdome são brancos, lavados de vermelho, quando não inteiramente desta cor.

Mede 20 a 21 cm. e tem longa e forcada cauda.

Na sua pátria, América do Norte, como já disse, faz o ninho sempre em locais abrigados, preferindo os paiós, as igrejas, as casas velhas e sob as pontes.

Dawson viu seu ninho também em cavidades dos penhascos, perto do lago Chelan, em Washington ⁽¹²⁷⁾. O ninho é construído de lama ou barro, como o da sua irmã européia.

Nenhuma das andorinhas, que vivem no Brasil, faz ninhos desta natureza.

Os ovos, em número de 3 a 5, são brancos com manchinhas marrons e vermelhas. Medem 20×14 mm.

Em relação ao canto da andorinha-de-pescoço-vermelho, escreve Bichnell:

"Há uma concepção falsa e universalmente aceita, em referência à faculdade do canto das andorinhas, que nem sequer são incluídas entre os pássaros canoros.



Fig. 28 — Cauda da andorinha-de-pescoço-vermelho (*Hirundo erythrogastra*)

(126) Já li referências que até no Alasca se aninha e cria.

(127) Citado por W. B. Barrows, in "Michigan Bird Life", p. 546.

Entretanto, a *andorinha-de-pescoço-vermelho* tem acentos reais de canto, como muitas espécies de pássaros cantores.

O seu cantar é um chilrear trêmulo, parecido com o de certa espécie de cambaxirra, terminando em nota clara e forte como a intonação que se dá a uma pergunta.

Esse canto é inteiramente distinto das notas duplamente silábicas, agudas, que constantemente o pássaro solta durante o vôo,

Muitas vezes o ouvi, repetido por um pássaro isolado, que se encontrava sozinho pousado nos fios telegráficos”.

ANDORINHA-GRANDE (*Progne chalibea domestica*) — Graciosa, talhada e reforçada andorinha aqui do sul, azulada por cima, com a garganta e pescoço cinzento e a barriga branca. Mede 21 a 22 cm.

É a habitante da “Casa das Andorinhas” em Campinas ⁽¹²⁸⁾, o encanto da cidade, o motivo duma página magistral de Rui Barbosa.

Lá habitavam, certa vez, 30.000 andorinhas, como teve ensejo de calcular o dr. Rodolfo Ihering. Ouçamos o referido naturalista:

“Fizemos um cálculo, aliás bastante simples, para avaliar o número desses hóspedes do albergue campineiro. Medimos a extensão do telhado e contamos o número de ripas, multiplicando depois a metragem obtida pelo número de passarinhos que, bem unidos uns aos outros, se acomodavam em um metro de ripa. Por tal cálculo não podíamos errar senão por pequena fração, porque não havia meio palmo de ripa sem locador. Obtivemos esta cifra: 30.000 andorinhas, todas da mesma espécie, *Progne chalybea domestica*, conhecida por “andorinha-grande” ou também por “tapcrá”. Imagine-se agora a enorme quantidade de alimento reparador de que necessita cada um desses organismos, que por assim dizer não descansam o dia inteiro, sempre a voltear rapidamente.

As andorinhas são única e exclusivamente entomófagas e, como cada uma delas necessita no mínimo de 60 a 80 insetos para sua refeição diária, vemos que o benfazejo bandô campineiro, todos os dias, extermina para mais de 2 milhões de insetos. Pouca gente avalia ao certo o grande benefício que daí advém às condições da lavoura e da higiene de uma região. Iniciando sua ação

(128) As andorinhas campineiras, ao verem inútil e abandonado o velho mercado de Campinas, pensaram lá consigo que bem poderiam instalar ali uma cidadela, uma acrópole.

E, pacificamente, tomaram conta do vetusto barracão.

O prefeito municipal de então, o dr. Heitor Penteado, que deve ser um homem culto e bom, teve a idéia dum grego dos belos tempos. Mandou retocar o velho mercado, que passou a ser a “Casa das Andorinhas”, marco real de verdadeira civilização.

justamente nos meses em que os insetos cuidam de sua multiplicação, as andorinhas, desde logo, fazem baixar o número de fêmeas dispostas a desovar, evitando assim os males e as depredações que acarretaria a eclosão de uma infinidade de larvas e lagartas vorazes”.



Fig. 29 — Casa das Andorinhas. em Campinas, S. Paulo.

Pelas informações lidas, chegamos à conclusão que aqueles pássaros pagam regamente a habitação ocupada e, até, poder-se-ia construir, por tal preço, uma bela torre, a hirundinópolis campineira.

A *andorinha-da-casa*, como é chamada no R. G. do Sul o pássaro de que estamos tratando, aninha-se no entreferro dos telhados, nos respiradouros, buracos, e sempre que possível procura as igrejas, podendo ser, por isso, chamada *andorinha-católica*, a exemplo de certa coruja que também mostra as mesmas predileções místicas.

A Euler se ofereceu uma oportunidade de estudar bem o ninho desta andorinha e até certas particularidades de seus costumes e biologia.

Assim relata a sua observação.

“Em setembro arribava todos os anos um casal deles na nossa fazenda, onde escolhiam o cano do telhado ou alguma cavidade na parede para estabelecer o seu ninho. Ulteriormente o faziam na varanda sobre um caibro debaixo da telha. Era uma tigela chata feita de palha e excremento de gado, solidamente argamassada, mas sem ser brunida. O caibro redondo obrigou

a andorinha a munir a tigela de duas pequenas pernas que abraçavam o caibro. A ganiela, com 10 centímetros de diâmetro interno, estava bem forrada com penas. Nessa singela construção o casal empregou um tempo relativamente longo. Absorveram cerca de 8 dias em escolher o lugar próprio, começaram a trazer o primeiro material em 6 de outubro. Decorridos 20 dias parecia o ninho concluído, pelo menos daí em diante não trabalharam mais, o que dantes faziam diariamente, porém nunca além das 10 ou 11 horas da manhã. Somente a 3 de novembro achei o primeiro ovo no ninho; a 7 o segundo, e o terceiro a 11. Na noite de 16 para 17 a fêmea foi assassinada pelos ratos, e de manhã achei o seu cadáver jazendo no soalho da varanda. Na autópsia encontrei o quarto ovo perfeito e prestes a ser posto no dia seguinte e completar a postura de 4, que é anormal. Os ovos são de cor branca pura e lustrados, com a ponta anterior muito delgada e fina; comprimento 25 mm., largura 16 1/2 ditos".

A espécie em estudo aparece em Minas, Mato Grosso, S. Paulo, R. G. do Sul, Paraguai e Argentina.

Euler e Goeldi tiveram ensejo de verificar a existência desta andorinha no Estado do Rio, embora raramente.

A espécie típica, *Progne chalybea chalybea*, é, diz Olivério Pinto, da porção setentrional da América do Sul, inclusive o norte da Amazônia. É um tanto menor que a sub-espécie.

ANDORINHA-DO-CAMPO (*Phaeoprogne tapera tapera*) — Parece que mais com tal nome que com o de *niriri*, *taperá* ou *tapera* ⁽¹²⁹⁾ é conhecido esse hirundínídeo.

Pode ser considerada uma andorinha grande, embora um tanto menor que a anterior (17 a 19 cm.). Na parte superior é parda, com as retrizes anegradadas, as quais dão à cauda uma bifurcação menos pronunciada, que a de *Progne c. domestica*, anteriormente referida.

A parte inferior é branca acinzentada na garganta; o pescoço e o peito cinzento pardo, ao centro, e pardo escuro nos flancos; o abdome branco.

(129) Taperá escreveu Martius, repetiu Ihering e regista Rodolfo Garcia, mas julgo que *tapera* ou *taperá* seria o nome genérico destas andorinhas, porque habitavam malocas abandonadas. *Tapera-nirí*, escreve Stradelli, variedade de andorinha, que escava o buraco onde faz ninho, de preferência nos lugares que foram habitados.

Os guaranis conheciam, possivelmente, as andorinhas sob o nome de *tapendí*, e era, de certo, o que Montoya definia passarinho das taperas.

C. Tastevin explica que *tapenduçu* era o nome do gavião-tesoura e, como a andorinha, pela sua forma, lembrasse um pequenino gavião rabl-forçado, *tapendí* seria, analogicamente, o correspondente mínimo daquele.

Devemos ainda notar, por outro lado, que os tupis davam a um dos maiores, senão o maior dos andorinhões (*Chaetura zonaris*), cipselfídeo, o nome de *taparuçu*, aumentativo, naturalmente, de *tapera*, andorinha.

Simples divagação conjectural, para que outros mais competentes decidam.

Na Argentina, diz José Pereyra, toma conta do ninho do *joão-de-barro*, à viva força, daí expulsando seus legítimos donos.

Natterer viu-a instalar-se em ninhos abandonados do *sabiá-laranjeira*, em Cuiabá, Mato Grosso.

Entretanto Th. Alvarez ⁽¹³⁰⁾ dá-nos notícia de seus ninhos feitos em cavidades dos muros, portais e janelas, sob os tetos dos galpões e ranchos.

Parece, portanto, que sabe apreciar as circunstâncias e tirar delas o partido conveniente, não operando, às cegas, sob o império exclusivo do instinto.

O fato não é uma raridade entre as andorinhas, como veremos, a seguir, ao tratar da andorinha pequena.

Os ovos, em número de 3 a 4, são brancos, com um polo bem agudo, e medem $24 \times 16,5$ mm.

Habita os campos, os povoados e igualmente as cidades.

A distribuição geográfica desta ave é enorme. Amazônia, Mato Grosso, Minas, Rio de Janeiro, S. Paulo e Rio Grande do Sul, indo ao Paraguai, Argentina, Bolívia e, no extremo norte, à Guiana e Venezuela.

ANDORINHA-PEQUENA (*Pygochelidon cyanoleuca*) — Velha camarada de infância, o único passarinho que não apedrejei nos tempos de menino, talvez porque então me contavam que a andorinha, quando Nosso Senhor estava na cruz, fôra condóida tirar-lhe os pregos crucificadores.

Que fábula misericordiosa e que lindos tempos!

Conheço bem a andorinha carioca, que voa aqui todo o ano no Distrito Federal, desde os subúrbios até o centro da cidade.

Vejo-as quasi sempre, mesmo no inverno, aqui na rua do Mercado, bem no coração da cidade, e também próximo a minha residência, nas encostas do morro de Sto. Antônio, onde por vêzes aparecem, aninhando-se, segundo creio, nos buracos da grande muralha na parte que olha para a rua 13 de maio.

Descrevo-a *ad-vivum*. Pequena, não mede mais de 14 cm. Na sua cabecinha meio chata brilham dois olhos inquietos e negros. O dorso, dum belo azul-aço, chega a rebrilhar quando tocado pelo sol. A parte inferior é alvaça, mas o crisso mostra o mesmo azul dorsal.

Como é pequena, seu vôo é ainda mais tremido, que o das outras espécies, chegando a se confundir com o do morcego, quando, pelo lusco-fusco da tarde, faz os seus últimos passcios.

Em S. Cristóvão, ao tempo que lá morei, tive ensejo de vê-la aninhar-se em buracos dum grande paredão. Isso me leva a crer que também o faça na amurada do morro acima referido.

(130) "Exterior y biología de las aves uruguayas" — Rev. de la Asociación Rural del Uruguay. Julho, 1934.



Euler escreve: "Goeldi e eu encontramos essa andorinha nidificando em baixo dos telhados. No Museu nidifica desde meados de agosto entre os capitéis das colunas. É singular que na Argentina essa espécie tenha outro costume. Aplin e Hudson dizem que essa andorinha faz seu ninho em canais subterrâneos, aproveitando-se dos que por outras aves ou mamíferos foram feitos".

Nem Euler nem Goeldi tiveram ensejo de vê-las aninhadas em buracos aqui no Rio, mas eu posso afirmar, à fé de quem sou, como diria um cavaleiro de outros tempos, que várias vezes lhe observei o ninho em buracos de muro e também sob telhas. Certa vez cheguei a verificar o material de que é feito: capim seco, e bastantes penas. Não lhe pude ver a forma, porque o tirei da cavidade, com auxílio de uma vara e assim se destroçou a construção, que me pareceu um mal-amanhado monturo de capim. Euler disse que ele é uma gamela disforme e mal feita exteriormente, porém lisa e bem acabada no interior.

Quer-me parecer que a *andorinha-pequena*, ou *andorinha-de-bando*, como também lhe chamam, o que deseja é encontrar um local abrigado, seja sob um telhado, seja uma cavidade qualquer. Isso se dá, como vimos, com a *andorinha-do-campo*.

Os ovos em número de quatro são bojudos e brancos.

Quanto ao tamanho Euler achou $15 \times 12 \frac{1}{2}$ mm. e H. Ihering 17×12 .

Distribuição geográfica: Pará, Mato Grosso, Baía, Rio de Janeiro, S. Paulo R. G. do Sul. Paraguai, Uruguai, Argentina e Chile e também na América Central.

Espécie do mesmo gênero, porém um tanto maior, é *P. melanolencus*, que se distingue bem pelo seu colarinho largo, preto brilhante, entre a garganta e o peito. Em cima é preta e inferiormente branca.

O ovo mede $18 \times 12,5$ mm., segundo Nehrkorn, e supõe-se que se aninhe em galerias subterrâneas.

Ocorre na Amazônia, Mato Grosso, Goiás e Baía.

Uma andorinha de larga distribuição no Brasil é *Stelgidopteryx ruficollis ruficollis*, que Olivério Pinto notou ser das mais comuns na Baía, acreditando ali existir durante todo o ano.

Em Cuiabá, Goeldi verificou-lhe a permanência em toda a roda do ano.

Trata-se duma espécie eminentemente brasileira e não migratória.

Talvez entre todos os hirundinídeos o mais abundante, entre nós.

A parte superior do corpo é pardo-escura; uma linda mancha vermelha toma-lhe a garganta e o pescoço e margeia-lhe os flancos logo abaixo das asas; a barriga e o crisso são de um lindo

amarelo desmaiado, as coberteiras inferiores da cauda são esbranquiçadas com sarapintados negriscos. Mede 17 cm.

Do ninho dá-nos Gouldi boa descrição, que passo a transcrever:

"Em fevereiro vinham aos milhares pernoitar no tabual do brejo.

Cavam galerias, por vèzes bem compridas, em todos os barrancos, tanto de barro, como de arcia, ao longo dos caminhos, valas, etc., na altura de 1 a 2 metros, assim como se aproveita de cavidades já existentes, como as galerias de *Galbula tridactyla* ⁽¹³¹⁾, canos de telhados e outras. As suas próprias galerias excedem, às vèzes, 1 metro de extensão; também já achei seu ninho em cavidade apenas coberta, com menos de 10 cm. de fundo.

No fim da galeria prepara um espaço mais largo, que garante com penas e algumas palhas e aí põe 4, 5 e até 6 ovos brancos, de forma normal. Tamanho 18 × 13,5 mm."

Ainda muitos outros hirundinídeos são conhecidos pelo povo sob o nome geral de andorinhas. Entre elles citaremos:

Atticora fasciata, muito galante com a sua larga facha branca, entre o peito e a barriga — Espécie da região amazônica.

Riparia riparia, espécie cosmopolita que vem até a Amazônia.

Alopochelidon fucatus, que se encontra desde Rio G. do Sul a Guiana e constrói seus ninhos nos barrancos dos rios.

A postura desta andorinha consta de 4 a 5 ovos, muito pequenos.

Petrochelidon lunifrons lunifrons, que tem sua pátria na América do Norte, faz suas viagens regulares para a América do Sul, quando o frio a obriga. Vem até o norte da Argentina, aonde chega em outubro e de onde emigra em março.

No Brasil tem sido encontrada em Mato Grosso e S. Paulo.

Trata-se de uma bonita andorinha, com o dorso e parte superior da cabeça de cor azul-aço brilhante.

Na frente há uma meia-lua, que lhe dá o nome vulgar de *lua-crescente*, na sua pátria.

Nota-se ainda um castanho vermelho na cabeça e na região do uropígio.

Na parte inferior é alvaça, até as coberteiras caudais.

(131) Jacamaralcyon tridactyla, o cutelão, ou violciro, como lhe chamam em Minas.

CAPÍTULO XVII

C E R E B Í D E O S

Saí-azul, saís, cambacica, caga-sebo.

Das 10 espécies que comporta esta família neotrópica, o povo distingue apenas algumas.

Trata-se de aves de tamanho pequeno, quasi que geralmente conhecidas sob o nome de *saí* e de hábitos muito semelhantes aos dos tanagrideos.

Distinguem-se dos tanagrideos, porque possuem bico fino e ponteagudo e, por vêzes, longo e bem curvo.

A plumagem dos machos, na quasi generalidade, ostenta côres preciosas e brilhantes, onde há verde, azul e amarelo maravilhosos.

Algumas espécies mostram cauda com moderada forquilha e todos possuem língua em pineel.

Em relação aos hábitos, podemos dizer que muito se assemelham aos tanagrideos. Vivem no campo, capões e capoeiras e especialmente na orla das florestas.

Apreçam, com delicia os frutos, seu alimento predileto, mas igualmente dão caça a pequenos insetos.

Posso informar que tenho visto em gaiola, vivendo regularmente bem, certos *saís*, especialmente *Dacnis cayana*, que se alimentam de frutas: laranjas, bananas, mamão, goiaba, etc.

Jean Delacour, na "Revue d'Histoire Naturelle Appliquée" vol. IV, 1923, diz que os cerebideos dos gêneros *Coereba*, *Cyanerpes*, *Chlorophanes*, *Dacnis*, quer dizer todos os existentes entre nós, prestam-se bem a viver em cativeiro.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

SAÍ-AZUL (*Dacnis cayana*) — Passarito gracioso, com pouco menos de 13 cm. O macho tem o alto dorso, cauda e garganta pretos, as asas pretas com debrum azul. A fêmea é verde, mas a cabeça é azulada e a garganta cinzenta.

Visitam as fruteiras, cabriolando pelo alto dos ramos, varejando todos os recantos, espiando até para dentro das corolas, naturalmente em busca de pequenos insetos.

Apesar disso, são sãbidamente frugívoros e chegam a causar pequenos estragos nos frutos, como os tanagrídeos, bicando aqui e ali.

O ninho do *sai-bicudo*, como também lhe chamam, é uma camarazinha que não mede mais de 6 cm. de alto por 6 de largo. Entretanto, o pássaro constrói uma ampla cortina de barba de velho, que ocupa 47 cm. de alto, e no meio desta massa vegetal é que coloca o ninho, pendurando tudo entre os galhos de uma árvore, como o desenho junto mostra.

O ovo, diz H. Ihering, "tem forma curta com ponta aguda arredondada, mais romba que a dos demais passarinhos. Mede 17 x 13 mm. O campo é branco-esverdeado, com numerosos pontos e manchinhas profundas, desbotadas, einzentas, que formam na ponta obtusa uma coroa, e manelinhas e garatujas pretas superficiais. A ponta aguda e quasi isenta de salpicos".

Esta *saira* ocorre desde o R. G. do Sul até a América Central.

O gênero *Dacnis* contém ainda algumas espécies, que o povo conhece sob o nome de *sai*.

Entre elas *Dacnis angelica*, da Amazônia, que é muito linda. O macho tem a cor geral azul, mas os lados da cabeça, o alto dorso, asas e cauda são negras; a parte inferior é quasi toda branca. A fêmea é pardilha.



Fig. 30 — Ninho de sai-azul
(*Dacnis cayana*)

SAÍ (*Cyanerpes cyaneus*) — Elegantíssimo e lindo passarinho, de cor geral azul brilhante, sendo que o azul do vértice é esverdeado. As regiões dos olhos, alto dorso, asas, cauda, meio da barriga e erisso são pretas. Há ainda nas barbas interiores das rêmiges partes amarelas. Este o traje do macho, pois a fêmea é verde olivácea na parte superior e na inferior verde acinzentada, exeeto o meio do peito e do ventre que são amarelos. Mede mais ou menos 12 cm.

Encontram-se essas lindas aves, por esse Brasil todo, sempre em pequenos grupos, de meia dúzia, ou pouco mais, de indivíduos.

Em certas regiões são mais frequentes, como por exemplo na mata costeira do Espírito Santo, onde Goeldi sempre as encontrou.



Fig. 31 — Sai (*Cyanerpes cyaneus*)

Aqui no Estado do Rio é encontradica. Na Baía é chamada *sapitica*.

Sobre ninho e ovos há vagas e contraditórias notícias.

Ainda neste gênero é conhecido outro sai chamado *tem-tem do Espírito Santo*. Trata-se de *Cyanerpes coeruleus*, que é todo azul, exceto garganta, asas, cauda e meio da barriga,

que são pretos. A fêmea no entanto é muito diferente e até vistosa, pois a parte superior é verde, tendo a fronte, os lados da cabeça e a garganta dum amarelo ocre; o meio da barriga e o crisso são amarelos.

Notam-se ainda no verde do peito e dos flancos pintalgados brancos e azues. Mede pouco mais de 10 cm. Nada se sabe sobre ninho e ovos.

Ocorre na Amazônia e Mato Grosso.

Outro sai, este aqui do sul e não muito raro no Estado do Rio, é *Chlorophanes spiza*. O macho é verde azulado rutilante, a cabeça é negra e a mandíbula amarela. A fêmea é verde na parte superior e amarelada na inferior. Mede 13 cm.

CAMBACICA (*Coereba chloropyga*) — Tudo que até hoje se sabe d'este interessante passarinho é o que nos contou Goeldi e que passo a transcrever:

“Avezita de plumagem dorsal acinzentada, estria branca por cima dos olhos, peito amarelo e barriga da mesma côr, de penas caudais de ponta branca, habita grande parte do Brasil, sendo bem conhecida nas chácaras dos arrabaldes do Rio de Janeiro sob o nome pouco lisonjeiro de *caga-sebo* (em Pernambuco, segundo Forges, pelo de *guaratã*, como os Euphone).

A construção de seu ninho, esférico, raramente feito a mais de dois metros acima do solo, em regra pendurado do galho extremo da árvore ou arbusto escolhido, começa-a a avezita muito cedo, em geral já em junho. Forma um saco de matéria vegetal branda que na média tem 12 cm. de diâmetro. A entrada desemboca no meio do saco; para resguardá-lo do tempo costuma

cobri-lo com um reparo. Entretanto, nossa ave é muito sensível à curiosidade da gente que a observa, de sorte que, à mínima perturbação, transporta o ninho começado ou, sem em nada utilizar o velho material, faz novo ninho em local mais abrigado. Desta maneira muitas vêzes a gente é enganada, achando só um ninho habitado entre dez começados. Os ovos, três em número, são de campo esbranquiçado, ligeiramente trançados de verde e por toda parte salpicados regularmente de pontos e riseos bruno-amarelos; na ponta romba há uma coroa estreita de manchas desbotadas de côr cinzenta: o comprimento é 17 mm., a largura 12 mm. Informa Burmeister que o *eaga-sebo* gosta de nidificar próximo dos lugares em que alguns maribondos assanhados (*Chattergus*, *sp*) penduram seus ninhos de papel. Nesta ave ainda não observei isto; tenho observado em outras”.



Fig. 32 — Cambacica (*Coereba chloropyga*)

Em certos lugares êsse passarinho é conhecido pelo nome de *sebinho*. Julgo ser a mesma ave que alguns nortistas chamam *sebite*, ou melhor *sibite*, onomatopéia do canto, que passou a ser *sebinho*.



CAPÍTULO XVIII

TANAGRÍDEOS

Saí-andorinha, bonito-do-campo, gaturamos, gaturamo-rei, gaturamo-miudinho, gaturamo-serrador, viuva, saíras, sanhaço-frade, sanhaços, papa-laranja, sanhaço-de-coqueiro, saí-açú-pardo, sanhaço-da-serra, tiê-sangue, canário-do-mato, capitão-de-saíra, tiê-do-mato-grosso, tiê-galo, tiê-preto, tiê-de-topete, pintassilgo, tiê-tinga, bico-de-veludo, etc.

Família americana e quasi que exclusivamente sul-americana, os tanagrideos muito de perto se aparentam com os fringílideos. Há 24 gêneros e 85 espécies e algumas sub-espécies.

Vestem-se, na quasi totalidade, com plumagens magníficas, como se andassem sempre em traje de gala, celebrando festas.

Por vèzcs aparecem em bandos, compostos de muitas espécies, que vão jornadeando pelas grimpas das árvores, em busca de frutos e insetos.

Chegam alegres, na suntuosidade de suas vestes multicores, algo abigarradas em algumas espécies, como um bando de carnavalescos pintalgados, reunidos apenas pelos acasos do bródio, do parentes do gênero.

Cheio o papo, acabada a farra, cada qual vai para o seu canto, sem mais camaradagem e cerimônia.

São, pois, um tanto sociais nestas excursões diárias, em busca de alimento. Este consta de bagas, frutos diversos, insetos.

Bertoni teve ensejo de observar êsses bandos heterogêneos de aves nas suas visitas as árvores frutíferas da mata, bando capitaneado notadamente pelo *tiê-do-mato-grosso* *Habia rubica rubica*, e ainda, algumas vèzes, por *Nemosia pileata* e outros.

Do grupo faz parte a maioria dos tanagrideos, até os pouco sociais, como *Tanagra pectoralis*, verdadeira exceção dos demais parentes do gênero, todos de grande sociabilidade.

Quando assim abadernados, em busca de alimento, comportam-se de forma muito inteligente, como se tivessem em mira não esgotar as reservas alimentares de uma determinada região, voltando a ela sistematicamente na procura de frutos que ficaram pendentes e já pintões.

Os tanagrideos são por isso grandes disseminadores de plantas, cujas sementes espalham através de seus escrementos.

O naturalista acima referido escreve: "Vi propagar, entre as ervagens atoadas, plantas raras ou importadas, em lugares onde não existiam, fato observado em Porto Bertoni durante 30 anos".

Na Amazônia, por exemplo, o apuizeiro amadurece seus frutos em fins de setembro e, nesta época, surgem bandos de tanagrideos à cata da petisqueira ⁽¹³²⁾.

Embora uma grande parte de tanagrideos sejam frutívoros, é inegável que outros tantos se alimentam de insetos e frutas e alguns são até exclusivamente insetívoros.

Por muitas informações que colhemos e atenta leitura, estamos um tanto inclinados a crer que a maioria dos membros desta grande família de pássaros são úteis. Comem em geral frutos silvestres e alguns entretanto vão aos pomares.

Euler, referindo-se às migrações que certas aves fazem em busca de alimento, salienta o seguinte fato ⁽¹³³⁾.:

"Essas migrações, sim, são originadas pelas atrações do alimento, apesar de que não faltam exemplos de pássaros que preferem mudar de alimento a emigrar. Assim achei *Procnias tersa* (= *Tersina v. viridis*) no inverno nutrindo-se exclusiva-

(132) O fato acima citado, em referência ao apuizeiro, tem uma significação particular que merece frisada. O apuizeiro, ou mata-pau (*Urostitigma* sp), somente pode ser propagado por meio dos passarinhos que lhe ingerem as sementes.

A árvore, certamente, não tem conhecimento disso, mas o fato é que apresenta seus frutos cheios de doçura para atrair os seus propagadores.

As sementes, então ingeridas, atravessam intactas o tubo digestivo e de envolta com as fezes ficam em cima das árvores frequentadas pelos gulosos voláteis.

Como os tanagrideos acham muito encanto em pousar nos amplos penachos das palmeiras, é por sobre elas que germinam, de preferência, as sementinhas do apuí.

Deposta ao acaso, nas recêntrâncias dos pecíolos das folhas caídas duma palmeira, na maioria das vezes no urucurí (*Attalea excelsa*), a semente do mata-pau aí encontra, nos detritos depositados, os elementos necessários para germinar.

Germina e surge alfin a plantinha que envia logo, na direção do solo, a raiz tateante, faminta de humus.

Ao alcançar o solo, a verdadeira terra da promessa, cuja esperança confusa dorme nos cromossômios de toda a raça de apuizeiros, aí mergulha com a calma tenacidade dos vegetais.

A planta mesquinha, epífita, lá do cimo, toma novos alentos, surgem outras raízes e, como um polvo, estirando seus tentáculos para todos os lados, em breve a árvore hospedeira, pobre Lacoonte vegetal, vê-se cingida pelo mais pérfido dos abraços.

Em redor do tronco acolhedor cresce o tecido vegetal do monstro, que empareda, constrange e asfixia.

Ao fim desta tragédia muda, que durou anos, nada mais resta, senão o apuizeiro vigoroso, triunfante, esquecido da sua origem precária, humilde, parasitária, como o símbolo vegetal de certas vidas humanas.

(133) "Descrição de ninhós e ovos das aves do Brasil" — Rev. Mus. Paulista, vol. IV, p. 135.

mente de frutas, mas em novembro os seus estômagos estavam repletos de insetos.

Chiromachaeris gutturosus, insetívoro, no verão, come, no inverno, bagos que colhe voando em redor dos arbustos. *Celeus f. flavescens* e *Leuconerpes candidus*, embora insetívoros genuínos, comem frutas no inverno, e até o benteví, de que ninguém poderia suspeitar relativamente à natureza da sua alimentação, vendo-o tão açodado na caça de insetos, abstem-se dos seus costumes quando sitiado pela falta daqueles, pois o estômago de um, morto em julho, continha uma pequena fruta verde".

Citamos os informes do grande *field-naturalist* para insistir no assunto e de algum modo inocentar certas espécies acusadas injustamente.

Tenho meu depoimento pessoal, que vale citado. O *bico-de-lacre*, fringilídeo africano, entre nós já naturalizado, e tão frequente aqui no Distrito Federal e Est. do Rio, é, tipicamente, um granívoro. Pois bem, é muito comum vê-lo nos laranjais e, se bem o observamos, acabaremos por conhecer os motivos das suas visitas aos pomares de citrús.

Gosta de laranja, mas é ineapaz de, com seu biquinho, tão pequeno e delicado, furar a casca dum destes frutos.

Por isso mete-se entre alguns tanagrideos que sabem furar as laranjas, e, quando estes já fartos se retiram, cabe-lhe a vez de tornar o delicioso alado.

Uma observação apressada poderia colocar o *bico-de-lacre* entre os pássaros frugívoros ou, quando menos, prejudiciais às laranjas.

Há com os tanagrideos fatos idênticos. Alguns só tocam em laranjas que os outros já furaram ou só se atrevem a atacar o fruto quando excessivamente maduro, naturalmente porque a casca assim oferece menos resistência.

Entre os tanagrideos há reputações denegridas por uma pecha puramente gratuita.

Conviria uma revisão geral do processo, antes da pronunicação definitiva e irremediável.

Os anais da justiça humana estão cheios destes erros judiciários, isso quando julgamos os nossos semelhantes...

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

SAÍ-ANDORINHA (*Tersina viridis viridis*) — Está realmente muito deslocado da família dos tanagrideos este fascinante pássaro, não só pelo aspecto externo, senão muito principalmente por singularidades de seus costumes. Hodiernamente os ornitólogos⁽¹³⁴⁾ eriam para êle uma família independente, a dos

(134) C. E. Hellmayr — "Cat. of Birds of the Americas".

tersinideos, com um só gênero, *Tersina*, uma só espécie, *viridis*, da qual se registam sub-espécies.

O macho, que mede 16 a 17 cm., é, como bem o descreve Goeldi, "azul marinho claro; são negros o bico, a fronte até atrás dos olhos, a garganta, o lado externo das retrizes e as penas caudais; o meio da barriga é branco, e de ondulados negros, sobre campo azul claro, são os lados da barriga. Os machos novos são de côr verde clara, e a fêmea também verde, porém mais escuro".

O autor acima referido observou, na Serra dos Órgãos, pequenos bandos, de seis a doze indivíduos, que se portaram muito discretamente, visitando as fruteiras, mostrando grande predileção pelos frutinhas da erva de passarinho, sendo por isso, naturalmente, outros propagadores desta lorantácea hemi-parasitária. Seus hábitos de nidificação são curiosos e perfeitamente diferentes dos demais tanagrideos. Quem primeiro observou o fato, ao menos entre nós, foi Euler.

Diz o paciente pesquisador de ninhos e ovos que a *sai-andorinha* nidifica na cavidade das árvores velhas e preferentemente nos barrancos, aproveitando as galerias de *Galbula* e *Ceryle*, aí pondo, sobre uma ligeira cama de talos e raízes, 3 a 4 ovos brancos, sem lustro, alongados e até um tanto estirados no polo agudo. Medem tais ovos 25×17 mm. Quando Euler publicou numa revista ornitológica alemã tais observações, o prof. Cabanis aduziu-lhe a seguinte nótula: "Uma valiosíssima observação que faz lembrar as *andorinhas* (*Hirundo viridis*)".

O povo, de outro modo, já concluirá de igual forma, dando-lhe o nome vulgar de *sai-andorinha* e *sai-buraqueira*. Regista-se ainda o nome *sai-arara*.

Desta feita o batismo popular não é muito evidente. Será porque a ave se aninha no ôco das palmeiras, como a *arara*?

Distribuição geográfica: Rio Grande do Sul, S. Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Baía, Pernambuco, Mato Grosso, Bolívia, Guiana, Venezuela, Colômbia e Paraguai.

BONITO-DO-CAMPO (*Chlorophonia cyanea cyanea*) — Este *gaturamo* distingue-se bem dos demais, porque, sendo verde claro no conjunto, um tanto amarelado na parte inferior, traz na nuca uma fita azul, sendo desta mesma côr o uropígio e um anel que lhe rodeia os olhos. A fêmea difere do macho. É também conhecido por *gaturamo-verde*.

Consta que nidifica na mata ou nos capoeirões e que os ovos, muito alongados de forma, mostram côr vermelha pálida e pontuações pardo-avermelhadas no polo rombo.

É espécie bastante comum no Estado do Rio e encontra-se igualmente na Argentina, Paraguai, R. G. do Sul, S. Paulo, Baía, Minas Gerais, Mato Grosso, Guiana, Venezuela e Colômbia.

GATURAMO — De um modo geral pode dizer-se que o nome *gaturamo* ⁽¹³⁵⁾ convém a todas as espécies do gênero *Tanagra*.

O nome *gaturamo* é, aliás, uma denominação muito aqui do sul, pois no Nordeste é mais vulgarmente chamado *guriatlã*, ou *gorinhatlã*, e na Amazônia, quasi que somente conhecido sob o nome de *tem-tem* ou *tei-tei*, onomatopéia do sibilo com que os machos costumam chamar as fêmeas.

Registam-se, no entanto, muitas variantes e sinônimos, como *gaturama*, *gaturamo*, *vem-vem*, *vim-vim*, *bonito*, *tietê-í*, etc.

O povo aqui no sul, entretanto, conhece e sabe distinguir, perfeitamente, no mínimo, quatro espécies, que levam as determinações seguintes: *gaturamo-verdadeiro*, *gaturamo-miudinho*, *gaturamo-rei*, *gaturamo-serrador*.

Ainda têm o nome de *gaturamo* outros tanagrídeos de gêneros diversos, entre eles *Chlorophonia cyanea cyanea*, aliás chamado *gaturamo-verde* e *bonito-do-campo*. *Tanagra chalybea* é no Estado do Rio muito conhecido sob o nome de *gaipapo*.

São todos muito ornamentais, lépidos e algo confiantes, uma vez que não se vejam perseguidos. Frequentam, em geral, os campos, e, onde existem pomares, aí sempre aparecem em busca de frutas, especialmente bananas e goiabas bem maduras, cajús, etc.

Os estragos que podem causar em frutos bem maduros não são de tal ordem que nos obriguem a tê-los como prejudiciais. A presença dos *gaturamos* e o seu canto compensam de sobra alguma fruta a menos que se venha a colher.

A propósito do canto há opiniões divergentes. Goeldi, por exemplo, não lhe dava grande apêço, mas há quem o tenha em boa conta. Em alto conceito, aliás, tenho-o eu, que francamente confesso meu *beguin* pelas historietas maviosas que conta, sem cessar, o nosso amigo *gaturamo*. Julgo-o uma das mais belas vocações artísticas, um cantor magistral. Há quem afirme que canta até morrer, e morre, por vêzes, cantando. Dêstes desvairamentos de artista só tenho notícia, e não assistí ainda a tão punjente espetáculo.

Os problemas relativos à reprodução continuam em penumbra. Goeldi, valendo-se de informes alheios, diz que nidifica em moitas densas e que os ovos são alongados, avermelhados desbotados, com pintas bruno-vermelhas na ponta mais grossa.

(135) *Gaturamo*, segundo Th. Sampaio, deriva-se de *catú*, bom + *rama*, sufixo temporal que significa o que será bom, em referência ao fato de que se constituem, quando engaiolados, bons cantores. Jorge Hurley, em "Amazônia Ciclóptica" afirma que vem de *angá* = alma + *turama* = da pátria, isto é, alma da pátria.

O padre C. Tastevin regista *gaturama*, nome ainda hoje vivo no falar do povo.

Existe, no entanto, uma particularidade anatômica que muito singulariza os *gaturamos* do gênero *Tanagra*. São aves que não possuem moela, o verdadeiro estômago das aves, sendo, por sua vez, o próprio papo muito atrofiado. Tal simplicidade do aparelho digestivo revela-lhe claramente o regime frugívoro levado ao extremo.

Quem primeiro lhe descobriu a particularidade organológica foi um dos mais simpáticos homens de ciência, que entre nós viveram.

Trata-se de Guilherme Lund, o sábio da Lagoa Santa, que, além de folhear os velhos arquivos, ainda inéditos, do homem pré-histórico do Brasil, estudou vários aspectos da nossa fauna desaparecida.

Que ainda lhe sobrou tempo para outros estudos, temos prova no trabalho que publicou, em dinamarquês, intitulado “Estudo do gênero *Euphonia*”.

Cecílio dos Santos, segundo informa J. Paiva de Carvalho, estudando a personalidade do grande sábio, escreve que ele fizera a observação curiosa de que os pássaros do gênero *Euphonia* (= *Tanagra*) não tinham moela e acrescenta textualmente “que o tubo digestivo se estende do proventrículo até o intestino delgado, sem apresentar diferença notável quanto à largura ou direção, separadas estas duas partes por uma cinta ou membrana estreita e transparente, em cuja superfície faltam completamente os orifícios glandulares, que em grande número cobrem o proventrículo e as dobras em zigue-zague que existem em número apreciável na superfície interna do intestino delgado. Essa anomalia, até o presente única na construção do tubo digestivo dos pássaros, foi publicada numa pequena monografia, acompanhada de ilustração, em 1829, com o título “Do gênero *euphone*”. Não conheço o trabalho citado, mas Goeldi, em “Aves do Brasil”, 1894, já se refere ao fato.

A razão por que têm os *gaturamos* vida precária, quando engaiolados, deve provir desta particularidade do seu aparelho digestivo, e já o caso mereceu reparos dum sisudo conhecedor do assunto, o naturalista João de Paiva Carvalho, que escreveu ⁽¹³⁶⁾.

“Alguns criadores se queixam da dificuldade com que lutam para mantê-lo vivo em cativeiro. O fator mais importante é a falta do cuidado necessário ao seu regime alimentar. Em estado de liberdade, a ave alimenta-se quasi exclusivamente de frutos maduros, fenômeno que explica perfeitamente bem a atrofia do seu papo e a ausência do órgão triturador de matérias duras. O conteúdo estomacal esvazia-se completamente durante o repouso noturno, de tal maneira que, se, em vez de se administrar a ração costumeira às oito horas da manhã, o fizermos às dez,

(136) “Chácaras e Quintais”, Outubro, 1938, p. 456.



a saúde da ave será irreversivelmente comprometida. Pesquisas experimentais demonstraram que se processa, neste caso, um colamento parcial da mucosa intestinal da ave, determinando-lhe a morte.

Além disso, de três qualidades devem ser as rações ministradas ao *gaturamo*, de acordo com o estado de saúde que apresentar. Sua comida quotidiana deverá constituir-se de banana e laranja, frutas essas que, além de alimentá-lo suficientemente, têm por fim fortalecê-lo. De vez em quando e todas as vezes que a ave se apresentar excessivamente gorda, deve-se-lhe dar um pouco de mamão, que tem ação direta sobre o funcionamento do intestino, desembaraçando uma parte da gordura que lhe rodeia o fígado. Ração ideal para esse pássaro representa uma papa de miolo de pão, leite e mel. Observadas essas prescrições, ver-se-á que a vida da avezinha será prolongada por tempo muito mais dilatado”.

Por causa de os *gaturamos* não resistirem por muito tempo ao cativeiro, é que se conta um curioso estratagemma usado por certo criado do barão de Vila Franca.

O velho titular gabava-se de possuir um *gaturamo*, que ainda hoje talvez existisse, se não falecessem o barão e o seu solerte tratador de pássaros.

O caso foi assim narrado:

O barão de Vila Franca mantinha um *gaturamo* de estimação e um criado mestiço e inteligente.

Certo que choviam diariamente recomendações sobre os cuidados a dispensar ao miúdo passarinho. O criado lá com seus botões pensava na precariedade da vida dos *gaturamos* em gaiola e, como as cousas lhe corriam bem, tratando da avezinha, andava em sobressalto contínuo.

Ocorreu-lhe, então, uma velhacaria inocente, porém luminosa. Tratou de apanhar *gaturamos* e ia enchendo com eles um gaiolão que possuía.

Era uma provisão de emergência.

Mal o famoso pássaro do barão entristecia e pensava em fazer testamento, já o ardiloso mestiço o substituíra por outro mais vivedouro.

Passavam-se os anos e o barão envelhecia, mas o seu querido pássaro sempre alegre parecia ter bebido água de Juventa.

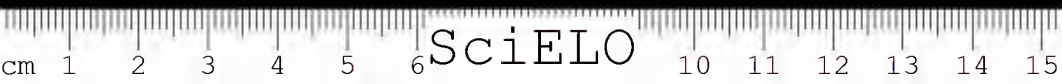
Era isso motivo de orgulho do ilustre titular, que cada vez mais estimava o criado, uma verdadeira vocação para tratar passarinhos.

Sempre que alguém visitava o solar de Vila Franca, era apresentado ao famoso *gaturamo*, com essas palavras:

— “Você talvez não acredite, mas esse passarinho acompanhava-me há 20 anos. Não é, Antônio?



1 - Tiê de topete (*Nemosia pileata*). — 2 - Furriel (*Caryothaustes canadensis brasiliensis*).
 3 e 4 - Anambé azul (*Cotinga cayana*) — 3 - fêmea e 4 macho — 5 e 6 - Anambé branco
 (*Xipholena lamellipennis*). 5 - fêmea e 6 macho — 7 - Andorinha de pescoço vermelho
 (*Hirundo erythrogastra*). — 8 - Andorinha grande (*Progne cholibe*). — 9 - Andorinha
 de rabo branco (*Iridoprocne albiventer*). — 10 - Andorinha (*Phacoprocne tapera*). —
 11 - Andorinha (*Atticora fasciata*).



— É sr. barão! Esse *gaturamo* não morre mais, pode acreditar, — respondia o velhaco do criado, lembrando-se dos 15 *gaturamos* que lá estavam no gaiolão do quarto à espera da hora de cada um entrar em cena.

GATURAMO-VERDADEIRO (*Tanagra violacea*) — O macho mostra na parte superior do corpo um preto azulado brilhante; as pontas das asas são de côr havana. A parte inferior do corpo é amarela, exceto a garganta, que é da côr do dorso.

Na frente, indo quasi ao vértice, há uma mancha amarela, assim a modo de coroa, o que lhe valeu, no extremo norte, o nome de *tem-tem-de-estrêla*. O pássaro não mede mais de 9 1/2 a 10 cm.

A fêmea, que recebe o nome de *gaipapa*, é verde olivácea na parte superior e na inferior tal côr se lava inteiramente de amarelado. O macho goza da fama de ser entre os *gaturamos* o melhor cantor.

Nada conheço a respeito de ninho e ovos dêste tão popular passarinho, que o povo aliás conhece sob variados nomes, como já vintos ⁽¹³⁷⁾.

A espécie encontra-se quasi no Brasil inteiro, desde R. G. do Sul à Amazônia.

GATURAMO-REI (*Tanagra musica aureata*) — Sem dúvida um dos mais lindos membros da família, porque além de envolver o uniforme comum, preto-azul na parte superior e amarelado ouro na inferior, traz uma coifa azul celeste, que se assenta no alto da cabeça e desce até a nuca. O povo, interpretando no ornamento uma distinção realenga, uma coroa, sagrou-o o rei dos *gaturamos*, a que outros chamam *tereno*. Mede 11 cm.

Habita os grandes bosques e parece que dá caça a insetos.

Sua distribuição geográfica estende-se do Paraguai, Argentina, Uruguai, Rio G. do Sul a S. Paulo, Minas e Baía, Mato Grosso, Colômbia, Venezuela e Guianas.

(137) Em "Tratados da terra e gente do Brasil" Fernão Cardim descreve desta maneira o *gaturamo*, a que chama *giggranheéngetá*: "é do tamanho dum pintassilgo, tem as costas e asas azues, e o peito e a barriga dum amarelo finíssimo. Na testa tem um diadema amarelo, que o faz muito formoso; é pássaro excelente para gaiola, por falar de muitas maneiras, arremedando muitos pássaros, e fazendo muitos trocados e mudando a fala de mil maneiras, e atura muito em o canto e são de estima, e dêstes de gaiola há muitos e formosos e de várias côres".

Rodolfo Garcia identifica êsse pássaro, dizendo que se trata da *pombinha-das-almas* (*Xolmis cinerea*).

Há evidente engano, pois *Xolmis cinerea* é cinzenta na parte superior, peito claro, cauda negra. Nem de longe se pode parecer com a descrição de Cardim. Melo Leitão, aliás, em "A Biologia no Brasil", 1937, faz êsse reparo.

Trata-se, naturalmente, do *gaturamo verdadeiro*, *Tanagra violacea*.

Goeldi, ao tratar do *Xolmis cinerea*, diz que os tupís lhe davam o nome de *guira-ru-nheengeta*. Daí deve talvez provir a confusão.

GATURAMO-MIUDINHO (*Tanagra chlorotica serrirostris*) — Não chega a medir 10 cm. Preto azul ou melhor azul turquesa na parte superior, com a frente amarela. O lado inferior é amarelo, mas a garganta preta. As duas retrizes, de cada lado, pintadas de branco. É a sub-espécie de S. Paulo, Mato Grosso, Paraguai e Bolívia, a espécie *Tanagra c. chlorotica* é do norte, Baía, Pernambuco, Amazônia, Goiás, Guiana e Venezuela. A diferença única entre as duas é que *Tanagra c. serrirostris* tem algo de violáceo no pescoço.

A fêmea de ambas é olivácea, mas na fronte e na parte inferior do corpo a cor olivácea é fortemente lavada de amarelo.

Esse pequeno *gaturamo* é em alguns lugares denominado *puvi*, talvez onomatopéia de seu apelo.

GATURAMO-SERRADOR (*Tanagra pectoralis*) — Distingue-se bem das demais espécies, por ter a barriga castanha. É talvez mais conhecido sob o nome de *alcaide* e *tielê*.

Ocorre em Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Baía, Goiás e Paraguai.

O gênero *Tanagra* comporta muitas outras espécies, que em grande maioria ocorrem no Norte.

A Amazônia é riquíssima em gaturamos, lá chamados *ten-tém*. Entre êsses citaremos: *T. melanura*, parecidíssimo com o *gaturamo-verdadeiro*, apenas diferindo pela cauda do macho, que é inteiramente preta, quer dizer sem o pintado branco das retrizes exteriores. Muito lindo e assaz diferente dos outros é *T. r. rufiventris*, que tem a parte superior do corpo e a garganta dum preto purpurino lustroso e o peito e abdome vermelhos.

O gaturamo *Tanagra chalybea* ⁽¹³⁸⁾ mede 10 a 12 cm. e tem a fronte amarelo canário; cabeça, nuca, dorso, cobertura das asas e da cauda, cauda, penas rêmiges, garganta e faces negro-azulados; peito, ventre e uropígio amarelo vivo; iris negro, bico anegrado e tarsos escuros.

Aquí no Estado do Rio dão a êsse *gaturamo* o nome de *gaipapo* ou *gaipapa* ⁽¹³⁸⁾, designação essa que pertence à fêmea do *gaturamo-verdadeiro*, quer aquí no Estado do Rio, quer em Sta. Catarina, conforme observação de A. Neiva. Parece que em Sta. Catarina também se diz *guapara*. É espécie sulana do Brasil, vindo do sul de Minas até R. G. do Sul e Paraguai.

VIÚVA (*Pipraeidea m. melanonota*) — Garrida e formosa viúva, que como sinal de luto só traz uma manchinha preta na fronte, no mais veste-se casquilhamente. A parte superior do corpo é azul e violácea, mais claro no vértice e no uropígio.

(138) Também ouço dizer *gaipava*.

Asas e cauda quasi negras, com orlas azues. A parte inferior é amarela banhada de vermelho.

A fêmea é parda escura por cima, lavada de azul na frente, nos lados da cabeça e coberteiras da cauda. A mancha negra é como a do macho, porém mais ampla. Nasce na base do bico e vem até ao lado do pescoço, estando implantada nela os olhos.

Parece que a fêmea foi a inspiradora do nome popular.

Gostam imenso das bagas do *Sparagus sprengeri*, uma liliácea decorativa muito usada em vasos suspensos.

Geralmente as aves apreciam muito as frutinhas das várias espécies do gênero *Sparagus*, de que faz parte o conhecido espargo.

A *viúva*, entretanto, dá a vida por estas bagazinhas que servem de isca para atrair tais aves ao alçapão. Um fato curioso quasi sempre se observa. Quando se vê presa no alçapão, a que sua gulodice a encaminhou, arrepende-se e fica tão irada da tolice em que caiu, que de raiva arranca as próprias penas ⁽¹³⁹⁾. Tem mau gênio a bichinha!

Parece que também consome insetos e tanto assim que faz parte das aves protegidas, na Argentina, pelos regulamentos de caça.

Não vislumbrei nenhum informe sobre seu ninho. Ocorre do R. G. do Sul à Baía, Goiás, Mato Grosso, Bolívia, Venezuela e Equador.

SAÍRA — Em seu "Dic. dos Animais do Brasil", Rod. Ihering escreve: "Passarinhos da fam. tanagrídeos, do gen. *Calospiza*. Representando um meio termo entre os *gaturamos* e os *sanhaços*, excedem em muito a todos pela beleza das côres" ⁽¹⁴⁰⁾.

Há, segundo o referido zoólogo, cerca de 25 espécies de *saíras* ⁽¹⁴¹⁾.

As *saíras* são aves de grande beleza ornamental e rivalizam com os beija-flôres no variegado dos coloridos.

Há até espécies em que parece ter a Natureza andado a experimentar sua palheta de artista, acumulando aqui e ali pequenos borrões, manchinhas, de tudo resultando um mostruário de côres vivas, animadas e harmoniosas.

(139) Observação de José A. Pereira, in "El Hornero", vol. IV, p. 27.

(140) O povo, por vêzes, nas suas generalizações dá também o nome de *saí* a algumas destas espécies, quando de fato a designação aludida cabe de preferência aos cerebídeos.

(141) Seg. Rod. Garcia *saíra* vem de *ça-ir*, aquele que faz saír os olhos, olhador, mirador, + *rã*, parecido. E' como se dissessem "aquele que se porta como o curioso que tudo olha". Referência ao espírito de curiosidade muito constante nestas aves.

Mas êsses cromozinhos, espertos e curiosos, essa passarinhada quasi rutilante em seus trajes é acusada seriamente de estragar os frutos.

Quando acertam com um pomar onde os frutos estejam maduros, tomam-se de uma incrível gulodice e, em lugar de encher o papo com um figo, por exemplo, beliscam uma dezena dêles.

Assim, em visitas frequentes, ao cabo das contas, lá se arruína uma boa parte da colheita. Sabem disso os fruticultores, e movem guerra às saíras, tão lindas e tão prejudiciais. Parece, no entanto, que nem todas as espécies sejam assim nocivas.

A. de W. Bertoni, no trabalho já aqui por vêzes citado, procura defender os tanagrideos em geral, e os do gênero *Calospiza* também não lhe parece merecerem tão graves acusações, como veremos adiante.

Passaremos rápida vista d'olhos sôbre as mais vulgares saíras:

Calospiza seledon, bem conhecida pelo nome vulgar de *saira-de-sete-côres*, *sai-de-sete-côres*, ou simplesmente *sete-côres*.

Torna-se difícil a descrição minuciosa desta maravilha. De modo geral pode-se retratá-la, dizendo que tem cabeça verde, peito azul, nuca verde-amarelo, pescoço anterior e dorso negros, abdome laranja e uropígio verde.

Vive nas capoeiras, mas frequenta, de continuo, o campo, vindo aos pomares.

Euler sempre lhe encontrou o ninho, uma tijeliinha de 8 a 9 cm. de diâmetro, entre os largos pecíolos das fôlhas das bananeiras e até entre os frutos verdes dos cachos e, por vêzes, na secção do pseudo-caule, quando cortado. Constrói o ninho de fôlhas e capins diversos. Euler notou, na região em que fêz suas observações, que a *saira-de-sete-côres* empregava o mesmo material que o *saihaço* (*Thaupis s. sayaca*).

Os ovos, em número de 3, mostram o campo de côr cárnea, sôbre o qual se distribuem salpicos escuros e manchas largas pardo-amarelas, onde garatujas de traços finos e pretos emprestam um realce artístico.

Há muita vivacidade no conjunto de coloração. A forma é oval com ambos os polos iguais. Mede 20×15 mm.

Êste belo pássaro habita Baía, Goiás, Rio de Janeiro, S. Paulo, Sta. Catarina e Paraguai.

Calospiza c. cyanocephala — *Saira militar*. À soberbia de sua plumagem e grande riqueza de côres junta-se um porte elegante. Êsse pássaro, que não mede mais de 14 1/2 cm., foi considerado por Brehm como um dos mais notáveis do gênero, merecendo por isso uma longa descrição daquele autor.

Pode dizer-se, para não entrar em minúcias descritivas, que é verde brilhante, com o vértice e a garganta de côr azul, a fronte e o dorso pretos, a nuca vermelha. Digamos ainda que há um

pouco de amarelo no uropígio e nas pernas; que o bico é negro e as patas de côr ardeseada.

Brehm diz que a fêmea tem a mesma plumagem do macho, um pouco menos vivo, e que no verde do dorso há máculas negras.

Embora sendo ave comum, os caçadores do príncipe de Wied não conseguiram matar um só exemplar.

Habita as florestas do Brasil inteiro e de preferência as regiões montanhosas, segundo uma observação de Burmeister. Nada se sabe a propósito de seus costumes.

Calospiza desmaresti — *Saíra-verde*. Pouquíssima eousa menor que a anterior, mas em beleza nada lhe fica a dever.

Parece que a descrição não é fácil, porque confrontei três autores, que entre si não concordam. A ave que encontrei rotulada como tal, se fôsse descrevê-la, seria mais uma pintura discordante.

Copio H. Ihering, que sempre faz esboços muito seguros, porém não gosta de entrar em minúcias, por economia de tempo naturalmente: "O dorso é verde, diz o autor citado, com manchas negras; a frente e uma mancha da garganta são pretas, o pescoço anterior é amarelo, o lado ventral amarelo verde".

Vai dar licença o mestre para que eu ponha um bocadinho de azul na face inferior, e um azulzinho mais claro no alto do cocuruto. Assim fica igual à que eu vi no Museu Nacional.

Goeldi teve ensejo de observar numerosos bandos destas saíras, com cerca de uma centena de indivíduos, e até mais, em visita às árvores silvestres, bicando os vários frutinhas que a mata oferece, ali pela Serra dos Órgãos.

O grupinho espalha-se em louca alegria e, enquanto espiolham os bagos saborosos, vão soltando contínuos e muito finos *pst, pst*, como se mutuamente se chamassem.

Para bem revistar todos os ramúsculos, fazem cabriolas, reviram-se pelos galinhos, tomando posições eúriasas.

Ao naturalista atrás referido, que surpreendeu as saíras nestas traquinagens, lembrou que assim procedem, na Europa, os melharucos.

Conta-nos ainda aquele emérito *field-naturalist* que, quando tais aves estão empenhadas nestas pesquisas, tão abstratas se mostram, que é fácil caçá-las, com a rede de apanhar borboletas. Diz-nos mais que conseguiu exemplares com uma vergastada.

Aos ninhos, infelizmente, ninguém se refere. A espécie habita o sul do Paraná ao Rio de Janeiro, Minas e Goiás.

Calospiza cayana flava — *Saíra-amarela*. Qualquer descrição, por mais minuciosa, não chega a dar idéia da boniteza desse passarinho, que mede pouco mais de 14 cm.

Imagine-o amarelo, mas um amarelo semelhante ao da cana madura, quasi dourado e brilhante, menos a garganta, o peito e uma fímbria fina alongada até o ventre, que são negros. As asas são negras, com orlas azues. A cauda azul.

A fêmea é parda acinzentada com a fronte e a cabeça cor de cobre, dorso lavado de verde, garganta branca. O ventre e a parte inferior amarelos. Na descrição da fêmea valho-me de Henri Moreau ⁽¹⁴²⁾.

Gosta das frutinhas do mato e não desdenha insetos. Parece que não vem aos pomares fazer travessuras.

O ninho, segundo um informe, que possuo, de José Caetano Sobrinho, é uma tijelinha funda, feita de finas raízes, revestido de talos e folhas e fixado por teias de aranha.

Encontra-se em S. Paulo, Rio de Janeiro, Baía, Pernambuco, Goiás e Minas.

Os ornitologistas distinguem sub-espécies, algumas ainda em litígio.

Nada consegui saber de seus costumes. Adapta-se ao cativo, mas exige alimentação especial: frutas, "ovos" de formiga, etc.

Calospiza castanonota — É chamada simplesmente *saira* e pode ser considerada, entre tantas belezas, a mais bela de todas. W. Bertoní assim a descreve: "Mede 14 cm. Do bico ao olho é negro. A cabeça e pescoço são de um dourado bellissimo, que cambia em fogo vivo sob a incidência da luz. O dorso até a cauda e as penas menores das asas são douradas, cor que toma reflexos amarelos esverdeados, conforme os toques de luz. O resto da asa e cauda é de negra cor, porém os bordos, de um azul vivo, tem tonalidades de verde palha. A garganta é verde forte com cambiantes violeta. Todas essas cores não podem ser mais belas e brillantes. O nome, que lhe deram, de *precioso* daí vem, porque é um dos mais belos pássaros da América. Sua formosura é tal, que alguém, que o veja, julga não poder a Natureza oferecer cousa mais linda. A fêmea é mais ou menos verde, com a fronte acanelada".

Alimenta-se de frutinhas que possa engulir inteira e de outras de maior vulto, quando já violadas. Visita os laranjais e, quando desobre uma laranja furada por pássaros mais fortes e atrevidos, então ehafurda o biquinho na dogura da polpa.

Sendo por vèzes a lambarisqueira surpreendida assim em flagrante, culpam-lhe do crime de arrombamento, que não cometeu, e daí provém ser tida como prejudicial às fruteiras.

Habita a mata e parece não ser muito abundante. É encontrada em S. Paulo, Sta. Catarina, Paraná, R. G. do Sul, Paraguai e Argentina.

(142) "L'Amateur d'Oiseaux de Volière".



Calospiza brasiliensis — Pequena saíra com 150 mm.; a parte superior é preta, e o ventre, desde o peito, é branco; uma bela côr azul tinge a fronte, a parte inferior do pescoço, as bochechas, as coberteiras superiores das asas, a margem das rêmiges primárias e prolonga-se ainda do dorso posterior até às coberteiras superiores da cauda e se estende pelos flancos; no pescoço e flancos o azul é, entretanto, salpicado de preto. O branco toma ainda as coberteiras inferiores das asas e da cauda. A fêmea é um pouco menor do que o macho.

O príncipe de Wied encontrou-lhe o ninho na forquilha, composta com quatro galhos, numa árvore copada.

Era uma tijela feita com capricho de artista chinês, tecida de paina branca entremeada de raízes, musgos e cortiça. Dêste último material era guarnecido o interior, onde estavam dois ovos, algo alongados, de campo branco, marmoreado de roxo, onde pairava uma garatuja preta.

A espécie habita Rio de Janeiro, Espírito Santo e Baía.

Tratamos de muitas espécies do gênero *Calospiza*, mais vulgares e frequentes aqui no sul, mas o Norte está apinhado de saíras.

E. Snethlage descreve 13 espécies que vivem na Amazônia e entre elas estão radiosas beldades, como por exemplo *Calospiza chilensis coclicolor*, lá conhecida por *sete-côres*.

Na realidade merece a designação e, se formos a distinguir as nuances das côres, iríamos mais longe ainda.

Para fazer idéia, valho-me da descrição da ornitologista citada:

“Fronte, vértice e lados da cabeça verde claro brilhante, occiput, dorso alto, cauda e asas pretos, rêmiges da mão marginadas de azul, coberteiras menores das asas superiores azues; dorso baixo encarnado; uropígio amarelo; garganta azul purpúreo; peito barriga e flancos azul claro, meio do abdome, coxas e crisso pretos”.

Mede cêrea de 14 cm. Habita Rio-Negro.

Parecidíssima com essa é *Calospiza c. chilensis*, que tem o mesmo nome e habita o Alto Amazonas.

Citaremos ainda *Calospiza p. punctata*, que tem o nome vulgar de *negança*, na qual predomina a côr verde e pintas pretas, sendo amarelados os lados do peito. Pátria: Amazônia.

Pipraeidea n. melanonota — Saíra-açu ou saíra-guaçu. Goeldi ouviu chamar-lhe saíra-sapucaia. Já a descrevemos sob o nome mais vulgar de *viúva*.

SANHAÇO-FRADE (*Stephanophorus diadematus*) — Apesar de não ser ave muito abundante, é bem conhecida do povo, como se depreende dos variados nomes vulgares por que a conhecem, como: *azulão* e *azulão-bicudo* (R. G. do Sul) *lindo-azul*, *sa-*

nhaçú, gurandi-azul (Minas) e ainda *sairuçú, azulão-da-serra, azulão-de-cabeça-encarnada, cairé*, etc.

Mede mais ou menos 19 cm. É de côr azul grisalha, azul sujo, azulão ou azulego, como o povo diz, em referência a essa côr.

Há, no entanto, na cabeça, descendo para a nuca, uma nuance azul celeste e, bem no cocuruto, quasi um simulacro de poupa vermelha.

A fronte, garganta, asas e cauda negras e de igual côr o bico, que é curto, grosso e recurvo como o dos gaviões.

O conjunto dá-lhe um aspecto agradável e vistoso.

Aninha-se nos arbustos das capoeiras, sempre a pouca altura, 3 a 4 metros.

O ninho, um tanto raso, com um colchão bem cuidado de capim, não pode ser considerado nenhum desprimor, porém os 4 ovos da postura são belos, pois no campo branco azulado há manchas cinzento-arroxeadas, constelações de pingos, entre as quais serpenteiam garatuja pretas. O ovo mede 24×17 mm.

O macho, enquanto a consorte se entrega às lides da incubação, faz o que pode para distraí-la, iniciando sempre, e não concluindo nunca, uma certa canção que imaginou. É, pois, autor de uma eterna sinfonia inacabada.

O *sanhaço-frade* vive em cativieiro e aí se reproduz, segundo consta.

A "Revue d'Histoire Naturelle Appliquée" (vol. IV, 1923, p. 237) noticia um caso de reprodução desta ave na Europa, o que ainda é mais interessante.

Habita os Estados de Goiás, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paraná, R. G. do Sul e vai até Paraguai e Argentina.

SANHAÇO — Os *sanhaços*, ou *sanhaçús*, são tanagrideos, na maioria do gênero *Thraupis*, algo maiores que as *sairas* e um tanto menores que os *tiês*.

O povo distingue e dá determinações especiais a algumas espécies.

Um dos *sanhaços* mais vulgares, pela sua larga distribuição geográfica, pois ocorre, pelos Estados marítimos, desde R. G. do Sul ao Maranhão, é *Thraupis sayaca sayaca, sanhaço-do-coqueiro*, como lhe chamam, passarinho azul ardósia na parte superior e azul esbranquiçado na inferior. Mede 15 cm.

Gosta do campo, frequenta os jardins e cafesais, onde, por vêzes, constrói o ninho na extremidade dos galhos superiores. Trata-se de uma tijela de 11 cm. de diâmetro, muito bem tecida e alindada, externamente, com as flôres do próprio material que escolhe para confeccioná-la, a *Lippia urticoides*, nas regiões que ela existe.

Ainda se requinta em cuidados artísticos, enfeitando as paredes externas com líquenes, musgos, cortiças e paina.

Sabe cardar a paina e entremeá-la na tecitura do ninho. O interior é guarnecido de finas raízes.

Os ovos, 3 em cada postura, são de côr creme, sarapintados de pontinhos, ostentando no polo rombo vagas garatujas pretas. Medem 24×17 cm.

Este *sanhaço* aparece aqui no Distrito Federal, gostando, sôbre a tarde, de empoleirar-se nos galhos mais extremos das árvores, onde desfere um canto simples, mas vibrante e agradável.

Do costume de visitar as frondes altaneiras lhe vem o hábito de atacar as frutas, de cima para baixo e, daí, a frase nordestina que certa vez escutei:

"Eu como de cima p'ra baixo, à maneira do *assanhaço*".

O que quer tal expressão significar, não lhe alcanço bem. Talvez, com isso se inculque, quem o diz, possuidor do método de fazer as cousas, em ordem.

Aprecia sobremodo as frutas e parece que descobriu, antes dos cientistas, que as laranjas contêm vitaminas.

Deve datar de então o grande aprêço que lhes merecem aqueles magníficos hesperídeos e a guerra que aos *sanhaços* movem os citricultores ⁽¹⁴³⁾.

Posto que simpatize com suas clarinadas, não posso defendê-lo, pois que, na realidade, chega a causar prejuízos nos pomares, atacando todas as frutas, inclusive a jaboticaba, e muito notadamente o mamão pelo qual mostra especial predileção. Já aprendeu a comer o caqui, pêssegos, uvas e as outras frutas exóticas, inclusive a laranja, de que é, como dissemos, grande apreciador.

Aparece em frequentes grupos, especialmente na época da maturação de certos frutos.

Em alguns lugares, quer no norte, quer no sul do Brasil, aqui no Estado do Rio, por exemplo, o *sanhaço* aparece em grandes

(143) A propósito de tais apreciadores de *Citrus*, impõem-se algumas observações.

Um bom número de tanagrídeos, de fato, comem laranjas e sabem furá-las com perfeição, mas isso sômente acontece com os frutos muito maduros e assim tardiamente colhidos. Aqui nos laranjais do D. Federal e Estado do Rio, além do *sanhaço*, podemos apontar: *sabiá*, *tiê-vermelho*, *tiê-preto* e *pardo*, *gaturamo*. O *bico-de-lacre*, que por vezes aparece apreciando a fruta, só o faz quando encontra o furo começado pelos outros. No Rio G. do Sul, a *Thraupis bonariensis* pregaram a cognome revelador de *papa-laranja*. Sei de fonte limpa que o *guaxe* (*Cacicus haemorrhous affinis*) ictérideo, também não pode ver laranja bem madura que não fure. Só as excessivamente maduras. Os tanagrídeos, frugívoros confessos, são, por outro lado, grandes destruidores de iças e bitús, isto é, fêmeas e machos alados de saúvas, segundo o conspícuo observador A. W. Berton, in *Agro-nomia*, 9-12, p. 419, Paraguai, 1913.

O *guaxe* tem a seu favor o consumo que faz de lagartas. Bem razão tinha Wappeus em afirmar que metade das aves brasileiras eram insetívoras.

quantidades e são apanhados, por formas várias, inclusive alça-pão falso.

Uma vez presos são, a seguir, metidos em viveiros e engordados para fins alimentícios.

Azara escreveu um libelo acusatório terrível contra êsse sanhaço, apontando-o até como comedor de alfaces, e levou sua cominação à família inteira, lançando-a à lista negra dos pássaros nocivos.

Não é de boa justiça desmoralizar toda uma família pelo mau procedimento dum de seus membros.

Entre êles há comportamentos quasi exemplares, voláteis úteis, destruidores de insetos, frugívoros larvados, com pequenas incursões nos pomares, na época em que os frutos se estão estragando de maduros.

Pecadinhos veniais. Quem deixará de saborear um fruto sazonado que lhe fique ao alcance do desejo, mesmo que seja um fruto proibido, e até por isso mesmo?

As objurgatórias dos fruticultores também alcançaram *Thraupis b. bonariensis*, apontado como um papão de laranjas e até chamado *naranjero* na Argentina, e *papa-laranja* no Rio Grande do Sul.

Lindíssimo, sem dúvida, com a sua cabeça azul celeste, côr que lhe toma o pescoço anterior e posterior; peito e uropígio amarelo laranja, abdome amarelo puro. Uma pequena região do pescoço à espádua e o dorso negros. Desta mesma côr as asas e cauda, onde se notam nuances cerúleas. Mede 19 cm.

A fêmea diferencia-se nas nuances das côres, a que falta o brilho tão notável em seu espôso.

Faz ninho esmerado, em árvores, a boa altura. Os ovos, 3 a 4, têm campo verde desmaiado e apresentam manchas acastanhadas.

Alimenta-se de frutas, alguns grãos e insetos. Quando aparece em pequenos bandos, visitando os laranjais na época da maturação dos frutos, causa pequenos prejuízos.

W. Bertoni defende-o a todo transe e diz que "vive de insetos e aproveita também as laranjas furadas pelos papagaios e outros pássaros" ⁽¹⁴⁴⁾.

É espécie sulana, pois só tem sido notada no R. G. do Sul, indo ao Paraguai, Argentina e Bolívia.

Thraupis p. palmarum, o *sanhaço-de-coqueiro*, ou *sanhaço-de-mamoeiro* ⁽¹⁴⁵⁾, tem distribuição geográfica quasi por todo o

(144) "Catálogo descriptivo de las aves útiles del Paraguay", in Rev. Agronómica, Ano I, N.º 11-12, p. 529.



Brasil, "desde a Chapada matogrossense até Minas, e do R. G. do Sul (Novo Hamburgo) até o Maranhão e a leste do Pará, e daí em diante, nos vales do Amazonas e do Orenoco, é substituído pela sub-espécie *T. p. melanoptera*", diz Olivério Pinto.

Esta raça, ou sub-espécie, é na Amazônia chamada *sai-açu-pardo*.

Como se vê, existe, por quasi todo o território nacional, esse pássaro, de côr geral verde olivácea acinzentada, mais escura no dorso; asas e caudas enegrecidas, com um debrum esverdeado. (Esse debrum falta a *T. p. melanoptera*, sendo só nisso que se diferencia).

Mede mais ou menos 18 1/2 cm.

José Caetano Sobrinho, numa nota em meu poder, cedida por outro amante de aves, o sr. Júlio de Figueiredo Santos, descreve o ninho como sendo em forma de tijela, forrado de raízes, e colocado entre talos das fôlhas dos coqueiros.

Os ovos (2 na ninhada que tenho presente) medem $22 \times 15 \frac{1}{2}$ e são brancos com manchinhas avermelhadas, um tanto desmaiadas.

Thraupis ornata, sanhaço-de-encontros, diz o povo, remarcando-lhe o fácies, que logo o distingue dos parceiros e que é a mancha amarela localizada no encontro.

A ave mede 18 cm., é de côr geral esverdeada, cabeça azul clara e desta mesma côr o peito.

Ao lado dos encontros destaca-se o amarelo da malha, a que já nos referimos.

Segundo testemunho de Goeldi, a ave faz o ninho próximo das habitações humanas, nos jardins e nos cafesais, em altura que varia de 1 1/2 a 9 metros, sempre nos galhos exteriores.

O ninho, cuidadosamente feito, encerra, em regra, 3 ovos brancos com numerosas manchas e pontos ⁽¹⁴⁵⁾. Mede $24-25 \times 17$ mm.

O *sanhaço-da-serra*, como por alguns é conhecido, encontra-se de Sta. Catarina a Goiás, Baía, Minas, S. Paulo.

Ainda do gênero *Thraupis* poderemos citar outro sanhaço, *T. cyanoptera*, bem conhecido aqui no sul. É de côr azul-cinza, esverdeada em cima, e desmaiada em baixo. Os encontros são de côr azul-clara em ambos os sexos.

(145) Não se deve emprestar grande rigor a estas determinações populares. Os sanhaços não sofrem a vertigem das alturas e sentem-se atraídos pelos coqueiros e outras palmáceas.

Quer a espécie citada, quer *sayaca*, e outras, frequentemente visitam aqueles régios vegetais.

(146) H. v. Ihering, em seu "Catálogo crítico comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil", nota que os ovos de *Thraupis e. episcopus*, *cyanoptera*, *coelestis*, *cana*, *palmarum*, *ornata* e *b.bonariensis* "são semelhantes entre si em tamanho e desenho, que consiste em manchas numerosas, cinzas, sobre campo esbranquiçado, com salpicos e garatujas ou linhas curtas, pretas".

As duas espécies tipicamente amazônicas são *T. episcopus*, *T. coelestis*, se é que não se trata duma só espécie e uma variedade, conforme opinam os entendidos.

Os amazonenses não as distinguem, e ambas levam por isso o mesmo nome *sai-açu-azul*. Mede 17,6 cm., e a cor azul quasi se generaliza.

TIÊ-SANGUE (*Rhamphocelus bresilius dorsalis*) — Quando um acaso propício quer que se nos depare, pela primeira vez, a figura purpurejante d'êste pássaro, tomamo-nos de surpresa e enlêvo.

O príncipe de Wied experimentou êste sentimento confessando: "O estrangeiro não pode reprimir sua admiração quando, pela primeira vez, vislumbra essa esplêndida plumagem vermelha rebrilhando ao sol, com fulgores fantásticos, entre a vegetação florida que cobre as margens dos rios, entremeando-se pela folhagem, finamente, recortada das mimosas".

Na realidade, é um espetáculo cheio de encantamento observar, na vida livre da mata ou, como êle prefere, nas campinas, a prodigiosa ave vermelha.

Trata-se de um pássaro de tamanho avantajado, relativamente, pois mede cerca de 19 cm.

O macho ostenta plumagem dum vermelho sanguíneo, brilhante, exceto as asas e a cauda que são negras brunáceas, porém negro extremo à proporção que as aves se tornam mais velhas; as tetrizes superiores são orladas de vermelho e as inferiores têm marmorcados brancos. O bico, que é bruno enegrecido, faz ressaltar dois olhos accsos de fulgores de brasa. Há uma calosidade branca na mandíbula inferior.

A fêmea é quasi totalmente acinzentada na parte superior do corpo, e a inferior, dum pardo avermelhado fulvo. Há mosqueados vermelhos dispersos sobre as coberteiras superiores da cauda. Os olhos têm a iris menos vermelha que a dos machos. A mandíbula é desprovida de calosidade.

Os jovens assemelham-se às fêmeas, mas notam-se bem cedo penas vermelhas sobre o corpo, dando ao conjunto da plumagem um aspecto malhado.

O *tiê-sangue*, ou ainda *sangue-de-boi*, *tiê-fogo*, *tiê-vermelho*, *tapiranga*, *canário-baeta*, o *tiê-piranga* do indígena, vive na mata, porém de preferência habita as campinas e frequenta a vegetação que orla os cursos d'água, os cerrados, onde encontra asilo e frescura.

Alimenta-se de frutas e insetos, causando certos prejuizos às fruteiras, segundo algumas informações.

Sobre o ninho há indicações que se contradizem. Euler encontrou-o oculto entre moitas de capim ou junco. Tem a forma

duma tijela aberta e, embora não escasseie o material, aquele autor informa "que não oferece solidez bastante, para que se possa levantá-lo".

O interior estava guarnecido de finos pedúnculos sem arte. H. Ihering, no trabalho já frequentemente citado, faz notar que o ninho a que se refere o autor acima não concorda com o que possui, já por ser maior, já porque a ligação dos elementos é perfeitamente boa.

Ant. C. Guimarães Junior ⁽¹⁴⁷⁾ conta que encontrou o ninho numa pequena árvore e notou-lhe um lavor descuidado e de tal forma, que se avistavam os ovos através da trama.

Os ovos medem $22-25 \times 15,5-17,5$, segundo Pedro P. P. Velho, o que concorda com as medidas de Nehrkorn e Ihering e não com Euler.

Parece que, desta feita, o *tiê* tapeou o sagacíssimo Euler.

Descrevendo os ovos, Pedro Velho apresenta-os de campo azulado e lustroso, com pingos pretos, mas notula que, além dos pingos, há manchas no polo rombo e, em outros, tais máculas se localizam no polo oposto, e ainda afirma que na coleção do Museu Nacional há ovos desprovidos de qualquer desenho.

O *tiê-sangue* é vítima do *chopim*, pois Antonio G. Sobrinho, no trabalho anteriormente citado, observou este destruindo a postura daquele e substituindo-a pela sua. Dos quatro ovos, da postura normal do *tiê*, só um ficou intacto. O *chopim* havia posto 4 ovos.

Segundo observação do referido amador, é difícil encontrar posturas do *tiê* que não estejam parasitadas pelo *chopim*.

A espécie descrita ocorre aqui no sul, de Sta. Catarina até o sul da Baía, e há uma sub-espécie que vive na Baía, Pernambuco, Piauí, Goiás.

Na Amazônia ocorrem duas espécies do gênero *Rhamphocelus*, que são *R. carbo centralis*, lá chamada *pipira*, que é preta com brilho purpúreo, especialmente no alto da cabeça e na parte inferior; a garganta é vermelha e a base da mandíbula azul. Pouco menor que a anteriormente descrita, e *R. nigrigularis*, *pipira-encarnada*, do mesmo porte ou pouco menos, toda vermelha, exceto lados da cabeça, mento, dorso alto, asas, cauda e meio do abdome que são negros.

Conhecem-se os ovos de *R. carbo*, algo semelhantes aos do *tiê-sangue* ($21-22,5 \times 15-17,5$), apenas diferindo pela ausência dos traços, sendo as manchas um tanto menores.

CANÁRIO-DO-MATO (*Piranga flava saira*) — É, como bem diz o nome científico, uma *saira-vermelha*, mas dum vermelho cochonilha magnífico. O povo ainda lhe dá a denominação de

(147) Rev. Mus. Paulista, T. XIV, 1926.

sanhaço-de-fogo, e também *sai-de-fogo*, *tiê-piranga* e, parece, *sangue-de-boi* talvez por confusão.

A fêmea difere do macho, pois é verde azcitonada em cima e amarela na parte ventral.

Não obstante tais nomes, que o enquadram dentro da família dos tanagrideos, dos demais parentes muito se afasta especialmente nos costumes.

Dele quasi nos fica a certeza de que é exclusivamente insetívoro, por observações diversas.

Uma espécie do mesmo gênero (*Piranga azarae*) de idêntica forma se comporta no Paraguai, conforme testifica W. Bertoní.

O ninho, feito no cerrado, em plantas arbustivas, reveste-se da forma de uma tijela. É tecido com talos de capim.

Os ovos são em número de 3.

O *chopim*, ou *vira*, quasi sempre faz posturas clandestinas no ninho dêste tanagrideo. Numa ninhada da coleção José Caetano Sobrinho, a qual aqui tenho sob meus olhos, há 7 ovos, sendo 3 do dono do ninho e 4 do insigne malandro e parasito.

O *canário-do-mato* ocorre no R. G. do Sul, S. Paulo a Baía, Mato Grosso e Minas.

CAPITÃO-DE-SAIIRA (*Orthogonys chloricterus*) — Enverga um uniforme verde amarelo, e, para melhor esclarecer, diremos que é verde oliva na parte superior e verde amarelo na inferior.

Discreto como convém ao seu mistér de capitanear o trêfego exército das saíras ⁽¹⁴⁸⁾, o bravo capitão vareja as ramadas mais

(148) A nomenclatura popular das aves, como a dos outros animais, e o mesmo se pode dizer em relação ao formidável reino das plantas, está cega de erros.

Capitão de saíra é um posto respeitável, disputado por dois pássaros assaz diferentes em tamanho, cor, hábitos e até famílias. Um pertence aos cotingídeos, e já dêle tratámos (*Attila rufus*), e outro é o acima referido, que reputo o autêntico capitão. Não parece estranho que, para capitanear as saíras, fossem buscar um figurão entre os cotingídeos, havendo na lusidia coorte dos tanagrideos individualidades tão conspícuas?

Agora fico a pensar porque foi dado a tal pássaro o nome de capitão-de-saíra.

Na falta duma observação norteadora, avento uma conjectura.

Já ao tratar dos formicariídeos, relatei o fato conhecido de se reunirem certas aves em bando capitaneados por determinada espécie.

Tais bandos reúnem-se diariamente e percorrem, quasi sempre, o mesmo itinerário em busca de alimentos.

Enquanto os formicariídeos, por exemplo, vão à caça de insetos, os tanagrideos, que apresentam o mesmo costume, devotam-se à procura de frutos, principalmente.

W. Bertoní chegou a identificar o *tiê-do-mato-grosso* (*Habia rubica*) capitaneando os tanagrideos (Las aves capitanas en las selvas tropicales — El Hornero, vol. III, p. 398). Isto no Paraguai.

Será que a *Orthogonys chloricterus* se comete igual empresa e a observação ficou consignada na nomenclatura popular?

Os costumes, a etologia, dos nossos animais silvestres, são ainda muito escassamente conhecidos.

altas das fruteiras silvestres em busca das bagas saborosas. Mede 17 cm.

De ninho e ovos não lhe vejo notícias.

Habita as matas do Brasil meridional, do R. G. do Sul ao Rio de Janeiro.

TIÊ-DO-MATO-GROSSO (*Habia rubica rubica*) — Escasso e bellissimo pássaro de 19 cm. de comprimento. Certamente um dos mais lindos pássaros do Brasil.

O macho é vermelho cseuro, mais claro no abdome. Ornamente a cabeça um topete coronal vermelho vivo.

A fêmea, uniformemente parda douradilha, é desprovida de topete.

Da vida do *tiê-do-mato-grosso* pouquissimo se sabe. Passa por ser algo desconfiado e espantadigo, um verdadeiro “bicho do mato”, mas, no entanto, é o capitão dos tanagrideos nas suas excursões através da floresta em busca de alimentos. (Vide nota 148).

Euler descobriu-lhe o ninho, num arbusto copado, a pouco mais de 1 metro de altura.

Apresentava a arquitetura clássica entre os tanagrideos, a forma de tijela, cujas paredes eram entretecidas de ramúsculos secos, ainda providos de folhas. A ligadura do material entre si é conseguida por meio de raízes e fibras finas. O interior é um acolchoado de erina vegetal. A postura consta de 3 ovos, os quais o autor acima citado assim descreve:

“Campo branco com tom azul-cinzentos sobre o qual se acham espalhadas numerosas manchas e pingos pardo-amarêlos, que se concentram na parte romba, formando uma cúpula.

Por baixo desta distingue-se um cordão estreito de pontos escuros azulados”.

Distribuição geográfica: R. G. do Sul, Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Baía, Bolívia e Paraguai.

No mesmo gênero aponta-se ainda *H. rubica peruviana*, mais ou menos do mesmo tamanho, de cor idêntica. Vive na Amazônia.

TIÊ-GALO (*Tachyphonus cristatus cristatus*) — Mede 19 cm., sendo que a cauda tem quasi 9 cm. É negro, mas empina-se ao alto da cabeça um galante topete vermelho alaranjado. Nota-se nas coberteiras das asas uma mancha branca; o baixo dorso é amarelo não muito vivo e igual cor surge em forma de mancha na garganta. Os olhos são pardos quasi negros.

Os ovos são brancos, pouco lustrosos e medem 22-23 × 17, tendo pintas e manchinhas avermelhadas, profundas, e as maiores superficiais e negras, seg. H. Ihering. A espécie distribue-se pelos Estados marítimos de S. Paulo ao Pará e, possivelmente,

pelo Amazonas, uma vez que carece de validez certa sub-espécie que se julgava substituí-la.

TIÊ-PRETO (*Tachyphonus coronatus*) — Como o anterior, é também denominado *guarandi-preto*.

Aquí no Estado do Rio parece ser mais vulgar o nome *tchá*, apêlo muito frequente, que emite. Mede aproximadamente 19 a 20 cm. É inteiramente negro, com um belo topete vermelho. A fêmea é, na parte superior, amarelenta.

Vive nas capoeiras e, entretanto, vem às roças e aos jardins.

José Caetano Sobrinho encontrou-lhe o ninho oculto entre as folhagens dum arbusto à margem de um correjo, o que concorda com a afirmação de Euler, que o viu entre as espessuras dum sarçal.

É a infalível tijela da família dos tanagrideos, arranjada com raminhos e cipós enfolhados e talos diversos. O interior é carinhosamente forrado de raízes.

A postura consta de três ovos primorosos.

Euler, reputa-os os mais lindos ovos que conheceu.

Há, por sôbre o campo de uma côr cárnea rosada, largas manchas vermelhas carregadas, cujos contornos se apagam aquí e se reacendem ali, entre vivas garatujas e salpicos de côr sépia. Os desenhos concentram-se mais bastamente no polo rombo, dando ao conjunto uma harmonia artística. São de formato alongado, com ambas as pontas obtusas, e medem $23\frac{1}{2} \times 17$ mm.

A espécie típica, algo parecida com a descrita, é *Tachyphonus rufus* chamada por uns *guarandi* e por outros *macho-de-jão-gomes*.

A semelhança existente, entretanto, é sòmente entre as fêmeas, porque os machos, logo à primeira vista, se extremam, pois, enquanto o anteriormente descrito ostenta o belo topete vermelho, êste dele carece.

Nos hábitos também diferem muito, pois *coronatus* é ave que de ordinária vive na mata, enquanto *rufus* vive sempre no campo. Êste vive em Mato Grosso, norte de Minas e de Baía ao Pará até Guianas e Venezuela, e aquele vai do Rio de Janeiro ao R. G. do Sul, Paraguai e Argentina.

O gênero *Tachyphonus* comporta mais meia dúzia de espécies na maioria ocorrentes na Amazônia.

Há entre êles duas espécies amazônicas por lá chamadas *pipiras*.

TIÊ-DE-TOPETE (*Trichothraupis melanops*) — É espécie bem vulgar nas matas da Serra dos Órgãos. Verde azeitão na parte superior, sendo, entretanto, de côr negra a face, asas e cauda, a parte inferior é amarelo algo desmaiado.

Sobre a cabeça do macho alteia-se o topete vermelho, que lhe deu o nome. Há nas penas mais externas das asas certa mancha branca.

Segundo W. Bertoni, alimenta-se de insetos e destrói muita formiga. Burmeister já havia aludido ao grande aprêço que o *tiê-de-topete* dá às saúvas, cujas operárias segue, pelos carreiros, caçando-as.

Remarque-se o fato, pois toda a ave que come saúvas merece ser protegida e até mais do que isso.

Os povos antigos, especialmente os egípcios, parece que mantinham o culto de certos animais, um tanto pelos benefícios que lhes prestavam.

Os crocodilos anunciavam, em certos anos, as enchentes do Nilo, os gatos destruíam a praga terrível dos ratos, logo eram enviados pela bondade dos deuses e participavam um tanto da divindade. Eregiam-se altares.

Mudaram-se os tempos e em lugar de colocarmos tais animais num templo, metemo-los na lista das espécies úteis, no catálogo da Zoologia Agrícola. Cada época com seus usos. O fim visado será sempre o mesmo: aproveitar o que vale.

Quem mata uma ave prestadia comete um crime contra a economia popular. Merece castigo, como aqueles que, na terra dos faraós, matavam um gato ou outro animal sagrado. O sagrado de outrora e o útil de hoje se equivalem.

Na época de utilitarismo a que chegamos não é corriqueira a frase "sagrados interesses", sempre que nos referimos aos nossos interesses?...

Sobre o ninho dá-nos notícia Euler e quasi das mesmas palavras se vale Goeldi. Trata-se duma tijela despriniorosa, sem encanto, feita com raízes e assente frouxamente sobre ramúsculos.

Euler encontrou tal ninho num arbusto, a um metro de altura e dentro dêle três filhotes. Corria então o mês de novembro.

Os ovos, que medem 25×15 mm., têm campo branco, um tanto avermelhado, mostram manchas roxas profundas e outras superficiais de côr parda escura, mais numerosa num dos polos.

Distribuição geográfica: R. G. do Sul, S. Paulo, Rio de Janeiro, Baía, Goiás, Minas; Paraguai e norte da Argentina.

PINTASSILGO (*Hemithraupis guira guirina*) — Na Amazônia, onde não há o pintassilgo brasileiro (fringilídeo), dão tal nome a êsse passarinho que mostra arcs com êle.

Mede pouco mais de 13 cm. Tem o dorso verde azeitonado, baixo dorso e ventre alaranjado vivo, garganta e lados da cabeça pretos.

A fêmea dêle difere um pouco no conjunto, sendo no entanto parda a garganta e o amarelo do ventre um tanto esverdeado.

Habita as matas, capoeiras e vem até os pomares.

Passa a vida caçando insetos, de que se alimenta, e chega a ir buscá-los até nas corolas das flôres.

Das frutas não faz caso, o que é pouco frequente entre a maioria dos membros da sua família.

Sabe plantar o ninho nas copas das árvores, sem procurar escondê-lo.

Tece com fibras e alinda-o com líquenes, dando ao interior um alcatifado de fibras mais finas e aí, nesta taça, depõe os ovos, que são brancos, com pontuações de acanelada côr.

Habita S. Paulo, Minas, Mato Grosso e Amazônia, bem como a maioria dos países limítrofes.

Há ainda outro passarinho dum gênero próximo a êsse, passarinho conhecido na Amazônia sob o nome de *filho-de-sai*.

Trata-se de *N. p. pileata*, pouco maior que o anterior, porém de hábitos iguais. A plumagem é xistácea azulada clara na parte superior, sendo o alto e lados da cabeça negros e de igual côr o pescoço; a parte inferior é branca, lavada de cinzento nos flancos. A fêmea difere do macho, porque carece de côr preta na cabeça e pescoço, sendo que a garganta é amarela.

A distribuição geográfica é quasi a mesma.

TIÊ-TINGA (*Cissopis leveriana major*) — Tem um cunho absolutamente original. Nenhuma outra ave com o *tiê-tinga* se pode confundir, logo à primeira vista.

É negro, exceto o lado inferior e o baixo dorso, que são brancos. O alto dorso é igualmente branco acinzentado e ainda de côr branca as orlas da cauda e das asas.

Em sua cabeça esperta brilham dois olhos de iris amarelo.

Para melhor distingui-lo entre os demais seres alados da nossa avifauna, deu-lhe a Natureza a longa cauda de pêga europeia, mais decorativa e aprimorada por um debrum branco. Dos 28 cm. do seu tamanho a metade pertence à cauda. Por êsse aspecto é chamado aqui, no Estado do Rio, *pêga-do-Norte*.

Toda a imponência da sua rabilonga figura vem dêste desenvolvimento caudal. É, sem dúvida, uma ave bonita, uma estrêla da galeria das aves brasileiras. Costuma aparecer em pequenos grupos passeando pelas árvores em seus vôos calmos e sussurantes.

Nunca empreende grandes arraucadas, e locomove-se, paulatinamente, em vôos escalonados de árvore para árvore. Parece que a longa cauda lhe pesa um tanto.

Quando se assusta, balança o comprido apêndice caudal, e num esforço extremo vai um pouco mais longe, porém pára aqui e ali, a fim de descansar certamente.

Não, é, aliás, espantadiça e dá aos caçadores ensejo de abatê-la.

Encontra-se mais geralmente nas matas cerradas e junto aos córregos, dando grande aprêço as touceiras de crissiuma. Goeldi, que me proporcionou o melhor dos informes, ouviu-lhe o canto, que julgou figurar assim: *psi-tu, psi-ti, psi-tu, psi-ti* e por aí fora sem mais variações.

Reinhardt, citado por H. Ihering, descobriu um ninho de *tiê-tinga* em Minas e diz que era uma taça pequena feita com palhas de taquaruçú. Continha dois ovos brancos com salpicos pardo-amarelados. Tamanho dos ovos 30×20 mm.

A ave de que tratamos, também chamada *prcbixim*, *sanhaço-tinga*, *pintassilgo-do-mato-virgem* e *anicavara*, é encontrada em Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Baía, norte do Maranhão, Amazônia, Goiás e Minas; Paraguai e Perú.

BICO-DE-VELUDO (*Schistochlamys ruficapillus capistratus*) — Mede 18 cm. É cinzento chumbo na parte superior e amarelo ferruginoso na inferior. Alto da cabeça branco, fronte e região anterior dos olhos, negra.

Frequenta de preferência as palmáceas e daí o nome, que também lhe dão, de *sanhaço-do-coqueiro*, muitas vêzes usado para indicar o *Thraupis s. sayaca*.

Melhor seria, pois, que se popularizasse a designação *bico-de-veludo*, para evitar confusões.

Não é ave arisca. De ninhos e ovos faltam notícias. P. Velho descreve o ovo de outra espécie do mesmo gênero *S. ater* e informa que o ovo mede $25 \times 17,5$ tendo o campo branco amarelado, densamente coberto de manchinhas pardas.



CAPÍTULO XIX

FRINGILÍDEOS

Azulão, azulinho, curió, bicudo, trinca-ferro, chã-chão, bico-pimenta, bicudo-encarnado, furriel, papa-capim, patativa, brejal, chorão, pichochó, caboclinho, coleiros, bigode, serra-serra, pintassilgo, canário-da-terra, canário-da-horta, tipio, tico-tico, quem-te-vestiu, tico-tico-do-campo, tico-tico-rei, canário-do-campo, cardeal, cardeal-amarelo, pardal, bico-de-lacre, etc., etc.

A família dos fringilídeos, de distribuição orbícola, tem, possivelmente, maior número de representantes na América. Entre nós contribue com uma multidão de pássaros cantores, muito conhecidos e, em boa maioria, adaptáveis ao cativeiro.

O "Catálogo das Aves do Brasil", de Ihering & Ihering, regista 83 espécies e ainda muitas sub-espécies.

Os ornitologistas, na sua quasi totalidade, consideram os fringilídeos como os mais evoluídos no mundo das aves, e por isso os colocam quasi no extremo da ordem dos passeriformes.

Isto significa, que a actual época do mundo pertence a essa família de pássaros, como em outras, no decorrer dos vários períodos geológicos, predominaram determinados grupos.

Os fringilídeos têm um regime alimentar misto, embora a sua maioria seja de granívoros.

O seu bico cônico e forte tanto tritura sementes, como está apto a caçar pequenos artrópodes.

Uma grande parte, entretanto, come grãos e insetos e todos, ou quasi todos, na infância, têm um regime alimentar animal.

Por esse motivo podemos colocá-los entre os pássaros úteis.

Outro característico que indica o grau de civilização a que já chegaram está no desejo que mostram, em viver na companhia dos homens, como o *tico-tico*, e, sobretudo, o *pardal* que, como o homem moderno, desdenha a vida dos campos e quer viver, exclusivamente, no bulício das cidades.

O *pardal*, *Passer domesticus*, foi escolhido como a ave tipo, o protornis de toda a ordem dos pássaros propriamente ditos, os passeriformes da sistemática hodierna.

Ainda poderíamos aludir ao canto, que atinge ao máximo da beleza nesta grande família de pássaros.

Não é possível dar uma descrição de caracteres típicos pelos quais se distingam dos demais pássaros e, assim, ao tratar das diversas espécies, procuraremos acentuar certas minúcias.

Em geral possuem bico forte e cônico, como já dissemos, com mandíbula angulosa na comissura da maxila e narinas ocultas por penas. Quasi todos são pássaros pequenos e, em menor proporção, de tamanho médio. Em grande maioria, têm cores pouco vistosas: parda, olivácea, preta, cinzenta, havendo, entretanto, um bom número com cores vistosas: vermelha, amarela, mais ou menos viva.

Entre esses bem vestidos notabiliza-se um lindo pássaro de restrita distribuição geográfica entre nós, só encontrado até hoje em Mato Grosso.

Trata-se de *Phoebastria aureiventris*, que de tão raro nem sequer possui nome vulgar que o popularize no Brasil.

Na Argentina, onde ocorre, é chamado *rei-dos-bosques*, nome que só por si nos dá idéia da sua magnificência.

Uma vez que não o pude colocar na galeria geral, por lhe faltar o nome vulgar — critério que adotei na descrição das espécies — a ele quis referir-me aqui, para que não ficasse sem registro tão formoso pássaro, honra e flôr da família dos fringídeos.

Fui mais longe na glorificação dessa deidade perdida na selva matogrossense: dei-lhe o retrato a cores naturais.

Ainda é pouco, de certo, para quem possui, além de tantos encantos naturais, o dom de entoar canções mágicas.

O *rei-dos-bosques* — tento aqui a adoção do nome — é onívoro, quer dizer que, além de comer grãos e insetos, dá suas bênçãos nos frutos, mas, como é tão escassa a espécie, não chega a causar prejuízos aos fruticultores.

Tudo o mais que se possa saber sobre a família dos fringídeos registrarei a seguir, ao tratar de cada espécie.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

AZULÃO (*Cyanocompsa cyanea sterna*) — É o *guarandi-azul* dos antigos autores. Belo e robusto pássaro, de 15 a 16 cm., 7 a 8 dos quais pertencem à cauda. A cabeça, nuca, dorso e tetrazes são dum azul um pouco violáceo, penas rêmiges e cauda negras, parte inferior do corpo inteiramente azul, os olhos, de iris escuro, tem na parte superior uma estria elara.

A fêmea é parda esverdeada, e os machos, quando jovens, têm essa cor, mas as penas rêmiges são anegradadas, bico, iris e tarsos quasi negros.

O ninho esconde-o entre a folhagem de arbustos a pouca altura. É construído com folhas secas, sendo o interior formado de raízes. Ovos $22 \frac{1}{2} \times 15$ mm., com o campo cinza-ardósia, todo pintado de manchinhas cinzentas.

Vive perfeitamente bem em cativeiro, onde se alimenta de grãos, sendo considerado ótimo cantor. Habita especialmente os campos.

Não goza de muita estima entre os cultivadores de arroz e outros grãos de que se alimenta. No Rio G. do Sul é chamado *azulão-bicudo*.

Os ornitologistas hoje reconhecem *C. c. cyanea*, forma do Nordeste, que se distingue pelo azul ferrete lavado mais ou menos intensamente de ultramar, sendo *C. c. sterca* sub-espécie que ocorre do Rio de Janeiro para o sul e grande parte de Mato Grosso, indo até Paraguai e Missões.

O *azulão* do extremo norte (Amazônia) é *Cyanocompsa cyanoides rothschildii*, espécie muito parecida, de 18 cm. de tamanho, mas que bem se distingue por trazer na fronte um azul mais elaro. A fêmea é igualmente parda.

O nome de *azulão*, entretanto, estende-se a outros pássaros, como *Stephanophorus leucoccephalus*, tanagrídeo mais conhecido pelo nome de *sanhão-frade*, de que já tratámos. Em certos lugares dão ainda o nome de *azulão* ao famoso *chopim*.

AZULINHO (*Cyanoloxia glauco-caerulea*) — Bonito pássaro cantor, bem conhecido na Argentina, sob o nome de *azulego*, porém entre nós só parece mais comum no R. G. do Sul, embora ocorra também em S. Paulo e Mato Grosso.

O macho é azul glauco, asas e cauda enegrecidas, as penas têm uma orla azul claro; bico e patas negras.

A fêmea e os jovens são pardos por cima e cor de canela na parte inferior.

Frequentam as matas e capoeiras e constroem o ninho, em forma de tijela, com quatro ovos lindos, pois o fundo é azul celeste coberto de pintinhas vermelhas uniformemente distribuídas.

Os machos costumam empoleirar-se nos ramos altos das árvores, próximo do ninho e aí fazem ouvir maviosas cantigas.

CURIÓ (*Oryzoborus angolensis angolensis*) — Apresenta, como o *bicudo*, um corpo rechonchudo e bico grosso.

Mede quasi 15 cm. o comprimento total da ave. O macho é preto, na parte superior do corpo, a parte inferior é castanha avermelhada, com espelho branco na asa. A fêmea é parda na parte superior e na inferior parda amarelada. Olivério Pinto diz que, não sendo abundante em parte alguma, existe espalhada em todo o Brasil, sem apresentar diferenças apreciáveis.

No extremo norte, Amazônia, pode-se distinguir a sub-espécie *O. c. crassirostris*, de bico menor e com o espelho branco da asa maior.

É por lá chamado *bicudo*.

O *curió* tem direito a ser enfileirado na galeria dos nossos grandes mestres cantores. Há mesmo certa região no norte, Goiana (Pernambuco), que se julga possuidora de uma linhagem de *curiós* invulgares. São cantores de raça e ofício e tal prosápia mostram desta fama, que por vêzes cantam até morrer, desabando do poleiro ainda envoltos nas últimas notas da cantiga.

Correu mundo a fama da tuba canora dos *curiós* goianenses e de lá vieram tais celebridades engaioladas aqui para os amadores do sul.

Ou fôsse orgulho ferido de artista despachado como mercadoria, ou fôsse porque não se adaptassem ao meio, o fato é que os *curiós*, nas plagas sulinas, fizeram figura feia.

Cantavam sim, porém vulgaridades indignas dum grande artista.

Contrariando o antigo ditado, tais passarinhos nortistas somente são profetas na terra dêles.

O ninho, colocado em arbustos e em geral próximo d'água, não é nenhuma obra prima. O material empregado consta de talos e raízes, mas a ave tem o cuidado de colocar as pontas grossas para o lado de fora e as mais finas para dentro.

Os ovos, três em cada ninhada, medem 19×14 mm. e são branco-cinzentos com manchinhas bruno-cinzentas, pintinhas e certas garatujas, como nos informa H. Von Ihering.

BICUDO (*Oryzoborus crassirostris maximiliani*) — Este é o *bicudo* aqui do sul, mas no Norte por igual nome se indica *O. c. crassirostris*, a que já nos referimos.

O macho do *bicudo* sulino é preto, trazendo na asa uma mancha branca, sendo seu bico claro, iris negra.

Os individuos são claros quando novos, reeebendo a designação de *avinhados*. Parece resultar daí a razão de se dar ao *curió*, *Oryzoborus a. angolensis*, por vêzes, a denominação de *bicudo*. Em S. Paulo denominam *bicudo* ao legítimo, dizendo *bicudo-do-norte*, isto é, norte do Est. de S. Paulo. Feita a muda, o *bicudo* ostenta a sua côr preta caracteristica, está "virado", na linguagem dos passarinheiros.

De qualquer forma, quer o *bicudo* sulino, quer seu irmão do extremo norte, são cantores de fama, êmulos dos canários e outros Carusos de pena, alcançando preços altos no mercado da especialidade, onde os amadores os disputam.

Semelhante às cavatinas dos canários e outros improvisos musicais, os bicudos também lançam trinados de estalo, assobio e corrida, consoante a linguagem dos amadores.

Vivem êstes belos pássaros muito aprazivelmente em cativo, alimentando-se de grãos.

São muito sociais, aparecendo sempre em bandos, salvo na época da reprodução, em que, aos casais, vão construir seus ninhos.

Do ninho de um desses bicudos dá-nos notícia circunstanciada o naturalista Oscar Monte ⁽¹⁴⁹⁾, dizendo tê-lo encontrado no campo, em uma arvoreta, a 3 metros de altura, mais ou menos.

Estava localizado em galhos finos e mostrava formato um tanto hemisférico, construído externamente com nervuras das folhas dum arbusto espinhoso, encontradiço nos brejos e à margem dos riachos e chamado vulgarmente morcêgo ou cerca-negro.

Trata-se de ninho bem cuidado e fechado; de construção forte e internamente forrado de raízes brancas muito delicadas.

Completando o informe, acrescenta o autor de que nos estamos valendo: "Nele se achavam dois ovos de campo cinzento claro, com manchas escuras, mais numerosas e carregadas na parte romba, medindo 20×15 mm."

Oryzoborus crassirostris maximiliani habita os campos e capoeiras do Rio de Janeiro, S. Paulo, Mato Grosso, Espírito Santo e Baía.

Costuma aparecer em redor das habitações.

Há ainda uma observação a registrar. No Ceará e Paraíba dão o nome de *bicudo-maquiné* ⁽¹⁵⁰⁾ a uma casta de pássaros, naturalmente do gênero *Oryzoborus*, do qual ainda não houve identificação específica.

O referido pássaro merece grande conceito como cantor.

TRINCA-FERRO (*Saltator maximus maximus*) — É verde azeitonado, na parte superior e na inferior cinzento, exceto na região da garganta, onde sobre a cor amarela se nota uma estria preta de cada lado.

Do ninho de *S. m. maximus* faltam notícias, mas os ovos são bem conhecidos.

Os da coleção José Caetano Sobrinho medem $27 \frac{1}{2} \times 20$ e são iguais aos abaixo descritos dum outro trinca-ferro, *S. s. similis*, cuja parecença com o anterior é grande, mas o dorso é acinzentado.

(149) "Chácaras e Quintais", Fev. 1928.

(150) Há no município de Araruna (Paraíba) uma velha fazenda que tem por nome Maquiné. Serão daí originários os famosos bicudos?

O ninho dêste é colocado na forquilha das árvores, a pouca altura. Trata-se duma tijela bem feita, arcouçada com fôlhas grosseiras e talos, forrada, no interior, com raízes finas. Euler achou um ninho na forquilha dum galho caído ao chão, dentro duma capoeira, no Estado do Rio.



Fig. 33 — Ninho de trinca-ferro
(*Saltator similis*)

Os dois ovos da postura dêste *trinca-ferro* podem ser considerados primorosos.

A casca é lisa, lustrosa, de côr geral azul, vagamente verde. No polo obtuso voluteiam rabiscos capilares e raros, mas vigorosos pontos, como uma escrita taquigráfica, formando estreita coroa. Medem 28×20 mm.

O gênero *Saltator*, além das duas espécies citadas, contém mais cinco, sendo que somente *S. atricollis* mereceu a honra do nome popular de *batuqueiro*.

Registam-se ainda sub-espécies.

BICO-PIMENTA (*Pitylus fuliginosus*) — Bonito pássaro, do tamanho dum sabiá (23 cm.), de côr cinza ardósia escura, lem-

brando a pelagem dum rato, mas com reflexos anilados, especialmente no dorso e sôbre as asas. Face, pescoço, garganta e peito negros, as rêmiges são negras com bordos interiores brancos, as retrizes são igualmente negras. O bico, bastante grosso, é vermelho cinábrio. As côres da fêmea são idênticas, porém mais atenuadas, e o próprio bico é de um vermelho pálido. Os jovens ainda se mostram mais descorados que as fêmeas, tendo o bico amarelo limão. O príncipe de Wied notou que êle prefere viver nas vizinhanças das plantações, a encerrar-se na mata. Vive bem em cativo e durante longos anos. O seu grito é quasi um silvo. Aparece em pequenos grupos ou aos pares. Ocorre desde R. G. do Sul a Baía, Rio de Janeiro; Paraguai.

É em certos lugares chamado *bicudo*, e Pelzeln diz que também era conhecido sob o nome de *guaranisinga* e *puxi-caraim*, nomes naturalmente já desaparecidos da memória do povo.

BICUDO-ENCARNADO (*Periporphyrus erythromelas*) — Deve figurar entre os belos fringilídeos êsse bicudo amazoneuse. O macho, que tem quasi o tamanho dum sabiá, ostenta vistosa côr vermelha escura na parte superior, sendo a inferior dum vermelho claro, quasi côr de rosa. A cabeça é inteiramente negra. A fêmea é olivácea na parte superior e amarela na inferior, mas a cabeça é negra como a do macho.

De seus hábitos tudo se ignora.

FURRIEL (*Caryothraustes canadensis brasiliensis*) — Quando melhor se conhecer esta ave, talvez seja promovida a posto superior.

Por enquanto a sua fé de officio não passa duma simples carteira de identificação.

E lá se encontra: tamanho 22 cm.; côr verde-olivácea, amarelada na parte superior, e amarela olivácea na inferior; sobrançella, freio, faces pretos, e de igual côr, uma mancha no mento, que dá ares de uma “pera”, como deviam usar os furriéis doutros tempos, segundo infundamentada suposição minha.

Êsse bravo lá está pelo Norte, desde o Maranhão a Guiana.

PAPA-CAPIM (*Sporophila sp*) — Quando as gramíneas dos campos, das baixadas, das margens dos rios, lançam suas panículas ou espiguetas e o vento ondeia essa seara, que um gênio tutelar das aves sorrateiramente semeia, espalha-se a boa nova por todos os quadrantes.

Surgem logo, bem avisados, os *papa-capins* e junto no seu bando os *curiós*, os *bicudos*, os *canários*, os *serra-serra* e os *bicos-de-lacre*, enfim a casta inteira dos granívoros.

A mesa ampla estende-se ondulante, o grão é macio e saboroso, o apetite infinito. Não há tarefa mais agradável que comer, quando se tem fome, e os pássaros parece que não pensam noutra cousa.

Então quando o Deus dos passarinhos faz o milagre da multiplicação dos grãos em milhões de miríades, com a liberalidade dum taumaturgo, sem preocupações de economia, a ordem geral é encher o papo.

Logo se diluem e apagam na bruma da memória os dias de escassez e lazeira, onde não havia por toda a terra um só grão disponível. O Deus de misericórdia ouviu as lamúrias e as preces dos passarinhos e fêz brotar da terra aquêlê mundo de sementes.

Agora é comer e cantar louvores.

Assim fazem realmente os *papa-capins* e o seu rancho, quando o capim-guiné, o pé-de-galinha, o naxemim, o capim-flor, a alpista-dos-prados, o império todo das gramíneas floresce e lança sementes.

Não há, entretanto, um pássaro a que se possa chamar, com absoluta justeza, *papa-capim*, porque tal nome quasi se generaliza entre os *Sporophilas* frequentadores dos banquetes que oferecem os capinzais ou arrozais na época da frutificação. O mesmo diremos da designação *papa-arroz*.

Podemos apontar as seguintes espécies do gênero *Sporophila*, que são, por muitos, conhecidas sob o nome de *papa-capim* ou *papa-arroz*: *albobularis*, *cinereola*, *leucoptera*, *caerulescens*, *nigricolis*, *lineola* e ainda outras.

PATATIVA (*Sporophila plumbea plumbea*) — Goza de alta fama, como cantora, a falada *patativa*, e até a eloquente e grande vulto da política brasileira deram o cognome de *patativa-do-Norte*, graças aos seus dotes oratorianos.

Para falar com franqueza, eu preferia a retórica elegante do homem de Estado à incansável, mas mediocre, cantiga da *patativa*.

Os nossos irmãos do Norte são assim superlativos, condoeiros, e, por isso, o setentrião continua a ser, nesta época de petróleo, uma grande mina de poetas.

Não quero com isso desprestigiar tão mimoso passarinho. Em matéria de canto de pássaros, vai muito o gosto pessoal, e sobre gostos, lá diz um velho chavão, já corrente entre a gente do Lácio, não se discute.

Demais a mais os nortistas, ou mais precisamente os paraibanos, gabam certa *patativa*, a de Jacuípe (Paraíba do Norte), e não qualquer outra.

É possível que tenham razão e exista por lá uma verdadeira raça de grandes cantores, que, aliás, está rareando, segundo dizem.

Não é ave abundante e talvez, quando se chegue a apurar bem as cousas, a raça tenha desaparecido e só exista a dos cantores mediocres.

Se é verdade que não vivo enamorado pela loquela lírica da *patativa*, tenho-a na conta de um dos mais graciosos "passarinhos de gaiola".

Essa graça deve-a a pequena ave à natureza da plumagem, que é muito fina, quasi um arminho, e também aos seus modos meigos e, sobretudo, à singular faceirice de afofar a plumagem encorujando-se, amuada, como em arrufo de noiva.

Sobre ninho e ovos nada se sabe.

A espécie, ocorre do Paraná a S. Paulo, Baía, Paraíba, Mato Grosso, Minas; Paraguai, Argentina, Bolívia.

Com o nome de *patativa-do-sertão*, João Leonardo Lima descreve uma outra espécie (*Sporophila sertanicola*) por ele encon-

trada nas matas do alto da serra de Santos, S. Paulo ⁽¹⁵¹⁾, aliás já descrita anteriormente sob o nome de *S. falcistrois*, nome científico que prevalece.

BREJAL (*Sporophila albogularis*) — Os passarinhos aqui no Estado do Rio e Distrito Federal dão a esse papa-capim o nome de *brejal*, sendo, aliás, um cantor digno de aplausos.



Fig. 34 — Patativa do sertão (*Sporophila falcistrois*)

Há, no entanto, um *coleiro-do-brejo* que também por *brejal* é conhecido.

Mede 13 cm. aproximadamente, tendo a fronte, faces e nuca, e uma faixa curva à guisa de gola, situada no peito, negros; o alto da cabeça, nuca, dorso e coberteiras dum cinzento escuro quasi negro, cobertura superior da cauda quasi branca, penas rêmiges primárias negras, secundárias com barbas externas claras, garganta e lados do pescoço, peito, ventre brancos ou mui ligeiramente acinzentados, bico grosso amarelo, iris negro, tarsos anegrados.

É espécie da Baía e para o Rio vinha trazida por embarcações.

Há muitos anos que não vejo este estimado cantor entre as coleções de amadores.

CHORÃO (*Sporophila leucoptera leucoptera*) — Outro *papa-capim* muito vulgar nas gaiolas e amplamente disperso pelo Brasil, pois é encontrado no Rio de Janeiro, Baía, Pará, Goiás, Mato Grosso e Minas. Como quasi sempre acontece com as aves de tão larga distribuição, em condições mesológicas diversas, assinalam-se variações específicas e daí as sub-espécies, de que não falarei. Registro, entretanto, alguns nomes populares por que são conhecidos: *cigarra*, *bico-vermelho*, *papa-capim*. Mede 13 a 14 cm., tendo a cabeça, dorso, retrizes e cauda de um cinzento ardósia; penas rêmiges, anegradas; garganta, peito e ventre, brancos ou ligeiramente acinzentados; uropígio branco; bico forte, grosso, avermelhado; iris negro; tarsos anegrados.

(151) Aves coligidas no Est. de S. Paulo, Mato Grosso e Baía, com algumas formas novas. "Rev. Mus. Paulista", Vol. XII, 1920.

O canto desta avezinha tem algo de triste e talvez daí o nome de *chorão*, batismo imaginoso dos passarinhos aqui do Estado do Rio de Janeiro.

PICHOCHÓ (*Sporophila frontalis*) — Dentre os de seu gênero distingue-se bem, já por ser um dos maiores, já por uma estria branca que lhe marca o sobrolho.

A plumagem da parte superior é verde olivácea, da inferior esbranquiçada, notando duas faixas amarelas na asa. É chamado também *pichanchão*, ou simplesmente *chã-chão*.

Entre os inimigos dos arrozais lá está escrachado o *pichochó* e isso lhe vale certa perseguição por parte dos rizicultores e a alcunha de *papa-arroz*, que, aliás, não lhe tira o apetite. O ovo é semelhante ao do *coleiro-virado*, um pouco maior. É comum encontrá-los em gaiola onde, em matéria de canto, não vão muito além do *pichó-pichó*.

É espécie que ocorre do Rio Grande a S. Paulo e no Rio de Janeiro.

CABOCLINHO (*Sporophila bouvreuil bouvreuil*) — Vou descrevê-lo como o conheci. Mede 12 cm.

O macho tem a cor geral pardo-esverdeada, com o lado inferior pardo-amarelado; vértice, asas e cauda enegrecidas, bico e tarso anegrados, iris negra. A fêmea é de cor parda, sendo amarelenta na parte inferior.

Alimenta-se de sementes, grão, etc. e resiste bem ao cativieiro. O canto é muito agradável.

Passarinho comuníssimo nas matas do Rio de Janeiro, mas que é igualmente encontrado em S. Paulo, Minas, Baía, Pará, Goiás e Mato Grosso.

Os passarinhos dão o nome de *caboclinho-do-Norte* a um passarinho deste mesmo gênero (*Sporophila minula minula*), um pouco menor, 11 cm., com a nuca e o dorso pardo ferruginoso, vértice, rêmiges e cauda negros; garganta, peito, ventre e uropígio pardo ferruginoso um pouco mais claro que o dorso. Fêmea e jovens são pardo-arruivados. Comportam-se bem em cativieiro e são excelentes cantores.

Embora seja chamado *caboclinho-da-Baía*, vejo pelo catálogo de Ihering que a espécie, no Brasil, só ocorre no Pará. Acho, pois, que melhor lhe enquadra o nome também popular de *caboclinho-do-Norte*.

Entre outros é chamado *coleiro-do-brejo*, em S. Paulo, um passarinho muitíssimo parecido com o *caboclinho*, apenas distinguido dele por ter o lado ventral branco e o bico preto, enquanto que o daquele é fusco. Trata-se de *Sporophila bouvreuil pileata*.

COLEIRO-DO-BREJO (*Sporophila collaris collaris*) — Mede 13 a 13 1/2 cm. de comprimento, 7 a 8 dos quais pertencem à cauda, tendo a fronte, que de cada lado ostenta uma manchinha branca, cabeça, nuca, penas rêmiges e cauda, negros; dorso, testrizes e cobertura da cauda, de um pardo amarelado; garganta, alvacentas; lados do pescoço, peito, ventre e uropígio, de um amarelo barrento claro; bordo anterior da asa, tendo uma pequena mancha branca; garganta com uma espécie de gola negra, separando-a do peito; iris negro; bico fusco e tarsos anegrados. Jovens de cor geral pardo-esverdeada, com as penas rêmiges, e a cauda anegrada; peito e ventre pardos, iris negro, bico e tarsos anegrados.

Estendo-me um tanto na descrição, porque as espécies do gênero *Sporophila* apresentam pouca distinção entre si.

O coleiro-do-brejo, coleiro-de-sapê ou brejal, como também é chamado, goza de estima como cantor.

Goeldi dá o nome de *coleiro-do-brejo* à espécie conhecida entre nós pelo nome de *coleiro-virado*. Ihering também aponta sob aquêle nome outras espécies que não ocorrem no Rio de Janeiro, onde é comum a que descreví.

COLEIRO-VIRADO (*Sporophila caeruleascens*) — É a vítima infalível de todos os passarinhos.

Não há amador de pássaros que não tenha o seu “virado”, *virado* que, aliás, “não troca por nenhum outro”.

Podem queixar-se do *canário*, do *avinhado* ou do *chã-chão*, mas com o *coleiro-virado* sempre estão contentes e julgam-no sem igual.

Frequentes vêzes, realmente, são bons cantores, e alguns indivíduos tornam-se notabilidades líricas.

Não obstante a alta estima que desfrutam são grandemente judiados.

Inventaram até um suplício especial para o pobre *coleiro-virado*.

Instalam-no numa espécie de gaiola de papagaio em miniatura, e aí o prendem, com uma correntinha fina, que lhe amarram ao pescoço.

Ao alcance do bico põem uma pequena caixa, com tampa, dentro da qual depositam a alpista. Para que a avezinha possa comer, tem de levantar, com o bico e a cabeça, a tampa da caixinha.

Ainda não para aí a invenção diabólica. A água é posta no chão da gaiola, onde a ave, presa ao fio, não pode chegar.

Junto ao poleiro em que está pousada, existe outra correntinha e, no extremo desta, um dedal que mergulha na água do bebedouro.

Para saciar a sede, a ave tem que puxar a corrente com o dedal, cheio de água.

Em matéria de perversidade nem na China se encontra cousa mais perfeita.

O *coleiro* sofre as torturas da fome e da sede, como Tântalo, com a água ali à vista e a comida próxima ao bico.

O dono, geralmente um garoto, fica apreciando os esforços da ave, para saciar a sede e aplacar a fome.

Alguns coleiros, quando ainda jovens, conseguem aprender a levantar a tampinha da caixa e a puxar a corrente, mas a maioria morre de fome e sede.

É um espetáculo de requintada crueldade e hoje felizmente não mais permitido, pois os animais gozam de proteção do Estado.

O *coleiro* é um pássaro bonito e, embora muito conhecido, aqui faço uma descrição bem minuciosa. Mede 13 cm., 5 a 6 dos quais pertencem à cauda.

São de cor negra, a fronte, faces, cabeça, nuca e a região que fica por baixo da mandíbula inferior, em forma de gola, coleira, ⁽¹⁵²⁾ separando assim a garganta do peito.

São de cor cinzento-ardósia, quasi negro, o dorso, tetrazes e coberteira da cauda, sendo, entretanto, negras, quer as penas da cauda, quer as remiges.

Uma raja que parte da raiz da mandíbula inferior, bem como a garganta, o peito, o ventre e uropigio são brancos ou levemente acinzentados.

Iris negro, bico amarelo-esverdeado, tarsos anegrados.

As fêmeas são pardo-oliváceo-claras, com asas e cauda mais escuras, parte inferior clara, lavada de ocráceo, e o centro do ventre, branco.

A plumagem dos jovens é parecida com a das fêmeas, sendo conhecidos nesta fase por *coleiros-pardinhos*.

Aos três meses já se nota o collar preto, que se vai acentuando; então, "o *coleiro* está virando", na linguagem dos pas-sarinheiros.

É ave granívora e aparece em bandos, às vezes numerosos, especialmente nos capinzais, sendo por isso chamada, como tantas outras, *papa-capim*. Esses bandos chegam a causar estragos nas culturas de arroz.

Aninha-se geralmente nos arbustos a pouca altura e, por vezes, em árvores. Euler notou-lhe a preferência pelas roseiras e diz de seu ninho que é "uma tijelinha relativamente funda,

(152) Tal disposição de cores, afetando a forma de uma coleira, deu este nome à ave, e assim é ela chamada, mas aqui no Distrito Federal e Estado do Rio, sempre ouvi dizer *coleiro*. No R. G. do Sul denominam-na *coleirinho*.

trabalhada com certa arte, embora de parede transparente. Emprega exclusivamente finas radículas como material”.

Os ovos, em número de três, são de fundo branco esverdeado, completamente cobertos de manchas alongadas e pontos de côr parda amarelada, não raro, com garatujas pretas no polo agudo. Medem $17-18 \times 12 \frac{1}{2}-13$.

A distribuição desta espécie é vasta, indo da Argentina à Baía, Minas, Mato Grosso, Paraguai, Bolívia.

O gênero *Sporophila* contém cerca de 30 espécies com as suas sub-espécies, muitas chamadas simplesmente *colciro* ou *papa-capim* e outras conhecidas por diversas designações, como estamos vendo.

COLEIRO-DA-BAÍA (*Sporophila nigricolis nigricolis*) — É um tanto parecido com o *coleiro-virado*, mas dêle bem se distingue. Olivério Pinto escreve ⁽¹⁵³⁾:

“Não há possibilidade de confusão entre os machos dêste *papa-capim* e os de outra espécie próxima (*S. c. caerulescens*) muito espalhada no sul e centro do Brasil e dada como existente também na Baía”.

As fêmeas, entretanto, faz notar aquele ornitologista que, por vêzes, se podem confundir.

Espécie do Rio de Janeiro e do Mato Grosso para o Norte.

Os passarinhos aqui do Rio dão a êste passarinho o nome de *colciro-da-Baía*, *coleiro-da-serra* e *gravatinha*. Olivério regista apenas *papa-capim*. Resiste bem ao cativeiro e é bom cantor.

BIGODE (*Sporophila lineola*) — O macho tem a parte superior do corpo negra, ostentando no vértice uma estria branca e, desta mesma côr, uma risca que corre sob cada ôlho à maneira dum bigodinho. A parte inferior do corpo é branca, mas a garganta é negra. O ovo dêste *papa-capim*, aliás chamado *coleirinha*, em Goiás, é dum branco crêneo, com manchas ora escuras, superficiais, ora roxas, profundas, segundo Nehrkorn. Mede $17 \frac{1}{2} \times 13$ mm.

Distribuição geográfica: S. Paulo, Baía, Amazônia, Mato Grosso, Venezuela, Paraguai e Argentina.

SERRA-SERRA (*Volatinia jacarina jacarina*) — Mede 10 cm. de comprimento, ou pouco mais. A côr geral é azul ferrete cambiante, olhos negros, pés anegrados e bico esbranquiçado. Quando novo, tem a fronte, cabeça, nuca, dorso, cobertura das asas pardo-amarelados, penas rêmiges e cauda anegradas, garganta pardo-clara; ventre e uropígio esbranquiçados.

(153) “Aves da Baía” — Rev.Mus. Paulista, t. XIX.

O macho muda de coloração do inverno para o verão, apresentando assim o mesmo traje dos indivíduos novos. As fêmeas são pardas.

Costumam, em certos lugares, aparecer em bandos numerosos, na época da frutificação de certas gramíneas.

O nome *serra-serra* origina-se de a ave, todas as vezes que emite o seu *t-siu*, dar um salto vertical do lugar em que está pousada, alcançando cerca de 1 metro de altura e voltando ao mesmo lugar. O povo vê nisso o movimento da serra.

Por ser ave muito vulgar, recebeu nomes diversos, como *tisiu*, *tiam-tam-preto*, *alfaíate*, *veludinho*, etc.

O ninho costuma fazê-lo em sebes espinhosas e arbustos, meio escondido, mas a pouca altura. É em seu formato uma tijelinha achaparrada, de urdidura meio frouxa, feita de talos e raízes. Os ovos, em número de dois, são ovalados, setinosos, com campo branco, salpicado de marron, marron-avermelhado, e um nada de púrpura evascente.

No polo rombo há um círculo de côr. Tamanho 16,6-17,5 $\times$ 11,8-15,5 mm.

Tal espécie vem da Argentina e Paraguai e distribue-se por todo o Brasil até Pernambuco, sendo daí para o Norte substituída por outra: *V. j. splendens*, que apenas difere daquela por uma mancha branca no lado inferior da asa do macho.

Os ovos foram descritos por Pedro Velho, que informa terem 16 $\times$ 12 mm. e apresentarem campo branco, levemente esverdeado, com numerosas manchinhas no polo rombo e esparsas noutra extremidade.

PINTASSILGO (*Spinus magellanicus ietericus*) — A beleza dêsse passarinho corre junto a sua alta fama de cantor. Poucos são os que lhe não apreciam o canto, que é meigo e delicado.

Embora se mostre um tanto agitado dentro da gaiola, entoa as composições musicais com ternura de artista apaixonado, sem espalhafato, não se preocupando com a platéia, como Carnio o faria na intimidade do lar, em tom menor, de maneira que os vizinhos não o ouvissem graciosamente. É um cantor que fala à alma dos poetas, e diz lindas histórias veladas, mágoas que ninguém entende ou suspeita sequer.

O canto do *pintassilgo* aproxima-se grandemente do *canário-do-reino*, na frase simplesmente, sendo outros a intonação e o sentimento.

É um dos mais conhecidos pássaros de gaiola e logo distinguido pela sua inconfundível plumagem verde-olivácea no dorso, com as rêmiges primárias de base amarela e todo o restante negro, cauda também negra com base amarela. A plumagem da cabeça é negra, como se lhe acertassem uma longa carapuça

daquela côr que lhe vem, como gola, tomando a parte superior do pescoço e caindo por diante, em bico, quasi até o peito. Bico e patas anegrados. Isso a vestimenta do macho, pois a fêmea, que é algo menor, mostra côr amarela esverdeada, mais apagada que a dos machos, e carece, totalmente, da longa carapuça negra.

São aves de tamanho pequeno: 11 a 13 cm.

Habitam de preferência a mata e constroem o ninho na forquilha das árvores ou arbustos, a pouca altura. O ninho é uma tijelinha, algo funda, tecida de raízes finas claras e sem revestimento, segundo o que eu conheço. Os observadores citados por H. Ilhering ⁽¹⁵⁴⁾ dizem que é forrado de penas e crinas.

Os ovos são brancos, muito vagamente tocados de azul celeste, sem máculas, por vêzes, mas encontram-se ovos com umas pintinhas perdidas de côr marron. Medem $16\frac{1}{2}$ - 17×12 .

A distribuição geográfica da espécie referida estende-se desde Chile, Argentina, Paraguai, até Rio G. do Sul.

Os ornitologistas distinguem uma sub-espécie, algo menor e dum amarelo mais desbotado no abdome (*S. magellanicus aleni*), que ocorre através de Goiás até a Baía e que habita o campo e não a mata, como o de que vimos tratando.

Os pintassilgos amam a liberdade, como os sociais democratas, e por isso os indivíduos adultos, os de caráter já formado, não se acomodam às restrições da gaiola, mesmo dourada, e morrem numa proporção talvez de 70 %.

É preciso recrutar os da geração nova, os que ainda mal prelibaram as doçuras da liberdade, para que se acomodem às exigências da sujeição e vivam cantando, no poleiro que o dono lhes preparou.

Os amadores de pássaros sabem obter mestiços, acasalando um macho de pintassilgo com a fêmea do canário europeu, de preferência com a canária hamburguesa, por ser de menor tamanho.

O mestiço recebe o nome de *pintagol* ou *arlequim*, assemelhando mais ao pintassilgo que ao canário.

São extraordinários cantores, rivalizando, muitas vêzes, com os melhores canários.

CANÁRIO-DA-TERRA (*Sicalis flaveola holti*) — Deu-se, no Brasil, o nome de *canário-da-terra*, por opposição ao que nos vinha de Portugal, *canário-do-reino*, a pássaros, aliás, da mesma família daquêle e, muito especialmente, a *Sicalis flaveola holti*.

O *canário-da-terra* mede 12 a $13\frac{1}{2}$ cm., 5 a $5\frac{1}{2}$ dos quais pertencem à cauda. A fronte e o vértice são dum amarelo laranja vivo, nuca, dorso, tetrizes e cobertura da cauda, de côr

(154) "Catálogo crítico-comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil" — Rev. Mus. Paulista, t. IV.

amarela esverdeada; rêmiges e cauda, negras com as barbas externas de um amarelo esverdeado; garganta, peito, ventre e uropígio de um amarelo vivo; face interna das asas e da cauda de um amarelo pálido esverdeado; iris negro; bico com a mandíbula superior côr de chifre e a inferior amarelada mais ou menos escura; tarsos tirantes à côr de carne.

Os jovens são de um verde azitona com muitas estrias anegras no dorso, peito e ventre; penas rêmiges e cauda quasi negras, com as barbas externas esverdeadas; iris negro; bico com as mandíbulas escuras; tarsos anegrados.

A fêmea é parecida com os jovens, mas nota-se, à altura do peito, uma faixa amarela clara, caráter que não existe nas fêmeas de *S. f.pelzelii*.

Aquí no Estado do Rio dão à fêmea o nome de *coroia* e *canário-pardinho*.

Desviando-se das normas gerais da família, o *canário-da-terra* nidifica no ôco das árvores, uma cavidade qualquer que encontre e, por essa razão, gosta de se aproveitar do ninho do *joão-de-barro* e do palacete do *bentererê* e de outras espécies do gênero *Synallaxis*.

São bons cantores e fácil se habituam ao cativeiro.

O príncipe de Wied dizia que o canário e o pintassilgo eram os dois pássaros brasileiros que melhor cantavam. Os indígenas, de certo que muito o apreciavam, e tanto assim que lhe deram o nome de *uirá-nheengatú*, o que significa *o que canta bem*.

No estado silvestre vivem aos casais e, como são muito ciosos, os machos travam lutas entre si.

Nessa ocasião as fêmeas dos lutadores, as *coroias*, quando não lutam também, acompanham a briga com seus *corrulchieis* estimulantes, dando fogo ao macho, que parece então duplicar as forças.

A luta prolonga-se, às vêzes, por cerca de sessenta minutos, terminando pela carreira inevitável do vencido, perseguido pelo vencedor.

Minutos após regressa este à fronde da árvore, onde já o espera a doce companheira, corrulchiando, e aí permanece à luz do sol, como sentinela vigilante, ativo e côncio de sua força, trinando agudamente num verdadeiro desafio.

No Norte, onde lhe dão o nome de *canário-do-Ceará*, costumam criar *canários-da-terra*, visando ao esporte, aliás bárbaro, da luta.

Para isto costumam pegá-los quando em luta natural um com o outro, ocasião que não é difícil prendê-los, tão empenhados se acham na peleja. Os canários apanhados em alçapão, quando em busca de alimento, raro se prestam para a luta.

Os machos cantam, quando isolados, em gaiolas.

Os casais em viveiros comuns procriam facilmente.

Quando casado, prendendo-se à fêmea (*coroia*) e mostrando-se um *bug* (canário que não briga), pode-se soltá-lo sem receio de que fuja, desde que mostre desejos de brigar.

Nesse caso ele acompanhará o *bug* para onde se quiser, prendendo-se sem a menor dificuldade. O *bug* serve de isca e é sempre surrado. Aumenta o fogo dos casais, predispondo-os à luta.

Para fazer eriação usa-se um viveiro igual aos empregados na criação do canário europeu, mas o ninho é fechado, uma bola de palha, com um orifício de entrada. A incubação dura 14 a 15 dias.

Os ovos medem $19-20 \times 15-15 \frac{1}{2}$. São braneacentos com manchinhas acinzentadas e sépia, às vezes distantes, mas geralmente tão densamente espalhadas pela superfície, que dão ao ovo uma aparência de cor parda. Postura 4 ovos. Faz três posturas ao ano.

O *canário-da-terra* alimenta-se especialmente de grãos. É visitante comum dos galinheiros, nas fazendas do interior do país, onde quasi sempre o tenho visto em companhia de outros apreciadores de grão.

Distribuição: Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Baía, Goiás, Minas Gerais ao Pará e Venezuela.

CANÁRIO-DA-HORTA (*Sicalis flaveola pelzelni*) — É muito parecido com o anterior, um tanto menor. Distingue-se dele, entretanto, escreve O. Pinto, “pelos riscos eseuos nos flancos e pelo amarelo vivo e maior mesela de pardo no conjunto da plumagem especialmente no dorso e finalmente pela cor do pileo, muito manchado de pardo eseuo e apenas tingido de laranja no limite frontal. As duas raças experimentam transição do nível de S. Paulo, onde ocorrem sem se misturar”.

As fêmeas, na parte inferior, são braneacentas com estrias anegradas longitudinais na região do pescoço, parte do peito e flancos. Parte superior cinza terrosa, com estrias anegradas longitudinais.

Orla das rémiges amarelo-esverdeada e as interiores dum amarelo apagado.

As fêmeas d'êste canário diferem mais acentuadamente das fêmeas do *canário-da-terra*, que os machos respectivos.

Seus hábitos são, um tanto semelhantes ao do anterior, e aparecem em pequenos bandos, frequentando as hortas, jardins e aviários em busca de sementes. Em certa quadra do ano andam aos casais. São mansos e aninham-se em árvores, mas onde não se vêm perseguidos, fazem o ninho em qualquer reento.

O ninho, que contém quasi sempre 4 ovos, e às vezes 5, é composto com palha e crina, um tanto fofo. Os ovos, que medem $17 \frac{1}{2}-20 \times 12-14 \frac{1}{2}$, são de contorno ovalado pontegudo, quasi

sem lustro, por vêzes com fundo creme, ou esverdeado, sempre manchado e salpicado de marron, cinzento e lilá.

Também gostam de tomar conta de ninhos abandonados do *joão-de-barro* e de outros.

J. A. Pereira ⁽¹⁵⁵⁾ tem encontrado ninhos com 7 ovos, alguns um tanto menores, e supõe que se trate de ninhos tomados a outras fêmeas que já houvessem iniciado a postura.

É apreciável cantor e, neste particular, muito mais digno de atenção que o seu parente *tipiu* (*Sicalis luteola luteiventris*).

Em cativeiro, onde se dá bem, costumam misturar-lhe ao alimento pimentão doce sêco em pó e farinha de rosca, manjar que não só lhe agrada, como lhe torna a plumagem de um amarelo alaranjado, que assaz se acentua, principalmente na fronte e vértice.

A espécie de que tratamos ocorre em Mato Grosso, Pará, Baía, Rio de Janeiro, Minas, S. Paulo e R. G. do Sul, onde é conhecida por *canário-do-campo*. É também encontrada no Paraguai, Argentina e Bolívia.

Ainda no gênero *Sicalis* há outras espécies de aspecto semelhante conhecidas igualmente sob a denominação de canário.

Muito vulgar na Amazônia é *Sicalis colombiana goeldii* que, além de outros característicos, se distingue por ser um tanto menor e quasi inteiramente amarelinho.

TIPIU (*Sicalis luteola luteiventris*) — É ainda do grupo dos nossos canários, porém mais conhecido sob o nome de *tipiu* ou *tíbio*, aqui no sul.

É algo parecido com o *canário-da-terra*, sendo no entanto menor.

A parte superior do corpo é verde oliva com barras longitudinais escuras, que seguem o raquis da pena; a parte inferior é amarela com manchas oliváceas sujas. O lado inferior da asa é cinzento. Andam em grandes bandos e por isso são caçados por meio de redes.

Aninham-se em buracos de árvores, ou nos dos muros, quando não tomam conta dos ninhos abandonados. Há quem lhes observasse ninho no solo, entre capins.

Não obstante seu regime granívoro, têm-se encontrado sempre em seu estômago colcópteros diversos, inclusive o crisomelídeo *Diabrotica speciosa*, uma das "vaquinhas" tão prejudiciais às plantas cultivadas.

Os ovos, 4 a 5 em cada postura, são de um oval largo, mas por vêzes alongado, com fundo branco, muito salpicado e manchado de marron avermelhado e lilá.

(155) "Memorias del Jardín Zoologico", vol. IX, p. 276, 1938.

O tamanho destes ovos varia grandemente e assim podemos dar esses limites extremos $15-20 \times 12 \frac{1}{2}-14 \frac{1}{2}$.

Os gaviões dão caça a esses passarinhos, sem dó nem piedade. Quando acerta ser surpreendido um bando de *tipius*, no campo, por um rapace qualquer, observa-se uma curiosa manobra. O bando inteiro, comandado sem dúvida por um mais velho, levanta o vôo e, aos gritos, evolue em pelotões compactos descrevendo cambalhotas no espaço.

Distribuição geográfica: S. Paulo, R. G. do Sul, Mato Grosso e Amazônia; Bolívia, Paraguai e Argentina.

TICO-TICO (*Zonotrichia capensis matutina*) — Quando os animais readquirirem o dom de falar, que perderam, como rezam tradições imemoriais, a primeira ave que nos vai dirigir a palavra é, por certo, o *tico-tico*.

Nenhum como ele se mostra tão desejoso de entrar em relações amistosas com o homem.

Onde se implante uma choupana, onde se instale um jardim, onde haja um quintalejo, lá está o gentil *tico-tico*, pipilando amabilidades, limpando a horta, embora, por vezes, arranque uma sementezinha.

Sim, porque, no final de contas, todos os que trabalhamos cobramos o nosso jornal, e ele, sempre modesto, não quer fazer exceção.

Ajustadas as contas, vemos que o salário é nada, diante do trabalho prestado.

Houve de certo patrões recalcitrantes, que julgavam o bom operário um valdevinos e lhe carregavam nas culpas de sementeiras mal nascidas oriundas de velhas sementes já sem vida.

Propalava-se o boato e, como sempre sobejam os maus, em detrimento dos bons, já se assoalhava por aí além que era preciso dar fim à terrível casta dos *tico-ticos*, que, com um arzinho de sonsos, eram refalsados amigos das hortas e engordavam à custa das sementeiras malogradas.

Se nada fazendo de mau, os passarinhos não lhe poupavam a vida, então agora que lhe arrumavam às costas pesadas culpas, os pobrezitos teriam de desaparecer.

Houve então um naturalista, o dr. Rodolpho Ilhering, que tomou o encargo de esclarecer o caso.

Para saber de que se alimenta uma ave silvestre, só há um meio: examinar-lhe o conteúdo estomacal.

Eram alguns indivíduos sacrificados em favor de toda a raça.

O resultado deste estudo, diz-nos o naturalista citado, nas seguintes palavras ⁽¹⁵⁶⁾:

(156) "Contos de um naturalista", S. Paulo, 1924.

“É com verdadeira satisfação que agora comunicamos o seguinte resultado, altamente lisonjeiro à reputação do nosso *tico-tico*, como fator econômico. Em três indivíduos sôbre quatro predomina o alimento animal, constituído por insetos, tais como besouros (conseguimos identificar apenas os da família *Staphilinídeos*), formigas e outros restos quitinosos, cuja proveniência específica não nos foi possível reconhecer.

É notório o apetite abençoado dos passarinhos; êles comem quasi que o dia inteiro (com exceção apenas de curtas horas de sesta, durante a canícula) e assim, como o demonstrou um naturalista, um passarinho ingere, por dia, um “quantum” de alimento igual a seis vêzes o volume do conteúdo do estômago repleto. Ora, nas nossas investigações encontramos, nos estômagos dos *tico-ticos* examinados, fragmentos de insetos em quantidade tal, que demonstraram haver cada avezinha devorado pelo menos 10 a 15 insetos maiores (besourinhos, formigas, etc.) além de outras formas menores (talvez larvas e ovos de insetos). Para que não incorramos em nenhum exagêro, calculemos em 20 apenas o número de insetos contidos, em média, no estômago de cada um dêsses passarinhos. Pelo que ficou dito acima, cada avezinha dará cabo, portanto, diariamente, de 120 insetos, entre adultos e formas larvais.

Continuemos o cálculo.

No jardim ao redor do Monumento do Ipiranga, nessa ocasião temporariamente abandonado, com uma área de mais ou menos 30 mil metros quadrados, havia um bandinho de seguramente 40 *tico-ticos*. Êstes nossos pequenos operários destroem, por dia, segundo cálculo supra, 4800 insetos e, em uma semana, terão eliminado 33.600 bichinhos, alguns inofensivos, mas também muitos que estavam estragando as plantas ou preparando posturas, das quais iam surgir milhares de larvas daninhas.

Mesmo que a alguns pareça insignificante êste serviço, haverá quem o possa dizer supérfluo?

E por outro lado, que prejuízo nos poderá causar êste bando alado. Não sabemos se há em cartório queixa formal contra os nossos amiguinhos: prejuizos alegados pelos hortelões, que, porventura, lá uma vez ou outra tenham suas sementeiras desfalçadas, devido a algum “tico” que revistasse mais detidamente os canteiros.

Em todo caso, êsses pequenos malefícios, desde logo, êles mesmos indenizam largamente, catando larvas daninhas, as quais, durante o seu ciclo evolutivo, devorariam valores agrícolas incomparavelmente maiores”.

Quis apresentar o réu já limpo das culpas que injustamente lhe tsnavam a reputação e agora passarei a descrevê-lo.

Parece que não será preciso gastar muita tinta na pintura do *tico-tico*, tão conhecido é êle.

Com a côr cinza escura lhe esboçaremos o dorso, com cinza claro o peito até o crisso, manchas brancas nas extremidades das coberteiras das asas, e uns riscos pretos, trípticos, em cada lado da cabeça, um por baixo do ôlho, outro que daí parte para trás e o tereeiro que, vindo por cima do ôlho, se liga ao que, na parte oposta, também corre nessa direção.

Essas risquinhas dão ao passarito o melhor da sua individualidade, individualidade que um topete, também cinzento escuro, ainda mais acentua. Bastaria pintar essa cabecita para sabermos a quem pertence.

Os indivíduos novos usam, até um ano de idade, uma roupeta de criança, diferente do trajo dos "mais velhos". A côr geral é cinza clara, mas toda pineçada de tracinhos pretos, tracinhos êsse que na cabeça se apresentam, como no adulto, porém ainda confusos e mal delineados.

As fêmeas parecem-se com os machos, mas, observando bem, percebe-se que as côres são mais apagadas e o topete menos empinado.

Quanto aos hábitos do *tico-tico*, dado a sua sociabilidade, não há mistério. Do convívio do homem não se afasta e, pela manhã, já o temos no quintal aos pares, e, por vêzes, em pequenos grupos. Mariscando pelos canteiros, não cessa de palear com os colegas, no seu *tic-tic*, que lhe valeu o nome popular e que parece sempre a mesma palavra, mas talvez não seja. A sua linguagem monossilábica ouvida por nós outros, não parece dizer senão a mesma cousa. Quem nos dirá que as nuances ou gradações destes *tic-tic* significam cousas diversas? Se o assustamos, se acaso um bicho qualquer surge no quintal onde está o grupo de pássaros, o *tic-tic* tem entonações de zanga que bem percebemos.

Em geral os grupos vivem em boa paz, paz européia: cada qual pensando no momento da briga.

E o momento chega com a época de escolher espôsa. Cada *tico-tico* transforma-se num desordeiro; rebotam rixas, de instante a instante, e os valentões, atracados, rebolam do cimo das árvores ao chão, empenhados em luta corporal. Passada a grande crise dos amores, vêm as preocupações da família, e aqueles bravos de outrora transformam-se em eriaturinhas pacíficas, entregues de todo a criação e educação dos filhos.

Em matéria de canto, o nosso amigo o *tico-tico* é duma simplicidade absoluta. Pela manhã e pela tarde, às vêzes já ao anoitecer, êle nos assevera que a sua vida não é lá grande cousa, e naturalmente podia ser bem melhor, se não houvesse tanto gato neste mundo e se as erianças não fôsem tão ruinzinhas. E assim êle nos diz, muito francamente, como de amigo para amigo: "minha vida é assim, assim, assim". Quando um canta, logo outro responde.

Não sei porque sempre simpatizei com essa confiança meio queixosa da avezinha; é que talvez a minha vida, qual a dela, tem sido sempre assim, assim.



Fig. 35 — Ninho de tico-tico parasitado por *Molothrus*

Como mostra predileção pelas clácaras, hortas e jardins, é por ali mesmo, sempre a pequena altura e até, por vêzes, no próprio chão, escondido entre moitas, que constrói o ninho. Amigo da família, toma sempre o maior desvêlo em preparar o berço para os pimpolhos. Este berço, o ninho, é uma tijela bem variável de tamanho, em geral $5\frac{1}{2}$ a 6 cm. de diâmetro. O material que entra na confecção também varia, segundo os recursos disponíveis. Por via de regra, talos, raízes e fôlhas arcabouçam a construção e, por dentro, dispõem material mais macio, ervinhas sêcas, delicadas, cabelos.

Pode-se, pois, colocar a ave entre as de bom gosto artístico.

Euler estudou com muita minúcia vários ninhos que teve ensejo de observar, e H. von Ihering suspeita que os ninhos feitos no fim do verão se apresentam mais descuidadosamente arranjados que os da primavera.

As posturas são normalmente de três ovos.

Tenho aqui presente a coleção oológica de José Caetano Sobrinho, onde existem 10 ninhadas, 5 das quais estão parasitadas pelos ovos de *Molothrus*. Das ninhadas não parasitadas duas têm 4 ovos, uma 3 e duas apenas 2 ovos cada uma.

O tamanho do ovo varia entre $19\ 1/2-21 \times 15$ mm., e o formato, ora é oval alongado, ora curto.

A côr fundamental do ovo é um verde marinho claro, por vêzes levemente azulado e sempre salpicado por pingos e pontos de côres nem sempre constantes, porém o mais das vêzes pardo-avermelhadas, dando um aspecto sardento. Os pingos aglomeram-se no polo rombo, formando cúpula, que é um conjunto de pintalgado mais cerrado, a coroa, na linguagem dos oologistas.

Quantos dias demora a incubação dos ovos? Franco da Rocha, num estudo sobre a ave de que tratamos ⁽¹⁵⁷⁾, embora não observasse com rigorosa exatidão, julga que leve 12 dias, e, após nascidos, dentro de meio mês já estão emplumados e vão cuidar da vida.

O *tico-tico* é a vítima predileta do *chopim*, que lhe prefere o ninho ao de qualquer outra ave, para as posturas clandestinas. Ao tratarmos do *chopim*, esmiuçaremos curiosos aspectos deste parasitismo. Oscar Monte informa que no Norte dão ao *tico-tico* o nome de *maria-judia*, e em Sergipe, *Jesus-meu-deus*.

PICHOCHÓ (*Haplospiza unicolor*) — Só pelo nome vulgar pode ser confundido com o outro *pichochó*, pois dêle difere grandemente, por trajar-se o macho, de negro cinzento, quasi uniforme, e a fêmea, de esverdeada côr.

Entretanto, numa cousa ambos os *pichochós* se parecem, porque são, igualmente, doidos por arroz. Que o digam os rizicultores rio-grandenses.

Nada mais encontrei sobre a vida dêste papa-arroz.

QUEM-TE-VESTIU (*Poospiza nigro-rufa*) — É um passarinho muito parecido com o *coleiro-virado*, ao qual os riograndenses do sul dão o nome de *quem-te-vestiu*, parece que por influência do nome vulgar idêntico que corre na Argentina: "quién te vistió".

A fêmea é um tanto menor que o macho e mostra-se, na parte superior, menos escura, mas a parte inferior é leonada clara, com estrias e salpicos anegrados. Os indivíduos jovens de ambos os sexos são parecidos com as fêmeas, porém mais escuros. O ninho, ora é colocado em arbusto, mas muito próximo ao solo, ora é situado no chão. Os ovos, 3 em cada postura, são azues-claros com salpicos brancos e pretos irregulares.

A espécie ocorre em Sta. Catarina, R. G. do Sul, Paraguai e Argentina.

Do gênero *Poospiza*, de que, ao todo, ocorre meia dúzia de espécies no Brasil, há ainda a citar a chamada *andorinha-do-*

(157) "Ornitologia", S. Paulo, 1923.



ôco-do-pau (*Poospiza cinerea*), que habita especialmente Minas, Goiás e Mato Grosso, nada transpirando sôbre seus costumes, possivelmente excêntricos, a julgar pelo nome vulgar.

Se o povo lhe deu tal designação, é porque, assim suspeitamos, ela se aninha em cavidades das árvores, o que constitui uma quasi excentricidade entre os fringíídeos.

Suposições apenas sugeridas pelo nome.

A *Poospiza lateralis cabanisi* cabe o nome de *tico-tico-do-campo*, nome, aliás, mais geralmente empregado para designar outra espécie do gênero *Myospiza*, como veremos adiante.

Os ovos de *P. l. cabanisi* são de um bonito azul carregado com pontos e manchinhas pretas. Medem $19,5 \times 15$. São do tamanho de um ovo de *tico-tico*, mas diferentes na côr.

Os *chopins* costumam pôr, clandestinamente, nos ninhos dêste *tico-tico-do-campo*, como vejo aquí na coleção de José Caetano Sobrinho.

TICO-TICO-DO-CAMPO (*Myospiza humeralis humeralis*) — Pela sua côr parda acinzentada, com finas pinceladas de preto, embora os encontros e a região loral sejam amarelos, o *manimbé*, como lhe chamavam os naturais da terra, tem algo de um *tico-tico*, um tanto apoucado.

É ave comum, mas não muito abundante, nos campos e catingas de quasi todo o Brasil.

Frequenta também as pastagens e prefere aí colocar seu ninho, feito no chão, entre talos de capim, meio oculto na macega.

A postura consta de 2 a 3 ovos, de $19-20 \times 15$ mm. de côr branca uniforme.

Vive geralmente solitários ou aos casais, mas, por vêzes, juntam-se aos pequenos grupos de *coleiros*, *canários-da-terra*, etc.

Durante a época da postura e da incubação o macho empoleira-se pelas imediações do ninho e vai distraindo a es-



Fig. 36 — Ninho do tico-tico-do-campo (*Myospiza humeralis*)

pôsa com uma cantiga sibilada muito simplória, que Wetmore assim figurou *Chip-p-p, chec-ec-ec che che*.

Ocorrem algumas sub-espécies. Na Amazônia é conhecido por *canário-pardo*.

SABIÁ-DO-BANHADO (*Embernagra platensis platensis*) — Nem no canto nem no tamanho se pode assemelhar a um *sabiá*, mas com um pouco de boa vontade é possível encontrar similitude entre a plumagem desta espécie e a da *sabiá-laranjeira*. Para que o leitor tenha melhor idéia da ave, direi que regula o tamanho dum *chopim*. A coloração é verde azeitonada, sem brilho, na parte superior; no verde azeitonado das asas nota-se côr negra nas barbas internas das penas primárias e os bordos das asas amarelados, retrizes verde azeitona fôsea, garganta e peito cinza, ventre leonado, bico amarelo rosado, patas córneas.

O canto, é um *chi-chi-chi-chi* suave.

Frequentam de preferência os juncaís e capinzais que margeiam rios e riachos, e no meio da macega, mesmo nos pastos, constroem o ninho, uma tijela mal amanhada, feita de capim.

Os ovos, em número de três, são brancos rosados, com manchas e signos avermelhados e escuros no polo obtuso. Medem 26×18 mm.

É um fringilídeo que mostra grande predileção por insetos e outros artrópodes, como demonstram as verificações procedidas no conteúdo estomacal destas aves ⁽¹⁵⁸⁾.

CANÁRIO-DO-CAMPO (*Emberizoides herbicola herbicola*) — É um pássaro de bom tamanho, regulando de 20 a 22 cm., sendo que a cauda mede entre 11 a 12 cm.

A parte dorsal, inclusive o alto da cabeça, é de côr pardo-cinzenta densamente marcada de estrias longitudinais pretas, orladas de verdoengo, com muito pouca ou nenhuma ferrugem; a parte ventral é sempre bastante clara, sem qualquer mancha escura, apenas sombreada de pardo-acinzentado no peito e nos flancos.

Esta é a forma típica descrita por Olivério Pinto ⁽¹⁵⁹⁾, que informa ser tal passariinho sujeito a extraordinárias variações de plumagem, o que levou Ihering & Ihering a suporem a existência de sub-espécies.

Nada se sabe, que me conste, da vida do *canário-do-campo*, que é encontrado na Baía, Minas, Pernambuco, Pará, Guianas, Venezuela, Colômbia.

(158) Angel Zotta — "Sobre el contenido estomacal de algunas aves" — "El Hornero", vol. V, p. 81.

(159) "Aves da Baía", l. c.

A distribuição desta espécie vem da Argentina, Uruguai, Paraguai, até Rio G. do Sul, Paraná, S. Paulo, Minas e encontra-se também na Baía.

Na Argentina tem-se notado o desaparecimento gradual da espécie.

TICO-TICO-REI (*Coryphospingus cucullatus rubescens*) — O macho é de côr escura avermelhada na parte superior do corpo, e na inferior, carmesim; as primárias e as retrizes são negras; no vértice há um topete de penas alongadas, de um vermelho escarlata que Azara disse ser "o mais brilhante e belo que se poderia ver". Essa poupa, infelizmente, só é bem visível e brilhante quando a ave, excitada, arrufa as penas. Então dá-nos a idéia duma chamazinha que se levanta, ameaçando incendiar-lhe a cabeça.

A fêmea é, na parte superior, parda, porém com uma tinta escarlata no dorso inferior, toda a região ventral é salmon, com a garganta esbranquiçada. Não possui topete.

Trata-se, pois, de um belo pássaro, que, apesar de não ser maior que um *canário-da-terra*, faz linda figura num viveiro, onde se dá perfeitamente.

Aninha-se nas capoeiras e até em cercas vivas, sebes, a pouca altura. O ninho é semi-esférico, tecido de palhas finas e cerdas, isto internamente, mas por fora é revestido de uma substância cotonosa e teias de aranha ⁽¹⁶⁰⁾.

Euler diz que a postura regula 3 a 4 ovos e que estes são brancos com salpicos pardo-cinzentos no polo rombo. Peixoto Velho informa que os ovos que o Museu Nacional possui, colecionados por E. Snethlage, no Pará, são brancos e medem $21 \times 14,5$.

Olivério Pinto refere-se a outro *tico-tico-rei*, *Coryphospingus pileatus*, que lhe parece apenas uma variedade geográfica, embora fortemente diferenciada no colorido da plumagem, e que substitue *cucullatus*, no norte do Brasil, a partir do Espírito Santo e Minas.

Assim a distribuição da espécie e sub-espécie quasi que se dá por todo o Brasil.

Além do nome de *tico-tico-rei*, ainda êsses pássaros são conhecidos por *vinte-um-pintado*, *galo-do-mato*, *cardeal*.

O indígena dava-lhe a denominação poética de *aráguirá*, ou seja "pássaro da luz" (De *ara* = dia, claridade + *guira*, alt. de *uira* = pássaro).

(160) Assim descreve o ninho J. A. Pereyra, in "Mem. del Jardín Zoológico", t. IX (2.ª parte), p. 281, referindo a *Coryphospingus cucullatus araguira*.

CARDEAL (*Paroaria coronata*) — Poderíamos denominá-lo *cardeal-do-Sul*, porque ocorre do R. Grande a S. Paulo, e ainda mais para o sul: Argentina e Paraguai. É um pássaro dinâmico, esperto, com seu longo topete de penas dum vermelho vivíssimo, côr essa que lhe toma as faces, garganta e regiões circunvizinhas. Na região occipital há, entretanto, penas pretas e brancas, parte dorsal e a cobertura da cauda são cinzentas e os lados do pescoço e o uropígio brancos. O bico tem a mandíbula superior anegrada e a inferior esbranquiçada. O iris é escuro. Tarsos plúmbcos. Medc 17 a 19 cm. A fêmea é semelhante ao macho, e os filhotes mostram topete mais claro.

Convém notular que se observam com alguma frequência certas anomalias na côr dos *cardeais*, especialmente no topete, que ostenta côr alaranjada.

Nidifica nos capões, a pouca altura. O ninho é uma tijela ampla, feita de talos secos. A postura consta de 3 a 4 ovos alongados, de campo branco com bastos salpicos, verde acinzentados, de mais carregada côr no polo rombo. Medem 27×20 mm.

Gostam de aparecer nas baixadas amenas e pelas margens dos rios, em procura de sementes, de que frequentemente se alimentam.

Pela beleza da sua plumagem, mais que pelo canto, é hóspede apreciado da gaiola.

Entretanto há *cardeais* que chegam a notabilizar-se pelo canto e já tive ensejo de ouvir há muitos anos uma dessas sumidades.

O fato não parece singular, porque entre amadores de pássaros sempre apparecem referências aos méritos de tais aves.

G. Hudson, no seu trabalho "Adventures among birds", que conheço através do capítulo traduzido por J. Casares, "Historia de mi primer pajar enjaulado" — uma jóia de literatura ornitológica — evoca os maravilhosos gorgeios do seu cardeal e accntua: "eu por mim posso acrescentar que desde então tenho escutado centenas de cardeais, livres e engaiolados, porém jamais ouvi canto tão impetuoso e de largo fôlego".

Tenho também noticia da faculdade, de que gozam os *cardeais*, de imitarem o canto de outros pássaros.

Certo garoto amador de passarinhos, com quem sempre entretenho palestra, por ser dotado de bom espirito observador, já por vêzes me contou proezas do seu *cardeal*, que imitava uma boa parte do canto dum *sabiá-laranjeira*.

Fato idêntico refere o naturalista Juan Ambrosetti ⁽¹⁶¹⁾ em relação ao *cardeal* e, precisamente, ao *sabiá-laranjeira*. Eis o que observou:

(161) "Notas Biológicas", in "Rev. del Jard. Zool." de Buenos Aires, t. I, entrega II, p. 41, 1893.



"Próximo ao viveiro onde existiam *cardeais* havia uma gaiola com um *sabiá-laranjeira* (*Turdus rufivulcris*) muito cantor.

Enquanto cantava, um dos *cardeais* quedava-se, em seu poileiro, com a cabecinha de lado, como quem ouve e procura escutar com atenção. Quando o *sabiá* parava, o *cardeal* ensaiava o canto que escutara, procurando imitar.

Isso durou algum tempo, até ao ponto que, não se estando junto das gaiolas e escutando-se o canto, não se distinguia mais quem era o cantor.

Morreu um dia o *sabiá*, porém ainda hoje, à hora do costume, pela manhã cedo, repete o imitador o canto que lhe não pertence".

Os *cardeais* reproduzem-se em cativeiro.

A propósito da reprodução do *cardeal* em gaiola, temos algumas informações. Não há dificuldade de maior, pois tanto se cria em viveiro como em gaiolas semelhantes às usadas para os canários.

Nos viveiros, em tais ocasiões, não admite a presença de outras aves, as quais persegue até matar. Por vezes, até fora da época da reprodução, mostra espírito belicoso, travando pelepas com os colegas.

Uma vez iniciados esses desaguizados entre eles, é indispensável separar os contendores que, na falta doutra distração, vivem engalfinhados.

Quando não termina a luta pela morte dum dos combatentes, geralmente acontece encontrarem-se ambos no fundo da gaiola, em estado lastimável.

A fêmea, na época apropriada, novembro a dezembro, procura elementos para arquitetar o ninho e, na falta desses, utiliza-se dos ninhos artificiais, postos à sua disposição. A incubação dura 14 dias.

Na época de nutrição é indispensável fornecer-lhes larvas de coleópteros (*Tenebrio molitor*) chamados vulgarmente vermes da farinha, os quais facilmente se podem conseguir, criando em caixas apropriadas os referidos coleópteros.

Convém dar mesmo aos adultos, sempre que possível, além de grãos, frutas e as larvas aludidas, pois os *cardeais* têm um regime alimentar onívoro.

Isso é tão indispensável que, frequentemente, observamos nas aves cativas a pterofagia, quer dizer o "vício de comer penas", picagem, prova evidente que lhes falta ao organismo certos elementos que os grãos não lhes podem ministrar.

O gênero *Paroaria* contém cinco espécies, na maioria, conhecidas por *cardeal*, distribuídas diferentemente pelo Brasil. O nome indígena de *P. cucullata* era *tiê-guaçu-paroara*.

Assim a *P. gularis* poder-se-ia chamar *cardeal-do-Norte*, entre-

tanto, é mais vulgarmente denominada *galo-de-campina* e *tangará*.

Difere muito de *P. cucullata*, no seu aspecto geral, embora seja mais ou menos de igual tamanho.

A cabeça e o bico são vermelhos, mas a parte superior da cabeça é preta, de igual cor a garganta, onde se misturam penas vermelhas; o resto da parte inferior é toda branca, pincelada de preto nas coxas. Pés negros.

Ocorre na Amazônia e Mato Grosso.

Refere-se Antonio Bezerra, em sua "Viagem ao Norte do Ceará", à dança do *galo-de-campina*, também por lá chamado *tangará*, como dissemos.

É pouco provável que um fringílideo apresente tal hábito.

Rod. Illering, no "Dic. dos Animais do Brasil", sugere uma muito aceitável conjectura a tal propósito. Diz ele: "Há um pássaro *Antilophia golcata*, da família dos píprideos, que talvez possa ser dançarino, como seu parente próximo o tangará. E como pelo colorido e pelo penacho, talvez tal espécie do gênero *Antilophia* seja confundida com o *cardeal*, quem sabe venha a ser o *galo-de-campina* esse dançarino ainda não identificado".

Para possível identificação, passa em seguida a assim descrevê-lo: "O macho tem uma bela crista na fronte, que é de viva cor vermelha, bem como o alto da cabeça, a nuca e a parte anterior do dorso; o resto do corpo é preto brilhante. A plumagem da fêmea é verde pálida, mais clara no lado inferior".

Outro *cardeal*, o do Nordeste, é *P. dominicana*, muito frequente na Baía, estendendo-se a Pernambuco, Pará, norte de Minas e Rio de Janeiro.

É muitíssimo parecido com *P. cucullata*, sendo, no entanto, um pouco menor.

Vive perfeitamente em cativeiro.

Henri Moreau ⁽¹⁶²⁾ informa que a *P. coronata* e *P. dominicana* se cruzam quando em cativeiro.

Os ovos são um pouco mais escuros que o de seu parente e medem $21,9 \times 17$ mm.

CARDEAL-AMARELO (*Gubernatrix cristata*) — Mede 18 a 19 cm. Tem a fronte negra; vértice também negro, ornado com penas alongadas em forma de tope, muito notável principalmente quando a ave está excitada; nuca e dorso de um verde azeitona rajado de negro; retrizes mais claras com as rajadas mais largas; penas remiges quasi negras; cauda amarela com as retrizes quasi negras; garganta negra; lados do pescoço, bordo anterior da asa e uma rajada que passa por cima dos olhos, de um amarelo canário; peito verde-amarelo e amarelo canário; ventre e uropígio amarelos; face inferior da cauda amarela ligei-

(162) "L'Amateur d'Oiseaux de Volière", p. 270, Paris, 1914.



ramente esverdeada; iris negro; bico curto com a mandíbula superior grisácea e a inferior clara; tarsos plúmbeos.

A fêmea é um tanto mais clara, no dorso, a raja superciliar é grisácea clara na metade anterior, e da mesma cor os lados da garganta, pescoço, região loreal, peito e flancos, sendo amarelo o ventre, a porção posterior da raja superciliar, as escapulares e as tíbias. O mais é em tudo igual ao macho.

O ninho, que tem a forma de taça, é feito com fibras e raízes e forrado interiormente de folhas.

Geralmente encontra-se na forquilha duma árvore, a regular altura.

Os ovos, que medem 24×18 , são algo parecidos com os do *trinca-ferro* (*Saltador*), de cor azul esverdeada, com traços capilares e garatujas, como notas musicais que se localizam no polo obtuso somente. Trata-se de um ovo lindíssimo.

O *cardeat-amarelo*, por alguns chamado *cardeal-de-Montevidéu*, passa por ser um razoável cantor, tendo Wetmore figurado as modulações de seu canto pela seguinte forma *wir-tu-wir tu tse kwa wir tu*. O valor das letras aqui é o da prosódia inglesa, mas quem não souber essa língua, pode ler em português que também dá certo.

Na gaiola porta-se com a nobreza digna do nome que lhe deram, apenas por pertencer à família dos *cardeais*, pois que sua vestes amarelas e o seu topete negro não lhe podiam granjear tão elevado título.

A sua discrição no cativeiro vai a ponto de acolher, com bonhomia, qualquer hóspede, na sua gaiola.

Se o excitarmos com um pio, arma logo o topete e responde, com uma linguagem muito parecida com a dos outros *cardeais*.

PARDAL (*Passer domesticus*) — O *pardal*, pássaro exótico da Ásia, foi uma calamidade de pena e bico, que o inolvidável prefeito Pereira Passos encomendou a um amigo de Paris, no evidente intuito de alindar a urbs brasileira.

Os *pardais* e as *pardocas*, mal se viram neste ambiente propício e acolhedor, trataram de cumprir o mais agradável dos preceitos bíblicos: cresci e multiplicaí.

Como já vinham crescidinhos, trataram somente da multiplicação e de tal forma, que em breve lhes pareceu pequeno o âmbito desta larga terra e dela começaram a expulsar seus irmãos de penas. Hoje vivem em nosso meio, como se pertencessem à fauna americana.

Moveram uma guerra sem tréguas a arqui-graciosa *cambaxirra* e ao confiante *tico-tico*, duas simpáticas entidades do mundo alado, que pareciam enviados diplomáticos das aves para entabular com os homens um tratado de paz. Familiares e confiados nos propósitos pacíficos de sua missão, o *tico-tico* não se afastava

dos arredores das habitações humanas, entoando loas, e a *carriça*, saltitante e bicuda, vinha, numa expansão de confiança, colocar seus ninhos ao beiral dos telhados.

O forasteiro, como um conquistador ousado, começou a guerra sem tréguas contra o incola desprevenido. Reproduziram-se as mesmas cenas da conquista da terra brasileira pelo estrangeiro. O indígena espavorido, massacrado, caminha sempre na direção do Oeste, refugiando-se no "hinterland".

Quasi não há mais *cambaxirras* nas cidades litorais e rareiam cada vez mais os *tico-ticos*. Esse povo fraco e indefeso não resistiu às brutesas do ádvena, mas outras espécies oferecem uma heróica resistência.

O *sanhaço*, por exemplo, é dum jacobinismo feroz. Não lhe passa ao alcance do bico um *pardal*, sem que receba uma tunda patriótica.

Já assisti a um embate entre êstes jacobinos e uma avalanche de *pardais* recalcitrantes, que foram desbaratados.



Fig. 37 — Casal de pardais (*Passer domesticus*)
Macho ao alto.

Recordaria essa cena a noite histórica das garrafadas, se a pendência não fôsse em pleno sol. Porém o estratagemma mais curioso desta campanha entre o indígena, senhor da terra, e o invasor ousado, oferece-nos o *chopim*.

Este maroto, que é pássaro bisnau, sempre teve o sestro de não cuidar da prole. A fêmea do *chopim* ganhou o velho hábito de pôr ovos nos ninhos do *tico-tico*. Simplório e muito cheio de dengnices pela progênie, o *tico-tico* esbofa-se a levar o cibo ao intruso, que come tabelioamente.

Pois beni, apesar de velhaco e tunte, o *chopim* é

dum patriotismo a toda prova e, para não prejudicar os patrícios, de ora avante faz, regularmente, a postura no ninho do *pardal*, que aguenta com a tarefa de alimentar a voracidade incrível de seus filhos.

Este episódio faz-me lembrar um caloteiro de fígados jacobinos, que preferia sempre, para fintar, as tabernas portuguesas, porque assim, dizia êle, exercia um ato de meritório patriotismo.

Mas não é somente a capital que está inçada de *pardais*, muitos Estados também o estão. Rio G. do Sul tem quasi todos os municípios invadidos. Dizem que certo negociante português foi o introdutor do *pardal* naquele Estado, tendo-o importado de Portugal.

Apreciando a maneira por que se está processando a invasão, que caminha do sul para o norte, verifica-se que uma grande parte dos municípios receberam também êsses indesejáveis, através das fronteiras com a Argentina.

Sabe-se que êsse país vizinho e amigo abriga, desde 1872, o *gorrion*, como é chamado lá.

S. Paulo e Minas sentem já os malefícios da praga.

Há quem ainda deseje reunir dados mais seguros sobre a nocividade dos pardais, antes de lhes decretar o morticínio, porque prestam serviços à lavoura, uma vez que alimentam os filhos com insetos.

É certo que na época da alimentação dos filhotes caçam insetos, mas, como vivem nas cidades, arrabaldes e subúrbios, pouco apreciáveis serviços prestarão.

O *tico-tico* e a *cambaxirra* não caçam insetos apenas numa época, mas durante todo o ano. A presença do *pardal* implica a ausência dos outros pássaros, mais úteis de que êle, mesmo que se apurasse algo de préstimo.

Ainda que chegássemos a avaliar benefícios em certa quadra anual, insignificantes seriam ante os malefícios que desenvolvem durante toda a existência.

Quem tentar uma hortazinha aqui, em certos lugares do nosso subúrbio mais próximos às estações das estradas-de-ferro, terá de se avir com os pardais.

Mal se lançam sementes a terra, êles logo compreendem o ato e a intenção. Então não há espantelho, armadilha ou vigilância que valha.

Tcimosos e inteligentes aproveitam-se sempre dum esmorecimento dos sentinelas para lograr o intento.

Dado que certos cuidados possam, ainda assim, desviar-lhes do bico a semente confiada ao solo, do papo não escapa o grão na época da formação das espigas, espiguetas e paniculas.

Poderia citar fatos inúmeros observados por mim e até comigo passados, mas *testis unus, testis nullus*. Prefiro invocar testemunhas, juntar provas.

Certa vez enviei a um amigo, o jornalista Nóbrega da Cunha — um espírito sempre atento às cousas da natureza — boa porção de sementes dum sorgo de que se diziam cousas prodigiosas.

Era uma experiência curiosa para divulgação documentada. Nóbrega operou como lavrador provecto e contava-me quasi sempre os progressos da plantação, que era feita na sua chácara em Jacarepaguá.

Brotou, cresceu e desenvolveu-se o sorgo e, quando chegou à idade adulta, preparou-se para os mistérios da reprodução. Tudo foi como se nesse mundo não houvesse outro propósito que o de proteger aquelas plantas.

Terras razoáveis, chuvas na regra, tempo propício enfim.

Os colmos, na alegria vegetal daquela quadra, lançaram as suas espiguetas com a esperança de quem vai pela vida fora multiplicando-se até o infinito do tempo.

Sonho irrealizável, porque por ali andaram os *pardais* atentos, louvando, lá entre eles, a bondade cristã daquele bom amigo dos pássaros, que mandara vir da América do Norte umas sementes que prometiam doçuras ainda não prelibadas por bicos de *pardais* cariocas. E assim foi. Mal os grãos estavam na conta, caíram em cima da cultura. O resultado da experiência foi contada em "O Campo" e documentada com fotografias ⁽¹⁶³⁾.

Do apurado chegou Nóbrega à conclusão de que os *pardais* devoraram 95 % dos grãos obtidos, e que igual sorte teriam outras plantas graníferas que por terras do Distrito Federal tivessem a imprudência de pendoar.

De tal casta de pássaros nada se logrará de útil.

Há até experiências de sobra, todas unânimes em lhes exaltar a nocividade.

Num estudo realizado na Argentina, ainda se apurou que os próprios insetos caçados pelos *pardais*, na época da alimentação dos filhotes, não são os que mais convinham se imolassem no interesse da lavoura.

Certas lagartas prejudiciais, gafanhotos, formigas, coleobrosas, o *pardal* não caça, procurando outras não muito prejudiciais, ou perfeitamente inócuas, quando não úteis.

Sei, por observação, que é um grande consumidor de aranhas, na época da procriação. Entre outras observações eis a seguinte:

Certo dia estando em um *bar*, fronteiro à estação da Penha (E. F. Leopoldina), aguardando um omuibus que me levaria à Escola Venceslau Belo, vi entrar portas a dentro, em voo rápido, uma *pardoca*, que pousou, tranquilamente, no fio elétrico que pendia do teto sustentando a lampada.

(163) "O Campo", Dezembro, 1933.

Inspecionou os recantos do teto e dirigindo-se certamente a determinado sítio caçou uma aranhazinha. Voltou ao fio, com a presa no bico, visou à porta e, num vôo seguro, lá se foi com a petisqueira. Entre a entrada e a saída não decorreu sequer um minuto.

O empregado, a quem me dirigi, estranhando o caso, disse-me que assim acontecia várias vezes ao dia.

Exclusivista, valente, o *pardal* arredou os nossos pássaros, entre os quais as próprias andorinhas, de cujos ninhos se apropriava, como o faz também com outra ave utilíssima, o *joão-de-barro*.

O seu atrevimento vai a ponto de arrastar a asa à espôsa do *tico-tico* e à *cambaxirra*.

Em referência à fêmea do *tico-tico*, há observações fidedignas, mas quanto à *cambaxirra* julgo ser suposição infundada.

Entretanto, no mundo das pillérias populares há êsse jôgo de palavras:

— Porque anda o *pardal* com a *cambaxirra*?

— Não vê?

— ...

— A *cambaxirra* é crioula, e o *pardal*, português.

O *pardal*, ante êste libelo e diante das queixas universais, deve ser exterminado. Na Europa ainda há certa benevolência para essa ave, mas na América do Norte está irremissivelmente condenada.

Só no Estado de Ohio existiam 40 milhões de *pardais*, e em Illinois, meteram no papo, em determinado ano, um vigésimo da safra de trigo, de aveia, segundo informa G. Guenaux, em sua Zoologia Agrícola.

Em resumo podemos assim apontar-lhes os defeitos.

— Regime decisivamente granívoro. Atacando sementeiras e as plantas ganíferas.

— Escorraçador de pássaros íteis e sabidamente insetívoros, como a *cambaxirra*, *andorinha*, *joão-de-barro*, *tico-tico*, etc.

— Prolífico, já pela postura, 5 a 6 ovos, já por incubar três vezes ao ano, no mínimo, mas que pode ir até 5 posturas.

— Resistência enorme ao meio ambiente. O frio, que mata os outros pássaros, não prejudica o *pardal*.

Não sofre fome, porque, não existindo grãos, ataca as frutas⁽¹⁶⁴⁾ e até insetos.

Quanto à maneira de destruir os *pardais*, eis o que não é fácil, pois, uma vez perseguidos, sabem tomar precauções.

Envenená-los é muito bárbaro e ainda oferece o inconveniente de sofrerem igual castigo aves inocentes.

(164) Rudolf Gliesch — "O Pardal Europeu" — Egatea, jan.-fev., 1924.

A destruição dos ovos e ninhos não será difícil, pois os *pardais* aninham-se no beiral dos telhados e em lugares acessíveis.

Há armadilhas especiais, que conseguem aprisionar vivas muitas espécies de pássaros granívoros, escolhendo-se entre eles os *pardais*, para serem sacrificados, e soltando-se os demais.

Repugna, realmente, matar um passarinho, embora seja ele prejudicial aos nossos interesses, mas assim é preciso.

Em referência à beleza não há que elogiar.

R. Gliesch, assim o descreve:

"Seu tamanho é o mesmo do *tico-tico*, 15 a 16 cm. de comprimento, medido da ponta do bico à ponta da cauda, sendo seu peso de 26 a 30 gr. Sua penugem varia, porém, bastante da do *tico-tico*. Já por sua figura mais robusta, pela falta do topete e seus movimentos, diferencia-se bem o *pardal* do nosso *tico-tico*. A cabeça do macho é no vértice cinzento-escura com um vestígio de azul; dos lados cinzento-clara; acima do olho até à nuca, estende-se uma larga estria castanha; é característica uma pequena mancha branca atrás do olho. O dorso é castanho-ferrugem, com largas estrias longitudinais pretas, o baixo dorso é da cor do vértice, cinzento escuro. Os remígios das asas são castanhos denegridos, tingidos pelo lado exterior de castanho ferrugem; a linha inferior das pequenas coberturas das asas tem as pontas brancas, formando-se assim sobre a asa uma fita branca bem visível. O lado inferior do pardal é branco-acinzentado. No peito porém tem o macho uma larga mancha preta em forma de escudo, que se estende para cima, até o bico, que é preto. Por esta mancha preta do peito reconhece-se logo o pardal macho. A fêmea é mais delgada e de cores menos vivas; falta-lhe o escudo preto do peito. Segundo Butler, a asa é sempre mais curta do que a do macho (cerca de 1 cm.). O macho jovem é semelhante à fêmea.

Se compararmos ainda uma vez o *tico-tico* com o *pardal*, notaremos que a cor fundamental do *tico-tico* é castanho chifre.

O pardal europeu não faz o ninho, como o *tico-tico*, nas macegas e capões, mas, de preferência, debaixo das telhas, em buracos dos muros, por cima dos capitéis de colunas, etc. Na falta desses meios o *pardal* constrói o ninho nos bosques dos jardins ou no alto das árvores. O tamanho do ninho é enorme em relação à pequena ave. O exterior é muito tosco, sendo o interior macio, tapetado com plumas ou cabelos ⁽¹⁶⁵⁾.

Os ovos, em número de 5 a 6 de cada postura, são de cor muito variável. Geralmente a cor é castanho-clara, branco-esverdeada ou azulada, com numerosos pontos denegridos nas

(165) Aqui na cidade do Rio de Janeiro costuma acolchoar o ninho com "confetti".

pontas, medindo 20×24 mm. Há regularmente três posturas por ano, elevando-se em condições favoráveis até cinco. Quando por qualquer razão os ovos são destruídos, a fêmea faz imediatamente nova postura. A faculdade de reprodução do *pardal* é enorme. Rey retirou, diariamente, do ninho de diversas fêmeas um ovo e conseguiu uma colheita de 49 ovos ⁽¹⁶⁶⁾. Ambos os pais chocam, porém a fêmea mais do que o macho. Depois de quinze dias os filhos nus saem dos ovos, sendo alimentados com insetos e suas larvas; quinze dias depois eles podem voar. O *pardal* é monógamo; mostra, porém, pouca afeição à sua fêmea, pois, quando esta morre, arranja logo uma substituta.

Por experiência matou Clark, do dia 25 de março até 1 de junho, as fêmeas de um casal de pardais, e, em princípios de junho, o macho tinha a quinta fêmea".

Apesar da quantidade de *pardais* existentes na capital, ainda não observei nenhum caso de albinismo, mas já a tal respeito ouvi referências.

A título de informação cito uma espécie branca (*Passer simplex saharoe*), muito procurada pelos naturalistas e que habita todo o Sáara, da Argélia à Tripolitânia, sempre nas regiões onde existe água, segundo Bull. do Mus. Nat. d'Hist. Naturelle, N.º 5 — 1926.

BICO-DE-LACRE (*Estrilda sp*) — Gracioso passarinho africano, trazido para o Brasil durante o reinado de Pedro I, segundo vagas referências.

Hoje, o *bico-de-lacre* encontra-se entre nós em estado silvestre, perfeitamente naturalizado, vivendo em companhia dos autóctones, sem preocupações ráticas.

Trata-se dum pássaro pequeno, com cerca de 11 cm. de côr pardilha, um pouco mais clara no ventre, porém, como as penas trazem fimbrias mais escuras, dão ao conjunto da plumagem um aspecto ondulado. O bico é vermelho côr de coral.

Aparecem em bandos pequenos e em companhia de coleiros, na época da frutificação das graminças.

Do ninho, entre nós, tenho apenas uma notícia que pessoalmente me forneceu o prof. J. Moojen.

Estava localizado em uma laranjeira e fôra construído com inflorescências de capim gordura, sendo que os lados das flôres se voltavam para o interior.

O ninho encontrado, de forma esférica, continha na ocasião 6 filhotes. Exalava um cheiro desagradável, pelo acúmulo de fezes, que revestiam a construção.

(166) Th. Bisschop, em "Le Gerfaut" (vol. XIII, 1925), informa que, tirando do ninho do *pardal* os ovos, cada vez que eram postos, conseguiu obter 29 ovos no transcurso de 4 meses.

Notou o observador uma espécie de sobre-ninho vazio, forrado com penas de galinha.



Fig. 38 — Bico-de-lacre (*Strilda* sp.)

As observações acêrca do comportamento do *bico-de-lacre* entre nós apresentam muito interêsse, para sabermos, como em meio diferente do seu *habitato*, soube a avezinha valer-se dos recursos naturais que encontrou para dêles tirar partido, adaptando-se às condições mesológicas da sua nova pátria.

O comportamento da espécie, quando em cativeiro, é muito conhecido e apreciável.

O casal vive em grande harmonia e faz questão de dormir, muito agarradinho um ao outro.

Macho e fêmea são perfeitamente iguais, entretanto não é difícil extremá-los, quando em gaiola, pois um dêles se mostra eternamente pacífico e gentil, enquanto o outro, por vêzes, patenteia impertinência, arrufando-se, não permitindo que seu par coma junto, nem se aproxime.

Êstes arrufos, que são passageiros, devem partir da fêmea. Até aqui se aplica o *varium et mutabile semper femina*, com que Mercúrio, na *Encida*, adverte Enéas.

Afirma-se que, quando morre um dos cônjuges, o outro não resiste à viuvez.

Possuí no entanto um casal durante algum tempo, morrendo o macho ou a fêmea (não posso afirmar qual dêles), mas o sobrevivente suportou heroicamente o revés e alcançou uma velhice que reputo matusalênica.

Contando o tempo desde que o recebi de presente até a morte, decorreram 18 anos. Não sei quanto já vivera antes de me ser dado.

Ora Brehm diz que resistem 8 anos e assim o a que me refiro era um macróbio respeitável.

Ao fim da vida, já não subia mais para o poleiro, nem entoava os seus *pi-ti-tu-í, pi-ti-tu-í*. Em redor do bico cresceram-lhe cerdas, dando-lhe o aspecto dum velho africano minúsculo e barbudinho.

E assim, expirou, caquético e senil, ao fim de uma vida tranquila.



1 - Uira-tauá (*Gymnomystax mexicanus*). — 2 - Maú (*Perissocephalus tricolor*). 3 - Anambé pitiú (*Gymnoderus foetidus*). — 4 - Galha do mato (*Cyanocorax chrysops*). — 5 - (*Amblyrrhamphus holosericeus*). 6 - Soldado (*Leister militaris*). 7 - Sofrê (*Icterus jamaicensis*). — 8 - Japú-açu (*Xanthornus decumanus*).



SciELO

CAPÍTULO XX

ICTERÍDEOS

Japú, japú-verde, japú-açú, japim, guaxe, japim-de-costa-vermelha, soldado, graúna-de-bico-branco, graúna, triste-pia, vira-bosta, asa-de-telha, iratauí, soldado, rouxinol-do-campo, capitão, chopim-do-brejo, dragão, corrupção, rouxinol, rouxinol-do-rio-negro, encontro, pêga, arranca-milho.

Podemos dar como principais característicos desta família, o bico-longo, reto, pontudo, de bases forte; tarsos médios, robustos; narinas nuas; asas longas, pontudas, com nove rêmiges primárias.

O tamanho das aves, que compõem a família, varia entre as formas quasi gigantescas até as de tamanho pequeno, predominando as médias.

A côr da plumagem é em grande maioria preta, ou preta e amarela, ou ainda preta e encarnada.

Os costumes apresentam, o mais das vezes, certa uniformidade, sendo, quasi sem exceção, eminentemente sociais.

Os nomes "*troupiale*", dado na literatura francesa, e *gregarii*, proposto por um antigo naturalista, bem demonstram os hábitos sociais desta grande família.

São aves que, ora se encontram no campo, ora na mata, onde muitas vêzes estabelecem colônias de ninhos, como teremos ensejo de descrever.

Alimentam-se de modo muito diverso, pois há espécies frugívoras, granívoras, insetívoras, mas, podemos dizer, que não há exclusivismo alimentar e até julgamos que poucas famílias de pássaros, como essa, possam merecer, com tanta justeza, o título de onívoras.

Há cantores notáveis e espécies que, em cativeiro, alcançam surpreendente mansidão. Todos amassam no esôfago o alimento que dão aos filhotes ainda ninhegos.

Há ainda, para tornar mais interessante o estudo destes pássaros, um multidão de fatos da vida íntima de cada espécie, como iremos apreciar.

A família é exclusivamente americana, e no Brasil ocorrem 46 entre espécies e sub-espécies.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

JAPÚ (*Xanthornus decumanus maculosus*) — Imponente passarão de longa cauda e respeitável bico. Uma das grandiosas figuras da aviária brasileira.

O tamanho destas aves é muito variável. Há indivíduos que medem 42 cm. e até menos, outros chegam a 49 cm. e até mais. A fêmea é sempre bem menor.

A cor geral é negra, mas a parte posterior do dorso, o uropígio e o crisso são dum vermelho escuro ferruginoso. A cauda é amarela, exceto as duas retrizes medianas, que são negras. No alto da cabeça há 4 a 5 penas lineares longas, caídas para trás e de cor negra. O bico é amarelo desmaiado, os tarsos negros e iris azul claro.

Habitam a mata e voam com desembaraço, embora pesadamente. Gostam de voar juntos. São glotões insaciáveis. Apreciam as frutas, mas devoram tudo que encontram: insetos, ovos das outras aves. Stradelli diz que o “dano que produzem só é comparável com o de um bando de macacos”.

Goeldi, que teve a oportunidade de espreitar-lhes a vida na mata, escreve:

“Sua estada predileta é o arvoredado alto da mata; gostam de pousar nos troncos velhos de embaúbas para seus concertos originais.

Seu canto é uma jubilação particular, que por vêzes soa como a gargalhada duma pessoa: lembra-me ainda bem a impressão que em mim causou na primeira excursão de caça que fiz às matas costeiras.

Pode talvez reproduzir-se aproximadamente *hgr-hgr-hgr-hu-hu-hu-gwû-gwû-gwû*. Além disso possuem apêlo claro, grasnado, que avisa de qualquer aparição suspeita na mata”.

O *japú*, grandemente social, vive em bandos numerosos e vale a pena espreitar suas colônias de ninhos pendurados, à maneira de bolsas.

Conheço certo recanto onde poderemos divisar uma linda colônia destas inquietas aves.

Siga-nos o leitor, através dos encantamentos da mata.

Penetremos por essa entreaberta já aqui próxima e aventuremo-nos no inextricável labirinto da floresta cheio de sombras e frescura.

Permita que lhe diga que sempre penetro na mata como quem transpõe o limiar de um templo.

Sinto um transbordamento interior, uma emoção que não sei explicar, uma crise de ternura por êsses vegetais majestosos, por êsses troncos venerandos, que os séculos cobrem de musgos como a pátina do tempo sagra os bronzes antigos.

Entro aqui com a unção dum crente; afigura-se-me um panteon em cujas criptas silenciosas dormissem os ossos venerados de avoengos desaparecidos na voragem de milênios sem conta.



Fig. 39 — Árvores com ninhos de japús

E até quando deixo de visitar a mata por longo tempo, sinto que me falta alguma coisa, um sentimento confuso, que tenho qualificado de nostalgia ancestral, supondo que dorme nos confins do meu subconsciente uma recordação de épocas zoológicas desaparecidas.

Então compreendo bem as palavras de Metchnikoff, quando diz que, no calor e alealinidade do nosso sangue, há a recordação da água quente e salobra da época do nascimento da espécie, e em nosso cérebro, cristalizado sob forma intelectual, todos os instintos, todas as experiências, todos os aperfeiçoamentos dos protistas, dos anélidos, dos peixes, dos répteis, das aves e dos mamíferos que nos precederam no cenário do mundo.

Não é que nos vamos extraviando do caminho.

Não percamos o nosso oriente. Vamos aos japús.

Passemos, com cuidado, por entre essas cordas enormes, vindas lá das alturas, raízes aéreas que vão procurar alimento no solo.

Saudemos de passagem essa maravilha vegetal, essa gigantesca figueira brava, entre cujas sapopembas se podem esconder animais de grande porte e onde vicejam os jardins do eaapora.

Apressemos-nos um tanto, pois já se escuta o fino assobio dos filhotes dos japús.

Entramos agora num capoeirão, velha parte da mata que se vem reconstituindo.

Lá está à esquerda, numa magnífica clareira, a árvore, cheia de ninhos. Veja. Arrojando-se de dentro do mato ralo e circundante, uma paineira ergue ao ar a sua grandíssima estatura.

Nos sem braços deste Briareu vegetal é que os japús vieram pendurar os ninhos.

São magníficos artefatos da indústria dos pássaros. Apresentam a forma de uma bolsa, já que não temos na arte humana outro objeto que sirva de melhor comparação.

Longos de mais de um metro, são tecidos com barba de pau ou, como dizem outros, barba de velho (*Tillandsia usneoides*), bromeliácea epífita e euriosa que despenea dos galhos das árvores, grisalhas e emaranhadas cortinas.

Não poderiam os japús escolher melhor material para construí-los.

O desenho aqui junto dará uma idéia perfeita de tal maravilha, bastando acrescentar que oferecem muita resistência, não sendo fácil rasgá-los.

No fundo da bolsa, encontra-se um acolehoadado de musgos, destroços de folhas secas e cortiças sobre os quais a fêmea põe os dois ovos de sua postura.

Medem estes $32-34 \times 23,5-26$ mm.



São algo alongados, com o campo quasi tomado de manchinhas roxas, ora mais vivas, ora mais desbotadas e quasi, por vèzes, apagadas.

P. Peixoto Velho descreve um ovo completamente branco, da coleção do Museu Nacional.

Parece que a ave faz três posturas por ano.

Uma singularidade digna de nota é o fartum que exalam os japús, um fedor igual ao das baratas.

Não obstante isso, há quem lhes aprecie a carne, abundante e barata... Os indígenas comiam-no, e o príncipe de Wied provou-a, achando-a bastante dura, mas sem nenhum gosto particular repugnante.



Fig. 40 — Ovos de japú

Das lindas penas amarelas da cauda faziam os índios botucudos um enfeite que traziam na testa à maneira dum diadema.

No cativeiro as aves de que estamos tratando comportam-se perfeitamente bem e creio que em um amplo viveiro, onde pudessem viver em bando, como apraz ao seu alto espírito de sociabilidade, talvez nos proporcionassem o ensejo de espreitarmos o belo espetáculo da confecção de seus ninhos e a maneira com que os sabem tão solidamente ligar aos troncos, resistindo ao constante soprar dos ventos, a cujo sabor ficam em contínuo oscilar.

A distribuição geográfica da espécie é ampla, ocorrendo no Brasil, em Sta. Catarina, S. Paulo, do Rio de Janeiro à Baía, Amazônia (onde é muito abundante), Minas, Mato Grosso.

São conhecidas algumas sub-espécies.

Fora do nosso território, encontra-se no Paraguai, Argentina (Corrientes e Misiones), este do Perú e da Bolívia.

Registem-se ainda os nomes populares de *japú-açú*, *japú-guaçú*, *japú-gamela*. Na Baía o nome vulgar é *joão-congo*. Os indígenas chamavam-lhe *iapo* ou *iapú*, de *ia* = aquêle que + *pú* = = soar, fazer ruído, referência ao barulho que sempre promove uma colônia destas aves, muito dinâmicas e espantosas.

Os guaranis, no Paraguai, davam-lhe o nome de *iacú* ou *acae-u* e ainda *acae-rubichá*, seg. W. Bertoni.

O gênero *Xanthornis* ainda encerra outras espécies e entre elas o belo *japú-verde* (*X. v. viridis*), de côr verde olivácea clara, mas o dorso inferior, uropígio e parte posterior do abdome são

vermelhos. A cauda é amarela, exceto as retrizes médias, que têm bela côr verde enegrecida. Parte das asas são negras. O bico é claro, com a ponta vermelha. Mede mais ou menos 46 cm., sendo a fêmea sempre menor.

É espécie da região amazônica.

Há ainda outros japús, de gênero diferente, um dos quais chamado mais geralmente *japú-açu* ou *japú-guaçu* (talvez o *guira-tangucima* de alguns autores).

Trata-se de *Gymnostinops bifasciatus*, belo *japú-vermelho-escuro*, com retrizes laterais amarelas e bico geralmente vermelho.

Mede mais ou menos 48 cm.

É o *acaé-raisaua* a que se refere Stradelli e ao qual se vincula a lenda do roubo do fogo, atribuída ao *japú* (*Xanthornus*), que não possui bico vermelho e sim amarelo pálido.

Diz a lenda que, na terra, quando ainda não havia fogo, ao *acaé-raisaua* foi dada a incumbência de ir ao céu, possivelmente ao sol, buscar aquele elemento de destruição e de progresso.

O Prometeu tupineo lá foi, não com a ajuda de Palas, como no mito grego, mas com o auxílio de suas asas potentes.

Trouxe o fogo, que lhe avermelhou o bico, e assim ficou marcado para todo o sempre.

G. bifasciatus é espécie da Amazônia e do Maranhão.

JAPIM (*Cacicus cela cela*) — O *japim*, também conhecido pelo nome de *xexéu* e *joão-conguinho* ⁽¹⁶⁷⁾, possui, em alto grau, a faculdade de imitar as outras aves e chega até a remedar as vozes de certos animais.

Entre os icterídeos o fato é vulgar, mas parece que o *japim* a todos excede nesta particularidade.

A própria lenda que existe em derredor de sua personalidade bem demonstra que o talento imitador que possui já havia impressionado os aborígenes.

Notaram estes que o *japim* imitava as vozes, cantos e apelos de todas as aves, porém jamais se atrevia a arremedar o *tamurupara*, buconídeo de catadura severa e bico vermelho ⁽¹⁶⁸⁾.

O botânico J. Barbosa Rodrigues escrevia: "Desde o raiar do dia cantam estas aves arremedando todas as outras, exceto o *tamurupará*, que tem o canto triste, é toda negra e o bico vermelho como lacre.

Dizem os índios que eles não o arremedam, porque o temem, lembrando-se do sangue de seus progenitores que tingiu o seu bico ainda de contendas passadas.

(167) Pode dizer-se que *japim*, *japi-f* (= *japú* pequeno), *japucé*, *japiim*, são denominações da Amazônia; *joão-congo*, *joão-conguinho*, de Goiás; *japuíra* e *guaxe*, Baía, sendo que por este último nome e ainda mais pelo de *xexéu* é a ave conhecida aqui no sul.

(168) Vide "Da Ema ao Beija-Flor", p. 290.



O fato é que não só não o arremedam, como também, como vi, quando passa um *tamurupará*, o bando cala-se, eai todo no chão ou na mata para se esconder”.

Deu motivo tal história popular ameríndia a um magnífico soneto de Humberto de Campos:

O JAPIIM

(Conto do Alto-Tocantins)

Entre os ramos de um alto castanheiro
Travou-se a luta; com os escudos da asa,
O japiim defendeu-se um dia inteiro,
Guardando os filhos, protegendo a casa.

O tangará, porém, ágil e arteiro,
E a quem, no entanto, o desespero abrasa,
Sobre o inimigo atira-se, e, certo,
De uma bicada o coração lhe vaza.

Ao notar que japiim tombara exangue,
O antigo tangará, de côres suaves,
Pôs-se todo de luto, e o bico em sangue.

E é por ódio mortal, que a voz lhe trunca,
Que o japiim, por seu turno, imita as aves
Mas como o tangará não canta nunca!

Há uma pequena observação a fazer: o nome *tangará* pertence a outra ave e em lugar nenhum é sinônimo de *tamurupará*, *tangurupará*, *tamburi-pará*, *tamuri-pará*, ou *tangará-pará*.

Quer-nos parecer que altas razões da arte poética levaram Humberto de Campos a encurtar o nome da ave, embora transformando-a noutra.

Deve ser uma destas providenciais licenças de que gozam os vates nas aperturas da métrica e da rima.

Os *japins* medem, mais ou menos, 33 cm.

Posso descrevê-lo *ad-vivum*. É negro na cabeça, nuca e parte anterior do dorso, a parte inferior deste é dum amarelo limão, a cauda desta cor com as pontas das penas negras, asas negras com encontros amarelos, bico de um amarelo esverdeado, pés negros e olhos de um azul claro.

Como acontece de ordinário, entre a maioria dos ieterídeos, os machos, dotados sempre de um espírito altamente vigilante e agressivo, são remarcadamente bem maiores que as fêmeas.

Vivem, em grandes colônias, como os *japús* e, à maneira daqueles, penduram seus ninhos em árvores.

Tais ninhos são bôlsas semelhantes às dos *japús* já descritas, porém curtas (30 cm). O material é o mesmo: a barba de velho. Os ovos, que medem entre $25\frac{1}{2}$ -27,5 $\times$ 18-19 mm., seg. Goeldi, são um tanto esféricos, com fundo branco-azulado com salpicos brunos.

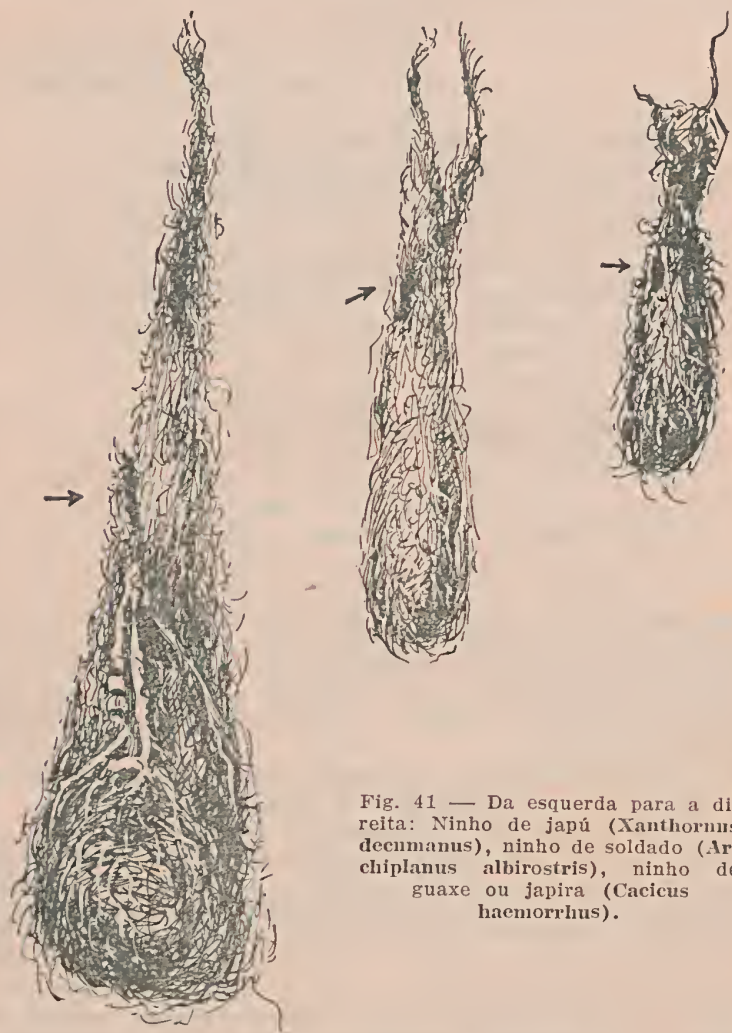


Fig. 41 — Da esquerda para a direita: Ninho de japú (*Xanthornus decumanus*), ninho de soldado (*Archiplanus albirostris*), ninho de guaxe ou japira (*Cacicus haemorrhus*).

Segundo testemunhos numerosos, os ninhos dos pássaros que vimos tratando, são sempre localizados em árvores onde existem casas de marimbondos bravos.

O indígena, aliás, já observara o fato, o que não só demonstra certa lenda existente, senão também o nome de *iapi-caua* ou *apiaca*, dado a tais marimbondos e que significa vespa protetora do *japim*.

O fato é real e de muita constância para ser tido como simples coincidência, não obstante terem-se verificado algumas colônias de ninhos em árvores que não apresentavam casas de marimbondos (169).

Distribuição geográfica: Goiás, Mato-Grosso, Baía, Piauí, Guianas, Bolívia e Colômbia.

Não deve passar sem registro o fato de o *japim* ser parecidíssimo, na distribuição das côres, com outro icterideo chamado *melro* ou *soldado* (*Archiplanus albirostris*) (170).

(169) Certos pássaros parece, realmente, que conhecem o espírito de agressividade das vespas e, por isso, junto delas colocam seus ninhos, resguardando-os de possíveis inimigos.

Não é somente o *japim* que chegou a tais conclusões; muitos outros pássaros de igual forma procedem.

Stradelli, no seu Vocabulário, cita um tiranídeo que situa o ninho junto aos vespeiros, e Th. Belt, em "The Naturalist in Nicaragua", refere-se também a um tiranídeo amarelo e pardo que tem igual hábito. No trabalho mencionado há ainda a citação de Gosses, que viu na Jamaica *Spermophila olivacea* valer-se de igual processo de defesa. Poderia facilmente fazer muitas outras citações.

Muito curioso é o fato narrado por Juan Tremoleras, em "El Hornero", vol. IV.

Conta o referido naturalista que um casal de *joão-de-barro* andava em maré de má sorte por ocasião de construir o ninho. Após três tentativas diversas, duas malogradas por intervenção de crianças que lhe destruíram a casa, decidiram construir seu "forno" num alamo junto a um camuati, que é uma casa de vespas temíveis. A narrativa de Tremoleras está documentada com a fotografia do ninho (Vide página 32).

Até aqui estamos observando pássaros que colocam ninhos em árvores onde existem vespeiros, mas também verificámos que certos marimbondos instalam suas casas junto à de formigas, para que essas os protejam contra os pássaros.

Gregorio Bondar, em trabalho recente, "Insetos Nocivos ao Cacaueiro", registra a seguinte e curiosa observação:

Certas vespas, como *Polybia versicolor* e *Polybia angulata*, localizam as suas temidas "casas de marimbondos" junto aos ninhos arborícolas da formiga caçarema (*Azteca chartifex*).

Uma das razões da escolha parece ser a de se defenderem dos pássaros insetívoros que costumam colocar-se à porta das habitações para caçarem os habitantes à proporção que saem.

Ora as formigas, em seu constante vaivém, não permitem que os pássaros ali pousem.

Há ainda uma segunda razão destas sociedades animais. A formiga caçarema é criadora. Constrói ali estábulos para seu gado, que é constituído por pulgões, cochonilhas, aleirodideos, etc. e, como as vespas alimentam a ninhada com êsses pequenos insetos, ali mesmo à mão encontram do que precisam.

Quer dizer que exploram a própria polícia que lhes assegura a vida.

(170) *Cassicus albirostris* = *Cacicus chrysopterus*.

Não obstante, a distinção entre êles é facilima, pois o *japim* tem quasi o dôbro do tamanho do *melro*.

Há ainda outro icterideo, do mesmo tamanho do *melro*, que o povo chama *soldado-do-bico-preto* e *encontro* (*Icterus cayensis pyrrhopterus*), do qual voltaremos a falar. A distinção é também fácil, pois *albirostris* apresenta o bico largo na base e de côr branca, enquanto o de *pyrrhopterus* é estreito e preto.

A propósito do hábito, já referido, de construirem os *japins* seus ninhos próximos das habitações de marimbondos bravos, corre uma lenda entre os índios do rio Juruá, lenda de bem vulgar conhecimento dos neobrasileiros da Amazônia. Assim contam os índios a história:

Houve uma época na vida das aves em que elas se tornaram inimigas dos *japins*. Mal êsses se arredavam de casa, para procurar sustento, ou por simples recreio, invadiam-lhes o lar, comiam-lhes os ovos ou matavam-lhes os filhos. Certa vez o *japim* queixou-se às vespas da maldade que sofria e pediu-lhes proteção.

— Façam vocês seus ninhos aqui junto à minha casa, que eu protegerei seus filhos.

Desde tal dia, sempre os *japins* constroem os ninhos nas imediações da casa das vespas.

GUAXE (*Cacicus hacmorrhous affinis*) — Aqui no Estado do Rio e em S. Paulo o nome de *guaxe* é, talvez, o único empregado para designar êste pássaro, mas no Norte (Baía) conhecem-no por *japira*, corruptela, de certo, de *japú-ira*, aliás denominação muito corriqueira ainda entre o povo de lá.

Goeldi, entretanto, regista *joncongo*, *joão-congo*, nome usualmente dado ao *japú*, sendo que *joão-conguinho*, também corrente, talvez seja o que melhor caiba a êste. Em Minas parece ser mais conhecido por *guaxe-do-coqueiro*.

O *guaxe* é preto, ora pardacento e sem brilho, como o mais das vêzes se observa nas aves do Sul, ora apresenta brilho azul ferrete, como é mais frequente nos indivíduos do Norte.

O dorso inferior e o uropígio são de côr escarlata, o bico é de um amarelo desmaiado. O macho mede 34 cm. mais ou menos, sendo a fêmea menor, porém muito variável no tamanho.

Habita as matas, onde costuma colocar os ninhos. Olivério Pinto⁽¹⁷¹⁾ dá em esboço um quadro *après nature*, que nos permite evocar um cenário, palpitante de vida, de certas margens de rios brasileiros.

Eis o ligeiro esborço de seu quadro:

“Nas matas do sul da Baía, dos icterideos é êste de todos o mais comum; em lugar algum, porém, os vi em tanta abundância

(171) “Aves da Baía” — Rev. Mus. Paulista, t. XIX, p. 292.



como nas margens do Rio Gongori, onde os seus ninhos balouçavam, a pouca altura da água, pendentes das árvores debruçadas numa e noutra borda.

A multidão loquaz destes passarinhos ocupava-se ativamente, na quadra em que visitamos a zona, da construção dos ninhos e da criação dos filhotes. Já de si bulhentos e assustadiços, era frequente ouvir-se o vozerio infernal que levantavam toda vez que algum gavião se apresentava na vizinhança de suas colônias, com inequívocos intuítos”.

Quem se tenha aventurado um pouco pelas nossas matas, certo que logrou ensejo de observar cenas semelhantes à descrita.

Os *guaxes* promovem, de fato, uma áspera berraria onde se estabelecem, perturbando o silêncio da floresta.

Qualquer suspeito rumor dá ensejo a um alarido retumbante, que longamente perdura.

Os ninhos dos *guaxes* são as longas bôlsas já descritas, 40 a 70 cm. menores, portanto, que as dos *japús* e maiores que as dos *japins*, que não passam de 30 cm.

O material é sempre a barba de pau, já referida, entremeada de capim.

Observando bem uma série de ninhos das três espécies, chega-se à conclusão que o material é sempre o mesino: barba de pau e capim, predominando a barba de pau.

Por vezes a barba de pau é aproveitada viva, mas o *japim* costuma, de preferência, descascá-la.

O *japú* é talvez, entre os três pássaros citados, o que emprega menos capim, um ou outro talo, e o *guaxe* carrega mais no capim.

Japús e *japins* colocam os ninhos em altas árvores; o *guaxe*, entretanto, localiza-o muitíssimo baixo, quasi sempre em árvores que se curvam sobre rios ou riachos. O príncipe de Wied, não obstante, encontrou colônias destas aves no centro da mata, longe dos cursos d'água. Goeldi, por seu lado, observou no baixo Paraíba *japús* e *guaxes* com seus ninhos numa mesma árvore, incubando na maior harmonia, como se já houvesse chegado a era da paz no mundo dos bichos. Já tive ensejo de ver ninhos de *guaxe* em coqueiro, árvore que os *japús* muito apreciam para nidificar. Dai o nome *guaxe-de-coqueiro*.

O ovo, que mede $28-30 \times 19-20$ mm., tem campo branco azulado, com manchas profundas roxas, e outras brunas superficiais, com tendência a se juntarem, formando coroa, na ponta obtusa. Postura 2 ovos. Faz duas posturas ao ano.

O *guaxe* costuma visitar os pomares, onde se sabe de fonte limpa que fura as laranjas em busca da polpa saborosa.

Nem por isso deixa de ser ave útil, pois se alimenta, em grande parte, de insetos.

O canto, fora de seus gritos de alarme, algo ásperos, é bem apreciável. Possui também o notável talento de imitar o canto de outras aves e até as vozes de certos animais.

Vive em gaiola e, quando a um casal se proporciona amplo viveiro, deixando-lhes ao alcance material para fazer ninho, incubam com regularidade, nascem os filhotes, mas não vingam, naturalmente porque lhes falta o alimento indispensável.

Distribuição geográfica: Sta. Catarina, S. Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Goiás, Baía e Pernambuco; Paraguai.

A espécie típica (*Cacicus haemorrhous haemorrhous*), o *japim-de-costa-vermelha* ou *japim-da-mata-encarnado* ocorre na Amazônia.

SOLDADO (*Archiplanus albirostris*) — É preto, com uropígio e encontros amarelos e o bico de cor córnea ⁽¹⁷²⁾, iris salmon amarelado claro, tarsos quasi negros.

Parece-se, extraordinariamente, com o *japim*, exceto no tamanho, pois o *soldado*, da ponta do bico à ponta da cauda, não mede mais de 24 cm.

O ninho é uma longa bolsa, de 50 a 80 cm. e até mais, no formato que o desenho junto assinala, sempre colocado a pouca altura do solo, e de preferência nas margens dos rios.

O material empregado pelo pássaro no tecimento de tal ninho tem sido motivo de dúvidas.

Goeldi supunha-o um novo e interessante tipo de líquen, mas H. Ihering ⁽¹⁷³⁾ afirma tratar-se simplesmente da barba-de-pau, a qual o pássaro descasca, aproveitando somente o eixo central, que é preto e muito se assemelha à crina de cavalo, disso diferenciando-se apenas porque apresenta ramificações.

O ovo mede $23 \times 16,5$ mm. e “é de forma oval-alongada, esbranquiçado com numerosos salpicos bruno-avermelhados”, segundo H. Ihering.

Na Argentina, onde ocorre o *soldado*, aliás com o posto mais elevado de “sargento mayor”, como é por lá conhecido, verificou-se que aquele pássaro tem um inimigo, o qual, constantemente, se lhe apodera do ninho.

Quem relata esta trapaça é o sagaz naturalista Pablo Girard ⁽¹⁷⁴⁾.

(172) H. Ihering e o “Catálogo do Museu Britânico” dizem que o bico é branco.

A. Pereyra contesta, informando que é preto.

Os exemplares que examinei, no Museu Nacional, possuem bico de cor córnea, quasi denegrida na base. O bico da fêmea é um pouco mais escuro.

(173) “Catálogo crítico-comparativo dos ninhos e ovos das aves do Brasil” — Rev. Mus. Paulista, vol. IV, p. 218.

(174) “El Hornero”, vol. V, p. 64.



Por vêzes teve êle ensejo de observar que certo tiranídeo (*Legatus leucophaius*) toma conta do ninho do *soldado*, de maneira curiosa.

Quando um casal daqueles tiranídeos lhe descobre o ninho, arma logo um conflito. O macho persegue, gritando, valentemente, o casal de *soldados*; estes, espantados com a investida, fogem e, enquanto isso, a fêmea começa a encher o ninho de cascas de certa planta.

Ao voltarem para casa, os agredidos esbarram com a ciscalhada atopetando-lhes o lar e, não encontrando outra solução para o problema, abandonam a sua moradia.

Então o casal de usurpadores se instala e sôbre o montão de cisco, adrede preparado, faz a fêmea a postura e incuba.

Entre nós não ocorre *L. leucophaius*, mas sim *L. albicollis*, que não sabemos se usará de tão velhaco expediente para obter a casa alheia.

O *soldado*, também conhecido pelos nomes de *melro*, *rouxinol*, *pêga* e ainda *encontro*, vive nos Estados do R. G. do Sul, Paraná, S. Paulo, Baía. Fora do Brasil, é encontrado no Paraguai e Argentina.

GRAÚNA-DE-BICO-BRANCO (*Archiplanus solitarius*) — A *iraúna-de-bico-branco*, como também é chamada na Amazônia, apresenta uma plumagem inteiramente negra.

O nome é bem aplicado para evitar confusões com a legítima *graúna* (*Psomocolax o. oryzivorus*), que de preto integralmente se veste e possui bico negro.

Por outro lado, a própria diferença em tamanho bastaria para extremar uma da outra, porquanto a de bico branco não passa de 28 cm. e a de bico preto chega a alcançar 34 1/2 cm.

A fêmea é, como de regra entre os icterídeos, bem menor.

O ninho é uma bolsa cônica, muito variável em tamanho (de 50 cm. a um metro), feita com fibras de vegetais diversos, gramíneas, etc.

Aplín fala em crina de cavalo.

Tais ninhos, de grande solidez, são colocados a pequena altura do solo; em geral, à margem dos rios e tão pendidos sôbre êles, que quasi ficam à flor d'água.

No interior desta bolsa, com entrada lateral, colocada bem em cima, está a câmara de incubação, arredondada internamente e acolchoada com folhas secas e musgo. Aí deposita a fêmea dois a três ovos, um tanto alongados, 29 × 19 mm., brancos, embora apareçam escassas manchinhas pardo-escuras e, por vêzes, ligeiras garatujas, mais notadamente no polo rombo.

Êste pássaro procura sempre os lugares ermos, para aí se aninhar e viver, como um eremita, longe dos outros seres viventes.

Alimenta-se de insetos e jamais foi visto comendo sementes.

Apesar de seus hábitos retraídos de anacoreta, não é nenhum insensível às belezas naturais da vida. Compõe belas estrofes e canta-as, louvando, de certo, a Natureza tranquila, o murúrio das águas e as amplas clareiras solitárias da mata.

Da vida da *graúna-de-bico-branco*, em cativeiro, dá-nos minuciosa notícia o ornitologista Pedro Serié ⁽¹⁷⁵⁾.

Somente se adaptam à prisão tais pássaros, quando apanhados ainda filhotes, já bem empenados.

Ainda assim requerem cuidados especiais e não obstante estão sujeitos a enfermidades do aparelho digestivo e, sobretudo, a uma espécie de ataques epiléptiformes.

O alimento, já que se trata de ave eminentemente insetívora, deve constar de coração de boi, um tanto cozido e bem picado, misturado com uma papa de farinha de trigo e farinha de milho crua, em partes iguais.

Acceita, e mostra mesmo predileção por frutas, como laranja, tangerina e uvas.

É muito necessário, talvez até indispensável, fornecer-lhe alguns insetos vivos: mariposas, baratas, moscas, etc.

Uma petisqueira que aprecia muito é o bicho-de-cesto. Basta oferecer-lhe o casulo.

Mesmo que em sua infância, no mato, não houvesse ensejo de ver e de se deliciar com a petisqueira, adivinha logo que ali dentro daquele montículo de pausinhos há algo de apreciável como iguaria.

Pondo-se vários casulos dentro da gaiola, logo o pássaro os apanha, um por um, extrai-lhes o conteúdo ⁽¹⁷⁶⁾ e come-o com transparente satisfação.

Quando decide o acaso que a *graúna-de-bico-branco* se mantenha em bom estado de saúde, obtém-se, assim, um dos mais apreciáveis pássaros de gaiola.

Em breve tempo, familiariza-se com a gente da casa, e até com os animais domésticos entretém afável camaradagem.

(175) "El Hornero", vol. V, ano 1932, p. 46.

(176) Talvez não desagrade aos curiosos, menos cientes da entomologia, saber que o bicho-de-cesto, outra cousa não é que a lagarta dum lepidóptero (*Oiketicus kirbyi*), cuja vida é duma singularidade inacreditável.

Vive tal lagarta polífaga dentro de um casulo feito de pausinhos ligados por um tecido de seda.

Macho e fêmea assim se apresentam, mas enquanto o macho evolue, como os demais lepidópteros, e atinge a fase de adulto — a borboleta, que é a apoteose triunfante de todas as lagartas —, a fêmea jamais alcança aquela finalidade gloriosa.

Natura naturante não lhe concedeu a graça de seguir o mesmo roteiro das metamorfoses dos demais insetos da sua ordem.

Lagarta desde que nasce, lagarta toda a sua vida será, como se houvesse caído sobre o dorso da miserável lagartinha o inclemente castigo dum deus ofendido.

Logo que nos acercamos da gaiola, aproxima-se da grade, brinca com os dedos que lhe oferecemos, belisca-nos amistosamente a bôca, os cabelos, e os botões da roupa.

Se introduzimos a mão dentro da gaiola, com qualquer pitêu, vem logo buscá-lo e, confiadamente, acaricia-nos os dedos, mettendo o bico entre eles para separá-los.

Canta admiravelmente e afirma o seu talento imitando o canto, o grito, o apêlo das outras aves.

P. Scie relata que um exemplar que possuía, imitava com perfeição a conhecida frase do benteví, e ia muito mais longe, repetindo palavras que de continuo eram pronunciadas em casa como: "papa", "te gusta" "Sara".

O autor a que acima nos referimos notou que as toadas da *graúna-de-bico-branco*, independente da cantiga propriamente dita, podem ser classificadas em três grupos, correspondentes a três sensações ou sentimentos diversos: de fome, pela manhã, diante do comedouro vazio, quando emite notas curtas, monotonas, assim como uma queixa; de medo ou surpresa, ao divisar cousa ou pessoa estranha, um chilrear persistente; de alegria, onde há as notas variadas, vivas, sonoras de seu repertório.

Distribuição geográfica: Perú, Bolívia, Mato-Grosso, Goiás, Pará, Ceará, Pernambuco, Paraguai e Argentina.

GRAÚNA (*Psomocolax oryzivorus oryzivorus*) — Com seus olhos desconfiados, seu bico negro, todo negro da cabeça aos pés, o *chico-preto*, como também é chamado, recebe sempre de má sombra os estranhos que pelas grades da gaiola o comprimentam e retribue as festas com valentes beliscadas.

Conseguí, entretanto, entabolar certas amistosidades com um exemplar que possuí durante alguns anos.

Curioso é notar que os amadores de pássaros teimavam sempre a propósito do nome popular de *graúna* com que o apresentava. Todos à uma afirmavam que a legítima *graúna*, aqui no Estado do Rio, era outra ⁽¹⁷⁷⁾.

O certo é que o *chico-preto*, que mede 35 cm., possui uma infinidade de nomes, como *iraúna*, *melro*, *melrão*, *rexexão*, *virabosta-mau*, etc.

E, se não é *graúna* para todos, a maioria dos amadores do extremo Norte assim lhe chamam.

Cantor exímio, rival do melro europeu, é, como este, negro, vibrante e luzídio, mas não jovial e não sei se madrugador.

(177) Graúna, alteração de guirá = pássaro + una = preto, era designação de certo dada pelos indígenas a um grande número de passarinhos negros, e daí resulta que por igual nome são conhecidos outros como o Gnorimopsar c. chopi, também chamado chopim e virabosta; Molothrus bonariensis, o legítimo virabosta, etc.

Em sua vida livre, mostra-se muito esquivo e jamais vem para próximo das habitações humanas. Anda em pequenos bandos e, quando aparece nos campos recém-plantados com arroz, milho ou trigo, costuma arrancar do solo a semente. Por outro lado é ótimo insetívoro.

Segundo hábitos de certas espécies da família, não constrói ninho, fazendo a postura no ninho de alguns dos seus parentes, como o *japú* (*Xanthornis decumanus maculosus*), o *japim* (*Cacicus cela cela*) e também, segundo José Caetano Sobrinho, o *guaxe-do-coqueiro* (*Cacicus haemorrhous affinis*).

Quem primeiro descobriu esta particularidade da *graúna* foi Goeldi e da seguinte maneira, conforme o textual relato:

"Em dezembro foi-me trazido um ninho de *japú* (*Xanthornis decumanus maculosus*) com 2 filhotes, dos quais um legítimo *japú* e outro quasi do mesmo tamanho com falta de penas amarelas na cauda. Criei-os e no fim desenvolveu-se o perfeito *melro* (*P. o. oryzivorus*). Do que ficou demonstrado que essa espécie procede, como seus parentes os *vira-bostas*, confiando os seus ovos aos cuidados de outros pássaros".

O ovo, que mede $32-35 \times 23-24$ mm., é de uma linda cor verde desmaiada com pontos e garatujas.

A espécie é de larga distribuição no país, entretanto não parece que seja muito abundante.

H. Ihering diz que ocorre de S. Paulo ao México; em Santa Catarina e Paraguai.

TRISTE-PIA (*Dolichonyx oryzivorus*) — É o conhecidíssimo *bobolink* norte-americano, o *rice-bird* e *may-bird*, que desnoita os plantadores de arroz e milho das terras férteis do Tio Sam.

Trata-se, pois, de um pássaro de arribação, que, procriando nos Estados nordestinos da América do Norte e Canadá, inverte no sul daquela república, quando não desce toda América do Sul, através do Brasil, indo até Paraguai e Argentina, onde é conhecido sob o nome de *charlatan*.

Entre nós ele surge em pequenos bandos e tem sido verificada a sua presença na Amazônia e Mato Grosso.

Ao Paraguai chegam, nem todos os anos, em bandos de uma dezena de indivíduos e ali passam o verão.

A. W. Bertoni diz que somente ali arribam fêmeas e machos jovens e jamais um adulto masculino.

Crê ser essa a razão por que Azara descreveu os dois sexos como espécies distintas. A plumagem deste pássaro varia com o sexo e a estação.

Na primavera, quando enverga a sua vestimenta nupcial, o macho tem a cabeça negra, e de igual cor a parte inferior do corpo e a cauda; o dorso inferior, as supra-caudais e as coberteiras superiores das asas são brancas com cambiantes amare-



lentos; as primárias e secundárias negras orladas de amarelo ocráceo; pescoço por cima amarelo ocráceo, dorso negro com orlas ocráceas.

A fêmea, algo menor, tem as penas das asas mais claras que o macho, o ventre de um amarelo cinza-pálido, flancos listrados de negro, dorso pardo-amarelento e uma linha sob-ocular amarela.



Fig. 42 — Triste-pia (*Dolichonyx oryzivorus*)

O macho no inverno tem a plumagem com a coloração da fêmea e nos jovens as cores são mais apagadas, tendendo para o cinzento.

O *triste-pia* tem um belo aspecto e um canto rico de modulações, vivendo bem em gaiola, onde incessantemente garganteia.

Se é verdade que causa prejuízos aos arrozeiros da Carolina do Norte e da Geórgia, etc., na época das colheitas, não é menos certo que, durante a época da criação, pais e filhos fazem um enorme consumo de insetos, prestando destarte benefícios aos lavradores.

Compensarão tais benefícios os enormes prejuízos de outras quadras do ano?

O Prof. F. E. L. Beal é decisivo quando escreve ⁽¹⁷⁸⁾: “A figura pitoresca do *bobolink* e a melodia do seu canto não compensam os prejuízos financeiros que causam nem os trabalhos e cuidados que dão aos plantadores de arroz”.

É realmente lamentável que assim seja, pois o *triste-pia* anda sempre alegre da vida, achando, entretanto, os homens indecifráveis e contraditórios.

Semeiam a terra com grãos tão apetecíveis, naturalmente para banquetear os pássaros, e quando chega a hora alegre da comedoria, quando o grão está no campo, quasi pedindo que o comam, armam espantalhos, fazem ruídos, dão tiros malucamente e não os deixam comer.

Realmente os homens e os deuses são indecifráveis.

Sendo ave de arribação entre nós, aqui não faz ninho nem procria.

Sabe-se, entretanto, por informes diversos e muito especialmente pelo trabalho de W. B. Barrow ⁽¹⁷⁹⁾ que, quando as aves chegam à América do Norte, de retorno da sua migração, os machos voltam uma semana antes das fêmeas, e os ninhos começam a ser feitos logo 15 dias após.

Os ninhos, que são geralmente encontrados na primeira semana de junho e às vezes um pouco antes, são feitos no chão, em pequenas cavidades, em touceiras, nos pastos.

Os ovos são brancos com manchas marrons ou pardas. Em geral a postura consta de 5 a 6 ovos.

Desde a época da chegada até o ereseimento completo dos filhotes cantam linda e incessantemente.

VIRABOSTA (*Molothrus bonariensis bonariensis*) — Não há eriatura, entre nós, tão conhecida no mundo dos pássaros, como o herói deste capítulo.

Basta passar uma vista na relação de nomes por que é denominado nas várias regiões do país, para percebermos a sua popularidade.

No Norte é chamado *azulão*. Em Minas tem o nome de *carixo*, *corixo* e *corriço*, segundo vejo registado, mas julgo que tal

(178) Bull. n.º 13 — Division of Biological Survey. U. S. Dep. of Agr.

(179) “Michigan Bird Life” — Publicação de Michigan Agricultural College, 1912.



nome ali seria dado, ao *sofrê*. Ouvi dum velho trabalhador do campo, em Minas, o nome *gorrião* aplicado ao *sofrê*. Há até certa quadrinha popular que diz:

Temos o pássaro que entoa
Por mil diferentes modos,
Porque êle remeda a todos,
Seu próprio nome é corriço.

Ora essa faeuldade de imitar, claro que se deve referir ao *sofrê*, o *corrupião* do Norte.

Aquí no Estado do Rio a designação mais vulgar é *virabosta*, e, numa abreviadura discreta, *vira*, e ainda *pássaro-preto*, *papa-arroz*, *parasita*. Em S. Paulo: *chopim* e *virabosta*. R. G. do Sul: *anú*.

Ainda se registam outros nomes populares como *maria-preta*, *gaudério*, *engana-tico*, *engana-tico-tico*, etc.

Descrever a ave é fácil, pois o macho é inteiramente negro, mas dum negro onde luzem azulados reflexos de lâmina de aço. A fêmea é negra fula. Em ambos os sexos, o bico e os pés são pretos.

Os filhotes emplumam com o traje das fêmeas, mas na primeira muda os machos ganham a sua libré negral.

O macho mede mais ou menos 21 em., sendo a fêmea um tanto menor.

O *chopim* (melhor será chamar-lhe assim de ora avante) representa uma ameaça permanente aos arrozais, onde chega a destruir 100 % da cultura, segundo informes de J. Moojen⁽¹⁸⁰⁾.

Na realidade é uma cena muito vulgar a paisagem que nos pinta o autor acima referido, quando escreve:

"Quieto o arrozal, quando é mais forte o sol, vislumbam-se os dorsos rebrilhantes semeados, raros, pelos cachos da gramínea. Um grito, um ruído qualquer — e levantam-se, com surpresa para o observador, centenas de *pássaros pretos*, convergindo para as árvores próximas, *canarinhos* (*Sycallis flaveola*) juntam-se ao bando e pontilham de flavo a horda dos comensais — aproveitando-lhes o trabalho de derrubar o arroz e a suspicácia arguta, que os avisa da aproximação de perigo.

Espantalhos, bandeirolas, molinetes garridos, tiros... nada afugenta os *gaudérios* senão pelo tempo que levam em avaliar o perigò. Só um recurso, e comumente o utilizam, manter vigias bullentos e que permaneçam o dia todo no arrozal: Garotos".

(180) Valor econômico do *Molothrus bonariensis*" — O Campo, abril, 1938.

Mas não sòmente prejudicam a cultura de arroz, senão também a dos outros cereais.

É muito comum vê-los catando o grão cerealífero, que o diligente lavrador semeou.

Frequentam os campos e os pastos, caminhando pelo solo, revolvendo o esterco ainda fresco à procura de pedaços de milho. O seu nome virabosta provém dêste fato.

São, não obstante, aceadíssimos. Pela manhã vão em busca de água para os banhos matinais, embora reine o mais rigoroso inverno.

Vivem, como dissemos, em pequenos bandos, que se reúnem uns aos outros e juntos invadem as culturas.

Na época dos amores, entretanto, costumam andar isolados, ou, ainda, uma fêmea em companhia de seus cortejadores.

À realização efetiva do conúbio antecede uma cena de seduções.



Fig. 43 — Chopim (*Molothrus bonariensis*)

O macho eriça a plumagem negra luzidia, abre as asas, que, na incidência dos raios do sol, desfere brilho de aço reluzente. A fêmea mostra-se mentidamente revoltada com a audácia, finge persegui-lo, mas, por fim, abre também as asas e dobra docemente os metacarpos.

A natureza fez sempre capituláveis as fortalezas femininas para dar ao macho a impressão hercúlea da fôrça. Magnífica mentira da diplomacia da espécie.

O *chopim* adapta-se bem ao cativoiro e chega a ficar manso e verdadeiramente doméstico.

É um cantor digno de elogios.

Em relação à família adota o *chopim* a mais estranha singularidade. Como o cuco europeu, com o qual, aliás, não se aparenta, põe ovos em ninho alheio. O fato é duma trivialidade absoluta e quem mora nos campos sabe perfeitamente disso.

A observação já figura até no trovar das quadrinhas populares, por vezes realistas, claudicantes quasi sempre, mas sinceras e pitorescas:

Virabosta é preguiçoso,
Mas velhaco passarinho,
P'ra não fazer o seu ninho,
Se apossa do ninho alheio.

São mais ou menos versos, porém a observação não é rigorosamente verdadeira. O ninho alheio continua de posse do seu dono e até enriquecido pelos ovos que o *virabosta* lá põe. O povo tomou conhecimento do assunto, mas um tanto pela rama.

Das delicias da maternidade aos *chopins* só lhes interessam os prelúdios.

A insipidez da tarefa incubatória, as canseiras da alimentação dos bebês, com seu eterno peditório de comida, desagradam, positivamente, à espôsa daqueles pássaros.

O único expediente, já que não há "crèches", é colocar, sorrateiramente, os ovos no ninho dos outros passarinhos, que, iludidos na candura da sua boa fé, os chocarão e cuidarão dos filhotes, não se extinguindo assim a raça de tão velhacos parasitos.

Os ninhos de preferência procurados pelo *chopim* para as suas posturas clandestinas são os do *tico-tico*, cujos ovos, embora um tanto menores, muito se parecem com os dêle.

Em 28 ninhos de tico-ticos examinados por Moojen, 75 % foram encontrados parasitados pelos ovos daquele passarinho ⁽¹⁸¹⁾.

Na coleção oológica de José Caetano Sobrinho pode-se verificar o encontro de ovos do *chopim* no ninho dos seguintes pássaros:

Tico-tico (*Zonotrichia capensis matutina*).

Tico-tico-do-campo (*Poospiza tateralis cabanisi*).

Tico-tico-rei (*Coryphospingus cucullatus rubescens*).

Melro-pintado-do-brejo (*Pseudoleistes guirahuro*).

Canário-da-horta (*Sicalis flaveola pelzelni*).

Canário-do-mato (*Piranga sagrai*)?

Soldadinho-do-brejo (?)

Segundo informes registados em "El Hornero", por H. C. Smyth, P. Girard e J. A. Pereira, na Argentina têm sido encontrados ovos do *chopim*, lá chamado *tordo* ou *renegrido*, no ninho dos seguintes pássaros:

Thamnophilus major, *Thamnophilus ruficapillus*, *Furnarius rufus*, *Synallaxis spixi*, *Phascellodomus striaticollis*, *Pachyrhamphus polychropterus notius*, *Taenioptera irupero*, *Machetornis ri-*

(181) "O Campo, abril 1938, p. 17.



xosa, *Fluvicola albiventer*, *Sisopygis icterophrys*, *Knipolegus canisii*, *Myiophobus fasciatus*, *Empidonomus aurantio-atrocristatus*, *Tyrannus melancholicus*, *Musivora tyrannus*, *Troglodytes musculus bonariae*, *Mimus modulator*, *Turdus rufiventris*, *Turdus amaurochalinus*, *Anthus correndera*, *Mimus triurus*, *Poospiza lateralis*, *Poospiza nigrorufa*, *Myiospiza humeralis dorsales*, *Poospiza melanoleuca*, *Embernagra olivaceus*, *Coryphospingus cucullatus araguira*, *Sicalis pelzelni*, *Sicalis arvensis*, *Zonotrichia capensis argentina*, *Saltatricula multicolor*, *Saltator aurantiirostris*, *Saltator caeruleus*, *Sporophila caeruleus*, *Paroaria cristata*, *Virco chivi chivi*, *Trauspis bonariensis*, *Thraupis sayaca obscura*, *Trupialis defilippii*, *Pseudoleistes virescens*, *Agelaius thilius*, *Molothrus*.

Num ninho de *Leister militaris superciliaris* foram encontrados, junto aos dois ovos da espécie, 12 do *Molothrus* e noutro 1 do dono e 19 do citado parasito ⁽¹⁸²⁾.

O *chopin*, ora põe um ovo, ora mais, e, por vèzes, chega a jogar fora do ninho os ovos do legítimo proprietário e não raro luta com êle para fazer a indesejável postura.

Quando nasce o filhote do intruso, quasi sempre maior que os do seu hospedeiro, êsses estão irremediavelmente perdidos.

Valendo-se do direito da força, não têm escrúpulos em lançar fora do ninho os seus "irmãos de leite".

Os pobrezinhos vêm ao chão e aí morrem de fome e frio ou vitimados pelas formigas ou outros animais.

É um dos mais erúcis episódios da luta pela vida, travada ainda no berço, entre passaritos que nem sequer enxergam e um pequenino monstro igualmente eego, porém agitado por incoerêveis desejos de viver.

Os imperativos da luta pela vida perturbam-no e, instintivamente, o pequeno ser palpita no anseio de veneer, remexe-se dentro do ninho, tateando nas trevas, eego de furor contra os irmãos eolaços, os quais ali estão disputando o eibo nutritivo, que mal chega para êle.

Nem sempre conseguem os *chopins* expulsar do ninho os seus naturais proprietários, e, verificada a impossibilidade de fazê-lo, conformam-se. Como, porém, são quasi sempre maiores e mais fortes, tomam todo o alimento que lhes traz a mãe adotiva, a qual vê os filhos legítimos desmedrarem e morrerem de inanção.

É chegado o momento de indagar quais os motivos desta aberração nos hábitos de *Molothrus*, *Psomocolax* ⁽¹⁸³⁾ e de outros pássaros.

(182) "El Hornero", t. V, p. 219.

(183) *Psomocolax oryzivorus*, chamado graúna, melirão, rexanção, é acusado de igual hábito, como já aludimos.

Será realmente uma degradação de costumes, como se verifica nas várias escalas do parasitismo?

Em outras eras terão os *Molothrus* e os parasitos de seu jaez incubado? Parece que sim. A. Muller, citado por Darwin, afirma-o.

O problema tem sido estudado por vários naturalistas e de diversas maneiras interpretado.

Foi Jenner, o inesquecível inventor da vacina, quem primeiro observou a postura do *cuco* em ninho alheio (1785) ⁽¹⁸⁴⁾.

Para êsse autor, o *cuco* assim procede devido à imperiosa necessidade de emigrar. Não pode perder tempo com a incubação e nutrição dos filhos.

Hérissant explica o fato pela impossibilidade de a fêmea chocar devido à disposição particular das víceras abdominais.

Fabre crê, também, numa causa fisiológica, julgando que a estrutura do seu peito não permite a transmissão do calor necessário à incubação dos ovos.

Para a maioria dos naturalistas o caso prende-se ao fato de a fêmea do *cuco* pôr 5 a 7 ovos com espaços de 2 a 3 dias (5 a 8 dizem outros) e assim teria de incubar e alimentar os filhos a um tempo, tarefas incompatíveis.

Lenick, referindo-se a *Molothrus*, diz que êle tem hábitos nômades, deslocando-se sem cessar e disso resulta ser impossível aninhar-se.

H. Friedman, ornitólogo norte-americano, que esteve na Argentina estudando o parasitismo entre aves, fundamenta a origem do parasitismo de *Molothrus* no seguinte fato: Cada macho possui o seu território, a sua área de influência, durante a época do acasalamento, e aí se mantém vigilante. Quando surge uma fêmea, a ela se une, e esta põe em ninhos existentes dentro da área de influência daquele macho.

Como existem 50 % mais de machos que de fêmeas, estas deslocam-se continuamente e vão à procura de outros machos que habitam diversas zonas, territórios exclusivos da influência dos respectivos genearcas.

E assim vai a original procriadora cumprindo o estranho fadário, mãe a quem a Natureza não consentiu a ventura de cuidar dos filhos, caixeira viajante do amor, fugitiva e passageira como a *Venus vaga*.

Hudson diz que *Molothrus* constrói um ninho tão desajeitado que resolveu renunciar a semelhante tarefa e, assim põe em ninho alheio.

Por essas formas tão diversas interpretam os homens a estranha anormalidade, mas a razão real só a sabem os *cucos* e os

(184) In "Transactions philosophiques" vol. LXXVIII, p. 221. Citado por G. J. Romanes in "L'Intelligence des Animaux", t. 2.º, p. 62.



chopins. O interessante, no caso, não é simplesmente conhecer o fato, mas descobrir-lhe as razões. Infelizmente as causas finais já sobrepassam o domínio da ciência.

Quanto a mim, não vejo razões transcendentais, mas uma simples velhacaria de tais aves, grandemente inteligentes ⁽¹⁸⁵⁾. Parece que compreendem muito bem o ato que praticam para se livrarem duma tarefa penosa, que é o chôeo e a alimentação dos filhos.

Quem os observa em tais momentos, fica surpreso da atenção e do cuidado que tomam quando vão fazer a postura no ninho de um pássaro que reage, como os tiranídeos, e do descaso com que depõem os ovos no ninho de pássaros pacíficos, aos quais chegam a escorraçar do seu próprio lar, quando desejam pôr.

O *chopim* não só põe o ovo para que outra fêmea o choque e crie o filho, como, por vezes, lança fora do ninho o ovo do proprietário dêste, facilitando assim a incubação do clandestino.

L. Dinelli (El Hornero, vol. VI, N.º 3, p. 485) afirma que, quando o ovo da ave parasitada é maior que o do *chopim*, êste pratica um furo e com isso a incubação não se processa.

Estudando-se mais atenciosamente o assunto, vemos, por exemplo, que *Molothrus badius* faz ninho e incubava, mas, sempre que pode, apodera-se do ninho alheio, embora se encarregue da incubação e cuidados consequentes.

Quem nos dirá que, mais para diante, chegará ao estágio evolutivo do seu parente *M. monariensis*?

Euler, aliás, já o dava como confiando os ovos à incubação de estranhos, fato, entanto, contestado por H. Ihering, apoiado por Aplin e Hudson, mas A. Castellanos, na Argentina, tem verificado o fato ⁽¹⁸⁶⁾.

Molothrus brevirostris também não faz ninho nem incubava, mas confia os ovos em geral ao seu parente *badius*, cujos ovos são parecidíssimos com os seus. Outras vezes põe no ninho do *bentevi*, *Pitangus sulfuratus bolivianus*, que ocorre na Argentina.

(185) Sei que não é muito filosófica essa dedução. Cai-se sempre em erro querendo atribuir aos animais certas qualidades, que os homens possuem, ou devem possuir, em consequência de diretrizes filosóficas ou princípios de educação em que foram criados.

Quem já não ouviu alusões à pudicícia do elefante? Ainda não disseram ao leitor que aquêle elegante e simpático passarinho, o joão-de-barro, deixa de trabalhar aos domingos em observação aos preceitos católicos?

Grande número de observações existem sobre costumes de animais, as quais se nos afiguram inexatas. O mais das vezes não é a inverosimilhança do fato, mas as conclusões daí tiradas que nos levam a pôr de remissa o acontecimento.

Entretanto, mantenho minha interpretação quanto ao *Molothrus*, evidentemente velhaco, embora me encontre inclinado a participar da opinião de H. Friedman.

(186) "Aves del Valle de los Reartes" — El Hornero, vol. V, p. 331.



Tais fatos estão revelando nuances gradativas do parasitismo dos ninhos.

Poder-se-ia pensar que a evolução para o parasitismo se processasse em três fases:

1.º — Apoderar-se de ninhos estranhos e aí fazer a postura e a incubação.

2.º — Pôr ovos no ninho do parente mais chegado.

3.º — Pôr ovos em ninhos de aves diversas e cujos ovos se assemelham mais ou menos aos seus.

A verdade parece ser essa.

A não ser o motivo suspeitado por Friedman, não existe uma razão biológica que os impeça de incubar, e isso está patente no fato de outras espécies do mesmo gênero, de hábitos iguais, construírem ninhos e realizarem normalmente o chôco, embora, por vezes, não o queiram fazer.

O mesmo se dá com o *cuco* da Eurásia ⁽¹⁸⁷⁾. Nem todas as variedades têm hábitos parasitários.

Os "coucals", por exemplo, constroem ninhos e incubam ⁽¹⁸⁸⁾.

Aquí no Brasil há um cuculídeo, o conhecido *saci*, que põe ovos em ninho alheio, caso de que já tratámos em "Da Ema ao Beija-Flor".

Ainda entre outros pássaros e aves de ordens diversas, o fato tem sido assinalado por observadores fidedignos.

Êsses fatos isolados, de aves que normalmente constroem ninhos e incubam e, quando lhes dá na veneta, confiam a estranhos a tarefa de incubar, dão bem idéia que a usurpação dos ninhos e seus estratégias são verdadeiras velhacadas.

Citarei ainda casos excepcionais fora da ordem dos passeriformes. O *pato-pardo* (*Heteronetta atricapilla*), sempre que encontra a jeito o ninho do *chimango-do-campo*, *chimango-carra-patciro* (*Milvago chimango*), põe nele seus ovos ⁽¹⁸⁹⁾.

Parece até, com tal hábito, querer desforrar-se daquele gavião vandálico, que costuma devorar gulosamente os ovos dos patos *Dafila*, *Querquedula* e *Spatula*.

Os ovos de certo caboré (*Glaucidium b. brasilianum*) foram encontrados no ninho do gavião *quiriquiri* ⁽¹⁹⁰⁾.

Um outro problema curioso, que de tais fatos decorre, é a suspeitada facilidade de êsses parasitos de alheios ninhos porem ovos com a côr semelhante ao das aves em cujos ninhos desovam.

Trata-se de um caso muito especial de mimetismo.

(187) Designação geralmente adotada em referência ao conjunto continental formado pela Europa e Ásia.

(188) "Le nid de l'oiseau", Dr. Cathlin, p. 69.

(189) "El Hornero", vol. III, p. 252.

(190) "Da Ema ao Beija-Flor", p. 190.

O aspecto do delicado problema, em relação ao cuco da Eurásia, tem sido muito estudado ⁽¹⁹¹⁾, mas em relação ao *Molothrus* há insignificantes observações.

Tenho aqui presente, da coleção oológica de José Caetano Sobrinho, anteriormente referida, várias ninhadas de pássaros diversos parasitados pelo *chopin*, entre as quais há algumas em que os ovos apresentam certa semelhança entre os do parasito e os parasitados.

Parecença puramente fortuita.

Os ovos do *gaudério* variam ao acaso, como o de tantos outros pássaros, e não podem sequer dizer que tais variações sejam excepcionalmente poliformes.

Há aves, como testemunha a coleção aqui presente ao meus olhos, em que as variações são ainda mais ricas no desordenado dos coloridos, deixando-nos até duvidosos sobre a possibilidade de uma ave pôr ovos tão dissiméis.

O fato que verifico, na observação dos ovos do *chopin*, é que, eles sempre se apresentam cobertos de salpicos e manchas de cores várias: pardo, marron, lilá. Na coleção referida não há um só ovo de *Molothrus* que seja branco ⁽¹⁹²⁾.

É este mesmo tipo de ovo, recoberto de manchas, que se encontra no ninho do *lico-lico*, cujos ovos apresentam semelhança com o dêle, e no do *lico-lico-rei* (*Coryphospingus pilcatus*), que põe ovos pequenos e inteiramente brancos.

O mesmo acontece com os ovos que põe no ninho de seu parente *Gnorimopsar chopi chopi*. Os ovos dêste último são grandes, brancos, levemente azulados.

Na ninhada parasitada do *melro-pintado* (*Pseudoleiste guirahuro*), cujos ovos são parecidos com os do *gaudério*, porém mostram largas pintas escuras, há um ovo, dêste último, que também apresenta tais pintas.

Se o suposto mimetismo defensivo se apresentasse tão excepcionalmente, já teriam deixado de existir as espécies que precisassem da aleatória defesa, e a natureza teria sido lograda na sua omnisciência. O tamanho também está sujeito a variações, indo de $20,5-23 \times 17-20$ 1/2.

Não me atrevo a fazer interpretações sobre o suposto mimetismo dos ovos de *Molothrus*, mas as variações mais notáveis devem correr por conta do meio ambiente, na maioria dos casos.

Tal influência manifesta-se não somente na variabilidade dos ovos de aves, senão também na cor dos individuos e seus costumes.

(191) S. Baker — "Cockoos'eggs, and evolution" (Proc. Zool. Soc. London, 1923-227) e Stresemann — "Aves" (Handbuch d. Zoolog., 1928, 413).

(192) Oscar Monte (Ch. e Quintais, fev. 1928) e J. A. Pereyra (Mem. del Jard. Zool., t. VII) afirmam ter visto ovos inteiramente brancos.

Para exemplificar, citaremos as seguintes observações de H. von Ihering.

Diz aquele sábio naturalista que as fêmeas do *M. bonariensis*, da Baía, são pardo-cinzentas e não fulas, como as do sul do país; que os ovos de *Myiozetetes similis*, na Baía, são menores do que os encontrados em S. Paulo, o mesmo observando-se a respeito dos ovos de *Tanagra sayaca*.

M. similis, acima citado, na Baía, faz ninho, de maneira diferente, que aqui no sul.

Reputo muito racional a interpretação dos fenômenos miméticos, feita pelo ilustre cientista brasileiro S. de Toledo Piza. Diz este autor escrevendo sobre aranhas mirmecomorfas ⁽¹⁹³⁾:

“O mimetismo é um fenômeno devido a variações casuais, sem nenhum determinismo prévio, como é sempre o caso das mutações. Possuindo uma conformação que lhe veio de modo imprevisto, sem que saiba donde ou porquê, o animal faz tudo que pode para ajustar essa conformação às necessidades da existência. Portanto, se a semelhança com objetos ou animais lhe é prejudicial, tem que lutar para compensar a desvantagem, devida à sua conformação. Se, ao contrário, a semelhança traz alguma vantagem, ele saberá aproveitar-se daquela conformação. Logo, eu penso poder concluir que uma aranha à qual as variações hereditárias deram a forma de certa formiga, ao sentir, sem saber porquê, que a captura dessa formiga lhe é mais fácil do que a de qualquer outro inseto, e achando nessa presa alimentação conveniente à manutenção de sua existência, estabelecer-se-á com certeza nas vizinhanças daquela a fim de comodamente dar-lhe caça. No caso em que o alimento não lhe conviesse, não poderia beneficiar-se de uma semelhança, que, é bem verdade, não lhe foi dada com a intenção preconcebida de atirá-la à caça das formigas.

A meu ver, é necessário atribuir à inteligência do animal uma boa parte no ajustamento de sua forma às necessidades da vida e para nos convenceremos do papel representado pela inteligência basta observar a maneira pela qual certas *Attidae* tomam a posição favorável antes de saltar sobre a vítima”.

Tudo mais que se arquitetar a propósito de mimetismo, fora destas judiciosas observações, é devaneio e fantasia.

Molothrus b. bonariensis ocorre em Mato Grosso, Minas, Rio de Janeiro, S. Paulo, indo à Argentina até a Patagônia.

Os ornitologistas consideram sub-espécies as formas que ocorrem na Baía e na Amazônia.

O gênero comporta ainda outras espécies, que para diante trataremos.

(193) “Rev. Mus. Paulista”, t. XXIII, p. 316.



L E N D A S

Há uma lenda guaraní que explica porque são de côr negra os *chopins*.

Vem o fato lá do fundo infinito dos tempos, quando a família dos falconídeos disputava a hegemonia no mundo das aves.

Gaviões e falcões de alta estirpe, capitaneados pelo *uiraçú*, lutavam contra *chimangos*, *carangos* e até *urubús*, na conquista de suas prerrogativas realengas.

A arraia-miúda, a passariuhada proletária, entre a qual estavam os *chopins*, cerrava fileira entre êste último grupo.

Ferida a batalha decisiva, vencem o *uiraçú* e seus nobres parentes.

Seguiram-se, então, as cenas vandálicas de sempre e, entre outras depredações, lançaram fogo à casa do *chopim*, que pôde escapar da morte, lamentavelmente queimado, enegrecido.

Eis porque a sua bela plumagem de outrora ficou inteiramente negra.

Meditando sôbre tal lenda, chego a pensar que talvez se apagassem da memória do povo outras conclusões ainda primordiais do fato, muito estreitamente ligadas aos costumes dêstes pássaros.

Julgo que a lenda também quisesse explicar os motivos pelos quais os *chopins* não constroem ninho.

Uma vez queimada a casa, abstiveram-se de construir outra, receosos de futuros incêndios.

Essa parece ser uma conclusão folclórica decorrente do fato.

ASA-DE-TELHA (*Molothrus badius badius*) — Bem menor do que o *chopim*, pois não mede mais de 19 cm., dêle ainda se distingue pela coloração, que é parda acinzentada, mais clara na parte inferior do corpo.

As asas são de côr acastanhada clara; côr de telha, acentua o povo. Há no ápice das penas primárias e nas barbas internas das secundárias côr negrusca igual à da cauda. Bico e patas negras. Macho igual à fêmea.

Em geral aparecem aos casais, mas em certas quadras do ano surgem em grupos.

Embora saibam construir o ninho e jeitosamente acolchoá-lo com crinas de cavalo, sempre que podem, toniam conta do ninho alheio.

J. A. Pereyra, "Aves de La Pampa" (194) relata-nos as desordens decorrentes da usurpação dos ninhos, entre *M. b. badius*, *M. rufo-axillares* e *M. b. bonariensis*.

Viu aquele naturalista um casal de *M. badius* rondando o ninho do *cochicho* (*Anumbius anumbi*).

(194) "Mem. del Jardim Zool.", t. VII, p. 304.



Examinando o ninho, verificou que existia cinco ovos quebrados, um do *gaudério* (*M. b. bonariensis*) e quatro do seu parente *M. rufo-axillaris*.

Investigando com minúcia, encontrou, ainda dentro do casarão do *cochicho*, mais quatro ovos de *M. badius*.

Parcece que este último pássaro, ao verificar tantos ovos dos demais parasitos, os destruiu, fazendo sua postura noutro local do grande ninho do *cochicho*.

Reina, pois, entre tais pássaros a mais intensa pirataria, empurrando uns para os outros a tarefa de chocar os ovos.

Os ovos do *asa-de-telha* são ovóides, de cor branca acinzentada e inteiramente cobertos de linhas e pintas de cor lilá. Medem $24-26 \times 18-19$ mm.

Asa-de-telha, que tem o canto talvez mais agradável que o *virabosta*, é espécie de Minas Gerais e Rio G. do Sul, Paraguai, Argentina e Bolívia.

Há uma sub-espécie, que vai até o norte: *M. b. fringillarius*. Ainda podemos citar outra espécie limitada ao R. G. do Sul, Uruguai, Paraguai e Argentina, *M. rufo-axillaris*.

É negra assetinada, mas os machos ostentam uma mancha castanha nas axilares.

Goza fama de grande cantor.

IRATAUÁ (*Agelaius icterocephalus*) — É uma espécie exclusiva da Amazônia.

O macho é preto, com cabeça e garganta amarelas. A fêmea é parda, com a parte inferior mais clara e a garganta amarelada.

O macho, maior que a fêmea, mede pouco mais de 18 cm.

Com o mesmo nome de *iratauí*, que significa "pássaro amarelo", é conhecido um icterídeo, de outro gênero também amazonense, outrossim chamado *garrupião*.

O gênero *Agelaius* possui meia dúzia de espécies, sem nome popular que as distinga e quasi todas do Sul.

Falarei, no entanto, de *Agelaius thilius thilius*, que ocorre no R. G. do Sul e de lá se estende para Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia, pássaro que tem seu nome vinculado ao Chile, ao qual, conforme certa lenda ⁽¹⁹⁵⁾, deu o nome.

O macho é preto, com as coberturas superiores das asas, no encontro, amarelas; a fêmea tem a parte superior de cor pardilla, com estrias negras, e a inferior mais clara e cinzenta, igualmente riscada de escuro; asas e cauda negras, com as penas orlas das de marron e a região do encontro amarela, como no macho.

(195) "El trile, a cuyo canto se atribuye el verdadero origen del nombre de Chile, por un cambio de sus notas corridas, es bastante comun en los terrenos húmedos cobiertos de verdura del Centro y Norte del país." — "Bol. del Mus. Nac. de Chile", t. I, n.º 8, 1911.

Os machos, antes de atingirem a idade adulta, ostentam uma plumagem idêntica à da fêmea, embora acusando estrias negras mais pronunciadas.

Esse icterídeo, como os demais do gênero *Agelaius*, aninha-se nos brejais, entre os juncos.

O ninho, feito de folhas de junco ou outras plantas das baixadas úmidas, não é destituído de arte e chega a medir 8 cm. de diâmetro e outros tantos de alto.

Os ovos, em número de quatro, são brancos, ornados de pintinhas e manchas, bem como de arabescos escuros, em redor do polo obtuso, por vêzes cobrindo essa extremidade.

Os hábitos das espécies do gênero *Agelaius* são um tanto diferentes da maioria dos icterídeos, e o fato já chegou até a observação popular, ao menos entre os argentinos, que os distinguem sob a denominação geral de "tordos de bañado".

São aves úteis, porque se alimentam, principalmente, de insetos, anelídeos, moluscos, crustáceos, embora comam grãos e frutas.

São pássaros alegres, apreciáveis cantores, alguns muito vistosos, como *A. flavus*, de côr amarela e preta.

Em geral, após fazer a sua segunda criação, emigram, só reaparecendo na outra quadra do ano.

Agelaius ruficapillus funda verdadeiras colônias de ninhos, na época de procriação.

J. A. Pereyra, em "El Hornero", conta ter visto uma colônia com 50 ninhos, todos com 3 a 4 ovos, que aliás são lindos, porque sobre o fundo azul celeste há uma constelação de pontos, ora pequenos, ora grandes, entre os quais aparecem signos duma indecifrável taquigrafia.

SOLDADO (*Leister militaris superciliares*) — O macho é preto, com finas listras pardas nas margens externas das coberteiras superiores. Encontro da asa, peito e meio da barriga, de vermelha côr. Lista branca superciliar. Bico e patas negras.

A fêmea tem a parte superior negra, com as penas, na totalidade, marginadas de pardo; a garganta e pescoço baios, peito vermelho de mistura com pardilho, abdome pardo pintalgado de negro. Estria superciliar dum pardilho claro. Bico e patas de côr córnea. Medem mais ou menos 18 cm.

Os filhotes, na sua primeira plumagem, são de côr parda com estrias escuras, garganta dum pardilho claro.

A muda, que se processa aos seis meses, veste-os com a plumagem definitiva.

Andam em grandes bandos, salvo na época da reprodução, época em que cada casal se aparta.

Aninham-se nos capinzais e, na Argentina, é muito comum fazerem ninhos nos alfafais e nas culturas de linho.

O ninho, feito com palhas, contém 4 ovos, ora com fundo branco rosado, ora dum azul ecleste esvaecente, com manchinhas e pingos vermelhos por todo êle. O ôvo mede 25×19 mm.

Enquanto a fêmea choca, o macho ronda pelas imediações, distraíndo-a com suas cantigas e, sobretudo, com seus vôos de fantasia. Sob o ar, entre 10 a 15 metros, e deixa-se então cair, traçando graciosa parábola. Durante isso, vai cantando. A fêmea, agachada no ninho, espreita, entretida, aquelas piroetas e fica ao mesmo tempo ciente que não há pelos arredores nenhum perigo. Talvez que o brinquedo não tenha outro fim que o de manter constante vigilância.

Refletindo bem, verifica-se que a vida das aves está de continuo ameaçada, e tudo se resume em fugir dos mil inimigos.

A época da postura, a incubação, a penosa tarefa de alimentar, instruir e defender os filhos, devem ser uma quadra de temores e preocupações e, contudo, cantam com o mais cândido optimismo.

O *soldado*, além de cuidar dos filhos, quasi sempre é forçado a tratar dos alheios, pois o *virabosta* encontra sempre meios de pôr alguns ovos junto aos daquele.

A distribuição desta ave é vasta, estendendo-se, diz O. Pinto, "por todo leste e centro do Brasil até o Paraguai, norte da Argentina, o Uruguai, a Bolívia e mesmo leste do Perú".

"A raça típica", é ainda o ornitologista citado que nos informa, "peculiar à Guiana e à Amazônia, difere por carecerem os machos da lista branca superciliar que ornamenta a ave brasileira, as fêmeas apresentam-se igualmente superciliadas nas duas raças, como o prova uma série de indivíduos de Parintins, cujos machos nada diferem dos da Guiana.

No Maranhão, onde Hellmayr registrou a presença da raça típica, ocorrem indivíduos intermediários, em que a lista superciliar se mostra variavelmente distinta".

Leistes militaris militaris, a forma típica referida acima, é chamada, na Amazônia, *rouxinol-do-campo*, *polícia-inglesa*, *puxa-verão* e *tem-tem-do-espírito-Santo*, nome este último que é dado também a certo cerebideo.

CAPITÃO (*Amblyramphus holosericeus*) — Em certas regiões do Brasil, aonde não chegavam notícias de sua justa promoção, é ainda hoje conhecido pelo nome de *soldado*.

Trata-se de uma ave donairosa, de plumagem negra carregada, exceto a cabeça, pescoço e peito, que são de cor amarela avermelhada, com lampejos de vidrilho. As pernas também ostentam a mesma cor, tendendo um tanto mais para o amarelo. Mede 21 cm.

O porte senhoril e as cores vistosas de seu barrete vermelho, o peitoral igualmente berrante e as perneiras, como que metido

no garante reúnio, dão-lhe o ar marcial dum miliciano de outros tempos.

A fêmea é igual ao macho, mas o filhote é negrusco, côr que aos poucos toma nuances ocráceas nas regiões que mais tarde terão a côr vermelha. É espécie útil, porque quasi que só de insetos e outros artópodes se alimenta.

Aninham-se entre juncaes, nas margens encharcadiças das correntes fluviais, procurando as partes mais altas e, não obstante, a revezes, perdem a casa e a prole, quando os rios desbordam.

O ninho é feito nos juncos e, mais raramente, em ramos de arbustos, sempre a pouca altura do nível das águas, bem tecido com palhas e hastes de gramíneas, aberto em cima, em forma de taça.

Mede 10 cm. de diâmetro por outros tantos de alto.

Os ovos, em número de três, medem 27×20 mm. e mostram, sôbre campo azul celeste, pintas e riscos negros mais acentuados no polo obtuso.

Distribuição geográfica: Mato Grosso e R. G. do Sul; Argentina, Uruguai e Paraguai.

CHOPIM-DO-BREJO (*Pseudoleister guirahuro*) — O *gui-ahuro* dos guaranis ou o *melro-pintado-do-brejo*, dos mineiros, gosta de frequentar os banhados, à maneira dos seus parentes do gênero *Agelaius*, e lá também costuma aninhar-se.

É pássaro de tamanho regular, pois mede mais ou menos 24 cm.

Veste-se de pardo, porém o peito, a barriga e os encontros são de côr amarela viva e, bem assim, o baixo dorso e o uropígio.

Aparece em pequenos bandos, pelos banhados e suas imediações, empoleirando-se pelas árvores, porém de continuo baixando ao solo em busca de larvas, lagartas, outros insetos e também vermes, crustáceos, etc. Trata-se, portanto, de um pássaro útil.

O ninho, que faz, é de palha, ligeiramente acolchoado no fundo. Apresenta o conjunto da construção um formato semi-esférico.

Em geral é no próprio banhado, pelas margens dos rios e a pouca altura do solo, que localiza tais ninhos, prendendo-os aos colmos do capim de cana ou de outros vegetais dos brejos.

É muito vulgar encontrar-se, entre os seus ovos, o do *chopim*, como aqui tenho presente na coleção do oologista José Caetano Sobrinho. Distribuição geográfica: Do R. G. a S. Paulo, Minas; Paraguai e Argentina.

O gênero contém outra espécie, que só ocorre no Rio Grande do Sul, indo até R. Argentina e Uruguai; é o *dragão* (*Pseudoleistes virescens*).

Parece-se muito com o anterior, mas dêle se distingue bem facilmente, já pelo tamanho um tanto menor, já porque lhe falta côr amarela no baixo dorso, e, examinando-se com atenção, igualmente se nota que a região do ventre, onde existe a côr amarela, é mais extensa no *dragão*.

O ninho é semelhante, porém alguns costumam barreá-lo no fundo, ao menos assim o descreve J. A. Pereyra ⁽¹⁹⁶⁾.

Os ovos, que medem 26×19 , são em número de três por ninhada e apresentam sôbre o campo branco, ou azul celeste pálido, pintas, máculas e salpicos avermelhados.

CORRUPÇÃO (*Icterus jamacaii jamacaii*) — Vou descrevê-lo segundo o original vivo, que tenho aqui presente.

Mede 20 cm. mais ou menos. “Negrinho”, o amável *corrupção* que me serve de modelo, é o mais manso dos pássaros que já tive ensejo de observar, porém não ficou muito satisfeito em lhe medirmos o comprimento.

Tem a fronte, a cabeça, a nuca, parte anterior do dorso, penas rêmiges e cauda, negros, parte posterior do dorso e cobertura da cauda, amarelas; peito, ventre, uropígio e bordo anterior da asa, de amarelo alaranjado; mancha da parte externa da asa, branca; iris, amarelo limão; bico com a mandíbula superior negra e a inferior cinzenta para a raiz, tarsos plúmbeos. A fêmea é mais ou menos semelhante ao macho.

Do *corrupção*, também chamado *sófrê*, escreve Olivério Pinto ⁽¹⁹⁷⁾ estas linhas:

“O *sófrê*, um dos ornamentos mais brilhantes do nosso mundo alado, é ave peculiar aos campos secos do nordeste do Brasil, onde ocorre desde o norte de Minas até o Maranhão, inclusos nesta área todos os Estados marítimos intermédios. A partir de Goiás êle cede lugar a *I. croconotus* Wagl., fácil de distinguir ao primeiro exame, pela sua côr alaranjada mais intensa, estendida superiormente até o alto da cabeça, com exceção apenas de estreita faixa frontal. Neste pássaro, para votá-lo à nossa simpatia, concorrem com a feliz combinação de côres de sua plumagem, as notas agradáveis do canto melancólico, que de longe denuncia sua presença aos que o tenham ouvido uma só vez. Nos meses de janeiro e fevereiro era quasi certo encontrá-lo cada manhã nos arbustos e macegas da península de Corupeba, fronteira à ilha de Madre de Deus, onde, embora ocasional, o avistei também mais uma vez na ponta do Mirim”.

Em geral vivem em pequenos bandos, mas na época da reprodução apartam-se, aos casais.

(196) “Mem. Jard. Zool., t. IX, p. 249.

(197) “Aves da Baía” — Rev. do Museu Paulista, t. XIX, p. 296.

Sôbre o ninho o que se sabe deve-se ainda ao príncipe de Wied, que, aliás, confessa suas dúvidas, quando escreve: "Um dos meus caçadores trouxe-me o ninho, que, entretanto, não corresponde ao que dêle se conhecia. Achava-se em galhos horizontais de uma árvore, mais ou menos a 9 metros de altura e não estava suspenso. Era uma bola de ramos secos, fechada por cima, com entrada lateral. O ninho estava deserto no mês de fevereiro, quando foi encontrado".

Os ovos de *I. j. jamacaii*, da coleção J. Caetano Sobrinho, são em número de 2, mostram o campo.

Como se vê, minguados e duvidosos são os esclarecimentos acêrca da vida e costumes do *corrupião*, em plena liberdade, e, ao invés, muito se conhece em relação ao seu comportamento quando prisioneiro nosso, na intimidade do lar.

No Norte, sobretudo, desfruta de um prestígio ainda não alcançado por qualquer outro hóspede de gaiola.

Também nenhum, como êle, é capaz de mostrar tão extremada mansidão, tal cordialidade e afetuosidade para com seu dono. Anda solto pela casa e vem pousar à mão amiga dos que lhe são afeiçoados. Se lhe oferecemos os lábios, vem, delicadamente, com o bico, corresponder a carícia, tendo-se a impressão, perfeita, dum beijo. Evidentemente aprecia o gesto e repete-o sempre, com prazer, agitando as asas.

Um nortista e amador de pássaros contou-me, por vêzes, histórias de certo *corrupião* que possuía. O pássaro vivia, em absoluta liberdade, com a gaiola sempre de porta escancarada, dela saindo ou nela entrando, quando bem lhe aprazia. Fariscava todos os recantos da casa, em busca de aranhas e baratas, deliciando-se, evidentemente, com estas últimas. Não raro dava seu passeio pelo arvoredado do quintal e talvez se aventurasse por mais longe, até à mata. Certas ocasiões, naturalmente quando se metia em altas aventuras e era surpreendido pelo crepúsculo, pernoitava fora de casa, inquietando os donos e enchendo de inveja os pássaros engaiolados. Pela manhã, no momento da ordenha, ia até o curral, observar, com a sua eterna curiosidade, tudo que se fazia. Encarrapitava-se, então, no dorso dos animais, que já estavam perfeitamente acostumados com tais intimidades. Era, pois, um companheiro, um bom amigo, tão amável criaturinha.

Mas além de mansidão e amabilidade, é inteligentíssimo, aprendendo o que lhe ensinam.

"Negrinho", por exemplo, quando solto, possui uma cama, em forma de cartucho, e todas as noites é aí que dorme, como se estivesse em um ninho.

Entretanto, mostra-se tão aceado, que, quando deixam de mudar o lençol, certo pano que lhe alfombra o ninho, — recusa-se a entrar nele.



Todos os corrupiões são bons cantores, verdadeiros flautistas e desabusados imitadores do canto de outras aves e até de certos trechos da música.

Na cidade de João Pessoa, Paraíba do Norte, existia um cavalleiro, mister Herbert Sunner, o qual, com sua paciência britânica, ensinou o *corrupião* que possuía, a assoviar o *God save the King*, o que o pássaro fazia com perfeição, como é de presumir ⁽¹⁹⁸⁾. Para não melindrar susceptibilidades, além do hino inglês, ensinou-lhe o dono uma canção popular brasileira, a Maria Rosa, que o *corrupião* flauteava com brio nacionalista.

Quando em cativeiro, alimenta-se especialmente de bananas, porém aceita outras frutas e, como vimos, tem grande predileção pelos insetos. Em geral dá-se ao *corrupião* sopa de pão e leite fervido, leite, cânhamo esmagado, e convém ministrar-lhe coração de boi esmagado, pois é indispensável o alimento animal a uma ave que, na vida livre, se alimenta de insetos, etc.

Em certas regiões do Norte é conhecido sob o nome de *concris*, e ainda em outras é chamado *joão-pinto*.

Há a sub-espécie da Amazônia, já referida por Olivério Pinto, no trecho transcrito (*Icteris jamacaii croconotus*).

Já tive ensejo de vê-la em cativeiro ou, melhor, solta pela casa, onde é um encanto observá-la, tudo bisbilhotando, curiosa da ponta do bico à ponta da cauda.

É a própria curiosidade domesticada, de asas negras, cabeça e ventre amarelo, olhar aceso, bico agudo, sempre pronta a revistar interstícios, afuroando toda a casa de bicharocos. Na Amazônia é chamado *rouxinol*.

Hábitos, habilidades e talentos perfeitamente iguais aos da espécie típica.

Esta sub-espécie é que os arrieiros bolivianos trazem de Sta. Cruz de la Sierra para o norte da Argentina, onde alcançam o preço fabuloso de 300 pesos, segundo informe de "El Hornero" vol. IV, p. 310.

O gênero *Icterus* possui ainda outras espécies na maioria habitantes da Amazônia, entre as quais *Icterus chryscephalus*, chamada por lá *tem-tem* e *rouxinol-do-Rio-Negro*. É nigérrima, com o alto da cabeça, coberteiras menores das asas superiores e coxas, amarelas.

Goza fama de notável entre os cantores e sua mansidão é grande, sobretudo quando apanhada ainda nova.

As indígenas do Uaupés, diz Stradelli, eriam-na com leite do próprio seio.

(198) O dr. Diógenes Caldas, ex-inspetor agrícola e hoje alto funcionário do Ministério da Agricultura, testemunhou o fato e disso me deu conhecimento.



Uma outra espécie do mesmo gênero é o *encontro*, de que a seguir tratarei.

ENCONTRO (*Icterus cayanensis pyrropterus*) — Não sei se entre os seus congêneres há algum que o sobreleve em matéria de canto, mas estou crendo que este é, sem dúvida, o maioral.

Quando emboca a sua flauta, de sons sempre sonoros, entremcia as músicas rácicas com as toadas estranhas, imitando com perfeição todos os seus irmãos alados.

Como é pássaro estimado e muito vulgar nas gaiolas dos amadores, pois com facilidade vem ao alçapão, mal vislumbra a apetecível isca duma banana, possui muitos nomes, como *soldado-do-bico-preto*, *nhapim*, *dragona*, *gorrixo*, *xexéu-de-bananeira*, *pêga*.

A sua plumagem é quasi idêntica à de seus congêneres.

Veste-se inteiramente de negro, mas ostenta dragonas de cor alaranjada escura, quer dizer há penas de tal nuance nos encontros. Bico e pata pretos.

Fêmea igual ao macho.

Habita a mata e constrói ninho muito bem cuidado, tecido de fibras finas, medindo 15 cm. de comprimento e 10 de largura na boca. Forma uma pequena bolsa.

O ninho, embora contenha filhotes, encontra-se sempre aceado, pois esses sabem lançar fora do berço as suas dejeções.

Tenho observado que os pássaros do gênero *Icterus* não gostam de permanecer em lugares sujos.

Quanto à localização do ninho, parece que não têm preferências marcadas.

Na Argentina José A. Pereyra ⁽¹⁹⁹⁾ informa que o encontrou na trepadeira madressilva, a três metros, mais ou menos, do chão.

Antônio C. Guimarães Júnior viu um ninho em coqueiro e diz que também preferem a bananeira, sob cuja folha, ao abrigo do sol, se lhe deparou um outro. Mas, ao passo que afirma a preferência da ave pela bananeira, escreve: "Achei-o muito original, sendo o primeiro que observei nestas condições, etc."

Ora, se foi o primeiro que observou, como pôde concluir e afirmar a preferência da ave por tal localização?

Julgo ser excepcional o caso, pois aqui no Estado do Rio, onde existem grandes culturas da referida musácea e não escasseia o *encontro*, *Icterus tibialis*, jamais observei ou tive notícia de que se aninhassem sob as folhas.

A denominação *xexéu-de-bananeira* deve originar-se do fato de viverem estas aves entre as bananeiras, por cujos frutos

(199) "El Hornero", vol. VII, p. 28.

mostram verdadeira loucura. Tal gulodice lhes é sempre fatal à liberdade, pois, como dissemos, muito fácil é apanhá-las com o apeteável engôdo ⁽²⁰⁰⁾.

H. von Ihering, no seu trabalho sôbre ninhos e ovos, aqui já tantas vêzes citado, descreve de forma diferente o ninho do *encontro*, dizendo que "é suspenso na extremidade de um galho e construído de líquenes".

Sôbre ovos ainda há alguma divergência na descrição feita por vários observadores no que diz respeito a minúcias da descrição. Para H. Ihering, êles possuem o fundo branco e ostentam manchas e garatujas; para Pereyra, são simplesmente brancos; os que tenho presentes, da coleção José Caetano Sobrinho, são brancos azulados com muitas pintas de carregada cor. O tamanho varia entre 21-22 1/2 × 16-17 1/2 mm.

A espécie, de que estamos tratando, ocorre em Mato Grosso, Goiás e S. Paulo e fora do Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina.

O mesmo nome de *encontro* indica outra espécie, a típica *I. c. cayanensis*, cuja *habitato* é a região amazônica.

Desta espécie, talvez ainda mais conhecida pelo nome de *pêga* e *rouxinol*, pouco se sabe.

ARRANCA-MILHO (*Gnorimopsar chopi chopi*) — Confunde-se muito com o legítimo *virabosta* (*Molothrus b. bonariensis*) e por êsse nome é também conhecido em muitos lugares.

A distinção não pode ser feita, à primeira vista mas, observando-se e comparando a maneira de voar, distinguem-se bem os dois.

Examinando-se atentemente, verifica-se que o *arranca-milho* possui penas estreitas e ponteagudas na cabeça, e aparecem sulcos oblíquos na maxila inferior, em direção à base do bico.

No mais é a plumagem de ambas as espécies inteiramente negra.

Goeldi diz que *Molothrus* é menor que *Gnorimopsar*, mas os exemplares que medí regulam o mesmo tamanho.

(200) Não só o peixe morre pela bôca, como diz o ditado. Entre os pássaros colhem-se exemplos muito ilustrativos do pecado da gula. O *encontro*, o sanhaço, para exemplificar, apanham-se com extrema facilidade, uma vez que se use, como engôdo, a banana.

Curioso é o que sucede com certo pássaro da Baía, que o povo chama *papa-pimenta*. Relata um observador, citado por R. Ihering, que tal pássaro é doidinho por pimenta cumarí, como todo o balano. Quando encontra uma pimenteira, pensa que o mundo vai acabar e come desabaladamente. Mas na hora de defecar é que são elas... O pobre do guloso, nestas aperturas, estorce-se todo, eriça as penas, solta guinchos, que são gemidos de sofrimento. A dor é tão grande, que a ave perde quasi o conhecimento. Hebetada e lerdá, deixa-se segurar por quem quer que lhe esteja próximo. Passada a crise e restabelecida, ao encontrar outra pimenteira, esquece-se do mal que lhe fez pelo bem que lhe sabe. Renova-se a tragédia.

Quem não terá visto, entre humanos, muitos *papa-pimentas*?

Os hábitos são também os mesmos.

Gostam de frequentar as fazendas de criação onde pascem rebanhos bovinos e aí procuram, nas dejeções, restos de milho.

Atacam igualmente os campos cultivados e, ainda mais que o *Molothrus*, perseguem os lavradores, desenterrando o milho recém-plantado.

Não obstante ser um granívoro decidido, sabe-se que dá caça a insetos nocivos, atacando até gafanhotos.



Fig. 44 — Arranca-milho (*Gnorimopsar c. chopi*)

Felizmente para os outros pássaros, o *arranca-milho* não tem o hábito de pôr ovos em ninho alheio e sabe construir o seu, não em buracos do chão, como já li, mas em árvores.

O ninho, que é uma taça feita com gravetos e palhas, localiza-o o pássaro na forquilha dum ramo, sempre próximo ao tronco, e jamais nas pontas dos galhos. H. Ihering diz que êle prefere os coqueiros para se aninhar.

Os ovos, de um oval comum, têm campo azul celeste, com pequenas manchas, traços e arabescos escuros, que se enovelam no polo obtuso. Medem $24 \frac{1}{2}$ - $28 \frac{1}{2} \times 17 \frac{1}{2}$ - 19 mm. A postura, por vèzes, vai além de 4 ovos.

Vivem muito bem em cativeiro e tornam-se mansos e familiares.

O canto é muito agradável e até melodioso, quando soltos, mas os engaiolados, que tenho visto, não cantam ou, de raro em raro, fazem simples ensaios.

Além dos nomes citados, êste pássaro é chamado *arumará*, em Pernambuco, *pássaro-preto*, na Baía, e em Minas, *chopim*, *virabosta*. Distribuição geográfica: Rio G. do Sul à Baía, Pernambuco, Mato Grosso e Minas, Paraguai, Argentina, Bolívia.

Os ornitologistas ainda distinguem outra espécie — chamada de Minas Gerais —, mas Hellmayr julga sem razão tal modo de entender e até diz que há uma quasi identidade entre os indivíduos da Bolívia e os do Brasil ⁽²⁰¹⁾.

Isso, no entanto, só interessa aos ornitologistas e pouco significa para nós outros.

(201) "Cat. of Bird of the Americas", parte X, Icteridae, p. 191.

CAPÍTULO XXI

CORVÍDEOS

Gralhas, gralha-do-mato, quem-quem, gralha-azul, gralha-do-campo.

São os corvdeos aves de extrema sagacidade e de inteligência admirável.

O protoruis, isto é, a ave tipo que deu nome à família, é o famoso corvo, figurão da fauna exótica, mas nosso velho conhecido.

Quem se não recorda de "Maitre corbeau, sur un arbre perché..." que o galante fabulista La Fontaine vem apresentando, há tantos anos, à eriançada escolar, como um modelo de vaidade e palermice?

Pois as nossas gralhas pertencem a esta família, que tem representantes em todas as regiões do mundo.

Entre nós, no entanto, contam-se apenas oito espécies do gênero *Cyanocorax* e uma espécie do gênero *Uruleuca*.

Infelizmente muito pouca coisa se sabe em relação à vida e costumes das nossas gralhas.

São aves grandes, de bico antes curto que longo, forte, como um punhal (cultirrostro); asas que alcançam a base da cauda, sendo esta longa.

Todas possuem um topete, ora maior, ora menor, que a ave costuma levantar ante qualquer excitação.

Os tarsos são fortes e o colorido é negro e azul ou negro e branco, ou ainda creme.

De um modo geral, podemos dizer que as gralhas são de belo aspecto.

DESCRIÇÃO DAS ESPÉCIES

GRALHA-DO-MATO (*Cyanocorax chrysops chrysops*) — Linda ave de 37 cm. de comprimento mais ou menos, sendo que 17 cm. mede a cauda.

É azul ultramarina, exceto a cabeça, pescoço anterior e garganta, que são negros; e de cor branca parte do peito, a barriga e a ponta da cauda.



Esse conjunto dá à gralha-do-mato um todo muito ornamental.

Goeldi escreve: "Pela construção do corpo, embora conformada antes para a mata, e originariamente a ela limitada, esta e as outras espécies passam hoje, de preferência a vida no campo, quando aí ainda restam árvores. No sul do Brasil central e no Paraguai apresenta-se tal ave em bandos de 10 a 20 indivíduos, que levam existência muito inconstante, voando sempre de um lado para outro, saltando de vez em quando seu canto, que consta de uma série de sons prolongados e assoviadados.

Além disso possuem um pipilar suave, perceptível apenas na vizinhança, que soa como uma conversação leviana e lembra-me o monólogo a que o gaio europeu (*Garrulus glandarius*) se entrega, quando está de bom humor e julga que ninguém o observa.

À noite, quando perpassa os campos o vento frio do sul, apinham-se num galho para aquecerem-se reciprocamente; apesar disso, não raro, amanhece alguma gralha gelada em tais lugares. Na época da incubação dissolve-se o bando em casais. O ninho é disposto em árvores compridas e espinhentas, singelamente composto de fortes varas, tão ralo que às vezes os ovos caem através. A postura consta de seis a sete ovos grandes, de belo campo azul-celeste, ornado de desenhos brancos, cor de cal. As gralhas novas apanhadas no tempo devido tornam-se muito mansas e sua fidelidade é proverbial. No estado de liberdade sua alimentação consta de insetos de toda espécie; também não menospreza os frutos campestres e, à maneira do gaio europeu, uma vez por outra ataca aves e pequenos mamíferos".

Netterer, de quem se fia Goeldi, no passo acima citado, diz que uma vez por outra elas atacam aves e pequenos mamíferos.

Observações posteriores, depoimentos insuspeitos, de naturalistas, caçadores e mateiros solertes, vão muito mais longe na acusação dos vandalismos da *gralha-do-mato*.

Pelo que nos informa Luiz Dinelli ⁽²⁰²⁾, as gralhas constituem um verdadeiro flagelo para as outras aves.

Reunem-se em bandos de 10 a 20 indivíduos, e esta "nichée" de ladrões endemoniados, assaltam os ninhos de todas as demais aves, travam lutas e comem os ovos recém-postos ou já em adiantada incubação.

As devastações que fazem na avifauna é talvez superior à causada pelos caçadores profissionais.

A *gralha-do-mato*, muito parecida aliás, com a *gralha-do-campo* (*Urolonca cristatella*), é encontrada em S. Paulo, Mato Grosso, Paraná, Argentina, Uruguai e Paraguai.

(202) El Hornero, vol. VI, n.º 3, p. 485.



Fig. 45 — 1) Gralha-azul (*Cyanocorax coerules*), 2) Gralha (*Cyanocorax cyanomelas*), 3) Quem-quem (*Cyanocorax cyanopogon*), 4) Gralha-do-campo (*Uroleuca cristatella*).

QUEM-QUEM (*Cyanocorax cyanopogon*) — É azul escura como as demais, porém delas se distingue pela malha azul-marinho acima e abaixo dos olhos e por uma barbicha de igual cor que se encontra na raiz da mandíbula.

É muito comum, no Nordeste, encontrar uma destas gralhas domesticadas, soltas, dentro de casa, dando caça às baratas e a outros insetos.

Vários nordestinos relataram-me o curioso combate que os *quem-quem* dão às cobras.

Quando descobrem um destes ofídios, dão gritos especiais e logo acodem outros companheiros. Rodeiam a cobra a certa distância ou, mais geralmente, mantêm-se em galhos de árvores ou arbustos a pouca altura.

Todos gritam formando algazarra e atacando a cobra em rápidas investidas.

O inimigo não sabe para que lado se defenda e acaba sendo morto a bicadas.

Oscar Monte teve ensejo de observar este fato em Aracatiçá (Ceará) e dele nos dá notícia no seu "Dic. da Fauna Brasileira", alentados acréscimos a um trabalho de igual natureza do prof. Rodolfo von Ihering.

Quem-quem, também conhecida por *gralhão*, *can-can* e *pion-pion*, é espécie da região do nordeste, Goiás e Minas.

GRALHA-AZUL (*Cyanocorax coeruleus*) — É toda azul com cabeça preta, região onde se arrepiam as penas do topete igualmente negro. R. Ihering ouviu referências à maneira com que essa gralha, tal qual os papagaios, serve aos propósitos da disseminação dos pinheiros (*Araucaria angustifolia*). Narrou um observador que o majestoso corvídeo apreciava deveras o saboroso pinhão. Para dessecá-lo só dispõe da sua respeitável bicarra e é com esta que segura fortemente aquele fruto e martela-o contra um tronco até esfarripar a rija casca. Acontece, muitas vezes, que o pinhão lhe escapa do bico e cai por entre a vegetação, não mais podendo ser avistado.

Se a semente não foi molestada e encontrou sítio propício, germina e surge enfim um novo pinheiro. Já li idêntica observação feita por Edgar L. Schneider⁽²⁰³⁾.

Há referências pouco esclarecedoras sobre o ninho da *gralha-azul*, mas sabe-se que os ovos medem 36×23 mm. e são de campo azul esverdeado com muitas manchas pardas desmaiadas.

Distribuição geográfica: S. Paulo, Paraná, Sta. Catarina, R. G. Sul e Paraguai.

(203) Aspectos sociológicos da caça, in "Armas e munições de caça", de C. F. Buys, Porto Alegre, 1934.

Há ainda do gênero *Cyanocorax* mais cinco gralhas (204). Entre elas uma aqui do sul *C. cyanomelas*.

Na Amazônia a mais conhecida é *C. diesing*, que E. Snethlage descreve com cabeça negra ornada de crista, estrias azues ao lado da cabeça, occipício branco, porém a nuca violácea; a parte superior do corpo é violácea, e a inferior branca, côr essa que se nota na cauda.

GRALHA-DO-CAMPO (*Uroleuca cristatella*) — Parece-se com a *gralha-do-mato*, mas bem se extrema daquela, porque as asas são tão longas, que alcançam a metade da cauda, indo até a parte onde se encontra a côr branca. Na *gralha-do-mato* as asas apenas chegam ao começo da cauda. No mais são parecidas. Os costumes quasi idênticos; entretanto, *Uroleuca* vive no campo sempre e *chrysops* dá preferência à mata, embora frequente as capoeiras e os campos não de todo devastados.

A *gralha-de-peito-branco*, como também lhe chamam, habita S. Paulo, Baía, Minas e Mato Grosso.



(204) Gralha é designação dada pelos portugueses aos nossos corvídeos, por analogia com as gralhas de Portugal, do gênero *Corvus*, gênero que, aliás, não ocorre entre nós.

No Nordeste o nome vulgar é can-can, ou quem-quem, onomatopéia do crocitar de tais pássaros.

Acaé, segundo alguns autores, era a designação indígena dos nossos corvídeos, entretanto Stradelli aponta-a como nome de certa casta de japú.

Será que os indígenas não faziam distinção entre as referidas espécies?



BIBLIOGRAFIA

(OBRAS CONSULTADAS)

Nacionais

Além das obras já citadas no trabalho anterior, "DA EMA AO BEIJAFLORES", ainda nos valem os seguintes estudos:

- BARROSO, Gustavo — "Mythes, Contes et Légendes des Indiens" — Paris, 1930.
- COSTA, J. Wilson da — "Algumas considerações sobre o Dicionário da Fauna do Brasil" — Alm. Agr. Bras., 1915, p. 273.
- FLORENCE, Hercules — "Zoofonia" — Trad. do Visconde de Taunay — Rev. Inst. Histórico.
- FONSECA, José Pinto da — "Notas biológicas sobre o saí" (Coereba chloropyga) — Rev. Mus. Paulista, vol. XIII, p. 777.
- GLIESCH, Rudolf — "O pardal europeu" — Egatea, vol. IX, n.º 1, 1924.
- GUIMARÃES, Antonio Caetano — "Ensaio sobre ornitologia" — Rev. Mus. Paulista, vol. XIV, 1926.
- LEITÃO, C. de Mello — "Zoo-Geografia do Brasil" — S. Paulo, 1937.
- LEITÃO, C. de Mello — "A Biologia no Brasil" — S. Paulo, 1937.
- MAGALHÃES, Agenor Couto de — "Ensaio sobre a fauna brasileira" — S. Paulo, 1939.
- MARTIUS, C. F. P. von e J. B. von Spix — "Viagem pelo Brasil" — Rio, 1938.
- MONTE, Oscar — "Sobre nossos pássaros cantores" — Ch. e Quint., Fev. 1928, p. 163 e Nov. 1928, p. 493.
- MOOJEN, J. — "O siriri" (Tirannus melancholicus) e o bentevi (Pitangus sulphuratus) amigos do apicultor — O Campo, Set. 1936, p. 13.
- PINTO, Olivério M. de Oliveira — "Catálogo das aves do Brasil" — 1.ª parte — Sep. da Rev. Mus. Paulista, t. XXII, S. Paulo, 1938.
- PINTO, Olivério M. de Oliveira — "A bandeira anhangueira e sua contribuição à ornitologia do Rio Araguaia" — Bol. Biológico, vol. III, n.º 3-4, S. Paulo, 1938.
- PINTO, Olivério M. de Oliveira — "Nova contribuição à ornitologia amazônica" — Rev. Mus. Paulista, t. XXIII, p. 493.
- PINTO, Olivério M. de Oliveira — "O pardal em suas relações com a agricultura" — Bol. Biológico, vol. I, n.º 1, 1933.
- ROCHA, Franco da — "Ornitologia" — S. Paulo, 1923.
- SANTOS, Eurico — "Os inimigos naturais das formigas" — O Campo, Julho e Novembro 1935.
- SOUSA, Gabriel Soares de — "Tratado descritivo do Brasil em 1587" — 3.ª ed., S. Paulo, 1938.
- SCHIRCH, Paulo F. — "Sobre um ninho construído de arame, de um pássaro brasileiro" — Bol. do Mus. Nac., vol. VII, n.º 2, 1931.
- TAUNAY, Afonso de E. — "Monstros e mostrengos do Brasil" — Ensaio sobre zoologia fantástica brasileira nos séculos XVII e XVIII — S. Paulo, 1937.

- VIEIRA, Carlos da Cunha — "Os cotingídeos do Brasil" — Rev. do Mus. Paulista, t. XIX.
 WALLACE, Alfredo Russel — "Viagem pelo Amazonas e Rio Negro" — S. Paulo, 1939.
 "BOLETIM BIOLÓGICO" — órgão do Clube Zoológico de S. Paulo.

Estrangeiras

- ARAVENA, R. O. — "Notas sobre la alimentación de las aves" — El Hornero, vol. IV, p. 38 e 153.
 BARROWS, W. Bradford — "Michigan Bird Life" — Michigan, 1912.
 BERTONI, A. de Winkelried — "Sobre migración de aves en el Paraguay" — El Hornero, vol. III, p. 396.
 BERTONI, A. de Winkelried — "Catalogo descriptivo de las aves utiles del Paraguay" — Rev. de Agronomía y Ciencias Aplicadas, ano I, n.º 9 e 10, 11 e 12 e ano II, n.º 1, 1897.
 BREHM, A. E. — "Les Oiseaux" — Trad. de Z. Gerbe — 2 vols., París, s/d.
 CHAPMAN, Frank M. — "La Vie Animale sous les tropiques" — Trad. de H. M. Cerles — París, 1939.
 DABBENE, Roberto — "Ornitología Argentina" — In Anales del Museo Nacional de Buenos Aires, t. XI, Buenos Aires, 1910.
 HELLMAYR, C. E. e C. B. Cory — "Catalogue of birds of the Americas and adjacent islands" — In Field Museum of Natural History, parte V, Tyrannidae (Chicago), 1927.
 HELLMAYR, C. E. — "Catalogue of birds of the Americas" — Field Mus. of Nat. History, parte X, Icteridae, Chicago, 1937.
 HUDSON, W. H. — "Le Naturaliste à la Plate" — París, 1930.
 LIEBERMANN, José — "Especies utiles que deve proteger el agricultor argentino" — Alm. del Ministerio de Agricultura, 1937, p. 439.
 NITSCH, R. Lehmann — "Las aves en el folklore sudamericano" — El Hornero, vol. III, p. 373; IV, p. 166 e 302.
 PEREYRA, José A. — "Contribución al estudio y observaciones ornitológicas de la zona norte de la Gobernación de la Pampa" — Mem. del Jardim Zoológico, t. VII, Argentina, 1936-1937.
 PEREYRA, José A. — "Aves de la Provincia de Buenos Aires" — Mem. del Jardim Zoológico, t. IX, Argentina, 1938.
 RAMBERT, Eugène — "Chants d'Oiseaux" — 3.ª ed., París, 1936.
 SMYTH, C. H. — "Descripción de una colección de huevos de aves argentinas" — El Hornero, vol. IV, p. 16 e 125.
 TOUSSENEL, A. — "Le Monde des Oiseaux" — Ornithologie Passionnelle, 3 vols., París, 1873.
 VERRILL, A. Hyatt — "Mœurs étranges des oiseaux" — Trad., París, 1939.
 WAVRIN, Marquis — "Les bêtes sauvages de l'Amazonie" — París, 1939.
 ZOTTA, Angel — "Notas sobre al contenido estomacal de algunas aves" — El Hornero, vols. V, p. 77 e 376 e VI, p. 261.
 "LISTA SISTEMÁTICA DE LAS AVES ARGENTINAS" — Elaborada por la sección ornitológica del Museo Argentino de Ciencias Naturales — El Hornero, vols. VI, n.º 1, 1935 até vol. VII, n.º 2, Julho 1939.
 "EL HORNERO" — Revista de la Sociedad Ornitológica del Prata — Vol. III até vol. VII. n.º 2.

ÍNDICE ALFABÉTICO DOS NOMES POPULARES

A

Alegrinho	71
Alfaiate	227
Amassa-barro	29, 33
Anambé-açu	104, 121
Anambé-azul	119
Anambé-branco	107, 119
Anambé-preto	104, 117
Anambés	104, 118, 119
Andorinhas	171
Andorinha-das-casas	172, 179
Andorinha-das-chaminés	172,
.....	175, 177
Andorinha-de-bando	171, 182
Andorinha-de-pescoço-vermelho	171, 177
.....	171, 176
Andorinha-de-rabo-branco	180
Andorinha-do-campo	236
Andorinha-do-oco-do-pau.	172
Andorinha-dos-beirais	171, 178
Andorinha-grande	171, 181
Andorinha-pequena	156
Angú	213
Anicavara	22, 45
Arapáçu	43
Arapáçu-dos-coqueiros	23
Arapáçu-grande	104, 122
Araponga	93
Araponga-da-horta	122
Araponga-de-asa-preta	93, 104, 105
Araponguinha	105
Araponguira	228
Arlequim	251, 287
Arranca-milho	150
Arrebita-rabo	288
Arumará	251, 278
Asa-de-telha	104, 115
Assoviador	103
Atangará-tinga	217
Avinhado	202, 214, 215, 268
Azulão	202, 216
Azulão-bicudo	202
Azulão-da-serra	202
Azulão-de-cabeça-encarnada ..	202
Azulego	216
Azulinho	214, 216

B

Bacacú	104
Bacacú-preto	119
Barbudinho	103
Barreiro	29
Bastião	108
Batuqueiro	219
Batuquira	156
Bentererê	36, 39
Benteví	63, 75, 87
Benteví-carrapateiro	78
Benteví-de-bico-chato	81
Benteví-de-bico-largo	81
Benteví-de-coroa	70
Benteví-do-mato-virgem	82
Benteví-escuro	81
Benteví-gamela	82
Benteví-pequeno	74, 80
Benteví-preto	81
Benteví-riscado	81
Bentevizinho	73, 75
Bico-de-lacre ..	190, 203, 214, 249
Bico-de-veludo	188, 213
Bico-pimenta	214, 219
Bico-vermelho	222
Bicudo	214, 217, 219
Bicudo-do-norte	217
Bicudo-encarnado	214, 220
Bicudo-maquiné	218
Bigode	214, 226
Bilreira	103
Bonito-do-campo ...	188, 191, 192
Borrallhara	51, 53, 54
Borrallhara-pintada	53
Brejal	214, 222, 224
Brujajara	53
Brurajara	53

C

Cabeça-branca	101
Cabeça-encarnada	100, 101
Caboclinho	214, 223
Caboclinho-da-Bafa	223
Caboclinho-do-norte	223
Cachimbó	35

Caga-sebino	84
Caga-sebo	82, 84, 186, 187
Cairé	202
Calandra	150, 151
Calhandra	149, 151
Cambacica	184, 186
Cambaxirra	139
Caminheiro	159, 160, 161
Canário-baeta	206
Canário-da-horta	214, 230
Canário-da-terra	43, 214, 228
Canário-do-brejo	40, 163
Canário-do-campo	231, 238
Canário-do-Ceará	229
Canário-do-mato	188, 207
Canário-do-sapê	163
Canário-pardinho	229
Can-can	292
Caneleirinho	107
Caneleiro	104, 107
Cangica	105
Capitão	251, 281
Capitão-da-porcaria	47
Capitão-de-safra ...	111, 188, 208
Caraxué	130
Caraxué-da-mata	135
Cardeal	214, 239, 240
Cardeal-amarelo	214, 242
Cardeal-de-Montevideu	243
Carixo	268
Carrega-madeira	41
Carriça	140
Casaca-de-couro	39, 156
Catingá	117
Chão-chão	214
Chibante	93, 104, 115
Chico-preto	265
Choca	48, 51
Chocão	53
Chopim	153, 154, 207, 208
Chopim-do-brejo	251, 282
Chorão	214, 222
Cigarra	222
Cochicho	42, 69
Coleirinha	226
Coleirinho	225
Coleiro	214, 225
Coleiro-da-Bafa	226
Coleiro-da-serra	226
Coleiro-de-sapê	224
Coleiro-do-brejo	222, 224
Coleiro-pardinho	225
Coleiro-virado	224
Coneris	285
Corixo	268
Corocochó	104, 116
Corocotêu	116
Coroia	229

Corrixo	268
Corruíra	140, 147
Corruíra-açú	139, 148
Corruíra-do-brejo	40
Corrupção	42, 251, 269, 283
Cotovia	159
Cri-cri-ó	110
Curió	214, 216
Curriqueiro	26
Curuá	119
Curutié	36, 40

D

Dançadores	94
Dragão	251, 282

E

Encontro	251, 260, 263, 286
Engana-tico	269
Engana-tico-tico	269

F

Ferrador	122
Ferreiro	122
Ferreirinho	71
Filho-de-bentevi	75, 80
Filho-de-saf	212
Fogueteiro	159, 161
Forneiro	29
Fruxú	74
Furriel	214, 220

G

Gainambé	122
Gaipapa	196
Gaipapo	192, 196
Gaipara	196
Gaipava	196
Galinha-do-mato	50, 54, 55
Galito	90
Galo-da-rocha	112
Galo-da-serra	104, 111
Galo-de-campina	241
Galo-do-campo	150
Galo-do-mato	239
Galo-do-Pará	112
Garriga	140
Garrinchão	139, 148
Garrixa	140
Gaturama	192
Gaturamo	188, 192
Gaturamo-miudinho ..	188, 192, 196
Gaturamo-rei	188, 192, 195
Gaturamo-serrador..	188, 192, 196

Gaturamo-verdadeiro	192, 195, 196
Gaturamo-verde	191
Gaudério	269
Gente-de-fora-já-chegou	166, 170
Gorinhantã	192
Gorriço	269, 286
Gralha-azul	289, 292
Gralha-de-peito-branco	293
Gralha-do-campo	289, 293
Gralha-do-mato	289
Gralhão	292
Gralhas	289
Graúna	251, 263, 265, 272
Graúna-de-bico-branco	251, 263
Gravatinha	226
Guaracava	73
Guaracavuçu	74
Guaratã	168
Guaxe	203, 251, 260
Guaxe-do-coqueiro	260
Gurandí	210
Gurandí-azul	202, 215
Gurandí-preto	210
Guriantã	192

I

Irapurú	102, 139, 146
Irataúá	251, 279
Iraúna	265
Irapurú-verdadeiro	166, 167
Irré	86

J

Japacanim	149, 154
Japacanim-do-brejo	155
Japim	251, 256
Japim-da-mata-encarnado	262
Japim-de-costa-vermelha	251, 262
Japú	251, 252
Japú-açu	251, 256
Japú-gamela	255
Japú-guaçu	255
Japú-verde	251, 252
Jesus-meu-deus	236
João-congo	255, 260
João-conguinho	260
João-de-barro	27, 61, 259
João-de-Cristo	71
João-de-pau	41
João-pinto	285
João-pobre	72
João-teneném	36, 39
João-tirirí	36, 39
Juruviara	166

L

Lavadeira	65
Lavadeira-de-Nossa-Senhora	66
Lecre	86
Lindo-azul	202

M

Macho-de-joão-gomes	210
Macuquinho	45
Mãe-de-taoca	55
Mãe-de-torá	56
Mãe-do-sol	84
Mandingueiro	147
Manimbé	237
Maria-branca	63
Maria-cavalheira	86
Maria-com-a-vovó	41
Maria-de-barro	29, 33
Maria-é-dia	63, 73
Maria-judia	236
Maria-preta	68, 269
Marido-é-dia	73
Mariquita	162
Marrequito-do-brejo	40
Matraca	54
Maú	120
Melrão	265, 272
Melro	259, 263, 265
Melro-pintado	276
Melro-pintado-do-brejo	282
Miguim	84
Mono	103
Músico	146

N

Negaça	201
Nei-nei	81
Nhapim	286
Noivinha	63

P

Pai-agostinho	63
Papa-arroz	221, 223, 269
Papa-assaí	119
Papa-capim	214, 220, 222, 225, 226
Papa-formiga	45, 50, 56
Papa-laranja	188, 204
Papa-môsca	86, 89
Papa-môsca-real	86
Papa-pimenta	287
Papa-pinto	53
Papa-pirí	72
Papa-ovo	53
Pardal	214, 243

Passarinho-do-verão	85
Pássaro-angú	156
Pássaro-preto	269, 288
Patativa	214, 221
Patativa-do-sertão	221
Pavão-do-mato	117, 120
Pavó	119
Pedreiro-pequeno	41
Pêga	251, 263, 286
Pêga-do-Norte	212
Peítica	73, 75
Perna-lavada	55
Peruinho-do-campo	159, 160
Pia-cobra	162, 163
Picapau-de-bico-comprido	21
Picapau-de-bico-torto	21, 24
Picapau-vermelho	21, 22, 24
Pichanchão	223
Pichochó	214, 223, 236
Pichororé	36
Pincha-cisco	45
Pintagol	228
Pintassilgo	188, 211, 214, 227
Pintassilgo-do-brejo	156
Pintassilgo-do-mato-virgem	213
Pinto-do-mato	54
Pion-pion	292
Pipira	207
Pipira-encarnada	207
Pipiras	210
Pitiquari	170, 173
Poaleiro	109
Polícia-inglesa	281
Pombinha-das-almas	63, 65
Pombo-anambé	121
Prebixim	213
Precioso	200
Presidente-da-porcaria	47
Príncipe	84
Pula-pula	162, 164
Puvi	196
Puxa-verão	281

Q

Quem-Quem	289, 292
Quem-te-vestiu	214, 236
Quirua	104, 116

R

Rabilhão	54
Rajadão	54
Rei-dos-bosques	215
Rendeira	100, 103
Rendeiro	66
Rexenxão	265, 272
Rocororé	116

Rouxinol	251, 263, 285
Rouxinol-do-campo	251, 281
Rouxinol-do-Rio-Negro ..	251, 285

S

Sabiá	203
Sabiá-da-capoeira	125, 135
Sabiá-da-lapa	134
Sabiá-da-mata	125, 135
Sabiá-da-praia	149, 152
Sabiá-do-banhado	238
Sabiá-do-brejo	156
Sabiá-do-campo	149, 150
Sabiá-do-mato-grosso	108
Sabiá-do-pirí	155
Sabiá-do-sertão	150
Sabiá-branco	125, 134, 135
Sabiá-cinzento	125, 133
Sabiá-laranjeira	125, 131
Sabiá-coleira	125, 135
Sabiá-laranja	132
Sabiá-piranga	131
Sabiá-poca	125, 135
Sabiá-preto	125, 135
Sabiá-tropeiro	108
Sabiá-verdadeiro	135
Sabiá-una	130, 135
Saf	165, 184, 185
Saf-açu-azul	206
Saf-açu-pardo	188, 205
Saf-andorinha	188, 190
Saf-arara	191
Saf-azul	184
Saf-bicudo	185
Saf-buraqueira	191
Saf-de-fogo	208
Safra	188, 197, 200
Safra-açu	201
Safra-amarela	199
Safra-de-sete-cores	198
Safra-militar	198
Safra-sapucaia	201
Safra-verde	199
Safra-vermelha	207
Sairuçu	202
Sangue-de-boi	85, 206, 208
Sanhaço	188, 202
Sanhaço-da-serra	188, 205
Sanhaço-de-coqueiro	188, 202, 205, 213
Sanhaço-de-encontro	205
Sanhaço-de-fogo	208
Sanhaço-de-mamoeiro	205
Sanhaço-frade	188, 201
Sanhaço-tinga	213
Sanhaçu	202
Sanhaçus	202

Sapitica	186
Sebastião	108
Sebinho	187
Serra-serra	214, 226
Sete-côres	201
Sibite	187
Siriri	87
Siririca	76
Sofrê	269, 283
Soldado .. 251, 259, 262, 263,	280
Soldado-de-bico-preto ...	260, 286
Sombrio	159, 160
Subideira	21
Suiriri	43, 63, 69, 78
Suiriri-dos-campos	70

T

Tachuri	74
Tangará	94, 95, 241
Tangará-de-cabeça-branca	101
Tangarazinho	101
Taperá	178, 180
Tapiranga	206
Tauoca	54
Tchá	210
Tem-tem	285
Tem-tem-de-estrêla	195
Tem-tem-do-Espírito-Santo	186, 281
Tereno	195
Teque-teque	71
Tesoura	87, 88
Tesoura-do-campo	62, 90
Tesourinha	104, 113
Tiam-tiam-preto	227
Tico-tico	214, 232, 271
Tico-tico-do-birí	35
Tico-tico-do-campo	214, 237
Tico-tico-do-pirí	35
Tico-tico-rei	214, 239
Tiê-de-topete	188, 210
Tiê-do-mato-grosso..	188, 208, 209
Tiê-fogo	206

Tiê-galo	188, 209
Tiê-piranga	206, 208
Tiê-preto	188, 210
Tiê-sangue	188, 206
Tiê-tinga	188, 212
Tiê-vermelho	203, 206
Tinguaçu	104, 110
Tipio	214, 231
Tiriri	87
Tisio	227
Topetuda	73
Toropichí	117
Tovaca	50, 55
Tovacuçu	55
Trinca-ferro	218
Triste-pia	251, 266
Trontron	55
Tropeiro	104, 108, 110
Trovoada	57

U

Uirapurú	146
Uirapurú-de-costa-azul	100
Urutai	121

V

Velhinha	66
Veludinho	227
Vem-vem	192
Verão	84
Vim-vim	192
Vinte-um-pintado	239
Viola	156
Vira-bosta	251, 268, 288
Vira-bosta-mau	265
Viraçu	108
Vira-fôlha	45
Viúva ... 62, 64, 68, 188, 197,	201
Viuvinha	62, 66

X

Xexéu-de-bananeira	286
--------------------------	-----



ÍNDICE GERAL

	Págs.
Prefácio	5
Introdução	15

PARTE I

PÁSSAROS QUE GRITAM

Dendrocolaptídeos	21
Furnariídeos	26
Formicariídeos	48
Rinocriptídeos	59
Tiranídeos	62
Oxiranfídeo	93
Piprídeos	94
Cotingídeos	103

PARTE II

PÁSSAROS QUE CANTAM

Turdídeos	125
Trogloditídeos	139
Mimídeos	149
Silvídeos	157
Motacilídeos	159
Compsoilipídeos	162
Vireonídeos	166
Hirundinídeos	171
Cerebídeos	184
Tanagrídeos	188
Fringilídeos	214
Icterídeos	251
Corvídeos	289
Bibliografia	295
Índice alfabético dos nomes populares	297

GRAFICA SAUER, de FRED. H. SAUER & FILHO — Av. Mem de Sá, 155-157



